1952

OUTUBRO - N.425

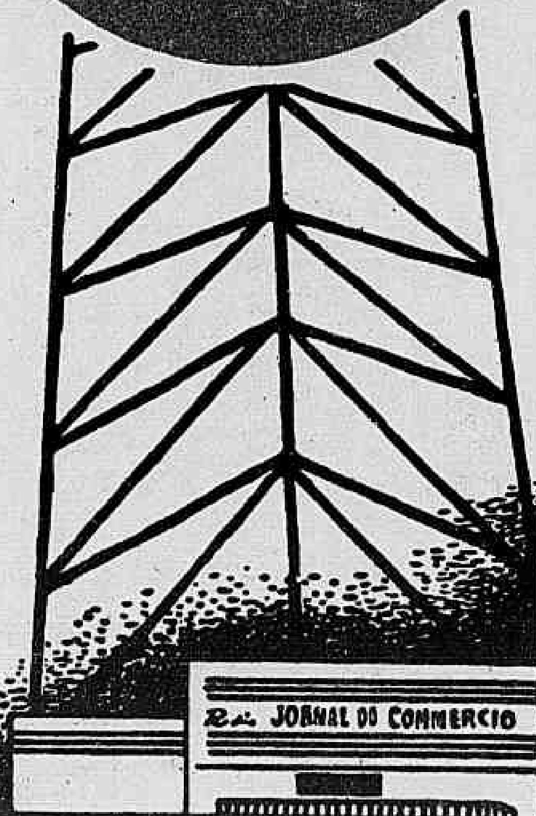
EU SEI TUDO



NESTA EDIÇÃO: VOCÊ É «BOA VIDA»? ★ A CIÊNCIA SE PREOCUPA COM OS SOLTEIROS! ★ O QUE PENSAM DE NÓS OS FILHOS? ★ PODE HAVER DESDOBRAMENTO DA PERSONALIDADE?







Recife... **terceira Metrópole brasileira, é uma cidade que cresce e se renova cada dia que passa... Quem a revê, após anos de ausência, exulta com o seu progresso e desenvolvimento... Pois é do coração do Recife, a Capital do Norte, que sobe aos céus a voz potente de PERNAMBUCO FALANDO PARA O MUNDO!**

Com as suas poderosas Ondas Curtas dirigidas, cobrindo o Brasil e o Universo, o Rádio JORNAL DO COMÉRCIO, em apenas quatro anos de vida, já conquistou, inteiramente, a preferência de ouvintes e anunciantes.

Rádio
JORNAL DO COMMERCIO

Propriedade da Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S.A. - Recife

REPRESENTANTES - RIO: RUA MÉXICO, 164 - S. PAULO: RUA FORMOSA, 409-3°

MÓVEIS e DECORAÇÕES





Projeto e execução da
CASA NUNES



TAPÊTES

nacionais e
estrangeiros

PASSADEIRAS

de forração, em côres
lisas e com flores

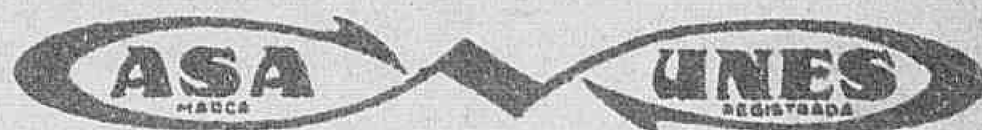
★

GRUPOS
ESTOFADOS

uma especialidade
de nossas oficinas

★

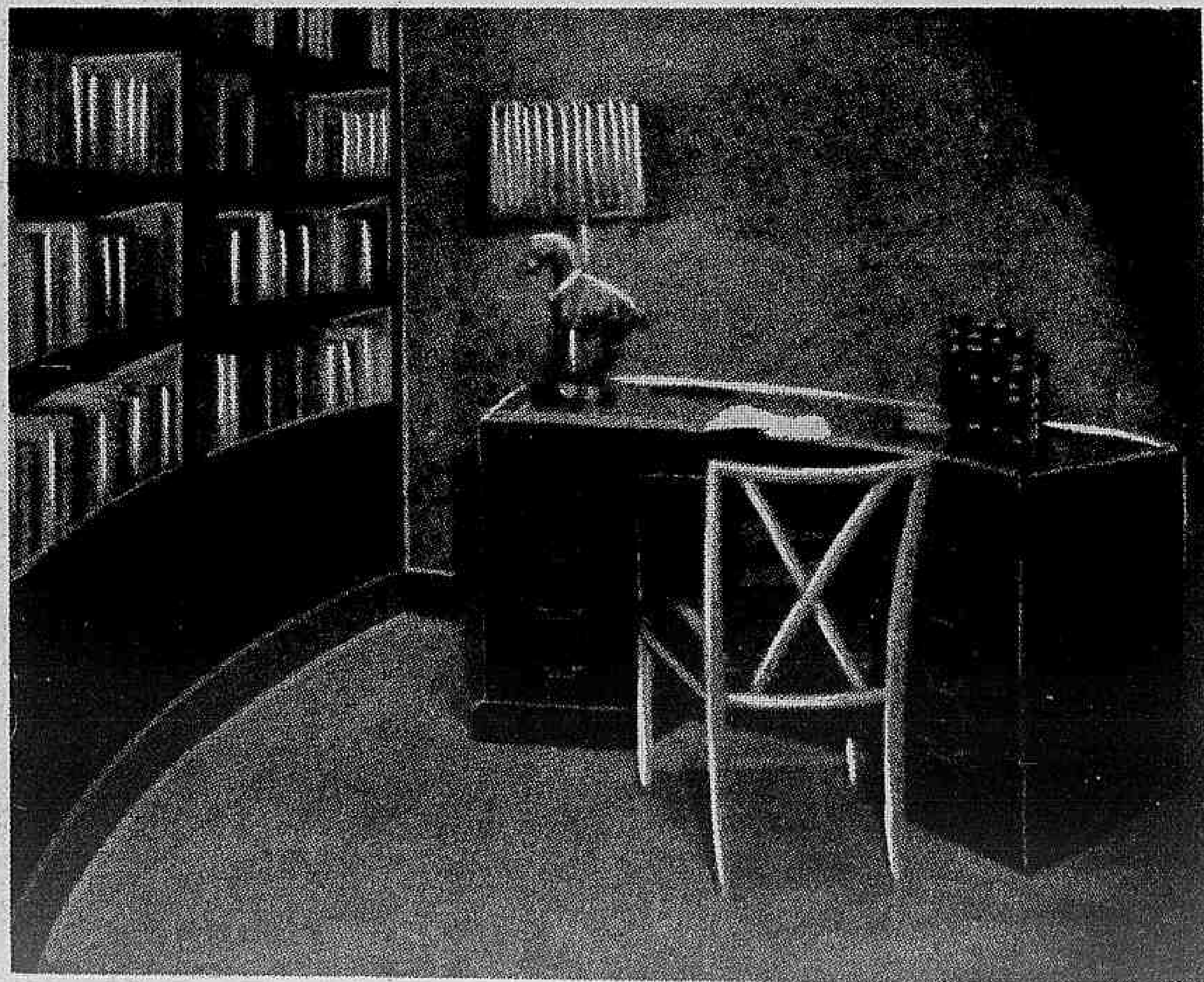
Orçamentos executados por
técnicos especializados



65 ★ RUA DA CARIOCA ★ 67 - RIO



TORNE MAIS ÍNTIMO O SEU LAR...



O lar tem que ser, antes de tudo, um local de confôrto, que encante logo ao primeiro olhar e prove, depois, com arranjos sábios, facilidades diversas, que realmente é qualquer coisa onde podemos viver e preferimos viver. Tem que ter um aspecto muito "nosso" e muito "íntimo". E por isso, os detalhes mais ligeiros têm grande valor. Verifiquem, por exemplo, aquêle canto de salão, ao alto. Com outra disposição seria mais gostoso e mais íntimo? E o escritório, em baixo, com a estante, encurvada, deu mais segurança à intimidade tão necessária a quem trabalha ou estuda? Estude a leitora êsses detalhes e desenvolva-os em seu proveito.





COMER PODE SER MUITO FÁCIL

EM geral, nas residências modernas, o problema maior está no comer. Com a exigüidade de espaço e a carência de empregados, é muito difícil oferecer um jantar. Mas os técnicos de mobiliário estão procurando resolver o assunto, com mesas pequenas mas muito úteis, que cabem em qualquer vão de sala de viver e têm mais espaço do que realmente aparentam. E quando há um jeitinho de incluir também outra mesinha, para servir de aparador ou buffet, então tudo será maravilhoso! Nesta página a leitora tem duas sugestões bonitas e valiosas. Procure estudá-las, pois talvez venham resolver o seu problema.

CRIAÇÕES DE MISTER JAMES, PARA A SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE

INSINUANTE

122 — Verniz, pelica ou camurça de tôdas as côres. Saltos 5 e 6½ cm.
Cr$ 200,00

INSINUANTE

123 — Verniz ou pelica de tôdas as cores e camurça branca. Saltos 4 ½, 5 ½, 6 ½ cm.
Cr$ 245,00

124 — Cortiça forrada. Salto 7½. Em lindas combinações verniz e branco, ou camurça de tôdas as côres e pelica
Cr$ 250,00

insinuante

uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre ás suas ordens.

CARIOCA, 46-48 – SETE SETEMBRO, 199-201



Diretor: GRATULIANO BRITO

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

Redator-chefe: M. R. de Castro

Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: — nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th. Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO (FUNDADO EM 1917)

Como comprar uma espôsa

UMA apendicetomia não é, em regra, sinal de que alguém está com tendências a se apaixonar. No entanto, apenas dez dias depois de ter ingressado no hospital, em New London, para uma operação de emergência — que foi executada com todo o êxito — Stephen Hale Hollister estava irremediàvelmente apaixonado por sua enfermeira.

Era junho. A enfermeira era linda. Tinha cabelos ruivos, olhos verdes, dentes perfeitos e muito brancos, belo oval de rosto e um físico bem equilibrado, ágil, esbelto, adorável. Era também boa moça. Stephen não via uma só falha nela! Chama-se Eudora Jones, e Stephen já sabia tudo a seu respeito. Não pode haver nada melhor para uma boa camaradagem do que as relações forçadas entre o paciente e a enfermeira.

Eudora era a filha de um professor de matemática num escola superior, em Waterford. Tinha vinte e seis anos de idade e adorava ser enfermeira. Também gostava, é claro, de dançar e nadar, das novelas de John Marquand e das sinfonias conduzidas por Toscanini. Era solteira porque jamais se sentira realmente apaixonada. Em suma: não encontrara, até então, o homem *ao seu gôsto*, um homem *às direitas*.

— Está certa de que o reconhecerá, quando o encontrar? — perguntou Stephen, depois de a ouvir explicar tudo isso.

— Estou certa, sim — disse ela, enquanto os seus olhos verdes sondavam diretamente os olhos cinzentos do enfêrmo — Descobrirei logo.

Isso ocorreu no sétimo dia da sua convalescença — e a êsse tempo também ela já adquirira "apontamentos" importantes a respeito de Stephen. Em parte dos lábios dêle mesmo, em parte do fichário do hospital, ficou sabendo que êle era o proprietário e presidente da Hollister Machine Tool Works, em Lymington, no Connecticut. Hoje, a fortuna de Hollister está sòlidamente estabelecida e goza da mesma fama que as excentricidades do clima e a excelência das lagostas. Por isso Eudora ficou sabendo que Stephen era homem de vastos recursos. Além disso, conseguiu saber que tinha trinta e cinco anos e se conservara solteiro, porque — segundo êle próprio explicou — jamais encontrara a pequena que lhe convinha.

— Até agora... — disse êle, enquanto os seus olhos cinzentos procuravam diretamente os olhos verdes...

Eudora ficou um instante perturbada, mas lembrou-se de que, em geral, os enfermos procuravam *flirtar* com ela. Por isso riu e declarou que achava melhor tomar-lhe a temperatura. Mas não o fêz, e Stephen nada mais falou, nessa ocasião. Na verdade, êle ainda estava indeciso, não querendo acreditar que era real êsse estranho encantamento que lenta e teimosamente o envolvera nestes sete dias...

Uma semana antes, estava êle saindo de casa, em Lymington, para um breve cruzeiro em seu *yacht* de vinte e oito metros, o "Feiticeiro do Mar". No entanto, a meio caminho de Montauk, fôra assaltado por dores tremendíssimas. A coisa piorando, man-

dara aproar o barco para New London e, depois, com a ajuda dos homens da sua tripulação, recolhera-se mais que depressa a um hospital.

— *Deseja uma enfermeira especial?*

Essa foi uma das muitas perguntas que lhe fizeram. Respondeu afirmativamente e, por isso, o primeiro rosto que viu, quando, enfim, pôde sair do "fog" de anestésico em que mergulhara, foi o de Eudora. Pensou, então, que continuava sonhando.

Uma semana mais tarde, o sonho tinha começado a ser espantosamente real e, à altura do décimo dia, quando se encontrava prestes a deixar o hospital, compreendeu que estava muito prêso a Eudora. Abruptamente, decidiu pedi-la em casamento. Não tinha a menor idéia de como ela receberia o pedido, mas sabia que tinha que fazê-lo.

"— Suponhamos que ela aceite... Seria — perguntou êle a si mesmo — por causa do meu dinheiro?"

Êle não podia eliminar inteiramente essa pergunta, embora pudesse, humanamente, pensar em algum meio de reduzi-la às mínimas proporções. Como muitos homens ricos, Stephen Hollister receava não ser amado por si mesmo e apenas por seu dinheiro.

Assim, nesse décimo dia, repousando no leito, após o almôço, pensava num esquema capaz de esclarecer essa questão do dinheiro.

—Tenho estado deitado muito tempo — disse êle, repentinamente, a Eudora, que estava sentada,





lendo, numa cadeira junto da janela. — Quer me ajudar, levantando um pouco a cabeceira?

Eudora largou o livro e caminhou, ligeira, para o leito, como se o seu corpo tivesse "molas" novinhas. Depois, parando junto aos pés da cama, empunhou e girou a manivela com tanto vigor que suas faces ficaram coradas. Observava o enfêrmo enquanto agia, e Stephen, à proporção que o seu corpo vinha subindo para a posição sentada, via com inefável delícia a cabecinha ruiva, agitando-se acima da gola branca do uniforme, os lábios frescos, os olhos brilhantes... e a voz deliciosa perguntando com um sorriso: *"E' bastante assim?"*

— Ótimo... Obrigado — disse Stephen — E agora, Eudora, quer trazer, por gentileza, o meu caderno de cheques? Poderá encontrá-lo no bôlso interior, esquerdo, do meu paletó, no armário.

— Caderno de cheques? — repetiu ela, sem disfarçar a sua surprêsa. Mas foi só isso, pois imediatamente foi fazer o que lhe era pedido.

— E... por favor, pode trazer, também, a caneta-tinteiro, sim? — acrescentou Stephen.

Ela trouxe as duas coisas pedidas. Stephen puxou para cima das pernas a mesinha giratória, que têm todos os hospitais, abriu sôbre ela o caderno de cheques e preparou a pena; mas deixou-a no ar, indecisa...

— Creio que... — disse êle, logo detendo-se para engolir em sêco, como se sentisse dificuldade para falar — Creio — recomeçou — que será melhor eu dizer a você o que pretendo fazer, antes de encher êste cheque... E' que, bem, eu...

Eudora nada falou, quando êle tornou a fazer uma pausa. Apenas continuou de pé, junto do leito, ligeiramente curvada para êle. No seu rostinho bonito havia realmente surprêsa e curiosidade.

— E' que — disse êle, novamente lutando com a garganta e parecendo mais e mais preocupado — Você talvez compreenda, Eudora... Alguma coisa aconteceu comigo... Uma espécie de... milagre! Estou apaixonado por você!

— Oh, meu Deus! — exclamou Eudora. Automàticamente correu a tomar-lhe o pulso. Porém êle fugiu o braço e, rápido, segurou-lhe a mão, carinhosamente.

— Não tenho febre — disse Stephen — Estou apai-



xonado — sinceramente apaixonado, pela primeira vez em minha vida. Por você, Eudora! Porém, antes de tudo, desejo conversar com você, tranqüilamente e com muita atenção.

— Nesse caso deve largar a minha mão — disse ela; estava profundamente emocionada — Que aconteceria, se o gerente aparecesse de repente?

—Tem razão — disse êle — Você pode voltar para junto

(Continua na página 112)

Novela de

GERALD MYGATT

A princípio o caso foi cochichado, aqui e ali, na Europa; agora cruzava o Atlântico e chegava aos Estados Unidos. Porém, fôsse aquilo espantosamente falso ou surpreendentemente verdadeiro, apenas três pessoas conheciam *exatamente* a realidade. Mas nenhuma delas consentia em falar. E, naturalmente, outras pessoas, ávidas por bater com a língua nos dentes, embora sabendo muito menos, vagamente mesmo, mostravam-se menos reticentes... e mais fantasiosas também!

E já surgiam verdadeiras novelas, tôdas sensacionais. A história tinha que ver com Plínio Moore, que era — e, segundo parece, continua a ser — segundo tenente da "Fôrça Aérea" norte-americana.

Na manhã em que êle chegou a certa capital estrangeira, soube que a esquadrilha a que se juntaria estava destinada a comparecer a um baile num dos grandes hotéis da cidade. A coisa "estava para Plínio". Tudo "estava" para Plínio — cujo nome, é claro, não era *Plínio*, nem *Moore*, mas outro qualquer, que não pode ser revelado, como também não podemos revelar o nome da pequenina monarquia européia onde tudo ocorreu.

★

Plínio não era rapaz lá muito alto. Tinha cabelos negros, simpático de feições, e com olhos grandes, escuros, expressivos...

O baile estava *fraco* de pequenas, quase tôdas frias e tímidas, pelo menos na opinião de Plínio. E assim continuou até quase meia-noite, quando um grupo de seis ou sete surgiu, com numeroso grupo de oficiais da Guarda Real em seus calcanhares. Êsses oficiais imediatamente as conduziram para o salão e para a música...

E foi assim que Plínio começou a gostar da festa!

Uma dessas moças, com um vestido frente-única azul, era, simplesmente, a coisinha mais linda que Plínio já tinha visto. Seu coração pulsou duas vêzes mais depressa e êle compreendeu que havia sido "laçado" irremediàvelmente.

Ela era pequenina, com o jeitinho que êle preferia, e cabelos macios, ondulados e da côr do ouro, além de um fascinante par de olhos e um sorriso que deslumbrava.

Passou, dançando, duas vêzes, perto de Plínio e, quando se aproximava uma terceira vez, êle avançou, sorrindo, tocando-lhe num ombro. O oficial com quem dançava pareceu zangado com êsse gesto e procurou afastá-la do intruso. Ela, ao contrário, pareceu achar graça e, tendo falado com o seu par numa língua que Plínio não entendeu, o oficial fêz uma mesura e cedeu-a ao jovem norte-americano, para quem ela levantou um olhar amável que o fêz estremecer, emocionado.

— Meu nome é Plínio Moore — disse êle apressado — Você dança maravilhosamente.

— Obrigada. Será que os seus colegas são também assim, amáveis?

— Não posso afirmar... Sei apenas que sinto como se estivesse dançando nas nuvens.

Ela pagou o elogio com outro sorriso delicioso.

— Como é o seu nome? — perguntou êle — Ou melhor... Como devo chamá-la? Aqui, quase tôdas as moças são condessas ou baronesas *de-qualquer-coisa*... e, como de-



Plínio foi bruscamente interrompido por um coronel da Guarda Real, que logo começou a arguir com a linda pequena.

Um escândalo na Côrte



ve saber, não estamos muito acostumados a essas coisas na América do Norte...

— Bem... Esta noite — disse ela — porque tem sido gentil, poderá dizer sòmente: *Marie*... E' êsse, aliás, o meu nome!

— Havemos de nos entender esplêndidamente, *meu bem*...

Nesse instante foi interrompido bruscamente por um velho Coronel da Guarda Real, que começou a arguir longamente com a lindíssima garôta. Nesse justo instante, a música parou e Plínio aproveitou para fumar um cigarro. Viu então o oficial comandante da sua própria esquadrilha ser cerimoniosamente apresentado a Marie.

Quando a orquestra recomeçou a tocar, Plínio deixou que seu comandante desse três voltas com Marie, dançando pelo salão, depois interrompeu-os e ficou de novo com a pequena.



— Ouça — disse êle — Tenho que falar depressa, antes de que nos interrompam outra vez... Queria que soubesse de uma coisa. Meu pai se apaixonou à primeira vista e continua casado e feliz, em companhia de minha mãe... há mais de trinta anos! E afirma que mal viu minha mãe, ficou sabendo que aquela era a mulher que o Céu lhe reservara. E, embora pareça mentira, com o meu avó foi a mesma coisa! É claro, não posso esperar que você tenha gostado assim de mim, desde agora — nem mesmo possa vir a gostar senão depois de muito tempo, talvez... Mas sei que vai acabar gostando... e acabará casando comigo!

Ela se afastou ligeiramente, para o observar melhor, depois disse:

— Oh, Plínio! Não fale assim, por favor... Vamos, simplesmente, dançar, conversar e rir um pouco, esta noite.

— Mas afirmo que me apaixonei por você desde o minuto em que a vi! Nada posso fazer contra isso... Estou apaixonado... e pronto! E' só o que sinto...

Viu Marie fingindo não ver o aceno de um cavalheiro, e pouco depois, de outro mais... Continuaram dançando, porém ela parecia não ouvir o que êle lhe dizia. Finalmente deteve-se num canto do salão.

Então Marie disse, falando devagar:

— Realmente... Não posso acreditar que você saiba quem eu sou!

— Não sei, realmente... nem me preocupo em saber! — declarou êle com ar *magnânimo*.

— Pois receio muito que se preocupe muito, Plínio! Sou a Princesa Marie.

— Hein?... A... Santo Deus! A Princesa!

Ficou paralisado de espanto, mas apesar de tudo, disse, quase sem mover os lábios:

"— De qualquer maneira pode vir a se apaixonar por mim — e a casar comigo!

— Não é assim tão fácil como pretende, Plínio... Acontece que êles não deixarão, em nenhuma hipótese! Posso explicar isso a você, mas agora não é a ocasião. Vejamos... Você se encontrará comigo, amanhã à tarde, para tomarmos chá... (indicou um hotel) Lá estarei, esperando. Comigo, à mesa, estará uma dama de companhia, uma mocinha minha amiga. Ela se afastará, logo que você chegue.

Mas — é preciso que os leitores saibam... — tudo isso foi combinado sob os olhares e quase à mercê dos ouvidos dos dançarinos que passavam lentamente, muito lentamente, mesmo, e dos que formavam alas nos quatro lados do salão. Talvez tivessem ouvido muita coisa... Talvez tivessem ouvido pouco ou mesmo nada... Mas sabiam ler os gestos e os olhares — como todos nós sabemos, quando vemos um par namorando — e tinham, também, imaginação!

Apesar de tudo, Plínio compareceu ao hotel, à hora do chá, na tarde seguinte. Marie, porém, ali não estava! Entretanto, um homem muito moço ainda caminhou ao encontro de Plínio, perguntando se falava com o Tenente Moore, e quando Plínio, surpreendido, respondeu afirmativamente, o outro se apresentou:

— Pertenço ao pessoal da embaixada americana — explicou com voz calma — O senhor não encontrará aqui a... pessoa com quem combinou tomar chá; mas fui encarregado de vir buscá-lo, a fim de ser apresentado a um cavalheiro que deseja muito conhecê-lo.

A seguir, Plínio foi conduzido para o interior de um automóvel da embaixada e levado através da cidade, passando sob velhas e grandiosas portas e cruzando pontes até um edifício bastante grande para ser um museu, onde o meteram num elevador. Depois, foi levado, ou melhor, empurrado para um salão luxuoso e gigantesco, onde um homem de meia idade, porém ágil e bem disposto, elegantemente

vestido com um terno democrático, estava de pé, junto de uma janela. Logo que viu surgir o grupo de homens, caminhou ao encontro de Plínio...

— Majestade! — exclamou Plínio, sentindo a cabeça em fogo e as pernas querendo dobrar — Eu...

— Por que não me trata de *Senhor?* — disse o rei, sorrindo — Afinal, também sou um oficial da Fôrça Aérea e não sou, conforme vocês Norte-americanos sempre imaginam, muito zeloso a respeito de títulos de nobreza...

—Sim... senhor — disse Plínio; e porque não pudesse pensar ou fazer outra coisa, fêz continência.

O soberano respondeu à saudação militar à moda do seu país e depois convidou Plínio a sentar, o que êle obedeceu.

O soberano hesitou alguns instantes, sorrindo agora para o funcionário da embaixada, depois disse a Plínio:

— Fui informado de que ontem, à noite, (que foi a sua primeira noite neste país) o senhor honrou minha filha com um formal pedido de casamento!

— E' verdade, senhor — disse Plínio — Mas eu ignorava quem ela fôsse. Dou-lhe a minha palavra!

— Aceito-a sem qualquer hesitação — disse o rei — Foi coisa, aliás, que todo o mundo viu, no baile. Devo mesmo acrescentar, para seu govêrno, que aquela menina e eu tivemos uma discussãozinha, esta madrugada, quando ela regressou da festa. Entretanto, foi coisa sem muita importância... Eu apenas desejava explicar ao senhor que Sua Majestade, a Rainha, e eu, temos algumas vêzes pensado na possibilidade da Princesa vir a casar com um Norte-americano. O senhor compreende... Isso teria magnífica repercussão e serviria para cimentar muitas coisas...

— Sim, senhor... — disse Plínio, ganhando esperanças.

Porém o rei prosseguiu:

— Entretanto, talvez erradamente — reconheço — acabamos decidindo contra isso. E' bem verdade que ela não está na linha imediata para o trono. Mas, nas atuais condições, a menor margem nesse sentido merece ser considerada... O senhor deve imaginar que um atentado qualquer poderá colocá-la no trono!

— Eu não havia imaginado isso...

— E, caso ela venha a ser Rainha, o senhor terá que viver aqui. Gostaria de viver aqui? Acordando tarde, sem nada para fazer, vestindo dezenas de brilhantes uniformes por dia e ficando "de lado" todo o resto da sua vida?

— Não, senhor! Quero trabalhar para viver. E quero viver nos Estados Unidos. E' a terra a que pertenço. E' também onde deverá viver a minha espôsa.

— Assim também penso — disse o rei — E', de resto, como todo homem decente deve pensar, com referência ao seu país. Entretanto, as condições podem mudar. E se tal acontecer, então o senhor será bem-vindo à minha casa, para refazer o pedido de casamento... Espero que mudem!

— Também eu — disse Plínio.

— Enquanto assim esperamos eu terei que pedir ao seu comandante que providencie a sua transferência para outra base qualquer. Êste país é muito pequeno e vocês dois estariam a se encontrar todos os dias, o que daria motivos para falatórios.

— Tem razão, senhor.

— Mas providenciarei para que o senhor seja promovido.

— Oh, não, senhor! Perdoe-me, mas não quero ser promovido se não fôr por meus próprios esforços.

— Pois seja... Pensa bem, rapaz! — disse o rei — E agora, se me permite...

A princesa Marie penetrou no salão, Vestia um costume de casimira cinzenta.

— Está vendo? — disse ela — Não é tão fácil como você pensava. Vamos ter que esperar... e lutar muito!

Plínio, que a fitava, extasiado, afirmou:

— Não acredito em dificuldades, quando se trata de obter você... Tenho a certeza de que acabaremos vencendo.

Agora a princesa levantava o braço e ficava com a mãozinha no ar.

— Para que é *isso?* — perguntou Plínio.

— Para beijá-la... *se quiser.*

— Escute, Marie — disse Plínio — Só posso ser fuzilado uma vez!

E, ato contínuo, aprisionou a princesa nos próprios braços e beijou-a ternamente...

*

Foi essa, pelo menos, a história que nos chegou através do Atlântico!

DOIS homens, que se apresentaram como Fiscais do Tesouro a um comerciante de Greenville, South Carolina, explicaram ao mesmo que procuravam dinheiro falso em notas de 50 dólares, que andavam circulando naquela área. Imediatamente interessado, o comerciante foi à caixa registradora e depois ao cofre, e recolheu tôdas as notas daquele valor que tinha em seu poder, entregando-as ao exame dos "fiscais". Êstes, após cuidadoso axame de cada uma delas, finalmente identificaram uma... "falsa", logo a confiscando, dado que "tôdas elas tinham que ser recolhidas, mesmo das próprias vítimas".

E assim, o pobre comerciante foi simplesmente roubado em cinqüenta dólares legítimos, pois os "falsos" eram os dois *agentes do tesouro* que, com êsse truque, conseguiram enganar muita gente... antes de que a polícia os descobrisse e prendesse.



Cuidado com Eles!

★

EM BALTIMORE, Midland, dezoito trabalhadores em construções responderam a um anúncio para um trabalho fora da cidade, na ereção de um edifício para hotel. O anunciante aceitou todos êles e pediu-lhes que tirassem tôda a roupa no quarto ao lado, a fim de se submeterem a um exame médico, segundo a lei. Naturalmente, todos êles decidiram entregar suas respectivas carteiras e demais objetos de valor ao anunciante, para guardar. A seguir foram para a sala ao lado onde esperaram o médico. Ao fim de uma hora de inútil espera foram procurar o anunciante e não o encontraram... Da mesma forma tinham desaparecido 212 dólares, correspondentes à soma total de tôdas as carteiras que haviam deixado "guardadas".

★

ANGELE MARGUERITE, uma "ledora de sorte", em Dijon, França, conseguiu ganhar boa reputação porque as suas predições sempre se realizavam. Ela disse a vários clientes: *"O senhor vai ser roubado, mas não deverá ficar preocupado, pois que o seu dinheiro retornará às suas mãos.* Está escrito nas cartas". E, de fato, cada vez que o cliente era realmente roubado , o dinheiro era restituído à vítima, pelo correio. Depois dessas "maravilhas" os clientes encheram o apartamento de Madame Marguerite que assim ganhou uma fortuna... até que a polícia descobriu o truque. Ela própria, com a ajuda de um cúmplice, roubava os clientes e depois restituía o dinheiro. Foi prêsa e processada por embuste, pois enganava os clientes com a intenção de parecer que, de fato, era capaz de prever o futuro.

★

O "PAPAI FELIZ" tornou-se uma figura popular, nas cidades da Califórnia. O cavalheiro, bastante simpático, entra repentinamente num café ou bar e, em voz alta, radiante, pede uma caixa de charutos de excelente qualidade; imediatamente começa a distribuir uns quatro ou cinco pelos que estejam mais próximos, afirmando que acaba de ser papai e recebendo felicitações. Então, repentinamente, grita e exclama haver perdido a carteira na "Maternidade", na sua precipitação de vir para a rua festejar o acontecimento. Então assina um cheque de vinte ou trinta dólares e *desconta* ali mesmo, com o caixa da casa comercial. Ocorre, porém, que não existe nenhum recém-nascido, nenhuma espôsa, nenhuma maternidade... nem — como o leitor deve ter previsto — qualquer *fundo* no banco sôbre o qual sacou o dinheiro!

PODE HAVER DES-DO-BRA-MEN-TO da *Personalidade?*





Como resultado de um choque profundamente emocional, essa pobre moça foi levada para o hospital como enfêrma mental, em que se revelavam três personalidades.

NÃO há muito tempo, o cinema promoveu a reprise de um velho filme: *O Médico e o Monstro* ou "Dr. Jekyll and Mr. Hyde". Jekyll é um sábio de grande valor, homem de vida regular e irrepreensível moralidade. Hyde, ao contrário, vive nos piores antros, entre ladrões e criminosos, onde se destaca pelo seu cinismo e a sua maldade...

No entanto, êsses dois indivíduos tão dissemelhantes não passavam, na realidade, *de uma só e mesmíssima pessoa!* Periòdicamente, o Dr. Jekyll sente fugir do corpo a própria alma, enquanto outra alma, a do monstruoso Mr. Hyde, vem tomar o seu lugar. Êle não sabe mais que foi o Dr. Jekyll; também o seu rosto se transforma, os traços fisionômicos assumem características vulgares e más, sob a influência do espírito baixo que os anima.

Terminada a crise, quando volta a ser o Dr. Jekyll, não se recorda, absolutamente, de haver sido o terrível Hyde. Só lhe restará, da violenta transformação, um vago mal-estar, uma fadiga que nem êle mesmo pode explicar.

Essa história de dupla personalidade (desempenhada, aliás, magistralmente, por Fredric March, na primeira versão, e por Spencer Tracy, na segunda) provocou a mais profunda emoção entre os espectadores, que perguntavam, entre si, se tais casos de desdobramento da personalidade eram realmente possíveis.

OS INDIVÍDUOS "DUPLOS" NA LITERATURA

O caso do Dr. Jekyll não é, entretanto, único na literatura. No início dêste século, uma peça intitulada "O Procurador Hallers" levou à cena teatral um caso análogo: o de um magistrado que, no correr de um inquérito, efetuado para a elucidação de um crime pavoroso, chega à convicção *de que foi êle, sòmente êle, quem cometeu o crime,* num estado de desdobramento da personalidade, do qual não conservava a menor recordação!

Uma novela de Mendés conta, igualmente, a história de um homem decente, boníssima criatura, e que, tendo jantado na casa de um amigo, volta para casa mais tarde que de costume. Dias depois, lendo nos jornais a descrição do assassinato misterioso de uma mulher das ruas, fica impressionado por certos detalhes; inicia um inquérito por conta própria... *e compreende que foi êle mesmo o assassino!*

No "L'Autre", de Jules Claretie, um homem dos mais dignos e estimáveis é atacado, a intervalos, por crises singulares. Não se recorda do que faz durante essas crises; e vive atormentado, julgando-se

culpado de atos desonestos e criminosos, que não pode evitar, pois *não tem nenhum poder sôbre êsse "doble" terrível, o "Outro"* que, por momentos, substitui a êle próprio!

Não podemos deixar de citar, igualmente, o belo livro de Gaston Leroux, *La double vie de Theophraste Longue*, em que se descreve o longo martírio e os crimes pavorosos praticados por um burguês simplório, em cujo corpo se instala, de tempos a tempos, a alma de um sanguinário bandido, o célebre Cartouche, morto muitos anos antes...

O CASO AUTÊNTICO DE "MISS N..."

Devemos explicar quanto antes, aos nossos leitores: casos assim *tão completos, tão espetaculares também*, como aquêles acima narrados e pertencentes à ficção... *só mesmo no domínio da literatura!*

Entretanto, a medicina, por sua vez, tem relatado fatos realmente fascinantes — e alarmantes — conhecidos de todos os psiquiatras. Citam, entre outros, o caso de *Miss N.*, uma jovem norte-americana, inteligente, culta, pertencendo a uma excelente família e que, bruscamente, durante meses, perdia a sua verdadeira personalidade. Aquela que a substituia não era, nem criminosa nem má: era simplesmente uma personalidade rude, desprovida de qualquer cultura e desinteressada totalmente pelas coisas do espírito. Escrevia com extrema dificuldade, com letra má, infantil, enchendo suas páginas de faltas grosseiras de ortografia.

A nova *Miss N.* dava a si mesma um nome que não era o de *N.*, e não se recordava, sequer, de ter sido esta. Da mesma forma a verdadeira *Miss N.*, quando recuperava a sua verdadeira personalidade, não tinha qualquer recordação da sua "doble". A *passagem* de um estado para outro se fazia à noite, durante o sono de *Miss N.*, sem que qualquer perturbação aparente fizesse prever a iminência da mudança.



O "Médico e o Monstro", o célebre filme sôbre o desdobramento da personalidade, teve passagens fortíssimas, como essa que vemos ao lado.

Êsse é um caso, como se verifica, de uma substituição de personalidade e não de uma simples "ausência", como sói acontecer com os epilépticos, por exemplo, "*ausência*" durante a qual êstes infelizes são incapazes de dizer o próprio nome ou recordar o seu endereço, *mas sem que outra personalidade venha substituir a que fugiu do seu corpo.*

Nesse casos de desdobramento, tem-se a impressão de que se trata, realmente, de dois sêres distintos, ocupando sucessivamente o mesmo corpo.

MAS... CUIDADO COM OS EMBUSTES!

O caso de *Miss N.* data do último século. Os psiquiatras modernos não podem citar casos semelhantes! Por quê?

A que atribuir êsse fato? Essa *melhoria geral?* Muito simplesmente ao fato de a ciência, hoje, não aceitar mais êsses fatos sem profundo exame e absoluto contrôle.

Entre os casos de desdobramento da personalidade, realmente, muitos são sim-

PODE UM INDIVÍDUO SER DUAS — OU MAIS — PESSOAS EM UMA? OS CASOS ESTRANHOS QUE AQUI RELATAMOS REVELAM QUE ISSO E' POSSÍVEL. UMA PERSONALIDADE PODE SER DESDOBRADA EM DUAS OU MAIS, TÔDAS MUITO DIFERENTES!

plesmente obra de simuladores hábeis. Assim, por exemplo, depois da guerra de 1914-1918, reapareceu, na França, vindo da Suíça, ao fim de dois anos de ausência, um homem que desaparecera do *front* francês em 1917. Êsse homem dizia ter sido vítima de um desdobramento de sua verdadeira personalidade.

E' claro, tratava-se de um simples desertor, que, desejoso de retornar à França, findas as hostilidades, encontrara êsse recurso para escapar ao castigo merecido.

Na grande maioria dos casos de desdobramento, os médicos e as autoridades acabam descobrindo que o indivíduo "desdobrara" simplesmente porque tinha boas razões para querer *acabar* com a sua real personalidade — *pelo menos provisòriamente*.

UM PERTURBADOR CASO DE "AUSÊNCIA EPILÉPTICA"

Há casos, entretanto, que podem ser considerados como verdadeiros desdobramentos da personalidade. São chamados de "segundo estado", muito conhecidos pelos psiquiatras e durante os quais o indivíduo *sai*, por assim dizer, de si mesmo e realiza, inconscientemente, atos que se afastam bastante do seu comportamento habitual e dos quais não conservará qualquer lembrança, ao retornar ao seu estado normal.

Nesse caso, trata-se, sempre, de uma enfermidade mental, mais comumente de um dêsses fenômenos conhecidos com o nome de "*ausência epiléptica*" e que são uma forma de crise epiléptica, diferente, porém mais ou menos tão freqüente como a "grande crise" epiléptica, muito conhecida e tão temida.

Êsses "segundos estados", contràriamente aos que nos descrevem os romancistas, duram raramente várias horas. Além do mais, não constituem, absolutamente, a passagem de uma personalidade bem caracterizada para outra, também caracterizada e sempre a mesma, nas sucessivas crises do enfêrmo. Porém um doente, no correr de diferentes crises, pode ter comportamentos inteiramente distintos.

Finalmente, trata-se menos — pròpriamente falando — de uma personalidade verdadeira que *de uma maneira de ser rudimentar, geralmente mais instintiva, menos razoável que a maneira de ser habitual do enfêrmo.*

Conhecido psiquiatra europeu conta, por exemplo, o caso autêntico seguinte, bastante perturbador:

Tratava-se de uma de suas doentes, mulher moça e inteligente, de moralidade elevada, porém sujeita a acidentes epilépticos.

Tendo ido só, a um cinema, essa criatura, prêsa repentinamente de uma "ausência", saiu da sala de espetáculo. Foi então abordada por um indivíduo que a levou até a sua própria residência. A seguir essa criatura voltou para o cinema e recuperou os sentidos, antes de terminada a representação, não conservando qualquer lembrança da sua fuga. Porém o indivíduo, que a seguira, voltou a sentar ao lado de sua vítima, procurando renovar a sua tentativa. Falou-lhe com intimidade e, ante a indignação da jovem mulher, exigiu uma explicação... Assim foi descoberto todo o caso que, de outra forma, teria continuado ignorado.

A CIRURGIA DO CÉREBRO REALIZA "DESDOBRAMENTOS" TRANSITÓRIOS

Além da "ausência epiléptica", encontrada como origem de quase todos êsses casos, podem ser consideradas como *tipos de desdobramento da personalidade* as mudanças de comportamento que acompanham certas enfermidades mentais, sejam ou não devidas a uma lesão cerebral.

Nessas condições, uma pessoa que, até então, tenha sido sempre alegre e social, transforma-se completamente, mostrando-se da noite para o dia, melancólica. Para forçar o retôrno à antiga personalidade, será preciso curar a sua enfermidade mental. Às vêzes o doente chega a esquecer mesmo o que se passou durante a sua moléstia; resta-lhe apenas uma sensação: a de um grande vácuo de memória.

Da mesma forma, após uma lobotomia, vê-se um doente mudar completamente de comportamento. Há, para exemplo, o caso de um pastor, universalmente respeitado e que, após a operação, entregou-se a facécias indignas do seu título. Devemos concluir que *a sua personalidade foi substituída por outra?*

Os psiquiatras preferem pensar que *certos elementos do subconsciente, até então contidos pela educação, o hábito, etc., vêm à tona sob o efeito da revolução temporária causada pela operação*, desaparecendo totalmente, à medida que se restabelece o equilíbrio do operado.

Mas, com isso, já vamos muito longe do nosso verdadeiro tema, que é o desdobramento da verdadeira personalidade.

AS ALUCINAÇÕES

Registram-se também casos em que um indivíduo, em vez de perder a sua personalidade *sem saber*, tem, ao contrário, total consciência do seu "doble".

Êsse "segundo" personagem pode ser um segundo corpo. Assim, um homem, convalescente de grave enfermidade, tinha a sensação, bem nítida, de que formava dois indivíduos distintos, podendo separar-se um do outro: um, por exemplo, podia continuar no leito, enquanto o outro ia passear. Êsse homem, que, antes, tinha ligeiro apetite, comia agora... *por dois!* "Para alimentar os dois corpos!" — segundo afirmava.

Outro indivíduo — desta vez tratava-se de um médico que apresentou pessoalmente o seu caso ao exame dos colegas — depois de ter sofrido o tifo, ficou vários dias em estado de coma, incapaz de fazer um gesto ou de pensar. Quando voltou a si, tinha a impressão de ser duplo, deitado não mais num, mas em dois leitos. Um dos seus "eus" ainda sofria, enquanto que o outro já estava completamente curado. Contou que tinham sido necessárias mais de vinte e quatro horas para recuperar a consciência de sua personalidade única.

Não se trata, como se verifica, de alienados, mas de grandes enfermos, nos quais uma fraqueza física e nervosa consirável provocou uma deficiência mental temporária. Essa deficiência poderia ter tomado outra forma, como, por exemplo, a de uma alucinação exterior, como é, de resto, o caso mais freqüente. Não são, pois, *desdobramentos da personalidade*, mas simples *alucinações de caráter todo especial.*

Certas pessoas confessam, também, que, caminhando na rua, *tiveram a impressão de se encontrar de alguma maneira no exterior de si mesmas*... de "ver a si mesmas caminhando poucos passos adiante delas próprias"! Também nesse caso o fato só ocorre quando há uma grande fadiga nervosa, *surmenage* intelectual intenso ou grande choque emotivo. Não é um fenômeno psicológico característico, mas uma forma de alucinação, devida à fadiga cerebral.

O ANJO E A FERA

Bem diferente, por certo, é a sensação de dualidade que sentem certos pensadores, certos filósofos ou, simplesmente, os que têm a mania da análise e da introspeção.

"Duas almas habitam o meu peito" — escreveu Goethe. E Rousseaux: *"Encontro dois homens em mim"*... Queriam significar com isso, simplesmente, que nossa personalidade é feita de elementos múltiplos, solicitados por diferentes apelos; ora é o lado elevado, nobre, o que domina; ora é o lado material, mesquinho, contra o qual o ser em vão procura lutar.

"O anjo e a fera" — dizia Pascal, que nem por isso se considerava duplo. E, desde Pascal, nada mudou! O homem é sempre metade anjo e metade fera... A história do Dr. Jekyll e de Mr. Hyde é a ilustração dessa verdade psicológica; ela nos mostra que as duas tendências existem em nós, às vêzes tão estreitamente enlaçadas que é difícil à melhor sobrepujar a pior... O valor do homem é medido, justamente, por essa vitória incessantemente renovada da parte nobre sôbre a outra.

Quanto ao "desdobramento da personalidade" verdadeira, temos que reduzi-la às devidas proporções: uma "alucinação de grande enfêrmo" ou, talvez, uma "ausência epiléptica" de curta duração.

E, se o leitor se considera — e é realmente — um *Dr. Jekyll*, pode dormir tranqüilo: nada deve temer dos baixos instintos de *Mr. Hyde!*

*

O LEITE NO TRATAMENTO DE QUEIMADURAS

Foi descoberta uma nova e surpreendente utilidade para o leite comum na medicina: tratamento das queimaduras mais graves, sem deixar cicatrizes. Trata-se de um produto derivado do leite de vaca, denominado Zinax, com o qual vinham sendo feitas experiências há dez anos, até que o preparado pudesse ser apresentado em sua forma atual. O leite, tratado quìmicamente, é misturado a uma base gelatinosa e o preparado é, então, aplicado a uma gaze, impregnada de acetato de zinco, para tornar o preparado mais firme. As queimaduras são cobertas com essa camada protetora antes que a região afetada possa ser infeccionada. Depois de sêco, o zinax se torna sólido e flexível como a borracha. Evita a entrada de bactérias e protege os fluidos orgânicos produzidos na superfície da pele. O zinax faz a função de uma epiderme secundária, permitindo que os tecidos destruídos pela queimadura se reconstituam sob sua proteção. São dispensáveis os pesados curativos de gaze.

★

ESCADAS FALANTES

As casas comerciais dos Estados Unidos terão, dentro em pouco, escadas móveis que falam. Realmente, um inventor obteve patente para instalar em tais escadas um dispositivo falante, que anunciará a mercadoria vendida em cada departamento, enquanto o freguez subir a escada.

QUE PENSAM DE NÓS

No espelho da mente infantil muitos pais aparecem estranhos, terríveis, distorcidos . . .

TODOS nós temos lido e ouvido incontáveis opiniões sôbre os filhos da atual geração. Porém muito mais interessantes são *as opiniões dos filhos... a respeito dos pais!* Mais ainda: em geral, os julgamentos dos filhos a respeito dos pais são mais justos do que o dos pais a respeito dos filhos.

E como *fonte* preciosa temos o que nos vem de um clube de crianças, o *"Hooky Club"* (Clube dos Gazeteiros), formado êsse por meninos e meninas das escolas públicas de Nova York, durante a última guerra. O clube foi fundado para ser uma ousada tentativa e uma nova forma de *terapia por grupo.* Só as crianças em situação complicada qualquer podem formar parte do clube. Os limites de idade vão de 11 a 17 anos, sendo mais numerosos dos 13 aos 16.

O mínimo exigido para ser admitido nesse clube é que o candidato esteja em apuros com os dirigentes da escola por vadiagem e "gazetear". Há também outras formas de delinqüência, muito mais sérias, infelizmente. Um menino, por exemplo, estava mesmo em sérios apuros por... nada menos de 64 delitos de furto!

Os processos, naturalmente, são secretos. O diretor dêsse clube é o Dr. Frederic Wertham e as crianças sabem muito bem que o que disserem a êle, não será revelado a quem quer que seja. Nenhum visitante tem per-

OS FILHOS?

missão para comparecer às reuniões do clube. E, se acontece surgir um *novo sócio*, numa sessão, é imediatamente informado pelos veteranos de que *tudo quanto disser ficará estritamente confidencial*, o mesmo ocorrendo com o que fôr dito pelos demais. Freqüentemente está presente uma estenógrafa, a fim de apanhar os debates, porém é ela considerada um membro do grupo e quase sempre está trocando presentes (balas, biscoitos, etc.) com os garotos.

Nas manhãs em que o "Clube dos Gazeteiros" se reúne, os meninos são dispensados das aulas. Porém, em geral, êles aparecem mesmo nos dias em que não há aula, o que prova que gostam do clube e não apenas de "gazetear".



Numa grande percentagem, essas crianças se sentem culpadas de qualquer delito juvenil — algumas vêzes de gênero sério. Com um "introdutor" por êle mesmo escolhido para *guiar* a discussão, cada novo membro é interrogado pelos veteranos a respeito do *seu caso*. As deliberações do Clube dos Gazeteiros nem sempre são metódicas. Mas são, ao menos, espontâneas e francas. O interrogatório do novo sócio é rigoroso; em geral há algém presente, que conhece todos os truques e recursos: *"Como você falsifica a assinatura de seu pai no Boletim?" "Como você arranja dinheiro para ir tantas vêzes ao cinema?" "Por que não procura ganhar algum dinheiro, trabalhando depois da aula?"*

A matéria da discussão é submetida à aprovação dos próprios meninos, que retocam a proposta, aumentando as perguntas ou eliminando algumas, conforme cada caso. Em alguns casos essas crianças têm opiniões definidas. Em outros, sugerem que nenhum relatório seja feito antes de que tenham bem observado o menino em questão.

São inúmeros os problemas assim resolvidos pela discussão e decisão do grupo dos *Gazeteiros*. Os componentes dêsse clube vão assim ganhando grande experiência, que poderão aproveitar bastante de imediato — e muito, no futuro.

O que contam entre si, relativamente aos adultos, é realmente sincero e dolorosamente verdadeiro. E nada bonito, sem dúvida!

As queixas principais se referem a que muitos adultos — inclusive psiquiatras e professôres — assim como os "visitadores sociais" — não estão realmente interessados em conhecer o que as crianças sentem e desejam, mas simplesmente agem segundo os seus particulares (e muitas vêzes inconfessáveis) motivos.



Uma vez quebrado o "gêlo", em cada sessão, as crianças entram a falar livremente sôbre todos os assuntos, surgindo em geral como preferido o que se refere à educação sexual, todos condenando as atitudes misteriosas dos pais, sôbre o assunto, e as suas recriminações *que não ensinam e apenas perturbam*, criando complicações de alguma gravidade, sobretudo quando agem ao contrário do que recomendam e não tomam cuidado com as próprias palavras, principalmente quando ralham com uma menina.

Como terapia, o "Clube dos Gazeteiros" tem sido um grande êxito. As crianças trocam impressões sôbre como bem viver num mundo dirigido por adultos desconfiados, ditadores e severos.

Seria magnífico que os pais pudessem ouvir êsses debates!

Aqui está um exemplo de debate:

— Que desculpa dá você quando volta para casa, depois de gazetear?

— Fico calado e, se me perguntam, digo



que estive no colégio; mas espero, primeiro, para ver como me recebem e saber se do colégio telefonaram, perguntando por mim...

— E que desculpa dá você, no colégio, no dia seguinte ao da "gazeta"?

— Um garôto, meu vizinho, escreve para mim um desculpa qualquer, para dizer que estive ausente por ter sentido dor de cabeça ou coisa parecida. Depois assina o nome de minha mãe.

— Mas não teria sido melhor, já que não queria estudar, ir ao colégio e ali ficar lendo algum livro de história, em vez de se arriscar a complicações?

— Não... Eu acho muito melhor ir ao cinema.

— Está errado! Se você está no colégio não se arrisca a sofrer alguma punição! Nunca poderão dizer que você fêz *gazeta*. Se não quiser fazer nada, no colégio, o mais que êles farão é dar nota mais baixa ou achar que você não está bem de saúde... e nada escrever no boletim! Ao passo que, se fizer gazeta, sempre estará ameaçado... e assustado. Isso é incômodo!

*

Os meninos que fogem são geralmente interrogados com especial severidade, sôbre as razões que determinaram êsse abandono do lar paterno e o que fizeram, depois da fuga. Em geral, no caso das meninas, mostram-se elas profundamente ressentidas contra os adultos que as acusaram de faltas que não praticaram.

*

Eis aqui as conclusões gerais a que chegaram os membros do "Clube dos Gazeteiros", relativamente às desinteligências entre pais e filhos:

1 — Muitos filhos são erradamente acusados.

2 — Muita severidade é demonstrada pelos pais por delitos sem grande importância.

3 — Ninguém, realmente, procura ajudar as crianças quando estas mais necessitam de amparo em vez de castigo.

E também o Dr. Frederic Wertham tem uma opinião a respeito. Diz êle que, interrogado, certa vez, para que dissesse o que mais o impressionara no seu trabalho diário com referência aos problemas da infância, teve que dar uma resposta bastante triste:

— *O que mais me impressionou e revoltou* — disse êle — *foi um verdadeiro fenômeno. Foi o criminoso alheiamento e quase indiferença que existe entre os filhos e os pais!*

E passou a ilustrar o que havia afirmado Antigamente, os pais sabiam o que os filhos liam. Em geral selecionavam pessoalmente essa leitura. Hoje — de acôrdo com o que observara — milhões de crianças estavam lendo livros de histórias em quadrinhos, dos quais os pais nada sabiam! Na sua opinião, tais livrinhos eram prejudiciais para a saúde mental da infância. Porém muito pior do que isso, no seu conceito, era o desinterêsse dos papais pelo problema. Não se importam, igualmente, com a qualidade do programa de rádio que os filhos ouvem ou os filmes que preferem ver.

Muitas vêzes, o Dr. Frederic é convidado a visitar os pais dos seus alunos. Quando isso acontece, sente êle o mesmo que um general deve sentir, quando segue para enfrentar um inimigo: porque, em geral, êle próprio está estreitamente identificado com as crianças do seu clube. E opina que devia existir um "Clube dos Pais", com a mesma finalidade e o mesmo sistema de franqueza nos debates, segundo os métodos do "Clube dos Gazeteiros".

Se os filhos também começassem a observar, com olhos e ouvidos críticos, o que lêem os pais e o que ouvem, preferentemente, no rádio... Em geral, êsses programas radiofônicos começam sempre pessimistas, assustadores ou azedos. Um dos preferidos pelos pais é o que tem início assim — *"Boa noite, senhoras e senhores! Segundo as últimas informações recebidas da Europa, as coisas estão piorando. Temos, hoje, péssimas notícias!"*

Papai chega para a extremidade da cadeira e move a cabeça, concordando com o locutor. *Tudo vai mal... Muito mal!* Depois, Papai e Mamãe vão ao cinema. O olhar de Papai fica extasiado, prêso às formas esculturais da estrêla do filme, dignando-se, talvez, a atirar um rápido olhar de revolta para o vulto de Mamãe, ao seu lado. Ela, porém, pouca atenção está dando ao consorte, porque não quer perder um só gesto do protagonista... "alto, moreno e simpático..."

E podemos jurar que Papai e Mamãe vão voltar para casa, esta noite, indispostos e prontos para entrar em azêda discussão por qualquer pretexto.

Na noite seguinte — prosseguindo em suas observações — o grupo infantil verifica que também podem haver noites calmas. Papai está quieto, em casa. Está

lendo um livro. Trata-se de um *livro de mistério*. Mamãe também está tranqüila. Também lê... Está absorvida na leitura de um escandaloso livro sôbre o amor.

Assim, as crianças, com facilidade, podem observar como vivem os pais, e chegar a entender as causas de suas desinteligências. Já com os pais essa observação é mais difícil, porque vivem olhando, principalmente, para o que mais lhes interessa.

Quando se diz a certos pais que êles estão estragando as crianças desta geração, êles têm sempre a mesma resposta:

— *Isso tem sido dito a respeito de cada geração...*

Essa, porém, é uma resposta falsa e mesmo mentirosa. Houve, por exemplo, nos Estados Unidos, em 1920, o caso dos famosos Leopoldo e Loeb, que tanto impressionou o mundo inteiro. Durante meses, os jornais de todo o mundo publicaram todos os detalhes da história dêsses dois adolescentes que raptaram e mataram um menino. Porém hoje, temos um caso semelhante cada semana, e para cada um dêsses casos extremos, temos centenas de casos — simples e tristíssimos — de crianças incompreendidas.

Como reagem os adultos diante dêsses fenômenos? Cada vez que ocorre um caso, capaz de atrair a atenção, os jornais alertam as autoridades contra a "delinqüência infantil", apresentando logo alguns esteriotipados remédios, segundo a palavra dos técnicos, dos redatores e de alguns leitores que têm o hábito de escrever para os jornais.

Êsses remédios são sempre os mesmos: mais asilos, mais institutos profissionais, mais reformatórios, mais ampla instrução religiosa, mais *playgrounds* e, naturalmente, mais peritos para as "desordens de personalidade", de que — acreditam — essas crianças estão sofrendo.

Porém, conforme sabem as próprias crianças, *êsses não são remédios!* O que está faltando é melhor compreensão entre filhos e pais. As historietas cômicas, em quadrinhos, não causam nenhum mal... Ao contrário, dão bom humor e saúde às crianças. Porém é bom não esquecer uma história de aventura que todos os adultos de hoje leram, com certeza, quando eram criança.

Um explorador é cercado, numa colina, por prêtos selvagens, que já se preparavam para apanhá-lo. Porém o explorador tem um "raio da morte" (o último prodígio, na imaginária ciência de então) e com êle derruba todos os atacantes. Entretanto, mais tarde, o jovem leitor fica sabendo que os selvagens não haviam morrido. Estavam apenas sem sentidos, sendo, então, amarrados, um por um, e aprisionados.. *Isso é o que não acontece, infelizmente, com os livros atuais. Hoje, os selvagens estariam todos mortos mesmo!*

★

Dizem os técnicos que os livros de historietas representam simplesmente instintos inatos de agressão e sadismo. Porém o que não explicam é como êsses instintos inatos tanto cresceram no correr de uma geração. E, naturalmente, é estranho que adultos ganhem tanto dinheiro explorando êsses "instintos inatos" em variadas formas de entretenimento.

Eis duas atitudes freqüentemente recomendadas para os pais. Não culpe o seu filho pelo que êle aparenta hoje. Estude, antes de tudo, o estado geral do mundo. Mais tarde, quando o mundo estiver novamente em boa ordem, as crianças poderão crescer perfeitas e sadias.

A outra atitude é exatamente oposta: o pai nada poderá fazer com o mundo atual; deverá, portanto, tentar formar a mentalidade do filho da melhor maneira possível e mais tarde, a criança de hoje recolocará o mundo na devida ordem!

Mas, para começar, o pai precisa deixar de ser um estranho para o filho; precisa ter mais confiança em si mesmo, desistindo de confiar o filho aos "técnicos"; precisa agir de tal forma que permita à nossa sociedade atingir um ponto em que crianças e adultos se encontrem mais intimamente e juntos resolvam seus problemas.

★

Porém os leitores não precisam de conselhos, nem das revelações do "Clube dos Gazeteiros". Por certo têm um lar... E filhos. Os visinhos também os têm, e tôdas as crianças estão sempre brincando juntas. Portanto, cada um dos leitores tem o seu próprio "Clube Infantil" para observar. Por que não ouvem o que dizem? Por que não observam como reagem... em vez de ler o que dizem os "peritos"?

Quando uma criança representa um problema, logo os vizinhos censuram o pai. Outros censuram a própria criança e, finalmente, também aparecem os que censuram a sociedade. Mas, senhores, tudo isso está interassociado! A sociedade afeta a criança através da família e, acreditem ou não, a criança — por intermédio da família — afeta a própria sociedade!

VOCÊ É "BOA

Por

MORTON M. HUNT

Se os calistênicos zombarem do leitor, não dê importância ao que dizem... Aqui está cientìficamente provado que você viverá mais e melhor se preferir... sombra e água fresca!



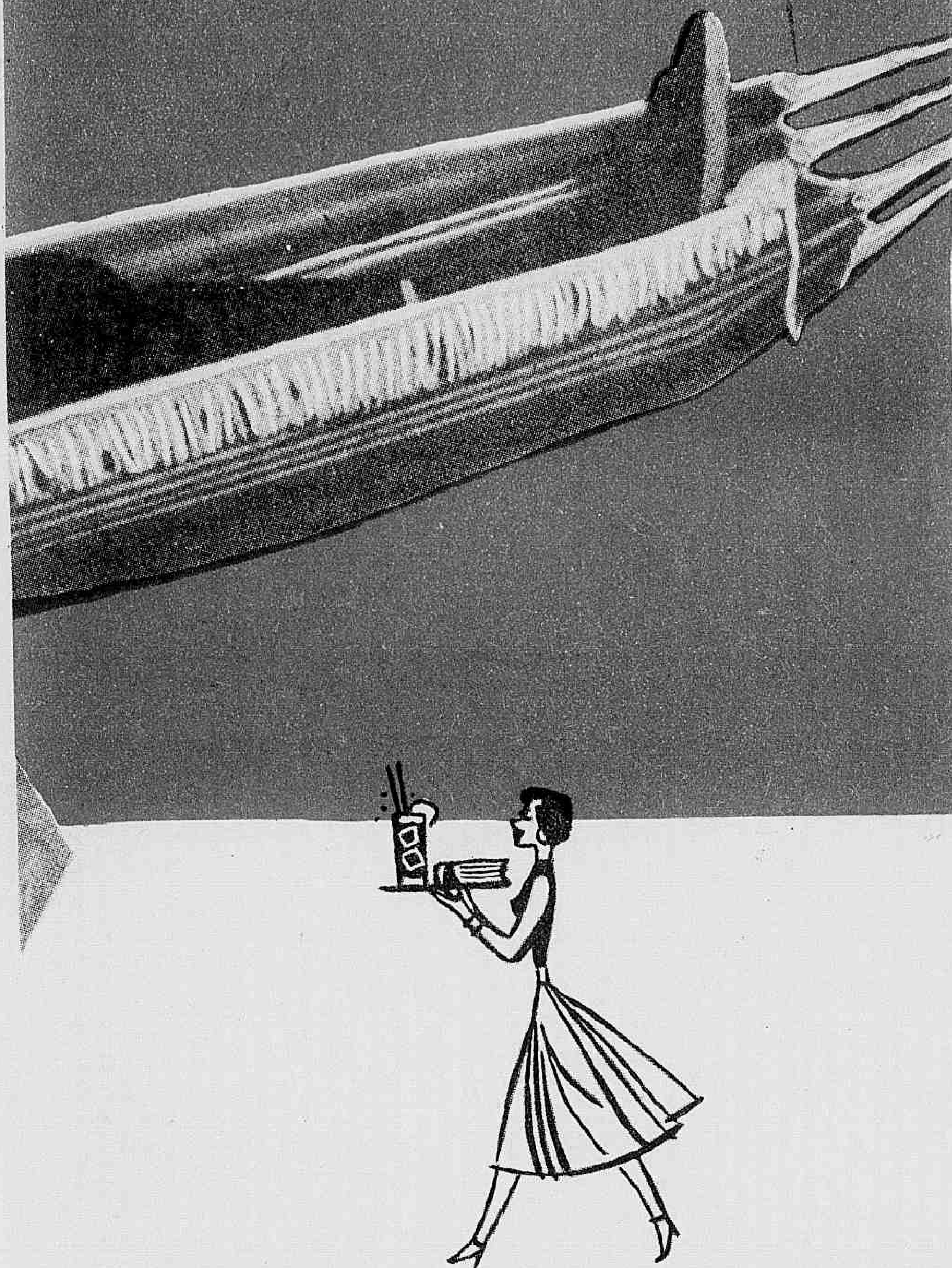
SEGUNDO um cálculo (feito pelo próprio redator, na mesa da redação) aproximadamente 18.000.134 brasileiros vivem atormentados por um sentimento de culpa. Não se trata, porém, de culpa grave, como maltratar um filho, trair a espôsa... Nada disso! Simplesmente muitos indivíduos têm um remorso: o de gostar da "boa vida", recusando até mesmo fazer um pouco de exercício.

Desde os bancos escolares, êsses infelizes vivem dizendo — e ouvindo dizer — e também lendo — que é indispensável ser ativo e fazer exercícios a fim de favorecer a circulação do sangue, ter músculos fortes e coração sadio. Porém, logo que essas mesmas pessoas alcançam um estado de relativa abastança e tranqüilidade de espírito, tornam-se preguiçosas, inimigas do movimento e gostam de ficar calmamente sentadas, observando a atividade alheia — ou nem isso, *para não cansar a vista*. Passam a ser o que costumamos chamar de "um *boa vida*"!

Se o leitor é um dos 18.000.134, aqui estamos dispostos a libertá-lo dessa superstição tenebrosa e medieval, informando que os sábios, depois de prolongados estudos, chegaram a uma conclusão bastante favorável aos que levam "boa vida".

E' claro, não nos referimos ùnicamente ao exercício normal, que cada indivíduo necessita... Porque outras pessoas precisam de um exercício terapêutico especial. Nem estamos considerando o benefício psicológico que o leitor pode obter, batendo com o bastão numa bolinha branca e saindo, depois, tranqüilamente, atrás dela. A verdade, entretanto, é que cada indivíduo, em média geral, vai praticando o exercício de que necessita.

VIDA"?



Os fisiologistas, por exemplo, afirmam que uma caminhada diária de aproximadamente um quilômetro e meio, produz boa compressão muscular, que preserva a elasticidade e vigor dos músculos e favorece o retôrno rápido do sangue das extremidades para o coração.

E quase todo o mundo caminha mais que isso! Mesmo a dona de casa, dentro do seu lar, caminha, em média, nove quilômetros, diàriamente, atendendo aos seus deveres domésticos.

Para muitos adultos, um razoável aumento de atividade — quando os compromissos sociais exigem ou quando o tempo se apresenta claro e firme, convidando a sair — é suficiente. Em todo caso, é melhor do que recorrer aos esforços violentos como subir ladeiras, galgar montanhas, correr, saltar ou mover todos os membros vigorosamente, muitas vêzes contra a vontade e apenas *porque é hora de castigar os músculos...*

O mundo está cheio de atléticos treinadores, hercúleos instrutores e ginastas apolíneos, que vivem afirmando não haver nada melhor do que o exercício para manter sadio o organismo humano. A verdade, porém, é que os médicos e os fisiologistas, pouco a pouco, chegaram a uma diferente conclusão! Embora com certa relutância, admitem êles que os exercícios são, às vêzes, benéficos, algumas vêzes prejudiciais, e, em sua maior parte, não têm qualquer efeito sôbre a saúde do paciente.

Os exercícios físicos, conforme são geralmente praticados — afirma o fisiologista Ernest Jokl, da África do Sul — não melhoram de maneira alguma a saúde do indivíduo.

O Dr. Robert Darling, perito de exercício-e-fadiga da Universidade de Colúmbia, declara com um pouco mais de cautela, que a afirmativa de que "o exercício físico está associado ìntimamente com a boa saúde e a vida longa, é coisa extremamente duvidosa."

"E' verdade que o exercício proporciona fôrças de reserva para as ocasiões de emergência — acrescentou — Mas jamais pude obter provas de outros benefícios!"

MARK TWAIN JA' SABIA

Sem qualquer auxílio da investigação científica, Mark Twain se antecipou, todos êsses anos, ao técnico da Universidade de Colúmbia e a outros cientistas. Segundo afirmaram os seus contemporâneos, Twain dizia que "o único exercício ou esfôrço físico que praticara em tôda a sua vida, fôra ajudar a carregar o caixão nos funerais de seus amigos que, êstes sim, praticavam regularmente a ginástica!" Twain chegou aos 75 anos.

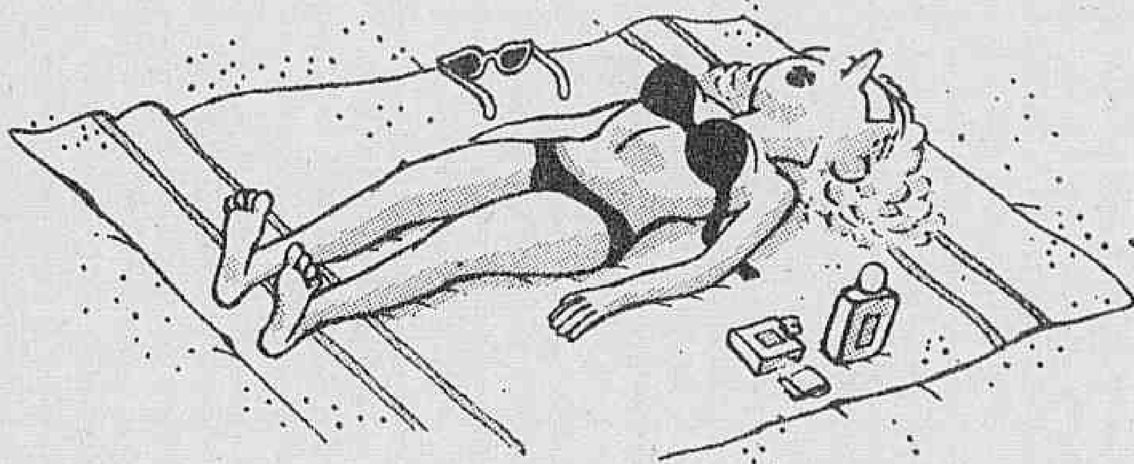
Chauncey Depew também é apontado como tendo dito coisa muito parecida. E viveu até os 94!



Já outros indivíduos opinaram de maneira diferente, afirmando que o exercício faz grande bem ao organismo humano.

Os Nazistas, como é sabido, eram verdadeiros maníacos calistênicos, obedientes a um programa rígido de treinamento físico e desenvolvimento muscular. Já os Norte-americanos democratas era m ligeiramente musculosos, verdadeiros "lutadores de cinema", como se dizia zombeteiramente. Entretanto, êsses "heróis da tela" acabaram revelando ser melhores guerreiros que os seus energéticos adversários alemães.

Por isso, da próxima vez em que algum atlético amigo insistir para que o leitor inicie um plano ginástico, trate de acalmar o seu entusiasmo, com alguns fatos do tipo *"ducha de água fria"*. Diga-lhe, por exemplo, entre outras coisas, que dois médicos do Estado de Indiana, EE. UU., observaram atentamente a marcha da saúde de 18.823 universitários atletas, durante um ano inteiro. E verificaram que os *esportivos* e *dispostos-a-tudo* adoeciam mais vêzes, em doze meses, que os *não atletas*, os que preferiam ficar estirados em rêdes ou sentados, pedindo *"sombra e água fresca"*; os "boa vida", em suma!



NÃO AJUDA A EMAGRECER

E se o mesmo atlético amigo continuar insistindo, a salientar as vantagens da prática do exercício, afirmando, entre outras maravilhas, que o exercício é um processo excelente para combater a gordura, diga-lhe que o que afirma é coisa muitíssimo antiquada e completamente errada. É verdade que o excesso de pêso aumenta as probabilidades do indivíduo ter vida curta.

Mas, ao contrário, se o indivíduo não tem excesso de pêso, tem duas vêzes mais probabilidades para dobrar os 70 do que têm os gordos.

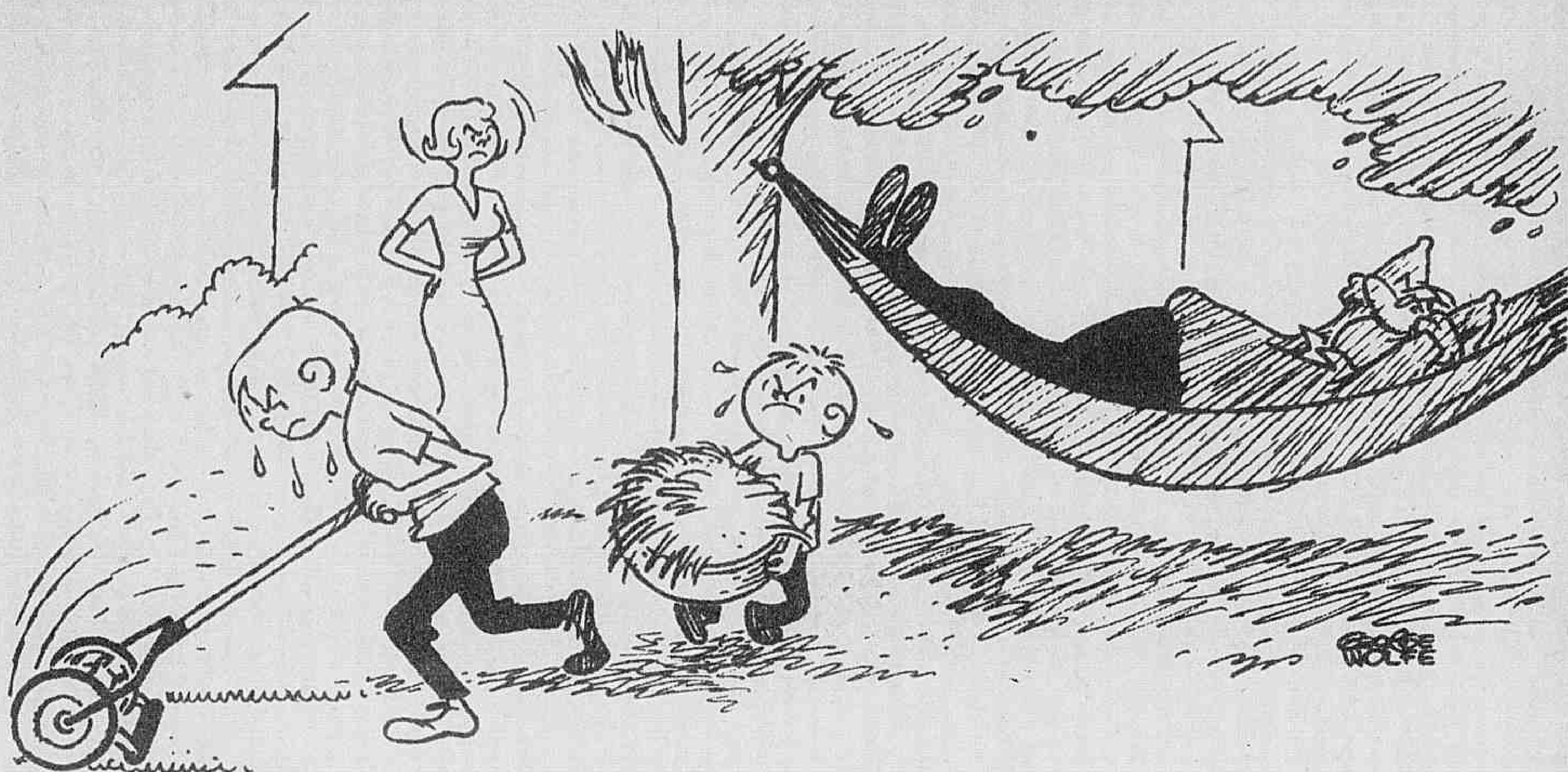
Porém o exercício não é a resposta para isso!

"Para jogar fora energia *extra* que se ganha, comendo um só caramelo — declara o Dr. Peter Steicrohn — um indivíduo teria que caminhar quilômetro e meio; e teria que subir o Corcovado, a pé, apenas para eliminar as calorias conquistadas com a ingestão de um *doughnut*.

"— Só há um meio de engordar! — declara o Dr. Louis Newburgh, da Escola Médica da Universidade de Michigan — *Comer demasiadamente!"*

E, em sentido inverso, os médicos estão hoje inclinados mais e mais a indicar que só há um meio de permanecer esguio: *não comer muito!*

E quando o amigo atlético ficar *groggy* com êsses argumentos dê-lhe o *golpe de misericórdia*. Diga-lhe que os períodos de esforçados exercícios, realizados a intervalos, no correr de uma vida sedentária, podem matar boa quantidade de glóbulos vermelhos do sangue. Diga-lhe, ainda, que êsse exercício produz um lote de ácido lático no corpo do indivíduo, o que é muito útil para os atlétas, que gastam bom tempo treinando, diàriamente. Porém para o indivíduo *não atleta* e que não pode praticar exercícios assiduamente, por períodos superiores a algumas semanas apenas, êsse ácido lático sobrecarrega os tecidos, fazendo o mesmo indivíduo sentir-se fatigado e sujeito a vertigens cuja intensidade e duração podem provocar desmaios,



chegando mesmo a impedir o perfeito funcionamento do cérebro, que poderá ficar "adormecido" por um dia ou mais.

O amigo, entretanto, não se mostrando vencido por tão variados e poderosos argumentos, poderá dizer que, de qualquer modo, um indivíduo atlético tem melhor físico, músculos maiores e mais poderosos, mais fôlego e mais capacidade para correr, saltar e nadar.

Êsse é, aliás, o típico argumento dos "exibicionistas". Até mesmo os mais sérios cientistas têm obrigado indefesos animais a praticar exercícios durante semanas e meses! Depois, triunfantemente, anunciam que o coração, o fígado e o rim estão mais pesados que os dos outros animais que não praticaram êsses exercícios, e que o seu pêso geral aumentou entre seis e oito por cento!

MAS PARA QUE SERVE ISSO?

Aqui está uma boa resposta. Para que serve isso? Quem precisa ter órgãos maiores? De que serve ter mais pêso?

Se o indivíduo é um jogador de *hockey* sôbre gêlo, um coração maior e pulmões maiores serão boa ajuda. Se trabalha num escritório ou simplesmente na rua, êles serão absolutamente desnecessários, não adiantando, portanto, perder tempo para desenvolvê-los.

Já Thomas Jefferson afirmava: *"Os exercícios violentos são maus para o físico e nada ajudam para a formação de um bom caráter."*

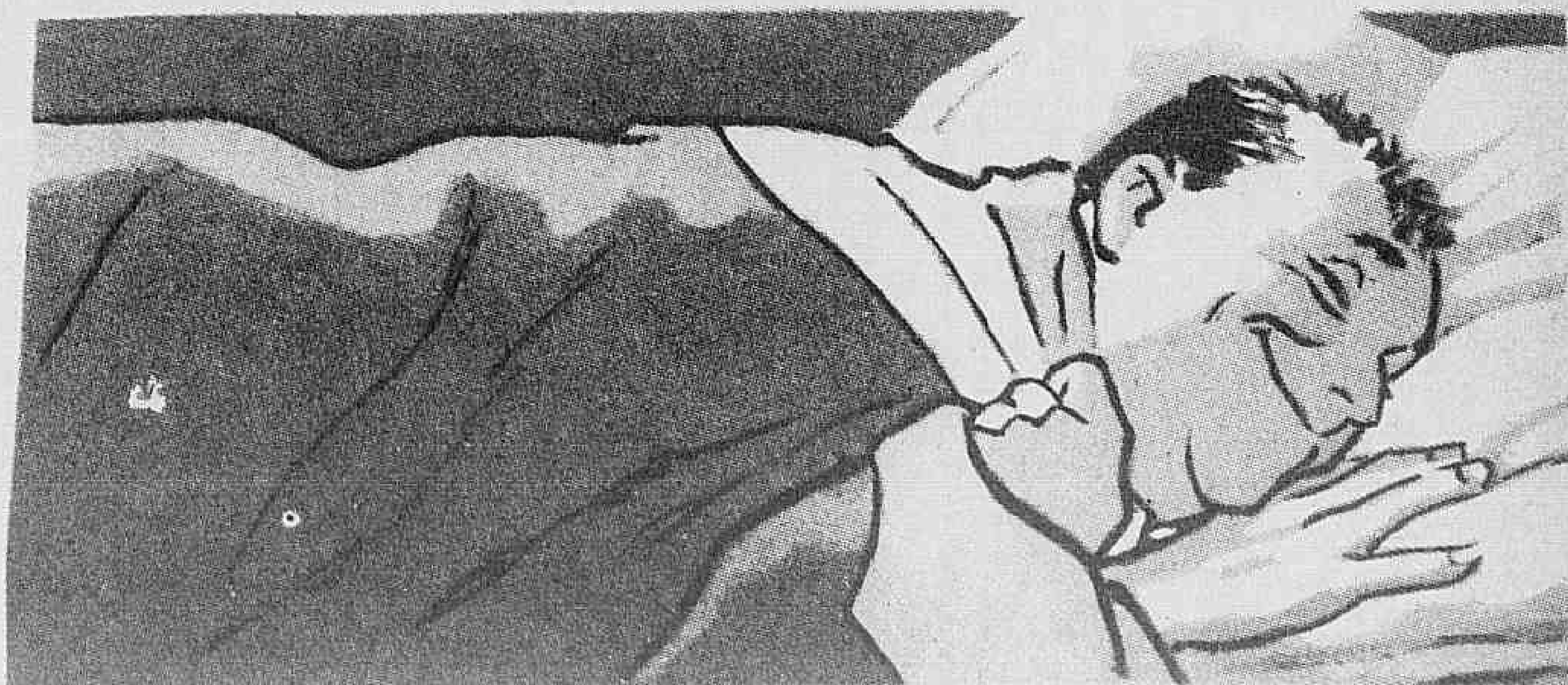
George Nathan, o famoso crítico dramático, era conhecido como intransigente adversário dos exercícios. E gostava de acentuar que a criatura de vida mais longa no reino animal era a tartaruga, que nunca tem pressa e passa quase todo o tempo quieta e na "boa vida".

Não é possível negar que um certo aumento de atividade física nos faz geralmente sentir um estado geral melhor. Também é verdade que exercícios moderados ajudam um convalescente a recuperar a saúde mais depressa do que se continuasse estirado na cama. Porém a ginástica violenta e o treinamento sistemático do corpo, para esforços dispensáveis ou para ganhar maior volume do que é necessário, é verdadeira loucura.

Por isso, caso o leitor se sinta culpado por não poder fazer exercício, pode ficar descansado. Os psicologistas deploram o sentimento de inferioridade que muitos têm por não poder apresentar músculos tão desenvolvidos como os heróis de cinema.

O melhor remédio para isso é dado pelo Reitor da Universidade de Chicago, Robert Hutchins: — *"Quando sinto vontade de fazer exercício vou estirar-me num sofá até que passe a vontade."*

Siga êsse exemplo, leitor. E deixe que o chamem de "boa vida"!





SOLTEIROS E SEMPRE SÓS... Êle pode dever isso a "Mamãe"... Ela a si própria.

A CIÊNCIA SE PREOCUPA COM OS SOLTEIROS

Por E. GIBSON

POR que os celibatários teimam em viver sem um lar? Por que as solteironas não encontram marido? A Ciência começa a preocupar-se e, por isso, os cientistas, em importantes universidades e institutos de pesquisas, realizam exaustivos estudos para encontrar as respostas mais justas. Vamos ver o que encontraram através de uma fórmula de *perguntas-e-respostas.*

SÃO AS SOLTEIRONAS MAIS FELIZES QUE OS CELIBATÁRIOS? — A evidência indica que sim. Embora, em média, a vida das solteironas seja mais curta e menos feliz que a de suas irmãs casadas, mostram-se ao menos mais capazes, ajustando-se mais fàcilmente à vida de solteira do que ocorre com os homens. Estudos em larga escala indicam que as solteironas estão muito menos sujeitas a distúrbios físicos e mentais que os celibatários. Um inquérito realizado junto às companhias de seguro, revelou que, quando um homem perde a mulher que ama, sofre mais, *mentalmente*, que a mulher que perde o seu amado!

POR QUE CERTOS HOMENS NÃO CASAM? AS SOLTEIRONAS, EM GERAL, TIVERAM MUITOS ROMANCES? QUE PODEM FAZER PARA ENCONTRAR MARIDO? AQUI ESTÃO ESPANTOSAS RESPOSTAS, BASEADAS EM RECENTES E VARIADOS INQUÉRITOS!

QUE GÊNERO DE VIDA TEM, EM MÉDIA, A SOLTEIRA? — Para encontrar a resposta, o Dr. Robert Latou Dickinson, sob os auspícios do National Committee for Maternal Health, levou a cabo um estudo entre 1.078 mulheres solteiras e de tôdas as idades. A análise de suas histórias revelou que em sua grande maioria a solteirona vive em casa, encarregando-se quase sempre da enfermagem ou da finança caseira, sendo uma espécie de "carro de socorro" de tôda a família. E' também boa conselheira e confidente. Sua vida, enfim, tende a ser notàvelmente útil tanto em trabalhos como em recreios e atividades sociais.

Em média, a solteirona é mulher bem educada. Mais de um têrço do grupo superior. Em muitos casos, a solteirona trabalhou — ou trabalha — mostrando-se excelente auxiliar, inteligente, ativa e assídua. Uma de cada três solteironas se apresenta pouco ajustada *emocionalmente*; e mais que uma, em quatro, sofrem de alguma incurável desordem nervosa. Apenas 48% dessas criaturas podem ser consideradas de

saúde perfeita, *"pela medida do seu equilíbrio constitucional e estabilidade nervosa"*.

QUE GÊNERO DE VIDA AMOROSA VIVEM, EM MÉDIA, AS SOLTEIRONAS? — O Dr. Dickinson declara, após seus estudos, que um têrço das solteironas mantêm um relativo interêsse pelo amor. A maior parte dêsses romances, porém, acabam de um só modo: o homem se afasta, deixando a mulher amargurada e desiludida.

QUE PERCENTAGEM DE CELIBATÁRIOS E SOLTEIRONAS JAMAIS AMARAM? — A "Duke Medical School" realizou um inquérito com 4.600 rapazes solteiros — de idade variando dos 21 aos 28 anos. Dêsse inquérito ficou demonstrado que 20% jamais tivera qualquer interêsse pelo sexo oposto. Entretanto, entre as solteironas, um inquérito revelou que, de mil mulheres, de tôdas as idades, uma de cada três jamais amara ou fôra amada.

QUAL O EFEITO DO ESTUDO SUPERIOR NAS PROBABILIDADES DE CONTINUAR SOLTEIRO? — Para a mulher, aumenta, realmente, as probabilidades de ficar solteira. Mas, para o homem, o efeito é oposto: diminui as probabilidades de permanecer solteiro.

Um inquérito, realizado pela Universidade de Cornell, com 1.500 graduados, de meia idade, revelou que 93 por cento estavam casados (ao passo que, em geral, os homens casados, na população total, chegam apenas a 83%).

Porém, entre as mulheres de meia idade, também formadas, apenas 65% estavam casadas. As solteironas são, assim, três vêzes mais numerosas entre as "doutoras" que entre as demais mulheres.

QUE ACONTECE COM TÔDAS ESSAS SOLTEIRONAS DIPLOMADAS? QUE FAZEM ELAS? — O mesmo inquérito revelou que 50% dessas solteironas graduadas vão ser professôras, enquanto as demais se dedicam a trabalhos profissionais ou semi-profissionais.

POR QUE, EM GERAL, AS PROFESSÔRAS SÃO SOLTEIRONAS? — Para encontrar resposta para essa pergunta, os investigadores, na Northwestern University, estudaram numeroso grupo de mulheres professôras. Cêrca de 70% eram solteiras. Interrogadas sôbre se prefeririam estar casadas, 3 de cada 4 responderam com um suspirado "sim"!

Um estudo psicológico dêsse grupo de solteironas revelou que os motivos básicos dessa situação eram a própria personalidade e a maneira errada com que encaravam a vida. Quase tôdas tinham três traços característicos em comum:

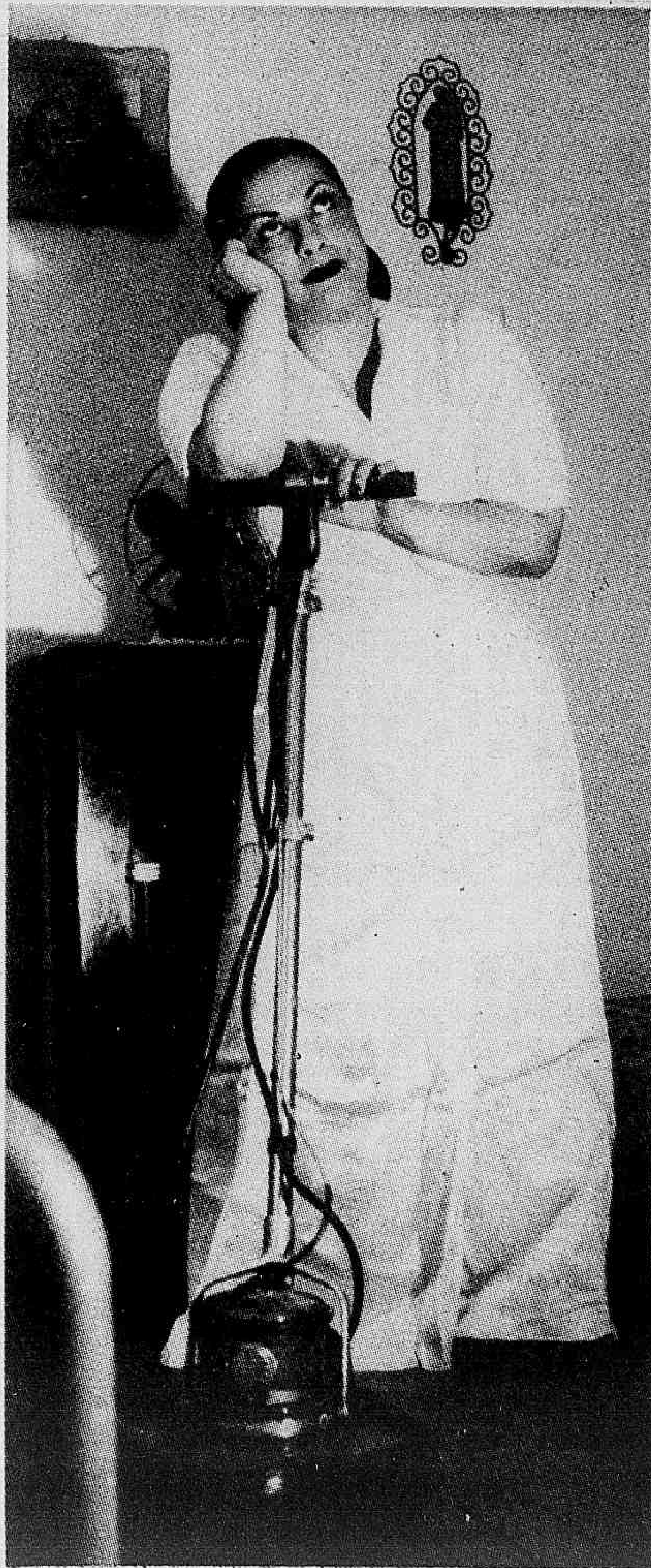
1 — Um invencível sentimento de inferioridade;

2 — Uma dedicação fora do comum à família;

3 — acentuado desajeito de atitudes com relação ao sexo oposto.

EM GERAL, POR QUE AS MULHERES NÃO CASAM? — Há duas razões realmente óbvias: porque *não podem encontrar marido e porque têm aversão ao casamento*! Da mesma forma — como as pessoas que falham no intento de arranjar um amigo ou companheiro — o seu fracasso, provàvelmente, é devido a uma dessas causas — ou a ambas.

Antes de tudo, se aceitarmos as revelações dos inquéritos realizados nas Universidades de Cornell e de Northwestern, muitas mulheres, que não puderam encontrar noivo, têm educação e inteligência acima do normal! Isso, sem dúvida, pode ser um forte obstáculo para encontrar marido, pois que os candidatos, geralmente, fogem das mulheres que se mostram mais inteligentes do que êles próprios. *Porque*



Enquanto Dircinha Batista sonha com um marido para o qual pudesse passar certos "serviços leves" da casa...



Ivon Cury, solteiro teimoso, afirma que é preferível até encerar casa a entregar o pescoço à "forca" matrimonial.

não querem, como homens, ficar em situação de inferioridade! O seu *ego* protesta, recusando ficar num segundo plano junto da espôsa brilhante.

Ao contrário, estudos sociológicos, realizados em grande escala, revelaram que os homens têm acentuada tendência para "casar com gente inferior", procurando escolher espôsas que tenham menos instrução e posição social inferior à dêles próprios.

Segundo: essas mulheres são excessivamente críticas e exigentes na escolha dos candidatos. Têm como idéia fixa acreditar que são *muito melhores do que as outras!* Têm, de fato, muitas oportunidades para arranjar noivo e marido; porém, segundo o professor de psicologia O. Spurgeon, o mais acatado da Inglaterra, "nenhum homem é suficientemente digno e bom para elas". Assim, vão deixando passar as oportunidades, aparentemente esperando que algum prodigioso exemplar masculino, cheio de virtudes e super-capaz, surja algum dia e se jogue aos seus pés!

Porém êsse *príncipe encantado* quase sempre demora — ou acaba não aparecendo jamais — ou, quando aparece, já é muito tarde — *para ela!*

QUANTAS PROPOSTAS MATRIMONIAIS, EM MÉDIA, RECEBEM AS MULHERES? — Não tantas quantas geralmente imaginamos. As propostas de casamento não são feitas, assim, a "três-por-dois". Um inquérito entre uma centena de mulheres, realizado pelo "Institute of Family Relations", demonstrou que, em média, recebem elas um máximo de três propostas. Mas não quer isso dizer que depois de "três tentativas malogradas" a mulher esteja condenada ao esquecimento. Algumas chegam a receber maior número de propostas, registrando-se o caso da que foi pedida quatorze vêzes!

Isso, entretanto, foi em outra época. Hoje os homens estão mais difíceis...

QUE OCORRE COM A MULHER QUE FICA SOLTEIRA... PORQUE TEM AVERSÃO PELO CASAMENTO? — As mulheres dêsse tipo são realmente as *celibatárias irremediáveis*. O têrmo é bastante apropriado porque ficam solteiras pelas mesmas razões que levam certos homens a jamais procurar espôsa. Sua aversão pelo casamento é provocada, geralmente, pelo mêdo das responsabilidades e de prolongada intimidade.

O Dr. Dickinson, após longos e minuciosos inquéritos, concluiu que "a solteira dêsse tipo está ligada por um laço, fortíssimo e incomum, à própria mãe". Para não haver quebra dêsse laço, recusam os candidatos, preferindo permanecer no seio da própria família, no papel de *filha mimada* ou de *grande auxiliar e futura substituta de mamãe* nos cuidados devidos à família (pai, irmãos, criados, etc.).

A aversão pelo casamento pode provocar grave conflito, perturbando profundamente a personalidade da mulher... porque, justamente, vai de encontro ao desejo básico e natural de casar e ter filhos.

O resultado dêsse grave conflito interior poderá ser um desajustamento da personalidade. E êsse desajustamento é grandemente responsável pelo fato de muitas solteironas apresentarem tendências neuróticas.

POR QUE OS HOMENS NÃO CASAM? — O homem que já passou dos quarenta ou cinqüenta sem ter casado, em geral apresenta várias desculpas para essa situação. Não teve tempo para pensar nisso... ou oportunidade... ou não se sentiu com coragem para suportar a vida em comum, etc. Essas "razões" tão alegadas não têm, realmente, nenhuma base.



Greta Garbo, a mais famosa solteirona dos últimos tempos, e cuja vida continua misteriosa...

O Dr. Edmund Bergler, autor de "Conflict in Marriage", fêz um cuidadoso estudo dêsses "solteiros irremediáveis". E chegou a uma conclusão, no que foi imediatamente amparado por outras autoridades na matéria: em muitos casos êsse "solteirão-nato" é um neurótico, e sua aversão pelo casamento é simplesmente um "sintoma da sua neurose".

Como no caso das solteironas, na esmagadora maioria dos casos, a aversão do celibatário pelo casamento é devida a um anormal e neurótico *agarramento* à própria genitora.

A Universidade de Northwestern realizou, não há muito, um grande inquérito entre centenas de solteiros, pertencentes a diferentes classes sociais. Eis, resumidamente, o seu relatório:

O solteiro tìpicamente "filhinho da mamãe" é o que sempre dependeu do carinho e da ajuda maternal, tendo, ao contrário, menor intimidade em suas relações e entendimentos com o pai. O mais claro e familiar exemplo dêsse tipo — declara o professor Robert F. Winch, que orientou êsse vasto inquérito — é o adulto que vive com a mãe viúva ou divorciada e se mostra desinteressado pelos encantos das outras mulheres da sua idade.

COMO AJUDAR A ÊSSES "SOLTEIRÕES NATOS"? — E' possível ajudá-los, realmente, segundo opina o Dr. Bergler — Podem ser ajudados pelo psicoterapista; porém sòmente com a rara condição de que cheguem a compreender que a sua neurose é vergonhosa pelas dificuldades que apresenta — *não pela idade que têm!* Muitos solteirões resistem aos esforços que são feitos para os convencer neste sentido. Esta é mesmo uma *pílula* que o seu *ego* recusa engolir!

OS CELIBATÁRIOS E AS SOLTEIRONAS VIVEM MENOS? — Realmente. Esta é uma verdade importantíssima. Em 1945, o *Census Bureau* dos Estados Unidos publicou um estudo referente a um grupo especificado, de seis milhões de indivíduos. Foi provado que os solteirões não apenas tendiam a viver menos que os casados, mas também que, em média geral, o solteiro tinha mais probabilidades de viver a metade do tempo que o seu irmão casado.

O solteiro é mais dado a arriscar a saúde, mostrando-se da mesma forma menos cuidadoso em caso de vir a adoecer. A tuberculose mata três vêzes mais os solteiros que os casados. Da mesma forma os solteiros morrem mais que os casados dos *males de úlceras*, numa proporção, a mais,





Lizabeth Scott também é solteira (quase solteirona). Mas, com a mania que tem de revólver... assusta os candidatos... Poderá ser uma "Espôsa Pum-Pum"

de 33,5 % sôbre os casados! Enfermidades "assassinas", como podem ser consideradas a pneumonia, os distúrbios do coração e a cirrose do fígado, também ceifam mais os solteiros que os casados.

Ainda as estatísticas revelam que os solteiros morrem duas vêzes mais que os casados, nos vários tipos de acidentes. Os solteiros são mais inclinados a beber em excesso... e a sofrer as conseqüências correspondentes. Também revelam que os homens *sem espôsa* surgem em maioria nos registos referentes a homicídios, suicídios e outros atos de violência.



O empresário Walter Pinto, apesar dos boatos permanentes sôbre o seu "próximo casamento", vai continuar solteirão...

QUE FAZER PARA IMPEDIR QUE O NOSSO FILHO TENHA AVERSÃO PELO CASAMENTO? — As autoridades no assunto estão de acôrdo ao afirmar que os fracassos e complexos que tornam o solteiro alérgico ao matrimônio, podem ser largamente evitados desde que sejam observadas as seguintes regras:

1 — A mãe não deve encorajar o filho a se tornar um eterno dependente seu.

2 — Deve animar o filho a resolver os seus próprios problemas e a ter o que deseja, graças aos próprios esforços.

3 — O pai também pode ajudar, incentivando as relações de franca camaradagem com o filho, participando dos seus jogos e brincadeiras, indo ao futebol ou à pescaria com êle. Deve animar o filho a ter no pai um confidente camarada, em quem possa confiar, seguramente, em qualquer ocasião. Em suma, pai e filho deverão ser bons companheiros. Em caso contrário, melhor será não ter filhos.

4 — Os pais devem dividir, tanto quanto possível e adequadamente, os deveres de educação do filho. Também devem ter igual autoridade em matéria de disciplina. Nada de: *"Se você tornar a trepar nessa janela eu direi a seu pai, quando êle chegar!"*

5 — Os pais não devem lutar, entre si, para conquistar o carinho do filho.

6 — Quando o menino ganha mais idade, deve ser encorajado a organizar as suas coisas e a ter um programa todo seu para os estudos e as atividades. Deverá, também, ser animado a escolher as suas próprias amizades segundo seus gostos e preferências.



O maestro Eleazar de Carvalho também continua solteiro, apesar de dizerem que "está para casar"

COMO PODE A MULHER REDUZIR AS SUAS PROBABILIDADES DE PERMANECER SOLTEIRA? — As mulheres bem podem rezar para que seus pais adotem com elas o que está escrito no parágrafo anterior, pois que o mesmo se presta tanto para o menino quanto para a menina. Mas há, ainda, outras regras, que devem ser observadas.

1 — Se a moça é inteligente acima do normal, não deve procurar impressionar os candidatos com essa qualidade. Ao contrário, essa é uma qualidade que não atrai um homem. Serve apenas para que esfriem em seu entusiasmo... e tratem de dar o fora, temendo ficar em posição de inferioridade (coisa que nenhum homem suporta). Isso, porém, não quer dizer que não devam usar o cérebro! Apenas.... *não devem fazer "exibições" de inteligência!* Não esquecer que o *ego* masculino é muito delicado e não suporta ser sobrepujado pelo poder mental da mulher. E não esquecer, ACIMA DE TUDO, que é a mulher o que êles procuram, *não o seu cérebro!*

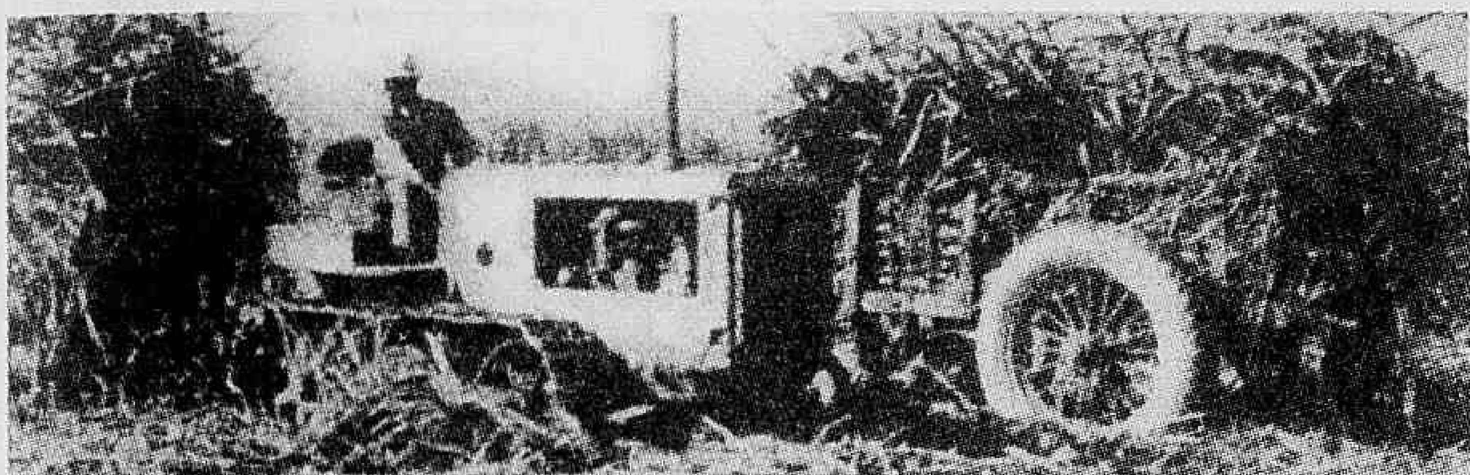
2 — Se a mulher deseja adquirir uma educação universitária, pelo prazer de saber... está muito bem. Mas deverá pensar duas vêzes antes de ingressar numa universidade *só porque ali estão muitos rapazes de brilhante futuro,* sendo, portanto, *bom campo para caçar um marido.* As estatísticas revelam justamente o contrário!

3 — Não deve ser muito crítica e exigente na escolha do candidato. Deve consultar cuidadosamente o coração e a cabeça, antes de fazer uma escolha; mas não esqueçam que *os homens são humanos* e têm, como a mulher, defeitos e qualidades. *O "marido ideal" só existe na imaginação das solteironas que esperam vê-los surgir sob resplandecente armadura e montados em bonitos cavalos brancos...*

TRATAMENTO DAS ÁGUAS PARA CALDEIRAS

ANTES de mais nada convém dizer que ainda não foi ideado um método que dê bom resultado para o tratamento das águas. Com os conhecimentos atuais é possível encontrar um tratamento próprio para quase qualquer água, de modo a evitar as incrustações e a corrosão; mas o problema é de natureza química e o processo a adotar deve basear-se num conhecimento completo das reações que se produzem. Embora alguns preparados comerciais sejam eficazes em determinadas circunstâncias, não existe nenhuma "panacéia" para os males das caldeiras.

O processo mais conveniente para o tratamento da água é torná-la mais fina e agregar à água de alimentação qualquer droga acondicionadora, expulsando o sedimento que se forme por meio de freqüentes e fortes limpezas com jôrro de vapor, ou com preferência, por meio de um aparelho de jôrro de vapor contínuo.



1 — *Incrustações causadas pelo óleo* — Uma capa de óleo em contato com a superfície de aquecimento é equivalente em potência isoladora à de uma incrustação de espessura dez vêzes maior. A colocação de separadores de óleo eficazes nos tubos de escape de vapor deverá produzir bons resultados. Também se tem usado com êxito filtros de areia, bagaço e serradura. Os óleos minerais puros são mais fáceis de separar do vapor que os óleos muito carregados.

2 — *Incrustações causadas por precipitados das soluções* — A incrustação que causa mais inconvenientes é a de sulfato de cálcio. Sua formação pode evitar-se acrescentando carbonato de sódio; mas êste processo não é recomendável porque o ácido carbônico que se forma quando há ácidos (por exemplo, os provenientes do açúcar arrastado) causa corrosão nos tubos. O objetivo principal ao evitar a formação de incrustação é produzir um sedimento que saia com o jôrro de vapor de limpeza. Os precipitados de fosfato permanecem em suspensão na água da caldeira até que vão ter ao coletor de lodo, de onde se podem remover periòdicamente. O fosfato trissódico é um agente acondicionador muito eficaz porque o radical PO^4 precipita quase completamente o cálcio. Os sais de sódio formados pela dupla decomposição ficam em dissolução.

Para evitar as incrustações de silicatos, o fosfato é extremamente eficaz, pois dissolve até a incrustação de silicato.

O fosfato deve encontrar-se em quantidade pouco maior que o necessário (de 4 a 5 partes de PO^4 por 100.000) para fazer face às adições repentinas de água de muito conteúdo de cálcio, magnésio, ferro e outros sais. A solução deve ser alcalina de modo a permitir a precipitação dos fosfatos insolúveis.

3 — *Corrosão ácida* — E' necessário determinar freqüentemente o pH da água nas caldeiras. O pH deve manter-se entre 8 e 10, dependendo da pressão que se mantenha nas caldeiras. Para uma pressão de 100 a 150 libras por polegada quadrada é próprio um pH de 8,5 a 9,5.

Se as adições de fosfato trissódico forem insuficientes para manter a reação desejada, ou nos casos em que é desnecessário usar êste reativo, pode manter-se o pH acrescentando soda cáustica à água de alimentação das caldeiras.

E' importante notar que o pH da água de alimentação não é indicação alguma da reação nas caldeiras. Raras vêzes o pH pode aumentar em concentração nas caldeiras; antes pelo contrário, pois geralmente diminui, devido à decomposição de matérias orgânicas (p.e., açúcar) em produtos ácidos.

A quantidade de álcali necessária para manter o pH dentro de limites convenientes depende muito da quantidade de açúcar que se permita introduzir nas caldeiras. O uso de licor de condensação proveniente do segundo vaso do evaporador recomenda-se de preferência à água natural; e se se usar todo o vapor condensado e esta quantidade de vapor condensado, o conjunto deve bastar para a alimentação de caldeiras, deixando para imbibição o licor dos vasos terceiro e quarto.

Não há, ainda hoje, um método satisfatório para determinar a tempo a presença de açúcar na água de alimentação das caldeiras. Os ensaios freqüentes, e até aquêles feitos a tôda hora com alfanatol, deixam muito a desejar; o primeiro sinal da contaminação da água de alimentação é geral-

mente um cheiro característico no vapor. As melhores proteções contra a entrada do açúcar nas caldeiras consistem em que as superfícies de aquecimento da sala de concentração se encontrem em bom estado, e uma atenção cuidadosa ao funcionamento dos evaporadores.

Está-se estudando o uso de aparelhos de condutividade e relevadores foto-elétricos para descobrir imediatamente a presença de matérias estranhas nos líquidos de condensação; mas os resultados obtidos até agora não têm sido prometedores.

4 — *Oxidação* — Mesmo nas soluções alcalinas nota-se freqüentemente a corrosão nas superfícies de aquecimento das caldeiras. Esta corrosão pode ser de natureza mais ou menos séria, dependendo da proporção de água natural usada para reposição, e deve-se à presença do oxigênio dissolvido. O simples recurso de ferver a água em vaso aberto antes de a introduzir nas caldeiras contribui muito para evitar êste tipo de corrosão. A alternativa de acrescentar pequenas quantidades de bisulfito de sódio à água de alimentação resulta igualmente eficaz.

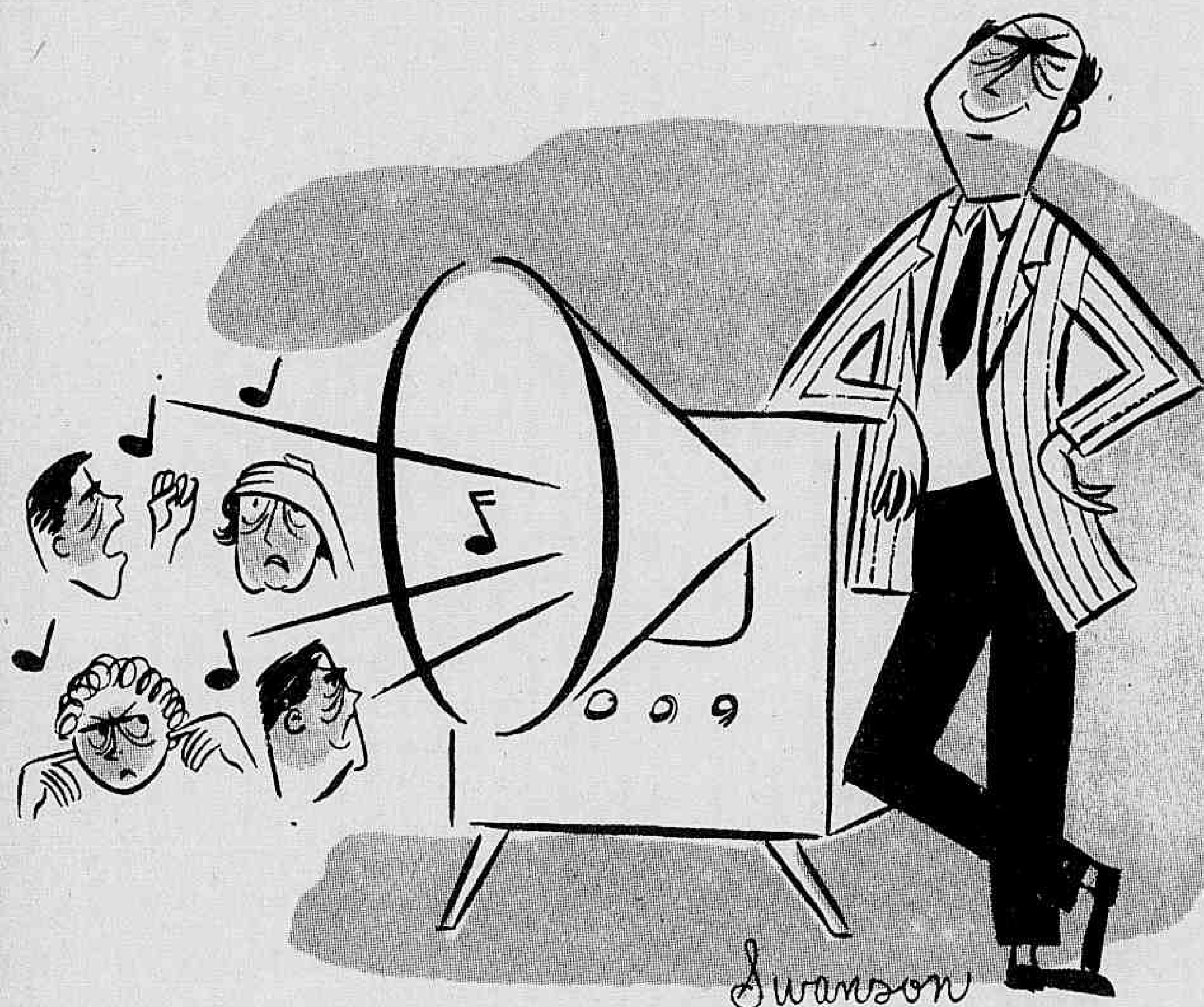
5 — *Formação de espuma* — Isto provém geralmente do excesso de concentração do sal, e pode se remediar esvaziando e limpando a caldeira com vapor. Também pode provir da presença de fledo ou açúcar, particularmente êste último é seguido por uma adição rápida de álcali.

H. B. SPRINGER

*

A "BOA RESPOSTA" DO MÊS

PORQUE tôdas as paredes das casas recentemente construídas, pelo govêrno, para os veteranos da guerra, eram quase tão finas como fôlhas de papel... e alguns veteranos continuavam a sofrer dos "nervos", todos os residentes do novo bairro tinham, tàcitamente, concordado em que os ruídos do rádio, do fonógrafo ou da televisão, assim como quaisquer outros, cessariam às dez horas da noite. Todos respeitavam êsse acôrdo... até que os Smythes passaram a morar numa das casas.



Smythe fôra nada menos que major, durante a guerra e, quando êle e a espôsa souberam que os vizinhos não tinham passado de *tenentes* e *capitães*, sentiram-se como "senhores do bairro" ou como se Smythe tivesse voltado para o Exército! Eram *importantes* e como tal faziam o que bem entendiam. E entre outras coisas, *deixar o rádio ligado e muito alto até depois de uma hora...* quando podia ser ouvido até dos prédios mais distantes!

Delicadas referências ao "silêncio das 10 horas" não tiveram qualquer efeito sôbre os Smythes.

Um belo dia, um certo casal convidou muitos vizinhos — inclusive os Smythes — para um *cocktail-party*. Depois de recebidos e apresentados aos demais convidados os Smythes foram conduzidos a uma pequena sala e, ali chegados, com outras pessoas, ouviram a dona da casa dizer:

— Esta é a nossa sala de música...

— Sala de música? — observou Smythe — Mas... não vejo qualquer instrumento musical aqui!

— Não, realmente! — replicou a dona da casa, sorrindo — *Mas é daqui que ouvimos melhor o rádio da sua casa!*





Clifton Fadiman

Quem são êles?

Por CLIFTON FADIMAN

"O pior pecado que podemos praticar contra os nossos semelhantes não é odiá-los, mas permanecer indiferentes à sua sorte; porque essa é a própria essência da desumanidade!"
GEORGE BERNARD SHAW

★

SÓ, nenhum homem poderá salvar-se. Só, isolado, nenhum homem poderá encontrar o próprio rumo e encontrar-se a si mesmo! Só, em sua ilha, Robinson Crusuoe era, mèramente, um animal engebinson Crusoe era, meramente, um animal engeser um Homem!

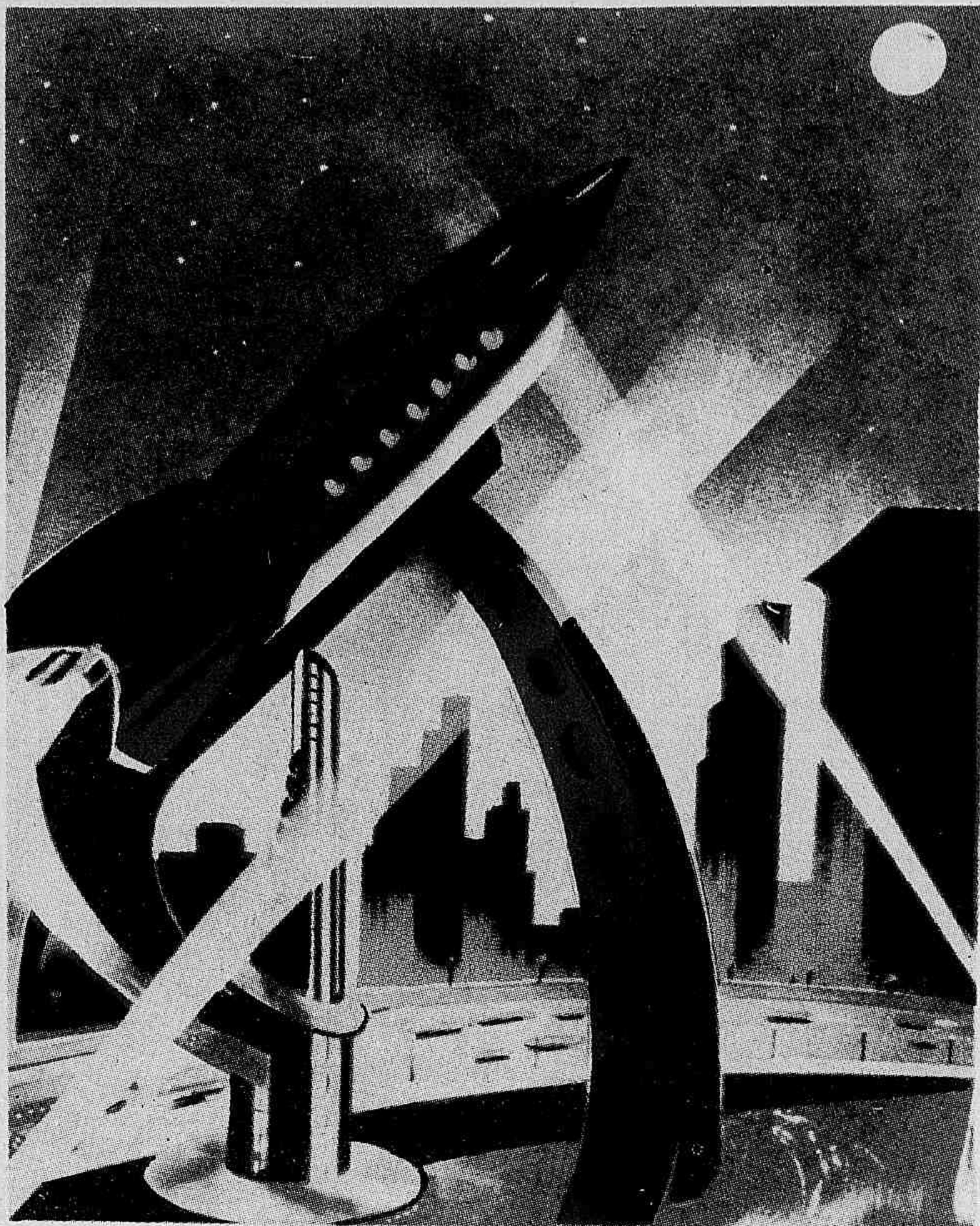
Não podemos, é verdade, amar a todos os nossos semelhantes, a não ser em uma forma mais que abstrata. Porém podemos — ao menos — não ser indiferentes à sua sorte. Podemos ser mais atenciosos; podemos procurar, sempre, aumentar o número de nossos amigos...

Que vem a ser, afinal, *Civilização?* Sem dúvida, significa o esfôrço do homem no sentido de fugir do seu original estado de brutal isolamento e de indiferença. E' a ponte que um homem galga a fim de entrar em contato com outro homem!

Êsse sentido de contato, de conexão, é como um músculo. Não sendo usado, perde volume e desaparece. Ao contrário, se submetido a exercício e uso constante, cresce. Olhemos para o primeiro indivíduo de rosto estranho que sentou bem à nossa frente, num trem, na sala de espera de um teatro, etc... Mas OLHEMOS realmente para êle! Por trás dos olhos dêsse desconhecido, está uma vida inteira, tão complicada, tão misteriosa como a nossa.

Se, por um rápido instante, pudermos sentir a pressão dessa vida, teremos realizado êste grande milagre: *conquistado um novo amigo!*

MARTE



Em menos de dez anos estaremos fazendo viagens ao planêta Marte, em foguetes como êsse que vemos no clichê. A primeira viagem talvez necessite de duas semanas para ser completada.

Por GORDON MUEHLLER

POUCOS meses atrás, um astrônomo japonês, Tsuneo Saeki, viu através do seu telescópio, o que considerou um fenômeno e que, por diversas razões, vem trazer a prova absoluta de que o planêta Marte não só suporta vida, mas também que essa vida é de ordem altamente inteligente — talvez muito mais inteligente do que somos aqui na Terra!

O astrônomo Saeki, que é um dos membros mais destacados da équipe do Observatório de Osaka, próximo de Tóquio, estava observando o rubro planêta quando, ao se aproximar a quarta hora da madrugada de 16 de janeiro, viu surgir o que lhe pareceu ser uma enorme nuvem em forma de cogumelo, subindo da superfície do planêta observado. A nuvem — ou coisa parecida — assumiu dimensões colossais — uma altura de aproximadamente sessenta milhas e um diâmetro não inferior a novecentas milhas.

A mesma nuvem era muito mais larga do que qualquer outra produzida por uma explosão atômica na Terra. No caso de ter ocorrido o fenômeno, por exemplo, em Goiás, estender-se-ia até Belo Horizonte e num círculo equivalente a essa distância do centro da explosão, cobrindo portanto uma área realmente gigantesca.

O astrônomo Saeki observou a nuvem misteriosa durante mais de meia hora, até que as condições meteorológicas da Terra, tornando-se más, impediram a continuação dêsse exame.

Na noite imediata o fato tornou a ocorrer, desta vez, porém, observado por outros astrônomos da área ocidental do Pacífico. E êsses observadores foram unânimes em declarar que a nuvem observada fôra causada por uma *terrível explosão.*

Ora, devido ao fato de que existe ligeira atividade vulcânica em Marte, a possibilidade de tal nuvem ter sido causada por uma convulsão da Natureza devia ser imediatamente recusada.

Que terá queimado em Marte numa explosão mais furiosa do que a causada por tôdas as bombas atômicas combinadas? Os astrônomos passaram a questão para os sábios da física nuclear e êstes hesitam, sem saber que causa apontar com segurança, pois as hipóteses já emitidas vão desde o lançamento de um veículo interplanetário até uma experiência de explosão nuclear cem vêzes mais poderosa do que as já realizadas pelos Norte-americanos. E há, ainda, os que afirmam que essa experiência nuclear dos marcianos redundou em tremendo desastre, que houve êrro de cálculo, e que tudo saiu muito maior do que êles próprios desejavam.

Enfim, sòmente hipóteses...

Mas, recentes progressos nas ciências físicas revelaram que as viagens interplanetárias são possíveis. Estamos, de fato, vencendo os obstáculos surgidos para a obtenção de uma fôrça adequada, ressalvando os problemas metalúrgicos e também os da sobrevivência num ambiente de vácuo total, onde a temperatura é simplesmente intolerável pelo organismo humano.

Segundo os cálculos — otimistas — de muitos engenheiros e outros

É REALMENTE HABITADO!

homens de ciência, dentro de dez ou quinze anos, estaremos explorando todo o sistema solar em viagens periódicas.

Todos os demais planêtas — com exceção de Marte — parecem incapazes de suportar qualquer forma de vida mesmo de longe lembrando qualquer das conhecidas na Terra. São tão frios que o oxigênio — se existe algum — deve estar liquidificado, enquanto sua atmosfera é como verdadeiro mar de metânio e amônia.

Em Marte, entretanto, existe vida tanto animal quanto vegetal, segundo os maiores astrônomos afirmam e atualmente se procura provar.

Ainda em março último, o Dr. W. E. Duckwall, escrevendo para o "Popular Astronomy", fêz a seguinte e formal declaração:

"Que em Marte há vegetação exuberante, não pode haver dúvida, pois *é coisa que podemos ver!*

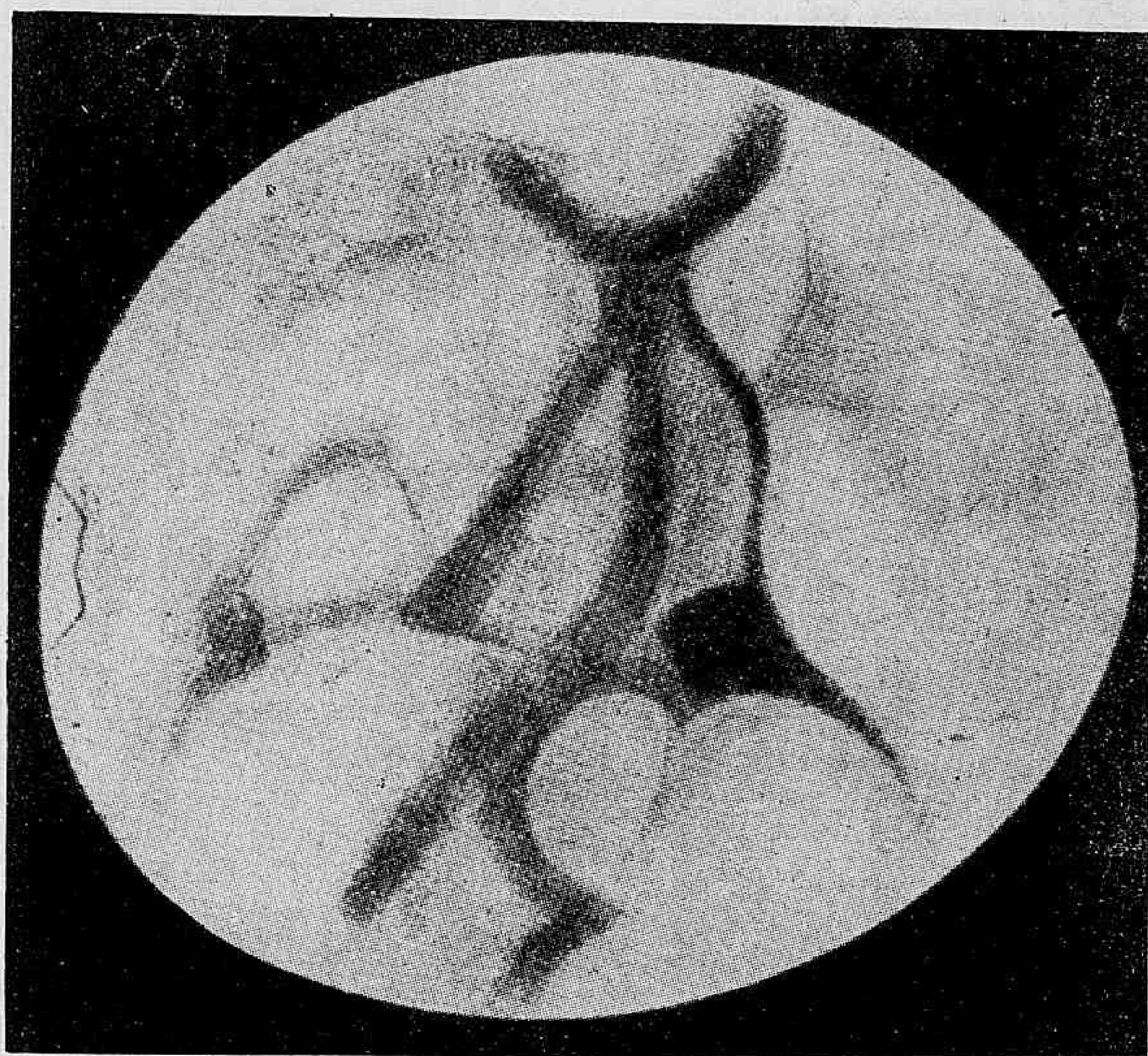
"O grau de variedade entre as formas de vida é, provàvelmente, menor do que na Terra, e a evolução deve ser muito mais rápida, razão pela qual existem poucas raças, porém com alto nível de desenvolvimento...

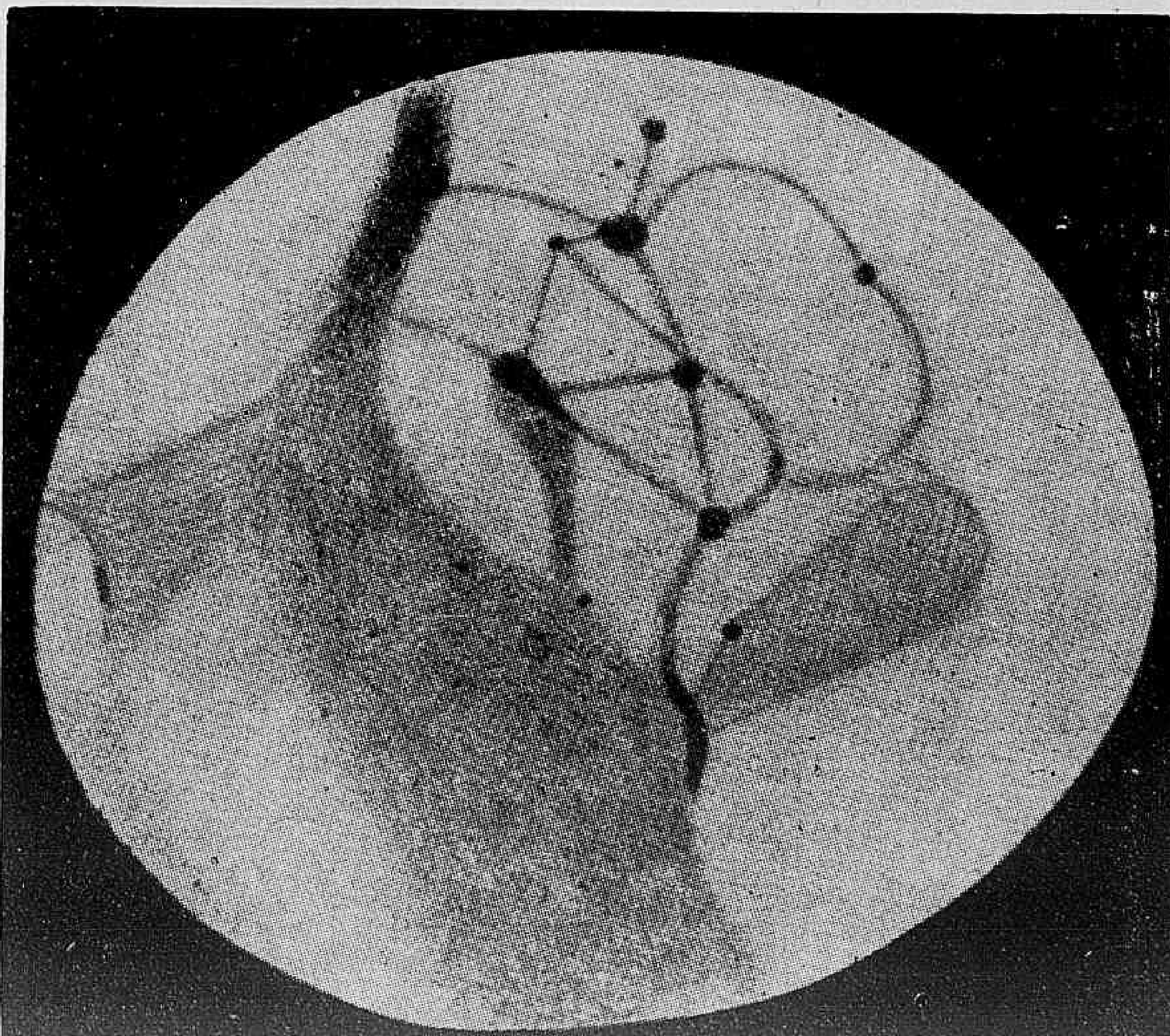
"Essa raça (dominadora) poderá não ser semelhante à do homem, embora não muito diferente..."

O Dr. Duckwall apresentou inúmeras teorias referentes ao planêta Marte, tôdas aceitas como verdades pelos círculos astronômicos, durante muitos anos. Recentemente repeliu a teoria muito divulgada de que Marte, em razão da sua grande distância do Sol, devia ser um "planêta refrigerado". Realmente, salientou o fato de que, enquanto Marte recebe sòmente pouco mais de quatro décimos de luz solar por metro quadrado de solo, em comparação com o que recebe a Terra, em compensação cêrca de três quartos dessa radiação chega à superfície dêsse planêta, ao passo que apenas um quarto do total da luz solar atinge a superfície da Terra!

Essa disparidade é devida à muito maior densidade da atmosfera terrestre, a qual age como isolador e refletor de grande quantidade da energia do Sol. O Dr. Duckwall calcula que essa re-radiação não sendo muito grande podemos, com absoluta segurança, afirmar que a média anual da temperatura em Marte é tão alta como a nossa — *e talvez mais!*

Grandes autoridades no assunto aceitam a teoria de que Marte tem formidáveis extremos de temperatura, mediando, talvez, de 80 graus (nos desertos equatoriais, no verão) até 50 graus abaixo de zero (nas regiões polares, em pleno inverno).







Os Canais de Marte são hoje considerados como obra dos... Marcianos!

Está já agora plenamente provado que Marte possui essas duas coisas essenciais à vida que conhecemos: *oxigênio e água.*

Recentemente, o Dr. W. H. Wright, do famoso Lick Observatory, em artigo para uma revista técnica, afirmou que a atmosfera marciana tinha considerável profundidade — talvez 100 milhas; pôde êle chegar a êsse resultado fotografando o planêta por meio da luz infra-vermelha, que atravessa a massa atmosférica e, a seguir, por meio da luz ultra-violeta, que é detida pela atmosfera. A diferença nas formas dos discos deu a medida aproximada da espessura da atmosfera, de acôrdo com a escala do método empregado.



O autor do presente artigo, Gordon Muehller, é conhecido astrônomo e pesquisador dos mistérias de Marte.

E, provàvelmente, a atmosfera marciana é agora muito profunda!

Recente observação espectroscópica também revelou que a atmosfera marciana contém cêrca de cinco por cento do total de vapor de água encontrado em nossa própria atmosfera e cêrca de um por cento de oxigênio.

Embora essas quantidades possam parecer lamentàvelmente pequenas para a nossa forma de vida, devemos lembrar que em Marte, com sua muito menor fôrça de gravidade, o total do esfôrço físico exigido para andar ou realizar algum trabalho é... sete vêzes menor!

Desde que a densidade atmosférica é mais ou menos a equivalente a uma altitude de 13 milhas, na Terra, é bem provável que os humanos possam respirar o ar marciano sem o uso de máscaras de oxigênio ou roupas especiais, como para a travessia do espaço. Talvez não necessitem de outra coisa senão de roupa isoladora a fim de se proteger contra os extremos rigores de frio e de calor. Durante muito tempo foi afirmado que as brilhantes e brancas capas polares, de Marte, não eram formadas de gêlo, mas *de alguma outra substância,* talvez dióxido de carbono congelado. Segundo o Dr. Seymour L. Hess, do Lowell Observatory, essas capas, pelo que foi observado com relação à temperatura da sua superfície, deviam ser mesmo gêlo e não dióxido de carbono.

"— Parece ser agora permitido afirmar, após uma tal evidência, que alguma quantidade de água está presente na superfície e na atmosfera de Marte"... — concluiu o sábio. E, realmente, isso foi duplamente verificado pelas análises espectroscópicas já mencionadas. Mais que isso, acaba de ser provado que a côr esverdeada da vegetação marciana é devida à presença da clorofila, a mesma substância que dá a côr verde a tôda a nossa vegetação. E por mais espantoso que possa ser, *Marte provàvelmente possui mais vegetação que a Terra,* se considerarmos as dimensões das duas áreas cultiváveis.

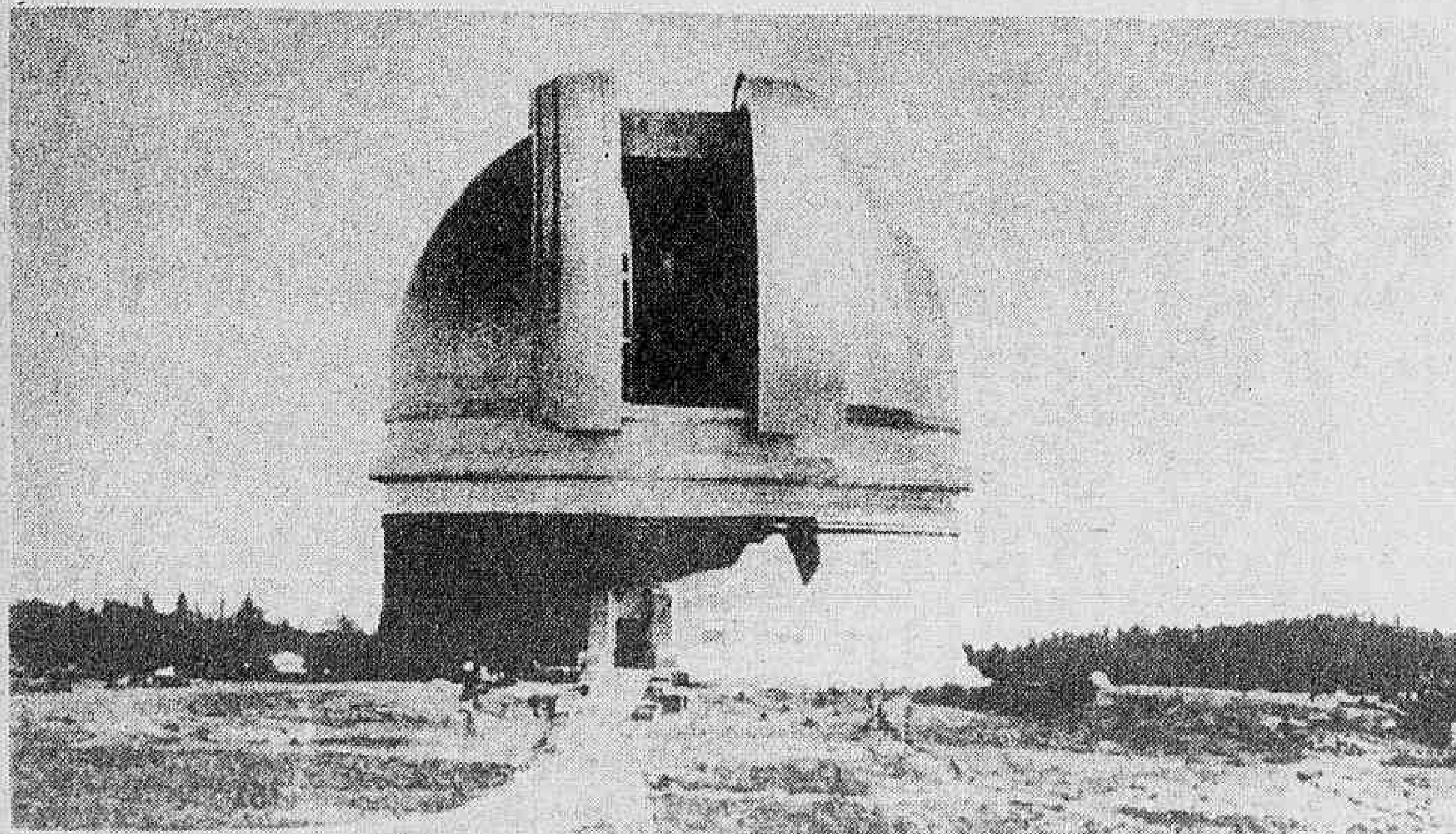
A atmosfera marciana contém quase o dôbro de dióxido de carbono concentrado — que é o que respira a planta — do que é encontrado na Terra.

★

Mais espantoso ainda: a existência dos famosos *canais de Marte* — que provocaram as maiores discussões entre os sábios e os leigos, muito mais do que qualquer outro fenômeno celestial — acabam de ser reconhecidos como coisa certíssima!

E, na realidade, êsses canais, que por si sós chegariam para provar a alta inteligência dos Marcianos, foram "descobertos", em 1887, pelo astrônomo italiano Schiaparelli.

Mas as discussões se prolongaram. Os canais, caso existissem, seriam prova positiva da existência de uma grandiosa civilização em Marte! Essas estranhas linhas alongadas que sòmente podiam ser observadas quando a





O grande telescópio de Monte Palomar, que poderá acompanhar o foguete durante todo o trajeto a ser percorrido.

turbulência da atmosfera terrestre e a sua grande espessura o permitiam — em curtíssimos intervalos — cobriam o planêta, de pólo a pólo, como as malhas de uma teia de aranha. E tão certas como os meridianos de um mapa! Às vêzes, surgiam em duplas, como os trilhos paralelos de uma linha férrea. Assim prosseguiam, algumas, por milhares de milhas de comprimento! De outras vêzes, umas oito ou dez dessas linhas convergiam para um único ponto.

"— Êsses canais — escreveu o Dr. William H. Pickring — são de tal forma longos e estreitos, retos e uniformes que parecem artificiais. *E, se são artificiais, é certo que seus construtores possuem um conhecimento da trigonometria esférica.* E também é verdade que nossos progenitores não poderiam construir uma estrada com mais de 3.000 milhas de comprimento e perfeitamente reta!"



Os técnicos da "British Interplanetary Society" desenharam essa roupa para ser usada pelos viajantes interplanetários.

Duas dificuldades impediram, durante mais de cinqüenta anos que a existência dêsses canais fôsse absolutamente provada. Uma delas porque os canais só podiam ser observados muito de leve e em circunstâncias favoráveis... e raras! Muitos astrônomos que repelidam a idéia de existência de vida inteligente em qualquer outro planêta além da Terra, literalmente recusaram tentar ao menos ver êsses canais, alegando que *os olhos estão sempre sujeitos a truques de visão, quando procuram ver objetos além do real limite da visão.*

A outra dificuldade estava em que os filmes fotográficos eram ainda imperfeitos para poder captar linhas tão distantes e tão finas. Mesmo quando o Dr. Lowell afirmou, em 1905, haver finalmente conseguido fotografar os canais, muitos outros astrônomos confessaram sua incapacidade para ver as anunciadas linhas em suas fotografias.



O casamento é o elo que a esperança embeleza, que a felicidade conserva e que a desgraça fortifica. — ALIBERT.

ARQUEÓLOGOS REVELAM...

NÃO é possível falar das investigações arqueológicas dos desertos da Arábia, sem evocar a figura de um grande aventureiro contemporâneo: o célebre coronel Lawrence.

Antes da primeira guerra mundial, as explosões que impediram a construção do "B.B.B." (Berlim-Bagdad-Bahn) — a estrada de ferro Berlim a Bagdad — coincidiam com a presença — não distante da grande via — de *um jovem "arqueólogo" inglês que procurava os vestígios da civilização hitita.*

Era Lawrence!

Mais tarde foi chamado, com muita razão, "Rei sem coroa da Arábia". Foi o primeiro artífice da vitória dos aliados no Oriente Próximo, novamente ameaçado pelo espectro da guerra naqueles desertos onde, através das "pipe-lines", corre o petróleo, que é o sangue das guerras.

OS SEGREDOS DAS RUÍNAS DE MAREB

A expedição subvencionada pela Fundação Americana para o Estudo do Homem, que agora percorre o Yemen, não se interessa nem pela guerra moderna nem pelo petróleo. Pretende apenas arrancar das ruínas de Mareb, antiga capital do reino de Sabá, os segredos da lendária rainha Balkis.

O jovem arqueólogo norte-americano, Wendell Phillips, o professor Albert Jamme, da Universidade de Louvain, (Bélgica) e seus companheiros, obtiveram do rei Ahmed, Iman do Yemen, uma autorização para fazer excavações sistemàticamente nas ruínas de Mareb. A antiga capital da rainha de Sabá se encontra nos areais do nordeste de Sana.

O francês Arnaud foi o primeiro, em 1843, a entrar em Mareb. Daquela poderosa cidade pouco sabemos. A última missão européia, que ali pôde penetrar, em 1876, limitou-se a traçar alguns planos superficiais.

Em 1933, o escritor francês Andrés Malraux — que, sem dúvida, abjurou do comunismo, sendo atualmente um dos mais ardorosos propagandistas do programa do General De Gaulle — voou sôbre Mareb e os desertos que a rodeiam. Trouxe dessa excursão, excelentes fotografias e uma reportagem das mais brilhantes, publicada pelo jornal parisiense *L'Intransigeant.*

Porém as descrições de Malraux, desfiguradas pela imaginação do novelista, tinham um caráter fantástico, pouco compatível com a realidade científica, sendo por isso mesmo, embora literàriamente brilhantes, de escassa utilidade para a arqueologia.

Em 1949, Mr. Phillips seguiu o exemplo do novelista-arqueólogo francês, sobrevoando cêrca de dez mil quilômetros quadrados das regiões desérticas — em sua maior parte inexploradas — onde afirma haver "descoberto tesouros arqueológicos".



SALOMÃO RECEBE A RAINHA DE

SEGREDOS DA

TIMNA, A CIDADE DOS 40 TEMPLOS

Entre êsses tesouros está a antiga cidade sagrada de Timna, que Plínio chamou "a cidade dos quarenta templos".



SABÁ' (Gravura de Gustave Doré)

RAINHA DE SABÁ

A expedição atual se propõe visitá-la dentro de alguns meses. Por agora, todos os seus esforços se concentram em Mareb.

Dias passados, depois dos primeiros trabalhos, Mr. Phillips fêz as seguintes declarações:

"As ruínas da antiga capital estão sepultadas sob uns vinte metros de areia. Descobrimos edifícios superpostos de construção diferente, o que demonstra que Mareb foi reconstruída várias vêzes.

"Algumas dessas ruínas se elevam ainda acima da areia, entre elas o templo da Lua, do qual estão — umas tombadas, outras ainda de pé — bem conservadas algumas belíssimas colunas quadradas, com mais de dez metros de altura.

O professor Jamme pôde decifrar certas inscrições, que indicam ser êsse um dos templos dedicados à Lua. Ao lado estão as ruínas do templo dedicado a Balkis, construído em forma de ferradura."

A VISITA DE BALKIS A SALOMÃO

Como se verifica, os ventos do deserto não puderam apagar completamente três mil anos de história, nem desfiguraram o rosto maravilhoso da rainha de Sabá, tal como a representaram em seus quadros Veronese e Rafael, no Vaticano e, mais tarde, envolta num halo de luz dourada, Claude Lorrain.

Também na Escritura ficou a recordação da famosa viagem que a rainha de Sabá fêz a Jerusalém, a fim de visitar Salomão, filho de David; viagem cujos motivos não foram jamais explicados pelos historiadores de uma maneira satisfatória. Tudo o que se sabe é que a poderosa rainha, atraída pela fama do rei Salomão, desejou conhecer êsse grande rei; foi ao seu palácio e presenteou-o com perfumes, pedras preciosas, ouro... abrindo-lhe também seu coração.

Salomão, por sua vez, ficou fascinado pela beleza física e o espírito enigmático de Balkis. E dizem que daquela entrevista, cuja cena foi perpetuada pela pintura e pela música, nasceu um filho, do qual descenderam os primeiros reis da Etiópia.

Pretendem outros mais que os primeiros sinais de decadência, indícios da queda do império hebreu e do cisma das doze tribos, datam, justamente, daquela visita da rainha de Sabá.

Se Salomão impressionou vivamente a rainha, a beleza e o encanto desta comoveram tão profundamente ao rei sábio, que deixou de sê-lo e sucumbiu às seduções das mulheres orientais.

E' digno de imaginar-se o regresso de Balkis, com a sua caravana carregada de presentes, que lhe fizera o poderoso monarca. Só, entre os seus guerreiros e escravos, a soberana regressa para o seu país, através dos desertos, onde, passado algum tempo, ficaram enterrados sua cidade, seu templo e até o seu nome: êsse nome, o professor Jamme acaba de decifrar numa pedra roída pelos séculos.

MEREB, VENCIDA PELA ÁGUA

Mr. Phillips descobriu também um curioso obelisco, rematado por um sol e, ainda, gravada, abaixo dêle, uma lua crescente. O arqueólogo descreve as ruínas de

uma represa imensa, cuja construção aparece em diferentes lugares, com mais de quinze metros de altura, numa extensão de vários quilômetros.

Alguns sábios consideram verdadeiro prodígio a existência de tal represa. No entanto, para os historiadores especializados, a represa de Mareb era muito importante. Trouxe ela à capital de Balikis glória e prosperidade... assim como a ruína!

Afirmam êsses técnicos arqueólogos, que a causa definitiva da ruína de Mareb e da queda do reino de Sabá não foi o poder de Babilônia, nem o cativeiro de seus aliados, os judeus, nem o rigor do deserto. Mareb foi destruída pela água. Um dia cedeu a represa, cujas ruínas são hoje objeto de investigações cuidadosas. A água tudo levou de roldão, indo perder-se no seio do deserto.

No entanto, essa catástrofe parece anterior à entrada — numa Mareb reconstruída — no ano 24 antes de Cristo, dos exércitos de Augusto, o imperador que, ao morrer, foi glorificado como um deus.

SEISCENTAS ESTÁTUAS COM OS OLHOS PINTADOS — DE SEMÍRAMIS A BALKIS

A expedição arqueológica descobriu também seiscentas estátuas de alabastro, de época muito remota, em tudo diferentes uma das outras, tôdas porém representando sêres humanos, com os olhos pintados à moda persa.

O Iman do Yemen (de passagem recordemos que *Yemen* significa *Arábia Feliz*) permitiu que a missão leve uma parte dos exemplares descobertos. Êstes serão expostos, primeiramente, no Museu da Fundação Carnegie, em Pittsburgo (Estados Unidos). E' provável que as excavações, na cidade de Mareb e em seus arredores, durem muitos anos, dez no mínimo.

Três séculos antes da tomada de Mareb por Augusto, Alexandre encontrou, ao entrar em Babilônia, recordações de outra rainha fabulosa, mais soberba ainda que a de Sabá: a orgulhosa Semíramis. Dizem que diante do templo dedicado a Bel, Alexandre, o Grande, leu estas palavras que testemunhavam um extraordinário sentido da grandeza e indicavam a resignação dos mais poderosos no umbral da morte:

"Eu, Semíramis, mandei construir êste templo; agora estou morta."

Talvez nas excavações de Mareb apareça outro epitáfio igualmente belo. Porém nem Balkis nem Semíramis morreram, pois que vivem na memória dos homens, pese à fôrça do deserto e dos séculos.

A NUVEM MISTERIOSA (*Uma anedota da última guerra*)

EM 1940 o "U.S.S. Idaho" deixou o pôrto de Pearl Harbour com destino a Bremerton, no Estado de Washington, levando a bordo o fotógrafo de uma grande revista ilustrada.

Como é natural, todos os homens a bordo estavam convencidos de que bem poderiam ficar famosos, caso o fotógrafo fôsse bastante camarada para reservar-lhes uma chapa "especial"! Por isso mesmo viviam a festejá-lo e a fazer "poses" diante dêle, num convite ao "clic" da objetiva.



Quando o "Idaho" se aproximou de Point Tattosh, que marca a entrada do estreito de Juan de Fuca, o fotógrafo estava justamente no tombadilho, juntinho do oficial encarregado do *rumo*. Êsse oficial, bonitão como êle só, exagerava os gestos, a fim de realçar a importância do seu pôsto. Dava ordens com voz sêca e rápida, mal olhando para os seus subordinados.

Nesse instante, o oficial encarregado do *deck* se aproximou e, depois de "bater" continência, informou que acabara de avistar Point Tattosh. O "bonitão" porém, sorriu desdenhoso. Depois, com voz pausada e gestos estudados, em benefício do fotógrafo, explicou ao colega, que o *"Itaho" não poderia avistar o referido cabo, antes de passar quatro horas!* E concluiu, displicente, esmagando a *ignorância* do colega:

— *O que o senhor vê, tenente, é uma simples nuvem, nas proximidades do horizonte!*

O oficial do *deck* fêz continência, rodou nos calcanhares e retirou-se. Porém dez minutos depois voltou para informar:

— Acabo de ver luzes brilhando na nuvem, tenente!

A PUPILA RUBRA

Por ANTHONY WYNNE

Não podia, porém, de nenhuma forma, admitir que uma bela criaturinha — tinha visto a fotografia de Poppy de Vere numa revista ilustrada — consentisse em ter relações mais íntimas com um homem... tal como Blunder.

Tal pista, porém, era a sua última esperança. Tinha que encontrar aquela criaturinha e, se possível, tentar descobrir se tinha ou não relações íntimas com o solicitador; em todo caso, por que o seu lencinho se encontrava no "coupé" de Blunder? Sua primeira medida — segundo pensou — devia ser uma visita à sua velha amiga Rhoda Rommey, cujo conhecimento das atrizes parecia aumentar à medida que novos anos a afastavam mais e mais do teatro dos seus triunfos.

Dirigiu-se à residência dessa atriz aposentada, em Cheyne Walk, pouco antes da hora do chá. Ela estava só, no seu bonito salão entulhado de relíquias de um passado maravilhoso, e que davam ao conjunto um ar de museu. Todavia não faltava ali o confôrto moderno.

Miss Rommey estava ocupada, escrevendo, quando êle entrou. Mas o chá já estava servido. Rhoda se ergueu com um gritinho de sincera alegria e caminhou para o Dr. Hailey, com ambas as mãos estendidas.

— Meu caro, meu caríssimo amigo! Como estou radiante com sua visita!...

Sentou-se ao seu lado, fitando-o serenamente e êle tornou a ver aquela mulher cuja beleza tinha sido proverbial. "Sessenta anos — pensou êle — mal haviam podido apagar o brilho daquelas feições encantadoras!"

— Ah, minha adorável Rhoda! — disse êle — Você me faz ficar envergonhado de mim mesmo — e de minha missão.

Ela se afastou dêle, sorrindo.

— Compreendo o que isso quer dizer! — exclamou ela — Vem ùnicamente *a negócios*... Oh! Os homens... Quer sejamos moças, quer sejamos velhas, é a mesma coisa! Chegam sempre *com uma idéia na cabeça*... Jamais pelo simples prazer de vir! E, no entanto, conforme deve saber, sempre nos alegramos de os ver chegar, seja qual fôr o motivo que os traga...

Instalou seu visitante na melhor poltrona:

"— Dirá de que se trata — disse ela — depois que eu lhe tenha servido o chá! Mas não tenha receio. Sei que é homem muito ocupado e adivinho que trabalho ansioso deve ser sondar e esclarecer êsse mistério. Tenho lido tôdas as informações a respeito. Você mesmo tem sido mencionado muitas vêzes...

Levantou o bule que mãos de artista haviam modelado um século antes, sob a forma de um dragão com fauces terríveis e garras ameaçadoras. As xícaras, grandes e belas, foram servidas com meticuloso cuidado. O Dr. Hailey aceitou uma e ao mesmo tempo levantou a tampa de um prato contendo doces secos, próprios para chá, e que ofereceu à sua anfitriã.

— Conhece você, minha amiga, por

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

Jack Derwick, advogado residente em Londres, era noivo de Miss Estele Armand, filha do jurista Sir William Armand, homem de fortuna e com excelente casa acastelada em Calthorpe, perto da praia. Um dia, com surprêsa, Miss Estele comunica ao noivo que Sir William não queria mais o casamento. Jack procura indagar dos motivos de tão insólita decisão, mas a jovem, contristada, lhe responde que nada pode mais adiantar, e que êle considerasse o caso encerrado. Estava disposto a regressar a Londres, quando, naquela mesma noite, foi notado o desaparecimento de Sir William Armand. Entregue o mistério ao detective Biles êste embarca em direção a Calthorpe a fim de avistar Miss Estele. Há suspeitas de que Jack esteja envolvido no caso, embora haja ainda uma terceira personagem, Mr. Sawyer que, na tarde do desaparecimento de Sir William, mantivera com êste uma conferência no albergue local. O comissário Robson está procurando ajudar o enviado da Scotland Yard, mas ainda não se manifestou um indício capaz de produzir uma pista. Miss Armand confessa que apesar de tudo ainda ama Derwick e que não mais o viu depois do rompimento. No Touro Negro, onde alugara um quarto, encontra uma ponta de cigarro de procedência estrangeira e a criada informa que o mesmo pertencera ao Sr. Sawyer, homem de gôsto refinado e que fazia questão de bebidas da melhor qualidade, tendo aberto, pessoalmente, uma garrafa. Examinando essa garrafa, Biles descobre a marca digital revelando um larga cicatriz. Indo ao bosque na manhã seguinte, encontra um objeto de forma arredondada lembrando uma pérola grande, mas de frágil consistência. Resolve procurar seu velho amigo, Dr. Hailey e exibe-lhe o achado e o médico imediatamente afirma tratar-se de uma pupila humana e que o homem a quem ela pertencia devia ter sido assassinado. Os patologistas da Home Office confirmam a natureza do achado e Hailey se oferece para ajudar nas pesquisas. Juntos vão interrogar Derwick e êste declara que após o rompimento do noivado saiu a passear, indo tomar chá com o reverendo Hargreave. Apenas avistara Miss Armand. Quando Biles lhe informa que Sawyer, viajara para Londres no mesmo trem que êle próprio, Jack estremece e exclama: "O homem da pelerine comprida!" acrescentando que o mesmo usava barba e tinha os olhos amendoados, pequeninos. Novamente no bosque, agora com o médico, êste descobre numa árvore fragmentos de pele humana. Deduzem, então, que o corpo deve estar próximo. Medindo o terreno, em redor e pesquisando melhor descobrem uma fôlha manchada aparentemente de sangue. Depois de minucioso exame do local, o

acaso, uma criaturinha que, no teatro, surge com o nome de Poppy de Vere? — perguntou êle com o seu tom mais desinteressado.

— Sim.

A resposta de Miss Romney foi brusca. Seu monossílabo parecia ser um compromisso entre o desejo de falar muito e um outro desejo, mais forte, de nada dizer. O Dr. Hailey bebeu seu chá a pequenos goles.

— Compreendo — murmurou êle finalmente — Ou, pelo menos, creio compreender.

— Meu bom amigo... Não creio. Poppy de Vere é, exatamente, o gênero de mulher que um homem como você é incapaz de compreende. E essa é a razão por que, às vêzes, chegam até à ruína. Tenho visto casos...

— Posso então deduzir que você não gosta dessa jovem atriz?

Os lábios de Miss Rommey se entreabriram, como se repentinamente hesitasse. Era essa expressão que, em sua mocidade, tinha sido muitas vêzes descrita nos jornais pelos admiradores entusiastas.

— Não... Não deduza isso... ao menos completamente. Há uma certa coisa a propósito de Poppy... Mas não é, justamente, com você, hein?

— Confesso que estou hesitando se devo ou não lamentar, não ser comigo... Mas, sèriamente, nada sei dessa artista.

— Poppy é uma maluquinha... E com isso endoidece alguns homens.

O Dr. Hailey trincou um doce, com ar pensativo.

— E... ambiciosa também? — perguntou afinal.

— Não *realmente* ávida pelo dinheiro. Mas pródiga!

— Compreendo. E' dêsse gênero de criatura que não deseja arruinar os amigos... mas que não pode dispensar ter trinta chapéus.

Hailey aceitou uma segunda xícara com ar pensativo. Poppy era o gênero da criatura que bem podia, em suma, proporcionar o motivo que êle buscava. Apesar de tudo, achava mais difícil que nunca imaginá-la amiguinha de Blunder. E perguntava a si mesmo se devia continuar as pesquisas nesse sentido.

— Outra pergunta, minha amiga — disse êle — Depois pedirei desculpas por minha curiosidade... Poppy de Vere ganha muito, no teatro?

— Umas quatro ou cinco libras por semana, nem mais um penny.

— Entretanto... Teve ela o principal papel em... não sei mais o nome da peça.

— Meu caro... Você disse "quanto ganha". Não duvido que em outras circunstâncias ela tenha recebido quantias bem maiores.

— Neste caso desejo vê-la.

Miss Rommey abriu seus grandes olhos; mas, antes de que êle pudesse apanhar sua expressão, já ela voltara ao normal, tanto a atriz persistia na mulher.

— Poderei convidá-la para o meu prómo "at home"... digamos: sexta-feira próxima... Serve?

— Vejamos... Hoje é têrça-feira. Não tenho muito tempo a perder mas reconheço que não devemos andar muito depressa.

— Poderei apresentá-lo ocmo o eminente especialista de Harley Street. Poppy adora os homens eminentes, principalmente se são ricos e distintos. E agora, diga-me, para satisfazer minha curiosidade: tudo isso tem ligação com o caso Armand?

— Sim.

— Então vou dizer uma coisa que gostará de saber, tenho a certeza. A última vez que Poppy representou no teatro do

---

Dr. Hailey conclui que Sir William fôra assassinado e seu corpo escondido no local ideal... no próprio cemitério da aldeia, num túmulo recém-aberto e que por isso mesmo não despertaria a atenção da polícia com a sua terra ainda fôfa por ter recebido conhecida figura do local. Assim realmente fôra feito pelo assassino... Quem era êle, porém? Nem Derwick nem Sawyer teriam tido tempo para executar todo o plano.. Miss Armand? Porém esta também desaparece, levada em automóvel por um desconhecido, justamente quando a polícia pretendia interrogá-la e prendê-la, juntamente com o ex-noivo, Jack Derwick. Hailey decide vigiar os passos de Blunder, o sócio de Sir William. Descobre que o mesmo tinha relações em Londres com uma atriz teatral e que ùltimamente deixara de comparecer ao escritório alegando estar doente. Vai procurá-lo e pouco pode arrancar do solicitador. Pouco depois Biles vem anunciar a Hailey a prisão de Derwick, que não parece satisfeito com a notícia. Na mesma noite vai postar-se à porta do escritório de Blunder quando êste sai, já noite, e segue-o em seu automóvel. Blunder, após longa viagem, volta a Londres e ali, num arrabalde tranqüilo penetra num velho casarão. Hailey vai em seu encalço, penetra na casa e ouve gritos de dor ou de agonia. Revólver em punho, penetra num quarto e surpreende Blunder com um médico e uma enfermeira. O advogado afirma que ali estava para salvar Miss Estele Armand, que enlouquecera. Afirma que a moça sempre fôra epiléptica e que esta fôra a causa do rompimento do seu noivado com o jovem Derwick, por imposição do pai, que já tinha sido por duas vêzes vítima da filha que, num dos acessos de loucura tentara matar o próprio pai. Fôra por piedade que escondera a desgraçada, para que não caísse nas mãos da polícia, que sem dúvida ligaria todos os fatos e lançaria Miss Armand na prisão como assassina de Sir William. O velho fôra assassinado porque intimara Miss Armand a romper o noivado, embora contra os conselhos dêle próprio, Blunder. Porque êle era... Sawyer. Disfarçara-se mesmo a conselho de Sir William que não desejava que seu drama íntimo chegasse ao conhecimento público. Depois de examinar ligeiramente Miss Armand, Hailey se retira e na mesma noite recebe a visita de Biles, que lhe relata detalhes do inquérito contra Derwick. Hailey tudo ouve como se pensasse noutra coisa e só parece interessado quando o policial declara ter encontrado uma carta de Sir William para Lady Windwest. Carta apenas iniciada e deixada por terminar. Armand & Blunder eram os procuradores dessa senhora, que se encontrava bastante enfêrma. Então Hailey fica imaginando se Blunder não se apropriara do dinheiro de Lady Windwest para ser gentil com a atriz Poppy de Vere...

West End, o Sr. Blunder, da firma Armand & Blunder, subvencionou a peça. Os que entendem do negócio calculam que o prejuízo total chegou a dez mil libras esterlinas.

CAPÍTULO XIX

Um Cálculo

Os "at home" de Miss Rommey tinham isto de comum com o British Museum: reuniam o passado e o presente. Constituíam a um tempo um anacronismo e um regalo. Os velhos atores e as atrizes idosas retomavam mais uma vez contato com seus primeiros êxitos; os jovens exultavam de ser convidados. Havia ainda os que se interessavam pelas coisas do teatro e que por isso, não deixavam de comparecer. Tudo gente de nome bizarro e de ambições não menos bizarras. Nessa companhia, Miss Poppy de Vere parecia estranhamente modesta. Não parecia ser uma atriz, segundo o médico imaginara. Observou-a atentamente antes de lhe ser apresentado e ficou muito surpreendido. Miss de Vere tinha uma expressão inteligente, fronte larga, olhos bem afastados, nariz e bôca bem proporcionados, mãos encantadoras... Mãos de mulher bem educada. Os olhos, principalmente, tinham um caráter sonhador, qualidade que, apesar de tudo, não deixou de achar agradável.

Quando Miss Rommey fêz as apresentações, sentiu que a atriz parecia ausente, distante, como se olhasse um mundo muito além do que a cercava. Ou olhar o mundo de... longe. E Hailey reconhecia que essa era uma posição vantajosa e infinitamente desejável. Mas havia em suas maneiras timidez e certo desacêrto que lhe conservavam um ar de mocinha cândida, apesar dos seus olhares de sereia. Sentia que era impossível acreditar em tudo a respeito dela sem sucumbir aos seus encantos.

Essa impressão, porém, durou pouco. Ao fim de alguns instantes de conversação sôbre assuntos diversos, enquanto a vigiava com o canto do ôlho, a lembrança do ambiente familiar de Hempstead, entrevisto na noite do seu acidente de automóvel surgiu em seu espírito. A Sra. Blunder, de uma virtude e uma firmeza incuráveis; Blunder com um desejo manifesto, ardente e compreensível pelas belas coisas da vida: as coisas femininas principalmente. Que efeito irresistível devia produzir uma tal criatura sôbre um homem assim!

Seus olhares sondaram na sua maior profundidade êsses olhos cinzentos aveludados que lhe sorriam. Misse de Vere disse, repentinamente:

— O senhor, de fato, não me está ouvindo, não é mesmo, Dr. Hailey?

— Tem razão... Entretanto, pensava justamente na senhorita...

— Pensava, talvez, em como sou tola...?

— Ao contrário...

Conduziu-a, através da multidão de convidados, para o *buffet*, onde descobriu para ela uma poltrona num canto tranqüilo. A seguir foi apanhar uma bandeja com duas xícaras de chá e voltou, sentando-se ao lado da atriz.

— Fale-me do seu novo papel — disse o Dr. Hailey.

Viu o rubor invadir o rostinho bonito, ao mesmo tempo que os olhos cinzentos exprimiram descontentamento doloroso.

— Meu novo papel? Oh! Mas foi tudo abandonado!

— Não diga! — Hailey deu à voz uma entonação de surprêsa e mágua.

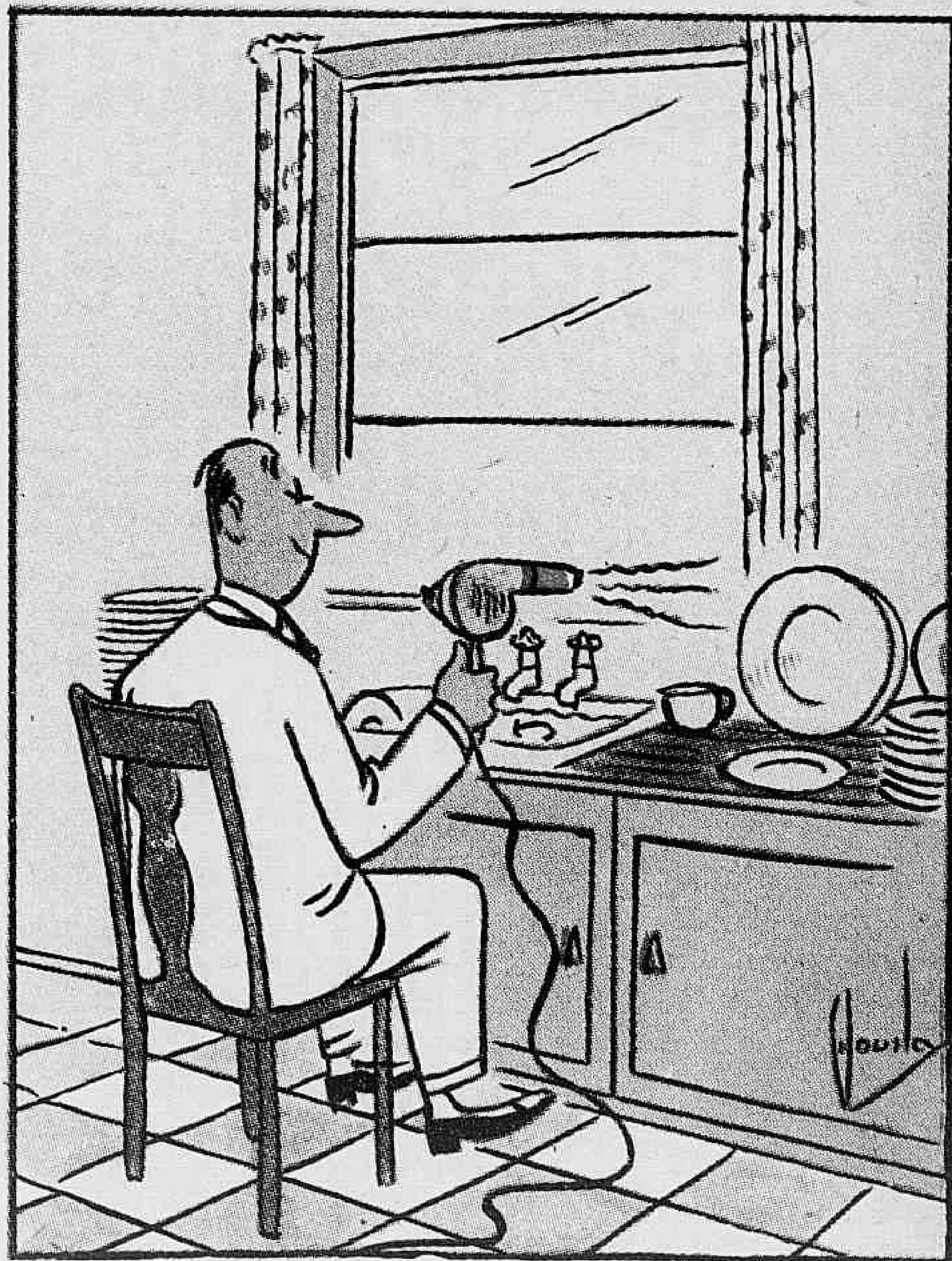
— Sim... Uma coisa muito aborrecida. Mas não estou realmente com sorte êste ano. Pode estar certo de que é o pior ano de minha vida. Tudo... Tudo correu mal!

Devia ser verdade, porque Poppy torceu os lábios com ar de profundo desgôsto. Apesar disso não perdeu sua deliciosa feminilidade. Ao contrário, pareceu ganhar encanto e mais brilho. E Hailey podia imaginar o efeito devastador de uma tal expressão de sentimento sôbre um apaixonado.

— Imagino — disse êle — que é difícil, nos tempos que correm, obter financiamento para uma peça. Os tempos são duros, não há dúvida.

Ela mordeu os lábios.

— Isso não ajuda a suportar melhor o desapontamento, não é verdade? — excla-



Os homens são mais praticos.

mou — Os homens não parecem compreender quanto uma mulher moça, como eu, precisa de contar com o próprio trabalho para conservar-se alegre. Quando fui informada de que a peça tinha que ser abandonada, fiquei de tal maneira pesarosa que até mesmo a vida deixou de ter encantos para mim.

Nova mágua pesou em suas palavras. Evidentemente, ela considerava as razões que haviam paralizado os espetáculos, fôssem elas quais fôssem, totalmente insuficientes.

Hailey atirou uma flecha ao acaso...

O Sr. Blunder devia subvencionar a sua peça, não é verdade? — perguntou com a sua voz normal.

— Quem lhe contou?

— Oh! Todo o mundo fala...

Os olhos cinzentos estavam cheios de interrogações. Hailey suportou êsse exame *a queima-roupa* com a mais completa indiferença.

"— Se ao menos — disse ela com azedume — essa gente se preocupasse com a própria vida, em vez de cuidar da dos outros... E' simplesmente irritante a maneira como metem o nariz na minha vida...

— Que quer, minha amiguinha? Assim é a natureza humana.

Ela mudou repentinamente de gênio e seus olhos perderam o arzinho zangado. Pouco depois sorriu para o médico, e o fêz de maneira tão sedutora que Hailey sentiu remorsos de haver desgostado momentâneamente uma criaturinha tão bonita. O que Rhoda Rommey lhe dissera a respeito de Poppy era exato em todos os pontos.

— Veja, por favor, se arranja outra xícara de chá para mim — pediu ela — Assim talvez me acalme um pouco.

Ao receber a xícara vasia, que ela lhe entregava, Hailey voltou a apreciar as mãos de Poppy. Fizera estudos especiais sôbre as mãos e estas, que via tão de perto, denotavam caráter e simpatia. Eram porém, muito finas para pertencer a uma mulher destinada ao verdadeiro êxito. "*Miss de Vere* — pensou êle — *não passará, jamais, do que já conseguiu, no teatro. Terá êxitos sòmente no amor... E talvez, no fundo, não queira ir além disso mesmo.*"

Poppy tinha agora o ar pensativo, ao receber a xícara de chá, como se o seu espírito estivesse muito longe do assunto que haviam tratado pouco antes. Os belos olhos pareciam mais meigos.

— Foi muito gentil — disse ela, agradecendo.

Êle se sentou em silêncio, não sabendo que dizer. Depois de alguns minutos ela sugeriu que voltassem ao salão.

— Posso ir visitá-la... um dêstes dias? — perguntou Hailey.

— Certamente, quando quiser. Sabe o meu enderêço?

Sentiu que ela se interessava por sua visita. Provàvelmente continuava a pensar na peça malograda; um homem bem vale outro para arriscar seu dinheiro nessas aventuras teatrais. Apesar disso ela não lhe pareceu particularmente frívola.

Esperou que os demais convidados se retirassem, privilégio de que sempre se valera em casa de Miss Romney.

— Como sempre, você tinha razão a propósito dessa jovem atriz — disse êle — E' exatamente conforme a descreveu.

Miss Romney procurou uma poltrona. Parecia fatigada, embora êle não pudesse saber se a fadiga era real ou fingida.

— Meu amigo — disse ela com voz queixosa — Quase esqueci a descrição que lhe dei dessa menina. Oh, como tôda essa gente me enerva!

Mas acrescentou, logo a seguir, não querendo parecer desagradável:

"— Ela é encantadora, não acha?

— Sim. Encantadora.

— Descobriu o que procurava?

— Sim... em parte.

Nova pausa. Depois Miss Romney esboçou um sorriso, à sua maneira, um tanto cínico, mas que não exprimia realmente cinismo.

— Você não ficará satisfeito quando tiver descoberto tudo — disse ela — Oh, sim! Eu o conheço bem! Amanhã ou depois, os segredos da pobre Poppy lhe serão arrancados. Deve ser terrível a missão de detective... Mesmo amador!

— No entanto... A curiosidade é uma espécie de arte. E como artista...

Deixou a frase inacabada e depois de beijar-lhe a mão, despediu-se.

Voltou para casa a pé, através de um nevoeiro que flutuava a curta distância do solo, como a espuma de algum fantasma. O exercício tornou seu cérebro mais lúcido e permitiu que raciocinasse com calma. Quando atingiu Harley Street seu espírito já recuperara a atividade que a aventura de Hazlemere o fizera momentâneamente perder.

Fôsse qual fôsse a verdade de todo êsse caso, uma coisa era certa: Blunder gastava muito mais dinheiro que qualquer dos seus amigos e clientes poderia imaginar. Hailey pouco sabia sôbre teatro, mas era evidente que subvencionar peças teatrais ùnicamente para conquistar esta ou aquela atriz, era caminho certo para a ruína. Só um milionário poderia pensar em tal fantasia.

Daí era fácil concluir que o advogado já sofria sérios embaraços de dinheiro. Quando um homem dêsse tipo começa a atender a tais caprichos de mulher, significa que está perdido. Em geral não tem fôrças para deter-se em tempo. E, de fato, a suspensão das representações significava que a necessidade mais imperiosa fôra a causa.

Em outras palavras, Blunder estava arruinado! Restava saber a que profundida-

de chegara o desastre. Gastara, por exemplo, o dinheiro dos outros, depois do dinheiro que realmente lhe pertencia? *Gastara o dinheiro de Lady Windwest?* Em caso afirmativo, Sir William devia ter sofrido a maior surprêsa da sua vida, por ocasião da sua última visita a Londres.

O Dr. Hailey aceitou momentâneamente essa idéia como exata, a fim de melhor chegar às conseqüências que se seguiriam. Sir William era, sem sombra de dúvida, um homem honrado. Devia ter ficado indignado e alarmado com o vulto do crime. Era, de fato, o maior crime que um procurador podia praticar. O mais abominável!

Seu primeiro movimento devia ter sido, certamente, o de repor o dinheiro, mesfo com o sacrifício da própria fortuna... Do contrário perderia o cliente e ficaria desmoralizado.

Era rico, porém sua fortuna não passava, talvez, das cem mil libras. Suponhamos que tal quantia fôsse insuficiente para cobrir os desfalques? Rhoda Romney, embora sem entender de finanças havia calculado o prejuízo, com uma só peça, em mais de dez mil libras! Hailey tornou a consultar o "Anuário do Teatro": A primeira peça se chamara *The Giddies* (As Inconstantes) e fôra representada durante dez semanas. A seguir subiu à cena *The Girlies*, (As Garotinhas) que ficara apenas quinze dias! Era essa, sem dúvida, a peça que marcara o *climax* da crise financeira de Blunder. E como a primeira permanecera em cena muito mais tempo — e sendo talvez mais dispendiosa que a segunda — Hailey pensava se não teria causado o triplo do prejuízo apontado para a última! E isso, naturalmente, fôra apenas *uma das extravagâncias* de Poppy!

Era, portanto, bem possível que a fortuna de Sir William fôsse insuficiente para cobrir os desvios praticados por seu associado. O partido a tomar, nesse caso, não podia ser outro! Pagaria tudo o que pudesse, terminando por entregar o caso à polícia, receando que, com o tempo, a situação, já péssima, viesse a tornar-se negra.

Porém isso significava a ruína para Blunder, e para êle próprio. Associado da firma, êle tinha que arcar com metade da responsabilidade nas transações financeiras. Devia ter compreendido que o seu nome estaria coberto de lama. Sua filha também não escaparia da desonra...

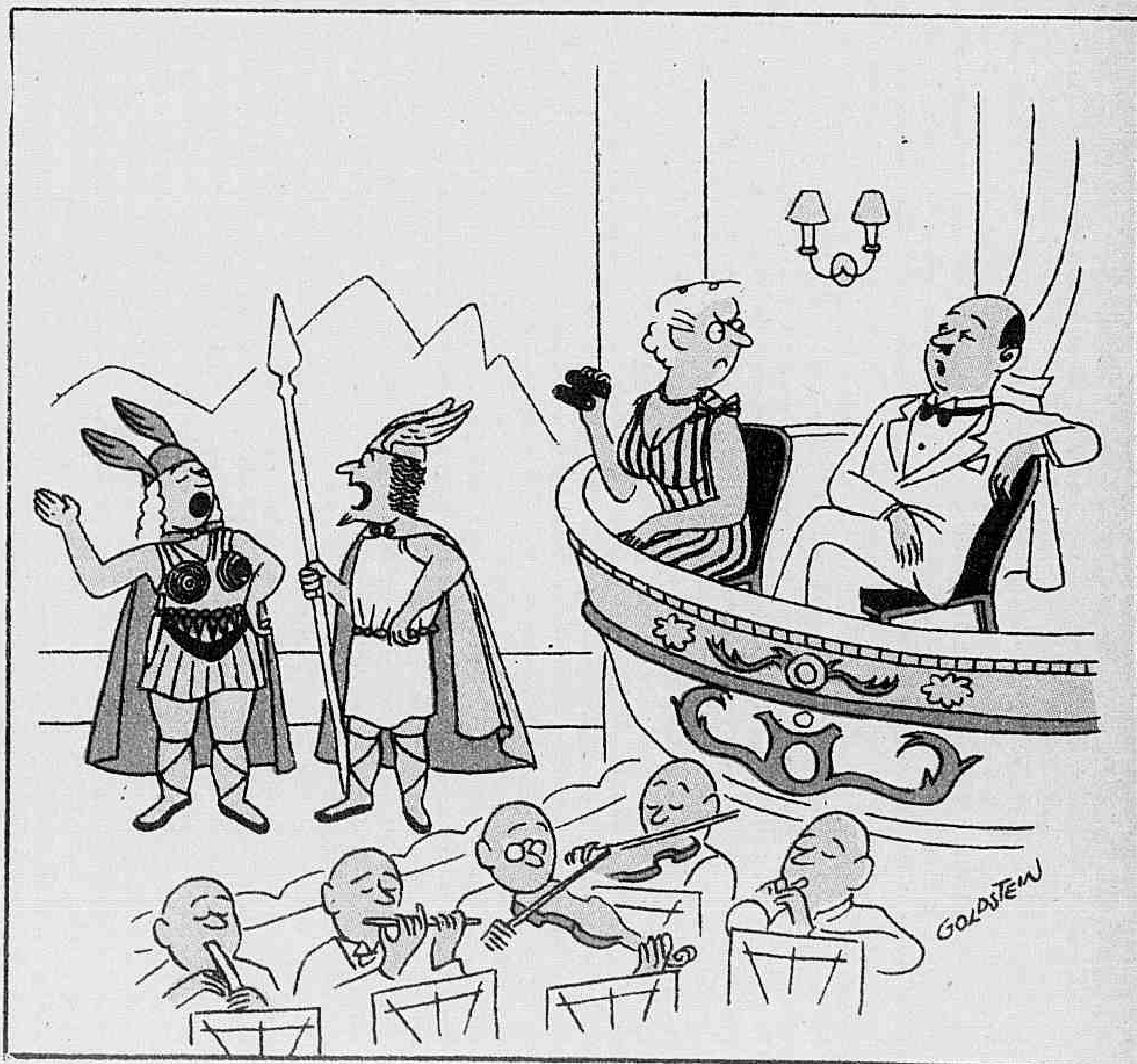
O Dr. Hailey se ergueu, como se êsse pensamento, se desenvolvendo em seu cérebro, o impelisse. Começou a caminhar de um lado para outro em seu gabinete de consultas. A desonra de Estele Armand também salpicaria de lama o nome de seu noivo, Jack Derwick. O rapaz, de fato, seria forçado a desistir da política, o que seria, a um tempo, a ruína de sua carreira política e de advogado! A menos, evidentemente, que se afastasse a tempo dos "empestados". Mas um homem da sua têmpera não costuma romper um noivado em tais circunstâncias! Na hora da infelicidade mais apoio dá à mulher amada e à sua família.

Não teria sido essa a razão da ordem misteriosa, dada a Estele, a fim de restituir a liberdade a seu noivo... quanto antes? Ordem essa que ela executara imediatamente? Por outro lado, deve ser admitido que essa hipótese daria a Derwick um motivo a mais para cometer o crime de que o acusavam! Ao passo que, *se fôsse possível colar os lábios de Sir William*, o perigo de escândalo estaria grandemente diminuído.

A Lei não persegue um morto!

Na manhã seguinte, nova consideração surgiu em sua mente. Era possível, até, que Sir William tivesse reposto o dinheiro e pensado que o seu dever era o de, ainda, avisar a polícia! Nesse caso, sua morte salvava a situação para todos os atores do drama, *inclusive Blunder!*

Eram, entretanto, apenas suposições. Era preciso apresentar fatos. Por isso, logo



— Quem está vencendo?

após o lunche, pediu seu automóvel, dirigindo-se a Hampstead, a fim de cumprir a promessa feita a Misse de Vere.

O exterior da casa, conforme surgiu aos seus olhos, quando dela se aproximou, não sugeria extravagância. Era uma casa no estilo da época do rei George, com janelas altas e esguias, cuja severa beleza das linhas o encantou. O aluguer, segundo calculou, não devia ser superior a duzentas libras por ano.

Deu liberdade ao seu *chauffeur* e foi tocar a sineta. Uma criada abriu a porta e o conduziu através de um vestíbulo com paredes ornadas de *lambris* até ao salão.

O apartamento estava vasio. Um simples olhar e o Dr. Hailey teve grande surprêsa. Jamais, em nenhuma outra parte, êle vira um luxo tão esplêndido, tão pródigo! Êsse luxo se espalhava e se estendia por tôda parte. Até mesmo as paredes eram forradas de tapeçarias cujo valor êle reconhecia ser inestimável: cenas gloriosas, executadas no estilo magnífico de um período que criava a beleza para deslumbrar os olhos dos reis e das rainhas. O tapête era outra maravilha de encantamento. Datava, no mínimo, do período primitivo de Versalhes. As cortinas das janelas eram de belo brocardo rosa. Lançou um olhar para os móveis, as mesas de *bric-a-brac*, o enorme piano, os adoráveis pequeninos bronzes, os esmaltes, a marchetaria... Não havia uma só peça que não fôsse perfeita em seu gênero; nenhuma que não tivesse sido escolhida com meticuloso cuidado, entusiasmo e grande experiência. Comparado com êsse triunfo artístico, o salão de Hempsted lembrava um esbôço de principiante... No entanto, os dois salões tinham sido, com certeza, arranjados pela mesma mão.

Nesse instante, porém, teve que interromper seus pensamentos. A porta fôra aberta e Poppy de Vere surgia no salão.

CAPÍTULO XX

Uma mulher em causa

A presença de Poppy causou nova surprêsa ao médico. Vestira um *robe* de interior, azul; usado por outra criatura, teria parecido sem graça. Sôbre os ombros de Poppy, porém, era coisa encantadora. A cabeleira loura e a pele delicada formavam encantador contraste com o tom mais forte do vestido. Sua cintura, graciosa e fina, fazia dêsse vestido um triunfo artístico.

O médico a observou com uma admiração que não podia disfarçar. Não podia surpreender, portanto, que surgissem homens prontos a tudo sacrificar aos caprichos de uma criaturinha tão adorável.

— Não esperava vê-lo tão cedo! — disse ela num tom que o deixou sem saber ao certo se a visita lhe causava agrado ou aborrecia. E repentinamente sentiu-se desajeitado como um colegial.

— Receio, realmente, que minha visita não seja... o que poderia parecer — disse êle.

Os belos olhos se dilataram.

— O que diz é engraçado...

— Deve compreender... Sou médico. Um médico ouve muitas coisas que nem sempre chegam aos ouvidos dos outros...

Deteve-se bruscamente, tentando refletir como poderia sair melhor de uma situação que se tornara difícil.

Poppy mordeu os lábios.

— Não vai dizer, certamente, que veio me auscultar, tomar o pulso e saber que dores sinto! — exclamou ela — Do contrário, posso evitar todo êsse trabalho, afirmando que passo muito bem.

Hailey se decidiu prontamente. Seria franco com Poppy... até um certo ponto.

— Sem dúvida, deve ter lido nos jornais — disse êle — que eu ajudo a polícia nesse caso referente a Sir William Armand. Creio que a minha jovem amiguinha é muito amiga do Sr. Blunder, o sócio do falecido Sir William... Creio, por isso mesmo, que poderia me ajudar.

O rosto de Poppy de Vere tornou-se grave.

— O Sr. Blunder não é um dos meus amigos — declarou ela.

— Neste caso enganei-me...

Os olhos de Poppy se nublaram ligeiramente e o médico acreditou que êles tentavam esconder um sentimento de mêdo.

— Quer, agora, fazer o favor de ir embora? — perguntou ela simplesmente.

Êle, que ainda estava de pé, fêz meia volta e caminhou para a porta e estava prestes a abri-la, quando a campainha exterior soou vigorosamente, duas vêzes. O sinal fêz Poppy de Vere empalidecer.

— Oh! — exclamou ela — E' êle! Êle vai encontrar o senhor aqui! Que devemos fazer? Sua voz estava ao mesmo tempo cheia de desafio e de súplica.

— Eu direi...

— Não, não... Êle não deve encontrar o senhor aqui... Nunca!

Seu olhar trágico percorreu todo o salão. Já ouviam agora os passos da criadinha, encaminhando-se para abrir a porta. Repentinamente ela correu para os reposteiros, afastando as pesadas dobras de um dêles. Essas dobras ofereciam bastante lugar para um homem de pé.

— Depressa! — exclamou ela, suplicante em seu terror.

Êle obedeceu. Imediatamente Poppy correu o reposteiro com os seus dedos ágeis, arranjando as dobras de tal modo, que um observador nada pudesse descobrir de anormal. Penalizado por haver tão gravemente comprometido a jovem atriz, Hailey fêz o que podia um homem de sua elevada estatura, para facilitar o seu trabalho.

Instantes depois, a porta era aberta e logo ouviu Blunder, que dizia:

— Minha querida amiguinha. Fiz questão de vir imediatamente trazer a boa notícia!

Miss de Vere intimou seu visitante a dizer imediatamente de que se tratava.

— E' a propósito da peça teatral — disse êle — Podemos agora levá-la adiante.

— Como?

— Sim... Tenho o dinheiro.

Houve um momento de silêncio. Depois Blunder prosseguiu:

— Não importam os detalhes. Nem êles poderiam interessá-la. Trate apenas de montar a peça. Desta vez quero que tudo obtenha êxito, pois realmente podemos alcançá-lo. Temos que conseguir os melhores atores... No papel de Lady Di você mesma estará maravilhosa!

Miss de Vere bateu as mãos.

— Começarei hoje mesmo. — afirmou ela — Vou pedir o automóvel e irei procurar Marston. Precisamos de um dos teatros de Shaftsbury Avenue, naturalmente... e... e...

Sua voz se perdeu nas minúcias... Blunder porém a interrompeu, declarando:

— Voltarei depois do jantar, se você permitir. Não posso demorar muito agora, pois estou atrapalhado no escritório...

O médico ouviu-o caminhando algum tempo pelo salão. Depois, com voz diferente, êle pediu:

— Você não dará nenhum papel a David.

— Oh! Por quê?

— Porque... — Repentinamente a voz cresceu e se fêz violenta — Porque eu não quero! Está me ouvindo? Não quero! Êsse rapaz é um tolo...

No silêncio que se seguiu, o médico podia ouvir a respiração de Bunder. Então, a voz clara de Poppy declarou:

— Já lhe disse que as minhas amizades não têm que satisfazer a ninguém mais senão a mim mesma. Se eu quiser David, êle terá um papel... em caso contrário você que arranje outra para o papel de Lady Di.

A cólera de Blunder não teve limites. Encolerizou-se a tal ponto que era difícil reconhecer o advogado frio e ponderado nesse homem verdadeiramente possesso, quase enlouquecido por uma contrariedade.

— Acalme-se, por favor.

Essas palavras, porém, só serviram para aumentar a exasperação de Blunder.

— Não me acalmarei. Tenho me contido por muito tempo. Tenho permanecido calmo e paciente até chegar a perder milhares, centenas de milhares de libras esterlinas! Estou quase arruinado. E durante todo êsse tempo eu sabia muito bem que você zombava de tudo isso...

A atriz começou a rir mansamente.

— Você sabe muito bem que nada disso é verdade — disse ela sempre calma.

— Não é verdade? Pois sei o que estou dizendo... E pode crer: estou decidido a pôr um ponto final nessa série interminável de extravagâncias...

Sua voz se quebrou, repentinamente, aniquilada pela dor, e o médico, em seu esconderijo, teve piedade, ouvindo-o falar daquele modo. A demência do miserável era estranhamente desagradável; estranhamente digna de piedade...

Não se ouviu qualquer resposta, por alguns instantes. Depois a voz do solicitador se elevou outra vez, mas num tom mais calmo.

— Sei que você não fêz de propósito para me magoar. Mas você é estranha, caprichosa, impossível de tolerar... E eu... eu estou louco! Por piedade, seja franca comigo... e juro que realizarei todos os seus sonhos! Todos!

— Sempre fui sincera com você.

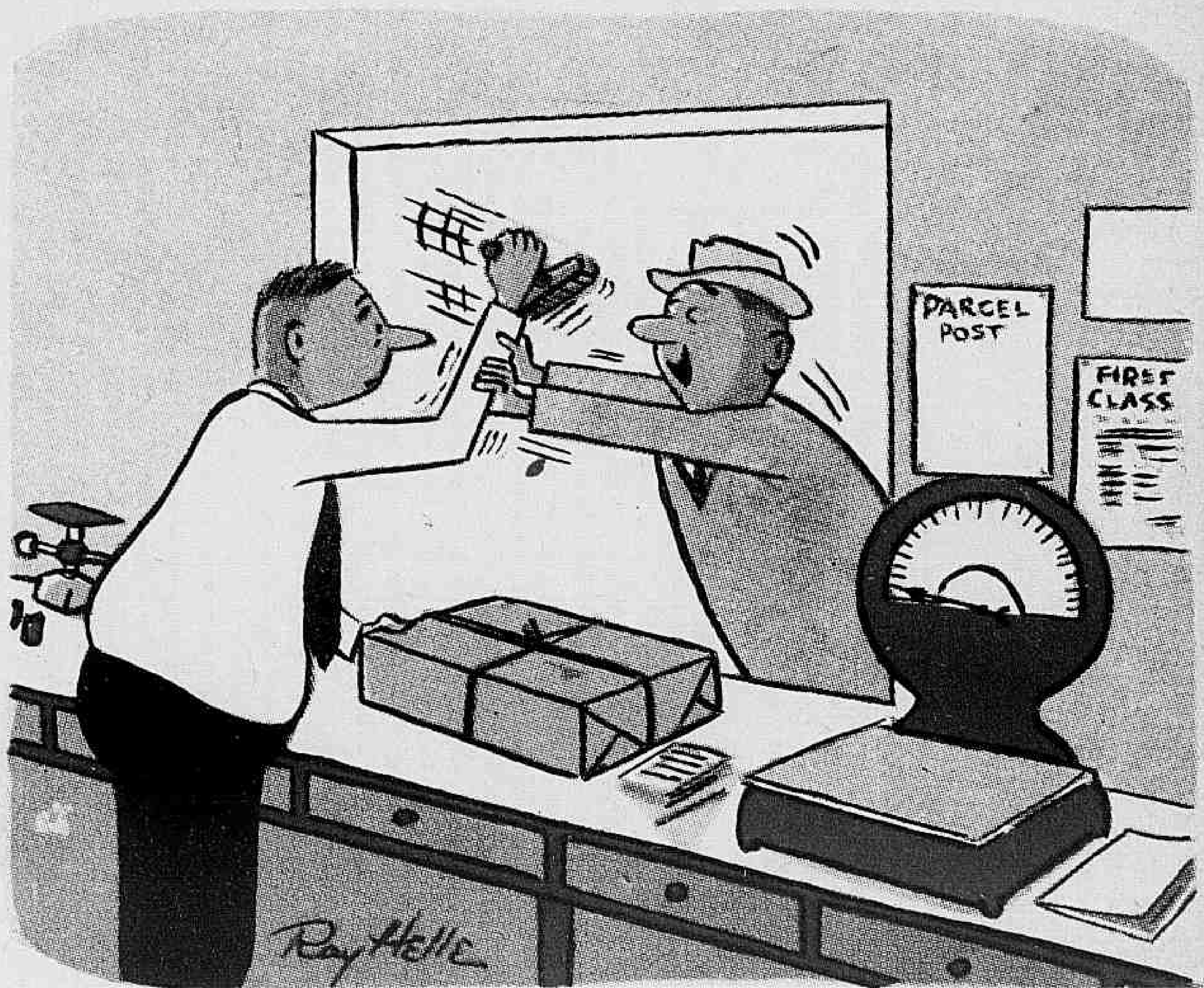
— Acredito... Mas, sincera... à sua maneira!

E depois dessa frase Blunder saiu.

Quando a porta tornou a se fechar sôbre êle, Poppy foi libertar o médico de sua prisão. Tinha agora as faces muito coradas e nos olhos profundos se estampava uma estranha mágua e resignação.

— Foi o senhor mesmo o culpado — disse ela friamente — de ter ouvido tôdas essas coisas desagradáveis! E considero a sua visita como um insulto intolerável...

— Tem o direito de pensar assim. En-



— Alto! Quero segurar a mercadoria antes de carimbar "Frágil".

tretanto, pode acreditar... A razão que aqui me trouxe foi das mais sérias. E essa é a minha única desculpa.

Poppy caminhou até a chaminé do fogão de inverno, onde se deteve, de costas para o médico.

— Ouviu o que êle disse de mim? — queixou-se — Que não tenho alma, que sou egoísta...

— Sim, sim... Ouvi tudo. Acredita que eu tenha piedade dêsse homem?

Ela se voltou, como surpreendida. Depois, porém, falou com calma:

— Tem êsse direito, creio. Às vêzes também sinto isso... Apesar de tudo, tenho mêdo dêsse homem!

Sua atitude mudara completamente. Parecia agora desejosa de conversar, como se outra natureza tivesse surgido nela. Haily não encontrara jamais, em sua longa vida de médico e de detective amador, outra mulher que fôsse comparável a Poppy de Vere; surpreendia-se, porém, ao notar que essas transformações bruscas não a deixavam aniquilada, como era justo esperar. Personificava de algum modo êsse tipo de mulher em que se incarnam tôdas as piores e, talvez, tôdas as melhores qualidades do seu sexo.

— Toma chá? — perguntou ela bruscamente.

Êle afirmou que devia partir imediatamente. Ela, porém, já havia tocado a campainha. A seguir perguntou:

— Encontrou, enfim, o que veio procurar?

— Encontrei.

— Que Blunder gastou muito dinheiro comigo?

— Não... Isso, eu já sabia!

Ela não gostou da resposta, porém logo ergueu os ombros com ar desdenhoso.

— Não sei, então, qual a finalidade da sua visita!

— Vim, ùnicamente para saber se havia mais dinheiro...

— E êle tem, evidentemente!

— Evidentemente!

Poppy de Vere fitou o médico bem nos olhos e, repentinamente, o seu rosto empalideceu:

— Quer significar que êsse fato... não é uma boa notícia — *para êle*? Porque, se assim é, não seria decente da sua parte fazer uso dessa informação, conseguida por meio de astúcia... aproveitando-se de minha ingenuidade no caso...

Êle aprovou lentamente, com um movimento de cabeça. Tivera o mesmo pensamento.

— Prometo não me servir dessa informação — disse êle — De fato, há outros detalhes, já conhecidos, e que provam a mesma coisa.

Talvez o tom da sua voz se tivesse feito excessivamente grave. A verdade é que encheu de temor a sua jovem interlocutora. Esta, mansamente, avançou dois passos e pousou uma das mãos num ombro do médico.

— Tenho a impressão... a intuição de que alguma coisa terrível vai acontecer — murmurou ela — Sinto isso... E é o senhor quem vai provocar essa catástrofe! Oh! Conte-me tudo, por favor... Fiz mal, aceitando todo êsse dinheiro?

— Não sei...

Ela deixou escapar uma exclamação desolada e cobriu o rosto com as mãos.

— Terá êle feito... alguma coisa monstruosa? — perguntou com voz enrouquecilda.

— Não sei...

— Mas suspeita, não é mesmo? Oh, sim! Sinto que suspeita... E isso me assusta. Se, ao menos, eu tivesse recusado a ajuda dêle para a nova peça...

O Dr. Hailey ficou em silêncio, alguns instantes. Ela também nada falou, indo sentar-se no sofá, junto da lareira. A criadinha trouxe a bandeja com o chá, pousando tudo, sôbre a mesa. Logo que ela saiu, o médico voltou a falar:

— E' preciso não esquecer... A vida de um rapaz corre perigo! Prenderam, realmente, Jack Derwick, acusado de haver assassinado Sir William! No entanto, estou absolutamente seguro de que êle é inocente dêsse crime!

Poppy de Vere estremeceu violentamente.

— O senhor quer dizer que... que... o Sr. Blunder é o culpado? Oh, meu Deus!

— Não quero dizer nada... Apenas, isso é possível, realmente!

— Se êle fôsse culpado... Oh! E' claro que não deixaria de estimá-lo. O que me importa não é o que os indivíduos fazem.. mas o que são!

Seu rosto, enquanto falava, resplandecia de resolução e se transformava. O Dr. Hailey sentiu pela jovem atriz um novo interêsse.

"— Além do mais — acrescentou ela — vou avisá-lo de que está sendo suspeitado pelo senhor! Será êsse um ato de justiça da minha parte. Afinal, êle foi muito meu amigo...

Hailey baixou a cabeça, pensativo. Depois, erguendo-a, falou, com grande calma:

— Não posso impedir que faça conforme diz... Porém o Sr. Blunder já sabe que suspeito dêle. Já nos encontramos... algumas vêzes...

— Nestas condições, não tinha importância caso êle o tivesse encontrado aqui? Não teria, talvez, desconfiado?

— Não creio...

— Sim... Vou contar tudo! — repetiu ela — Talvez seja a única ajuda que lhe posso dar, presentemente.

(*Continua no próximo número*)

«JANTAREI NA CIDADE, QUERIDA!»



1



2



3



4



5



6



7



8

NOS DOMÍNIOS DA CIÊNCIA

Duas estrêlas gêmeas da constelação do Cisne giram ao redor uma da outra, com a velocidade de 1.500.000 milhas por hora, o que constitui um recorde, mesmo entre as estrêlas. Segundo o Dr. Joseph A. Pierce, diretor do Dominion Astrophysical Observatory, uma das gêmeas tem um volume seiscentas e noventa e uma vêzes maior que o do sol e a outra seiscentas e trinta vêzes maior.



O Dr. Harold Burn anuncia haver descoberto um método seguro de combater os insetos, bloqueando seus impulsos nervosos. Para isso, basta — disse êle — usar uma substância química chamada "parathion". Essa substância ataca e inutiliza outra substância chamada acetilcolina, que desempenha, no corpo, o papel de controladora dos movimentos musculares involuntários.



O cientista finlandês Artturi I. Virtanen, prêmio Nobel de Química, é de opinião que não existe motivo para a fome que flagela certas regiões do globo. Dispomos de recursos produtivos — diz o Professor Virtanen — para alimentar quatro bilhões de sêres humanos, ou sejam, duas vêzes mais, aproximadamente, que a população da terra.

Na maior parte do mundo — salienta o cientista — as terras não são bem aproveitadas. Sòmente na Dinamarca, Holanda e Bélgica a produtividade agrícola é relativamente elevada, em comparação com a área cultivada. Nos Estados Unidos, a produção de trigo corresponde a 400 quilos por acre e, em alguns países da Europa, a mil quilos.



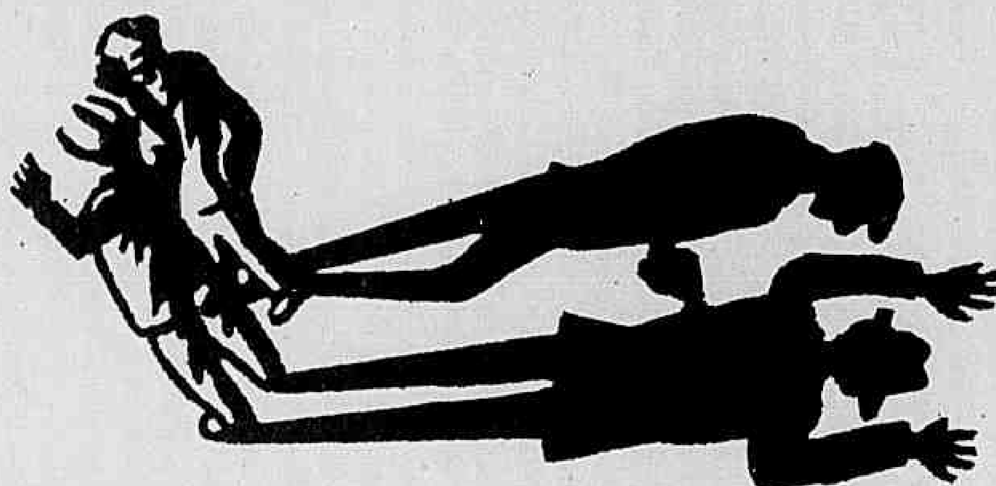
Quem gosta da velocidade se interessará por um novo automóvel esportivo alemão de seis cilindros, sem porta, no qual se entra por uma abertura existente... no teto! Desenvolve a velocidade de duzentos e dez quilômetros por hora.

Tenebrosa

JOHN Simmons foi o único passageiro a descer do ônibus, quando êste parou à esquina de Elm Street. O único, porque era o último. Disse boa-noite ao *chauffeur* e saltou para a calçada envolta em sombras, apressando-se para casa. O céu estava negro, com intermitentes e distantes clarões, que prometiam muita trovoada. Apesar disso, no momento, nenhum som rompia a pesada atmosfera de verão, exceto o ruído dos pró-



VISITA



"Uma rua tranqüila, um revólver encostado em suas costelas, uma voz prevenindo: "Você está me levando para casa, para jantar!" — Eis como teve início a visita".

prios passos de John sôbre o cimento. A chuva ainda ia demorar; mas, para não se arriscar, John apertou mais ainda o passo.

Então, de repente, ouviu outros passos atrás de si. Não tão sonoros como os dêle próprio — e por isso não os sentira aproximando-se. Mas ali estavam êles, bem à sua esquerda e, para observar o novo caminhante, John começou a voltar a cabeça. Porém apenas "começou", porque uma voz disse:

— Continui andando!

Era uma voz cheia, lenta, ameaçadora e, assim, *inesperada,* provocava um repentino *resfriamento* do sangue.

Sem poder refletir, nos primeiros segundos, John obedeceu automàticamente. A voz, então, voltou aos seus ouvidos:

— Onde você mora?

John abriu a bôca; porém sem saliva não conseguiu articular palavra.

— Responda! Onde mora? — insistiu a voz.

— No próximo quarteirão — respondeu John, com voz que êle próprio não reconheceu.

— Pare! — ordenou o desconhecido. John obedeceu e qualquer coisa rude foi comprimida contra as suas costelas, enquanto de novo o outro falava em tom imperioso:

— Volte-se para mim.

John obedeceu e viu que o homem empunhava uma pistola automática.

— Como se chama? — perguntou o assaltante.

John respondeu conforme era pedido.

— O meu nome é Albert Brackman — disse o outro — Você poderá dizer apenas *Al.*

Tudo era inconcebível, absurdo *e dramàticamente real,* a ponto de deixar John frio, sem poder refletir. Podia ver, agora, o rosto do homem — um rosto difícil de recordar dois minutos depois de fugir do nosso campo visual, mesmo nessas circunstâncias. Era de estatura pouco elevada — a cabeça pouco passava dos ombros de John. Vestia um terno escuro, impossível de descrever e, à cabeça, tinha enterrado um chapéu de feltro, também escuro. Suas feições eram *sêcas,* sem expressão marcante, quase sem vida, — como máscara, *a máscara de um morto.*

O homem chamado Al voltou a falar.

— Você é casado?

— Sou.

— Filhos?

— Nenhum.

— Que faz? Enfim... Que negócios tem?

— Publicidade.

Brackman pareceu refletir um instante, depois declarou:

— Eu talvez tenha cinco minutos de avanço sôbre os "tiras". O único lugar em que nunca entrarão para me procurar, é uma casa como a sua! Eu poderia forçar a entrada em qualquer outra, mas isso talvez provocasse barulho. Preciso, ao contrário, que tudo seja feito sem ruído, com calma, entende?

— Sim — disse John.

— Preciso de umas duas horas... — explicou Brackman — Se puder atravessar a fronteira do Estado, depois dêsse intervalo, terei maiores probabilidades de me safar. Entregue-me a chave do seu automóvel.

— Está com a minha espôsa — disse John — Não uso o automóvel para ir ao escritório por causa da dificuldade de encontrar vaga.

Brackman moveu a cabeça com ar de quem entendia, depois voltou a falar:

— Matei dois policiais. Se os guardas me pegarem, estarei liquidado de uma vez! Porém êles só poderão enviar-me para a cadeira elétrica *uma vez!* Por isso, não ficarei em pior situação se matar mais duas pessoas... *Você e a espôsa!* Compreende o que isso significa?

John assentiu com um movimento de cabeça, pois seu coração batia violentamente quase junto da garganta, impedindo-o de falar.

— Mas não desejo matar quem quer que seja — continuou Brackman — Apenas desejo passar despercebido; ficar ignorado, neste bairro, na sua casa! Isso será fácil para você. Sou *um amigo que traz para jantar.* Depois, cuidará de fazer com que tudo corra normalmente... E nada de falatório nem truques, entende?

— Entendo...

— E, se a sua espôsa se mostrar espertinha!... — continuou Brackman, retorcendo os lábios magros e secos, antegozando o crime — será ela a primeira a levar bala... Por isso você deverá estar atento também com ela!

Ao falar, indicou com a mão que empunhava a arma que as explicações esta-

vam terminadas e que John devia prosseguir. Êste, defato, fêz meia volta e recomeçou a andar.

Dentro de casa, Brackman, sempre empunhando a automática, escondeu a mão direita no interior do paletó, à altura do peito, do lado esquerdo. A voz de Nancy saudou a entrada de John:

— Olá querido!— Estou aqui, na cozinha!

Ao contrário do que sempre fazia, John iniciou uma retirada. A meio caminho, porém, tornou a encontrar Brackman, junto do seu ombro.

— Você se atrasou — disse Nancy — Cinco minutos pelo menos... Foi o ônibus?

Junto da porta da cozinha, John disse, finalmente:

— Trouxe um amigo... para jantar!

Nancy rodou nos calcanhares. Os grandes olhos azuis pareciam haver dobrado de tamanho, enquanto os lábios se entreabriam.

John, porém, não lhe deu tempo e explicou:

— Al Brackman... Um colega... — falou êle com a fisionomia e a voz perfeitamente controladas.

— Como está, Sra. Simmons? — disse Brackman, com um sorriso que não conseguiu dar vida ao seu rosto — Foi um grande prazer...

Nancy, de vagar, volveu o olhar assombrado do marido para o seu acompanhante, enquanto dizia: seu acompanhante, estendendo a mão:

— Muito prazer, Sr. Brickman... Fêz muito bem em vir jantar conosco...

Brackman, porém, ofereceu a mão esquerda.

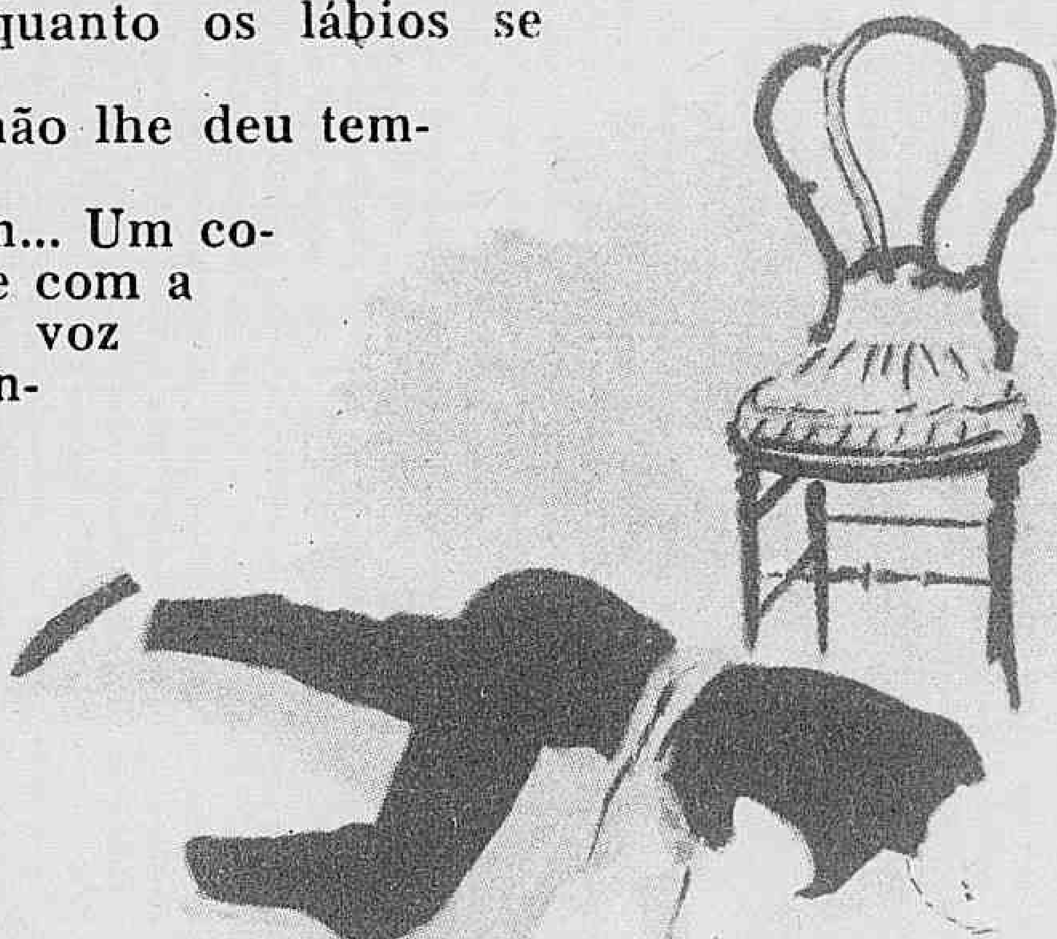
— Magoei a mão direita, hoje, pela manhã — disse êle.

Conservou, de fato, a mão direita, a uns dez centímetros da abertura do paletó — pronta para agir.

Mas, na verdade, nunca fêz um movimento com essa mão, nem mesmo durante o jantar.

Nancy fêz um esfôrço todo especial para parecer encantadora, como se desejasse fazer seu hóspede esquecer a primeira impressão de surprêsa e desagrado, que não pudera esconder totalmente.

Passado o primeiro *estado de choque*, John pôde aparentar certa calma. Mas, na verdade, seus nervos estavam esticados e em seu cérebro os pensamentos tumultuavam, como o animal que espera uma oportunidade...



Foi depois do jantar; acabavam de lavar e enxugar a louça. Brackman insistira para que êle mesmo e John ajudassem, pois que assim poderia vigiar os dois ao mesmo tempo. John estava na copa. Repentinamente, um prato escapuliu da mão de Nancy e quebrou em uma dúzia de pedaços, contra o ladrilho.

Involuntàriamente, Brackman se curvou para apanhar os cacos do prato. Nancy tinha uma pesada frigideira de ferro na mão. O reflexo de John começou a atirá-lo para a frente, a fim de se apoderar daquela arma e...

Brackman porém, ergueu-se rápido, colando as costas contra a porta, a mão direita sempre metida dentro do paletó, enquanto os seus olhos sondavam, rápida e alternadamente, Nancy e John — e êste compreendeu que se o seu intento fôsse nesse instante descoberto pelo criminoso, Nancy e êle próprio teriam sido fuzilados, friamente, à queima - roupa. Nancy, que se ajoelhara para limpar o chão, nada havia notado.

Porém, pouco depois, no *living-room*, ela tomou a palavra para dizer:

— Um dos clientes de John mandou de presente um *whisky* escocês com mais de vinte anos, por ocasião do Natal. Creio que podemos, todos, tomar uma dose... Vou apanhar a garrafa lá em cima.

Disse e saiu da sala. Logo que ela desapareceu, Brackman se ergueu, atravessou a sala e empunhou o fone.

— Se ela tentar chamar a polícia por alguma extensão dêste aparelho — disse êle, ao mesmo tempo que exibia metade da pistola automática.

John ficou pedindo a Deus que afastasse Nancy do telefone do primeiro andar. Porém, segundos depois, ouviu os passos dela, descendo a escada, e Brackman tratou de pousar o fone. Os dois homens não trocaram sequer uma palavra, enquanto Nancy se manteve na copa. Cinco minutos depois ela voltava, cantarolando, com a bandeja e, nesta, três copos com *whisky*

Estava, entretanto, nervosa, embora nada falasse. Aproximou-se do lugar onde estava Brackman e apresentou-lhe a bandeja. O pistoleiro apanhou um dos copos. Nancy ofereceu a bandeja de maneira a que êle apanhasse êste ou aquêle copo. Porém Brackman apanhou, justamente, o que ela preferia que êle apanhasse.

Brackman provou a mistura e, a seguir, observou o líquido ambarino, por alguns momentos, em silêncio.

Depois, como se repentinamente se lembrasse:

— John — disse êle — não se esqueça de que prometeu levar-me em seu automóvel até à estação.

Ao falar volveu o olhar significativamente para Nancy. John compreendeu o que êle queria e pediu a Nancy que fôsse apanhar a chave do veículo.

Logo que ela saiu da sala, Brackman retirou a arma de onde a trazia, escondida. Apontou-a para John e levantou-se com o copo na mão. Caminhou até chegar junto dêle e então disse:

— Vamos trocar de copo!

John olhou para o copo que o outro deixou em suas mãos... e estremeceu. No fundo, havia pequena quantidade de um pó branco, ainda por dissolver!

— Vamos! Pode começar a beber... — ordenou Brackman — Eu mesmo vou receber a chave. Eu devia liquidar Nancy, de uma vez! — acrescentou, levantando a arma num gesto eloqüente — Mas vou simplesmente "adormecê-la" com uma boa pancada na cabeça... Assim terei tempo de deixar a fronteira muito longe, com a ajuda do seu automóvel. Se você não se fizer de engraçadinho, não haverá mais nada, *da minha parte!* Mas a verdade é que ela devia ter tido mais juízo, não se metendo onde não foi chamada!

A visão de uma Nancy agredida, caída sôbre o tapête, impeliu John para a extremidade da poltrona.

— Quietinho aí... — murmurou Brackman entre dentes — Vocês dois terão melhor sorte, se você beber isso aí, tudo de uma vez!

Nancy já voltava com a chave. John bebeu até esvaziar o copo.

O gôsto não era nada mau. Porém mesmo antes de haver tragado o último gole, John compreendeu que estava liquidado. Invisíveis arames pareciam coser as suas pálpebras. Procurou lutar, tentou mesmo ficar de pé e levantar a cabeça, a cabeça que era impelida para baixo por uma fôrça irresistível, como se sôbre ela tivessem desabado várias toneladas!

Pôde ver ainda Brackman, com um mau sorriso no rosto de morto, levantar o braço, num zombeteiro *brinde*, antes de beber o seu *whisky*. Depois nada mais viu, mergulhando nas trevas.

John abriu os olhos. Imediatamente a voz de Nancy perguntou, ao seu lado:

— Oh, querido! Está melhorzinho?

Sentiu os braços dela, carinhosos, em redor do seu pescoço enquanto continuava a dizer: "Querido... querido..."

Êle estava deitado no próprio leito. Tentou falar, mas a língua continuava sem fôrças, e inchada, ocupando tôda a sua bôca.

— Tudo está bem, querido — tornou a falar Nancy, lendo o terror nos olhos dêle — Chamei a polícia. Os guardas vieram logo e o levaram...

Recuou um pouco para olhar bem para os olhos do marido e fêz a grande "revelação": *Era um assassino perigoso!*

John pôde pigarrear, concordando. Nancy continuou:

"— Eu sabia que alguma coisa estava errada, quando você não se desculpou de haver trazido gente para jantar, sem ao menos dar um avisozinho pelo telefone... Também não foi me beijar, quando chegou — e continuou muito... *natural,* apesar dessa coisa espantosa! Nem tentou falar comigo, a sós, para uma explicação. Creio que êle pensava que a nossa casa era um lugar seguro... Porém vê-se logo que não entendia muito da vida de casado e do papel do marido!

John fêz um esfôrço desesperado, como se tivesse que remover um arranha-céu do seu alicerce e conseguiu falar:

— *A... bebida...*

— Oh, querido! Sinto muito... — disse Nancy — Mas que podia eu fazer? Sabia que a mão direita dêle não estava ferida. Quando passei para êle o prato de sopa, rocei o braço pelo seu paletó e senti a arma, que ali estava escondida. Estive para bater-lhe com a frigideira de ferro, na cozinha, mas isso podia feri-lo gravemente... E eu não sabia, afinal, que êle era um tão grande criminoso...

"Então... lembrei-me dos soporíferos usados por mamãe no último verão. Mas imaginei que êle, era homem desconfiado e, por certo, procuraria trocar de copo... Por isso deitei o remédio nos dois copos, pois sabia que ninguém neste mundo pensaria que eu fôsse capaz de, em tal situação, dar narcótico violento ao meu próprio marido!

Sorriu para John e concluiu:

"Creio mesmo que o pior para êle foi nada saber a respeito de espôsas.

NÃO minta!

Novela de CURT HAMLIN

— Por que, afinal, as crianças dizem *certas coisas?*

— Por que causam, às vêzes, tão grande confusão? POR QUÊ, POR QUÊ?

*

A menina entrou sem ruído, pisando com a pontinha de cada pé, na sala em que o homem estava sentado, lendo, e foi, por sua vez, sentar-se no sofá fronteiro, ajeitando corretamente o vestidinho sôbre os joelhos. Depois sentou também a boneca ao seu lado e disse, com a sua vozinha arrastada:

— Mamãe está lá em baixo, no depósito.

— Está?...

A menina continuou:

— Eu estava brincando *de enrolar*, no reposteiro...

Estêve algum tempo corrigindo a posição da boneca, que teimava em cair para a frente, em vez de ficar sentada.

"Êle tinha cabelos louros, como nós, mas os olhos eram azuis e a ponta do nariz estava quebrada.

"Eu estava enrolada na cortina, quando êle chegou e ali fiquei quieta... e vi tudinho!

Levantou a cabeça com ar acusatório e protestou, noutro tom:

"Você não está ouvindo o que estou contando!"

O homem levantou a cabeça e ao mesmo tempo abaixou o jornal que mantinha aberto entre os dois braços.

— Contando... *quê?*

"Quando êle chegou! — repetiu a menina, impaciente — Eu não estava dizendo? Era grande e tinha cabelos louros, olhos azuis e engraçados, muito brilhantes, e manchas no rosto e — e um macaquinho!

— Não seja bobinha...

— Mas é verdade! Só que era pequenino assim... Um filhotinho, com certeza. Estava aqui, assim, do lado, num bôlso...

Apanhou a boneca e começou a alisar-lhe os cabelos, com gestos delicados.

"Não estava com êle, da outra vez..."

— Que outra vez?

— Esta manhã! Só que não fêz nada. Nada até que voltou, depois do lanche. Mamãe não queria que êle entrasse porque tinha mêdo. Eu também tinha e por isso continuei atrás da cortina...

O homem moveu a cabeça, revoltado, e voltou a abrir o jornal.

— Não entendo o que você está dizendo.

— Não entende porque não quer ouvir! — disse a criança; nesse instante, limpava com a ponta do vestido o rosto da boneca — E sempre ouvi dizer que é indelicadeza ficar lendo quando outra pessoa fala...

— Muito bem, muito bem... — disse o homem. Tornou a fechar o jornal com gestos bruscos, dobrando-o sôbre os joelhos. — Continue!

— Não continuarei se não me quiser ouvir!

O homem mordeu os lábios para conter uma praga.

— Você é tal qual a sua mãe. Quando cisma de irritar alguém... Vamos ver... Conte logo essa história.

— Bem... Eu estava atrás da cortina.

— Isso você já me disse.

— Antes de mamãe deixar o homem entrar... Mas depois deixou e foram juntos para a cozinha... Pude ver tudo porque êles deixaram a porta aberta. Êle tinha uma grande faca no bôlso. Não no mesmo bôlso em que estava o macaco. No outro... Êle feriu mamãe com a faca e ela disse *"Oh, Deus"*, e...

— Não diga tolices! — (a voz do homem explodiu, irada).

— Mas era mamãe! — insistiu a menina — E êle tornou a enterrar a faca, assim, e ela não caiu porque êle a segurou. Depois de algum tempo, levou-a para o depósito, no porão.

São essas malditas historietas que ela anda lendo — pensou o homem, revoltado — Tudo crime e violência! Tudo envenenando a imaginação infantil!

Tornou a apanhar o jornal sôbre os joelhos, desdobrando-o selvagemente. A menina, muito calma, perguntou:

— Não vai ouvir o resto da história?

— Você está dizendo bobagens...

"— Não. O macaquinho gritava. Quando êles estavam lá em baixo, no depósito. Êle colocou mamãe na grande caixa que fica por trás do forno de queimar lixo. Depois subiu de novo e



procurou-me em tôda a casa; mas não me encontrou porque eu não saí de trás da cortina."

— Não quero mais ouvir essas tolices! Você está ficando muito feia...

"— Então êle saiu. Mas só depois de muito tempo. E tive muito mêdo, por muito tempo... Muitas horas, parece... Dolly também teve muito mêdo! — acrescentou, alisando os cabelos da boneca.

O homem jogou o jornal para um lado.

— Escute um pouco — disse êle, rudemente — Você não deve contar mentiras assim. Só as meninas feias podem mentir. E, se você não parar com essas mentiras... apanhará uma sova.

A menina olhou para o pai com olhos muito abertos, muito medrosos, cheios de surprêsa também.

— Você ouviu bem? Darei uma sova! — insistiu êle — Depois, recostando-se na poltrona, coçou furiosamente a barba e perguntou:

— Onde está sua mãe?
— No depósito.
— Eu já avisei...

— Mas é lá mesmo que ela está! — insistiu a menina — E' verdade!

— Pois bem. Desça e vá dizer-lhe que já cheguei. Provàvelmente ela não sabe...

Ela escorregou do sofá, sempre abraçada com a boneca e correu para fora da sala. Êle ouviu quando ela abriu a porta que dava acesso à escada para o depósito e também seus passos vagarosos, cautelosos, descendo para o porão.

Ela não era má — pensou — apenas muito imaginativa. Também podia ser ligeira alteração de saúde. E aquêles livros... Livros em excesso! E também o cinema! Tudo impróprio para uma criança da sua idade! Conversaria depois, com a mulher, a êsse respeito.

Sentia-se agora fatigado. Fechou os olhos.

Quando voltou a abri-los a menina estava de novo sentada no sofá, lidando com a boneca, obrigando-a a sentar, e ajeitando-lhe o vestidinho.

— Disse à sua mãe que estou aqui?
— Hum-hum...
— Que disse ela?
— Nada.

— Você devia ter dito a ela que estou com fome! — gritou êle, com azedume.

Tornou a fechar os olhos, sentindo todo o esfôrço do dia repuxando os seus músculos, agora frios. Depois de curto instante a menina voltou a falar com a sua vozinha mansa e insinuante:

— Eu posso mostrar, se quiser...
— Mostrar... *quê?*
— Onde havia sangue, na cozinha! Oh! Agora não há mais, porque êle limpou tudo!
— Já disse para não continuar com essas histórias tolas...
Porém a menina não o ouviu e proseguiu:
— Creio que está tudo limpinho. Êle lavou muito bem!

"Isso é quase uma doença — pensava o homem — E' preciso cortar o mal pela raiz. E' preciso, é preciso... Mesmo que seja com a violência...

Sentou mais na extremidade da poltrona e chamou-a com voz firme.

— Vem cá! Aqui, na minha frente!
Ela tornou a escorregar de vagar, do sofá, deixando a boneca, desta vez, e foi ficar de fé, diante do pai... Os braços caídos, as mãos agarradas às pregas do vestido. Era evidente que tinha mêdo; pela primeira vez tinha mêdo do pai, que pela primeira vez a olhava daquela maneira.

—Não quero bater em você — disse êle, pesando bem as palavras.
Ela nada respondeu.

"Mas quero que saiba, de uma vez por tôdas. Não minta! Não quero ouvir você contando essas histórias bôbas. E' muito feio! E, quem mente, não pode ir para o céu. Deus não receberia você!
— Mas...

Porém êle não a deixou falar:
— Escute bem. Ninguém veio aqui! Ninguém, com cabelos louros e uma faca! Ninguém com um macaquinho! Está compreendendo. Foi tudo tolice! Você imaginou essas coisas, entende?

Ela moveu a cabeça afirmativamente.
Suas unhas se enterravam nas palmas das mãos. Procurou com violento esfôrço dominar os próprios pensamentos. Depois de alguns segundos, clareando a garganta, voltou a falar, mais pausadamente.

— Não quero que você torne a falar nessas coisas! Nunca mais! E' muito feio... Papai do céu não gosta! Nada do que disse aconteceu! Ninguém estêve aqui. Ninguém com uma faca. Nada! Você andou sonhando... E deve procurar evitar de pensar nessas coisas. Não seria bonito, para uma menina educada... E, se tornar a falar nessas tolices mais uma só vez, sequer, eu serei obrigado a usar o chinelo e bater muito em você, entendeu?

— S...sim! — Estava olhando para o lado, para a boneca que ficara abandonada no sofá — Você... você não quer ouvir mais!

— Exatamente! Não quero tornar a ouvir essas tolices — repetiu êle — Nunca mais!

Fêz um movimento para voltar a apanhar o jornal e perguntou:

— Agora, fale a verdade; onde está sua mãe?

— No depósito — declarou a menina — Na caixa grande, por trás do incinerador.

Êle bateu rudemente com as costas dos dedos contra a boquinha carnuda.

A violência do gesto quase o fêz gemer de mágua. Nunca! Nunca batera na filha, até então! Ficou olhando para a menina, rígido, aguardando o início do chôro, esperando pelas lágrimas para começar a beijá-la e a pedir-lhe perdão. Porém os seus olhos permaneceram secos e parados e terrìvelmente carregados de censuras. Finalmente falou:

— Você sempre dizia que nunca bateria na sua filhinha.

— Mas eu avisei duas vêzes!

— Sim... Avisou... — murmurou ela, curvando a cabeça para examinar as próprias mãos. Depois foi apanhar a boneca, no sofá e caminhou para a escada. Levava a boneca segura por uma perna, babalançando grotescamente. — Avisou sim... — repetiu.

Êle ouviu os passos da filha, subindo a escada para o primeiro andar, e também os movimentos que fêz, preparando-se para dormir. Desejava ardentemente acreditar que nada acontecera... Nada! Além do mais ela era muito criança... e boazinha. Depressa esqueceria o seu gesto impensado. Tudo fôra tão rápido... E, quando se é criança, essas coisas passam depressa!

Pouco depois também êle esqueceu o ocorrido, interessando-se pelo jornal. Sentia-se agora fatigado e com fome. Lançou um olhar ao relógio, surpreendido por ser tão tarde. Tinha que fazer qualquer coisa...

Levantou-se, largando o jornal sôbre o tapête, e caminhou para a cozinha, que estava limpa, varrida e vasia. Não havia louça suja, nem detritos no depósito, nem panelas por lavar, nem caçarolas... Abriu a porta que dava acesso ao depósito do porão e olhou para os degraus estreitos. Na escuridão, em baixo, pôde distinguir formas vagas. Chamou, uma vez; duas vêzes.

A casa estava silenciosa.

Tornou a chamar, agora pisando o primeiro degrau.

Um caminhão passou pela rua, junto da calçada, ruidoso e fazendo o solo tremer. Nesse instante êle perguntou: *"Você está aí?"*, sabendo muito bem que ela não estava. Podia ver, agora, todo o porão. A luz exterior, penetrando pela janelinha gradeada, era suficiente para indicar-lhe todos os objetos. Algumas roupas pendiam de uma corda, secando... Mais além, estava o depósito de carvão, uma estante para jornais velhos... e a grande caixa-depósito, por trás do fogão.

Nada se movia ali. Sem querer, êle murmurou: *"Deve ter ido a algum lugar"*. Suas palavras, embora sussurradas, encheram todo o porão fazendo-o estremecer. Sentia as mãos geladas.

Hesitou alguns instantes, sentindo uma pressão desagradável no peito, sôbre o coração. Mas, afinal, decidiu-se e desceu os degraus restantes, caminhando para a parede, onde havia um comutador de luz. Por alguns momentos ficou quase cego, depois seus olhos se acalmaram e pôde ver tudo em redor.

Caminhou, afastando as roupas úmidas, sem saber realmente o que procurava. A grande caixa, por trás do forno, o atraía. Era como uma fôrça irresistível, que o arrastava magnèticamente. Aproximou-se, irresoluto, com as carnes trêmulas, sentindo uma repentina fraqueza, que envolvia todos os seus membros, num calor incômodo e que emperrava os seus movimentos. Era um grande depósito... Não podia lembrar-se de ter visto outro maior, tão espaçoso...

Levantou a tampa que parecia pesar uma tonelada... e logo deteve-se com um grito selvagem que terminou num gemido de agonia.

*

Mais tarde, quando a polícia chegou, êle repetiu a história que ouvira da menina. Notou, porém, que nenhum dos homens que o cercavam parecia acreditar no que dizia... Gaguejou, ficou rubro de cólera, repetiu tudo uma, duas vêzes mais e, finalmente, desesperado, antes de que fechassem as algemas em redor dos seus pulsos, gritou:

— Perguntem a ela! Sim... Perguntem a ela! Ela mesma dirá?

Êles interrogaram a menina. Foram buscá-la no quarto, onde dormia. Sentaramna no mesmo sofá em que estivera antes, segurando a boneca.

Ela, muito calma e séria declarou que jamais vira qualquer homem de cabelos louros, com uma faca... Nenhum homem com um macaquinho! Não vira êsse homem nem outra qualquer pessoa naquela casa, o dia todo! Ninguém mais, senão a sua mãe, a sua boneca... e ela mesma.

Logo a seguir acrescentou:
— *E papai!*

Sorria, agora. Sorria para êle, tendo nos olhinhos um brilho de cumplicidade maliciosa e de triunfo.

OS GRANDES ERROS JUDICIÁRIOS (V)

"— *Por minha honra* — declarou o homem solenemente — *juro que os únicos assassinos de Antonio Mancini são Perfettini, Santoni, Giuseppe e... eu! Madalena Mancini está inocente! Foi condenada injustamente. Juro-o!*" — repetiu êle, com um tom de sinceridade feroz, que fêz estremecer todos os assistentes.

O homem que defendia, nessa tempestuosa tarde de julho de 1931, a inocência de Madalena Mancini, então condenada aos trabalhos forçados perpétuos, chamava-se Bartoli, e vivia fora da lei; portanto, correra sérios riscos para vir libertar sua consciência na sala de redação de um dos nossos confrades corsos, em Ajaccio.

Era, de fato, um dos três autores principais do crime chamado "de la Casella". Mas, talvez seja melhor fazer um ràpido retôrno ao passado.

O ASSASSINATO DE ANTONIO MANCINI

Em 29 de maio de 1928, nos primeiros momentos da tarde, três homens, fuzil em bandoleira, surgiram na pequena propriedade agrícola de la Casella, num dos cantos mais selvagens da montanha corsa. Eram três bandidos conhecidos. Mas, segundo os leitores devem saber, a palavra "bandido" está longe de ter, nessa ilha mediterrânea, o mesmo sentido que lhe dão no resto do mundo. E', mesmo, uma velhíssima tradição que, um copo de vinho, uma fatia de queijo e pão dourado não sejam jamais recusados aos homens que compõem o "bando".

Os três homens — um tal Perfettini, antigo vagabundo marselhês, que, um ano antes, massacrara junto do grande pôrto foceano três pessoas ("para as roubar" — afirmava a acusação; "por vingança amorosa" — explicava êle com ar carrancudo) refugiando-se a seguir, na Córsega, onde logo alcançara a montanha; um pobre de espírito, chamado Santoni, ao qual só podiam acusar de bagatelas, mas que tinha um fraco pelo vinho e, nos dias de festa, disparava sua arma, sem qualquer motivo, contra os homens em uniforme; Bartoli, enfim, que, no correr de uma rixa, matara o adversário, afastando a golpes de facão os que tentavam detê-lo. Os três homens pediram para falar com Antonio Mancini, proprietário de la Casella:

— Êle foi à cidade. Mas não tardará a voltar — disse um pastor.

— Neste caso vamos esperá-lo.

Esperaram, bebendo e comendo, palestrando também com os criados e principalmente com as criadas da casa. A seguir começaram a jogar os dados entre êles, quando cêrca de uma hora mais tarde apareceu Mancini. Devia ter desconfiado dos visitantes que se encontravam em sua casa, pois que, logo que os viu, deu um passo para o fuzil, sempre carregado, e que estava pendurado num gancho de ferro à esquerda da porta de entrada. Mas já os três visitantes o enquadravam e brutalmente intimavam:

— Queremos o dinheiro!

O longo calvário de uma



AO VOLTAR PARA CASA, ROMANETTI FOI

...e cartas anônimas acusaram sua espôsa de

— Nada tenho, aqui! — disse Antonio, montanhês robusto e decidido e do qual se dizia que era o único em tôda a Córsega, contra o qual Nuncio Romanetti nada pudera.

Nuncio Romanetti, rei dos bandidos corsos, entre 1910 e 1926, será apresentado aos leitores um pouco mais adiante.

— Está bem — disse Perfettini — Neste caso seremos forçados a... *desarrumar* um pouco esta casa...

Dirigiu-se para a escada que conduzia ao primeiro andar:

— Alto lá! — declarou com autoridade o proprietário — Ninguém jamais me meteu mêdo. Não hão de ser três ratos-imundos como vocês que me intimidarão!

espôsa de bandido



ABATIDO COM UM TIRO
haver tirado uma vingança

Agarrara Santoni pela garganta. Os criados da propriedade se agrupavam ameaçadoramente. O filho mais velho de Mancini, João-Miguel, que havia saído em companhia do pai e se atrasara ligeiramente, na volta, junto do estábulo, entrava nessa ocasião. Perfettini e Bartoli não hesitaram. Abriram fogo contra os assistentes. Antonio caiu com um rombo no ventre. João-Miguel com uma bala no peito; sucumbiu uma hora mais tarde. Dois pastôres ficaram feridos ligeiramente; os outros, arrastando o jovem Francisco Mancini, filho cadete de Antonio, espalhavam-se pelos pátios, procurando fugir para a mata próxima. Quanto às filhas de Mancini, Madalena, Paulina, Constância e Joana, conduziram os bandidos ao esconderijo onde era guardado o dinheiro da casa. Antonio não mentira; nada havia, pois apenas 3.000 francos foram contados pelos bandidos que dêles se apoderaram antes de fugir.

Dois dêles foram presos ràpidamente: Perfettini e Santoni. O terceiro, Bartoli, conseguiu permanecer escondido e inatingível nas montanhas. Um cúmplice, que indicara o golpe aos três comparsas, um vigia de casas fechadas, chamado Giuseppe, também foi prêso, algumas semanas depois e, como já fizera Santoni, tudo confessou. Perfettini, porém, pretendia ter sido ameaçado por Antonio, e ter agido, assim, em *legítima defesa!* A polícia de Marselha tinha sôbre êle direito de prioridade; por isso foi transferido para a França continental; durante o trajeto tentou fugir, sendo morto pelos guardas, a tiros de fuzil.

Tudo parecia claro e sem mistérios nessa história sangrenta, que se apresentava sinistramente banal. Crime crapuloso. Móvel concedido: roubo. Foi a modalidade do roubo que incitou os magistrados instrutores a examinar o caso mais de perto. Foram também levados pelas primeiras declarações de Perfettini, reticentes, cheias de subentendidos, de mistério mesmo. Era lá admissível que tanto sangue tivesse sido derramado por 3.000 francos? Era verossímil que muito bem informado sôbre os hábitos de Antonio Mancini, os três bandidos tivessem enfrentado o perigo, entre a gente do proprietário, a plenos riscos, por tão ínfimo lucro? Melhor teria sido roubá-lo, quase sem perigo, no dia em que retornasse do mercado com o produto de suas vendas, pois certas feiras rendiam ao rico proprietário dezenas de milhares de francos.

Giuseppe, enfim, pronunciou um nome, fêz uma acusação lançando o inquérito em nova pista: os três assassinos tinham sido simples executores. O inspirador do assassinato, ou melhor, a inspiradora, era a sobrinha de Antonio, Madalena Mancini, outrora casada com o bandido Nuncio Romanetti, e que acusava o tio de ter abatido Nuncio, dois anos antes.

O CASAMENTO DE MADALENA COM MANCINI

Era preciso não conhecer a triste história de Madalena e dos seus, para ordenar, em boa fé, essa tríplice prisão. Essa história aqui está, relatada resumidamente.

Nuncio Romanetti, nesse tempo, (1916) gozava de grande reputação na Córsega. Tinha um bando, que chefiava desde oito anos antes e tinha também uma

dezena de cadáveres na consciência. Mas nem um só roubo. Nem uma indelicadeza. Era, realmente, um "bandido honrado". Terrìvelmente violento, lá isso era. Antigo açougueiro, pertencia a uma família cujos acessos de cólera sempre terminavam em tragédia. Tinha doze anos apenas, quando sua própria mãe apunhalou um tio, que se mostrava demasiadamente galante com ela. Êle próprio, aos 22 anos, abatera com um tiro de fuzil uma viúva que lhe recusara a mão de sua filha de 16 anos de idade.

Já fugitivo da justiça, executara com as próprias mãos três habitantes da aldeia, que considerava (com ou sem razão) espiões da polícia, além de um guarda que, encontrando-o por acaso, num baile, tivera a audácia de tentar prendê-lo.

Uma noite foi êle cercado por três brigadas de policiais, num alagadiço da pequenina aldeia de Valtacoggio, onde residia a sua companheira, Maria Decca. Atirando tôda a noite, para manter os guardas à distância, fêz uma sortida ao amanhecer e conseguiu cruzar as linhas após fuzilar quase a queima-roupa, dois dos sitiantes. Mas nessa luta Maria Decca perdeu a vida; recebeu no coração uma bala destinada ao bandido.

Após êsses dramáticos incidentes, a cabeça de Nuncio foi posta a prêmio. Porém êle ria desdenhosamente, não ignorando que os Corsos de boa raça não hesitariam, em caso de necessidade, em lhe dar hospitalidade. Assim foi que, uma noite, foi êle dormir na granja de Lava, mantida por Marco-Aurélio Mancini, que, treze anos antes, ficara viúvo, sendo pai de uma mocinha, Madalena, de dezessete anos e de um filho, João-Maria, de quinze anos. Foi atendido por Madalena, a quem achou bonita. Era realmente, uma linda criatura, embora de pouca estatura. Oito dias depois de haver deixado a propriedade, retornou com oito homens bem armados e sem preâmbulos, declarou a Marco:

— Venho pedir a mão de tua filha.

O pobre homem empalideceu. Compreendeu o que aquilo significava. Tentou algumas explicações, declarando que a filha era ainda muito moça, frágil... Mais tarde tornaria a tratar do assunto...

Nuncio, porém, começou a acariciar a coronha da sua arma de maneira característica. O bando, fora, mais se aproximou da casa. Madalena foi beijar o pai, enquanto os seus grandes olhos derramavam lágrimas incessantes:

— Eu irei com êle — disse ela a Marco-Aurélio.

— Ela é tão sensata como linda — rosnou Romanetti, enquanto o pai, desolado, beijava e abraçava convulsivamente a filha.

Um assobio do bandido e logo seus homens surgiram.

— Vamos beber e dançar! — ordenou Nuncio — Já estou casado!

Havia em Nuncio Romanetti muitos sentimentos que revelam ter o bandido alguma nobreza. Conta-se que numa manhã de eleições, êle raptou um dos grandes cabos eleitorais, amarrando-o a uma árvore. Depois, com o punhal na garganta do infeliz, exigiu sua palavra de votar pelo candidato da sua preferência. O outro, porém, não se assustou:

— Já dei minha palavra — disse — Não tenho duas.

— Retoma a palavra dada — insistiu Nuncio — ou cravo êste punhal em tua garganta.

E, de fato, começou a espetar.

— Se retomasse a minha palavra uma vez, poderia retomá-la uma segunda vez — teimou o outro com o mesmo tom tranqüilo.

Romanetti guardou a arma e soltou o homem, dizendo:

— Tens coração! Gosto de gente assim. Infelizmente êsses valentes são raros. Sempre que precisares de ajuda estarei ao teu lado!

Madalena se sacrificava, naturalmente, para salvar seu pai da cólera de Nuncio. Mas, talvez, no fundo, seu coração agasalhasse o desejo misterioso de reformar o bandido, trazendo-o de volta ao bom caminho. Tôda mulher tem um gôsto secreto por êsse papel de Terra-nova. A desgraçada ia ser muito mal recompensada. Durante dez anos conheceu um martírio de todos os instantes, não que Romanetti não tivesse por ela uma certa ternura; mas, sendo rude, violento, quando bebia não tinha medidas. Muitas vêzes amarrava Madalena à cauda do cavalo e arrastava a desgraçada por ladeiras pedregosas, que rasgavam seu pobre corpo. Ela tentou fugir, chegando até Marselha. Romanetti mandou dois homens raptá-la e trazê-la de volta ao antro dos bandidos. Ali, inteiramente nua, foi surrada até perder os sentidos e tombar num soalho, onde fôra polvilhado, fartamente, sal grosso.

ACUSAÇÕES ABSURDAS

Êsse martírio teve um fim em 25 de abril de 1926. Em plena noite, quando Nuncio voltava de um grande banquete na residência de uns lavradores de la Bitesa, a poucos quilômetros de Lava e de la Casella, foi abatido por um tiro de fuzil, disparados por alguém que ficara de tocaia. O assassínio devia ficar impune. Uns atribuíram o crime a algum marido enciumado, pois o bandido não era fiel à espôsa. Outros afirmaram que o autor fôra um camponês ameaçado de ser roubado de uma das suas filhas, como o fôra Marco-Aurélio. Mil boatos contraditórios circularam. Entre os que ganharam

mais consistência, foi o que apontava Antonio Mancini. Em diversas ocasiões êle enfrentara resolutamente o bandido, declarando: "Também eu tenho um fuzil!"

Fôsse como fôsse, Madalena estava livre. E, feliz, instalou-se em Lava. Marco-Aurélio morrera, em 1920, de desgôsto. Com Madalena foram viver seu irmão, João-Maria e sua cunhada, Antonieta, filha de Nuncio, mulher de uma correção absoluta, que jamais cessou de fazer boa vida em comum com o marido.

Como conceber que Madalena tivesse pensado em "vingar" a morte do homem que tanto a fizera sofrer e do qual chegara a fugir, uma vez? Porém as acusações de Giuseppe eram cada vez mais detalhadas, agora confirmadas pelos vagos rosnares do imbecil Santoni. Cartas anônimas também chegaram à polícia. Em 27 de fevereiro de 1929, nada pôde salvar Madalena. Nem o fato de terem apanhado na prisão, um bilhete de Giuseppe, dizendo: "Acusei os Mancini para livrar-me de condenação maior." Nem mesmo o depoimento de um terceiro, afirmando que depusera contra Madalena porque fôra pago para isso. Um camponês de Bastelica surgiu para afirmar que Madalena pedira a outro bandido, Faggianelli, que fôsse matar Antonio, prometendo ser sua amante se tal fizesse.

A acusação era realmente grave, mas foi êle desmentido três vêzes por Faggianelli, em cartas abertas aos jornais. Infelizmente, a convicção dos magistrados estava formada. Madalena e Santoni foram condenados a trabalhos forçados a perpetuidade. Giuseppe a sete anos de prisão. Os outros Mancini foram absolvidos.

Foram necessários nove anos de esforços e algumas personalidades influentes e corajosas, de Paris, indignadas contra uma tão grande injustiça, para obter o perdão de Madalena. Em 3 de fevereiro de 1938, conseguiu, afinal, sair da prisão. Imediatamente voltou para a Córsega, onde vive ainda, pacatamente, respeitada por todos.

★

PEQUENOS, SIM, MAS TERRÍVEIS!

A jovem geração atual está, realmente, prometendo... Vejamos *as últimas*, anotadas por uma revista norte-americana. A seguir, tratemos de pôr as barbas de môlho...

★

PRECAVIDOS — Um grupo de delinqüentes juvenis, de Colorado Springs, Estado do Colorado, tentou, recentemente, alguma coisa realmente nova. Mais cedo ou mais tarde — segundo imaginaram, com muita razão — algum dêles iria parar por trás das grades da prisão e por isso... — Infelizmente, para êles, os guardas descobriram o estratagema — haviam armazenado, com habilidade, um bom suprimento de limas de diversos tipos, nos rebordos das janelas da prisão local, para serem utilizadas oportunamente!



★

ATENÇÃO, DIVORCISTAS! — Um menino de nove anos de idade, residente em San Francisco da Califórnia, foi encontrado vagando em Reno, no Estado de Nevada, muito distante de sua cidade natal. Fizera a viagem sòzinho! Quando a polícia o recolheu, extenuado e com fome, o menino declarou que a sua viagem a Reno era perfeitamente compreensível e não merecia punição. Queria, simplesmente, rasgar a sentença de divórcio que desmanchara o lar paterno!

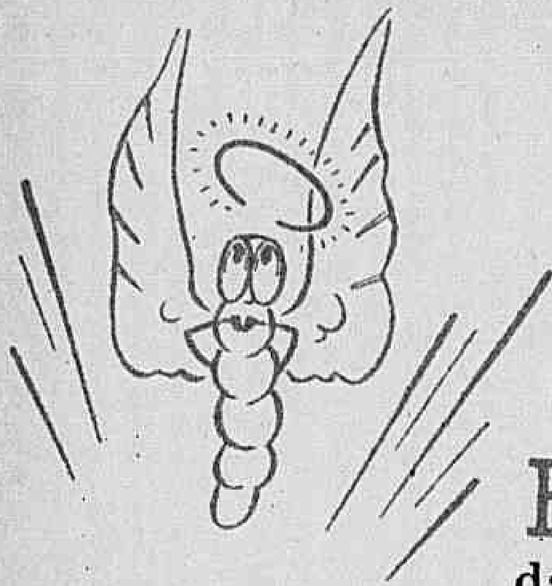
★

QUE SUSTO! — Numerosos colegiais, em Cincinnati, organizaram um clube a que chamaram de "X Negro", a fim de disputar o campeonato de base-ball. Recentemente uma senhora recebeu o seguinte ameaçador bilhete: *"Entregue, hoje mesmo, 25 centavos a Billy; apanharemos o dinheiro com êle. Se não obedecer raptaremos o menino."*

Horrorizada, a pobre mãe chamou a polícia e manteve o filho escondido em casa durante três dias... até que a polícia, depois de muito trabalho, descobriu que tinha sido o próprio Billy o autor do bilhete, *porque o clube precisava de dinheiro a fim de providenciar sua instalação!*

★

ÊSTE PROMETE MESMO ! — Em Dallas, Texas, uma senhora foi à delegacia queixar-se de uma criança de três anos e meio, sua vizinha, que diàriamente surrava o seu "pobre" cão policial!



LARVAS heróicas

ESTA é a história de alguns heróis da Primeira Guerra Mundial que não tiveram monumentos erigidos à sua glória. Mas nem por isso deixaram de ser os pioneiros de algo vital para a nossa saúde, em tempo de guerra ou de paz. Heróis? Sim, um punhado de larvas de moscas varejeiras!

Trata-se de um drama escrito apenas nos anais da medicina. Foi na França, em 1917, quando dois soldados americanos, feridos num campo de batalha, passaram despercebidos no meio da confusão da retirada dos colegas contundidos. Êles ficaram esquecidos, estendidos no solo, sem água e sem alimento, expostos ao tempo e a nuvens de insetos que volteavam no espaço, ávidos dos despojos de uma luta sangrenta.

Finalmente, a Providência fêz com que os dois soldados fôssem encontrados e removidos para um hospital de sangue.

O cirurgião, Dr. W. S. Baer, ao saber do acontecido, admirou-se não sòmente de que os dois homens ainda estivessem com vida, como também por não constatar febre ou sinais de septicemia.

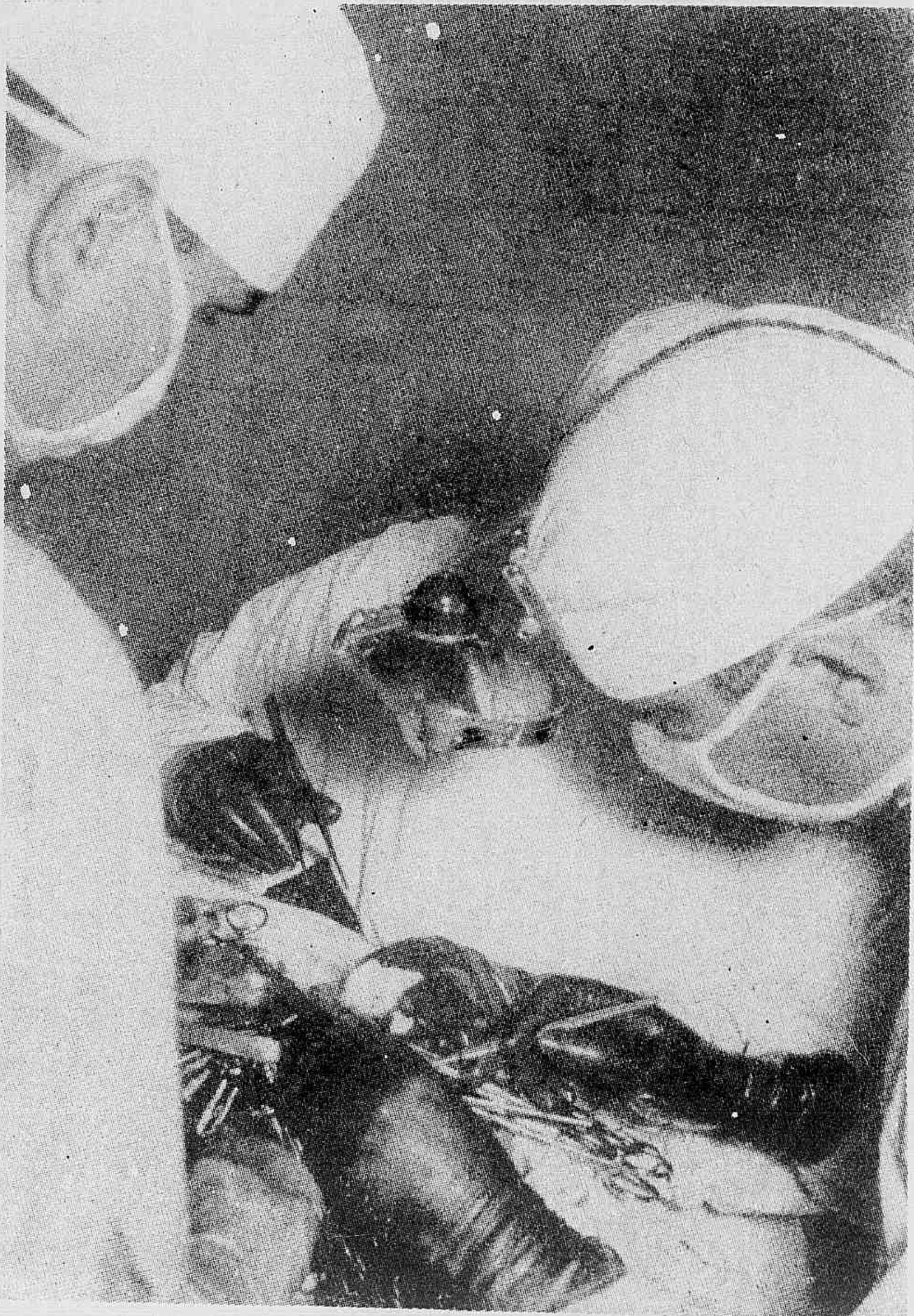
A admiração do médico cresceu quando verificou a extensão dos ferimentos: fraturas expostas do fêmur e graves lesões no abdomen. Naquele tempo a mortalidade em casos idênticos era de cêrca de oitenta por cento, mesmo quando os feridos recebiam cuidados imediatos.

O Dr. Baer não podia compreender como duas criaturas que haviam jazido no solo durante uma semana inteira, com fraturas expostas e sem alimento ou quaisquer cuidados, pudessem estar em tão boas condições físicas.



Ao examinar os soldados, o espanto do médico chegou ao auge. Centenas de larvas de moscas varejeiras cobriam-lhes as feridas. "Depressa!" exclamou. "Solução morna de sal! Lavem os ferimentos! Muito bem. Mas... é notável, é espantoso!"

Em lugar da putrefação que esperava encontrar, surgiu um quadro admirável de limpeza, o máximo que um médico poderia esperar de um ferimento após cuidadoso curativo! Mais tarde escreveu o Dr. Baer em seu relatório: — Pràticamente não havia exposição do osso, e a estrutura interna do osso fraturado, assim como a carne ao redor, apresentavam uma aparência limpa e rosada.



O cirurgião faz a sua obra. A renovação do tecido celular é obra do organismo do paciente...

Os dois pacientes ficaram curados em espaço de tempo normal e o cirurgião continuava intrigado: teriam as larvas agido como verdadeiros varredores, eliminando as partes mortas dos tecidos para que a parte sã pudesse reagir?

Passada a guerra e de regresso a Baltimore, o Dr. Baer pôs-se a consultar velhos tratados de medicina, constatando que idêntica observação já havia sido feita por médicos da armada.

Houve mesmo um cirurgião que não sòmente observara a ação curativa da larva da varejeira como introduzira deliberadamente nos ferimentos, com o fim de eliminar as partes mortas dos tecidos, algumas larvas vivas, eliminando a ameaça da gangrena.

O Dr. Baer perdia-se em conjecturas. Por que êsse fato tão interessante nunca fôra devidamente estudado? Talvez porque as descobertas de Pasteur e Lister e a revolução trazida à cirurgia pela antissepsia haviam ofuscado quaisquer tentativas de pesquisas nesse sentido.

Em setembro de 1928 o Dr. Baer operou quatro crianças num hospital de Baltimore, atacadas de osteomielitis crônica, para remover os tecidos mortos; depois introduziu, sem assepsia de qualquer natureza, algumas larvas vivas de varejeiras.



...e a uréia, hoje um produto sintético, auxilia essa tarefa de maneira eficiente.

Ao cabo de seis semanas a cura era indiscutível, e as crianças deixavam o hospital. A notícia ecoou pelos corredores da profissão médica. Larvas de varejeira! Muitos médicos abanavam a cabeça, incrédulos. Houve mesmo comentários sarcásticos. Mas os resultados satisfatórios sucediam-se.

Um fator de importância era a impossibilidade de esterilizar as larvas. Naturalmente, era impraticável o uso de antissépticos; agentes esterilizantes matariam tanto as larvas como os germes. Casos houve de infecções secundárias causadas pelo emprêgo de larvas não esterilizadas.

"E' absurdo!" diziam muitos médicos. "Não podemos matar o paciente pela cura". Retrucavam outros, porém: "Mas nada impede o emprêgo de larvas... *criadas sob condições assépticas.*"

A tarefa era difícil. O Dr. William Robinson, entomologista do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, foi designado para estudar um método prático de criar larvas esterilizadas para uso em hospitais. Conseguiu-o, mas no curso do seu trabalho êle fêz uma descoberta de grande importância — conseguiu saber o "porquê" do efeito curativo das larvas de varejeira. Não é que as larvas devorassem o tecido morto, conforme pensava o Dr. Baer, e sim devido a um fluido químico que as larvas segregavam nos ferimentos. A princípio o Dr. Robinson atribuiu o efeito curativo à ação do "allantoin", um composto orgânico muito raro, presente nas secreções das larvas. Prosseguindo nas investigações, chegou ao ponto culminante da sua descoberta: a ação curativa era, de fato, devido à presença da uréia química comum. Êle chegou à conclusão de que a uréia é formada pelo *allantoin* em decomposição no ferimento e que a aplicação de uréia nas feridas dá o efeito curativo causado pelas larvas vivas.

Em 1936, o Dr. Robinson dispunha de dados suficientes para mencionar no "American Journal of Surgery" as seguintes doenças que haviam sido tratadas com uréia com ótimos resultados: úlceras varicosas ou diabéticas, carbúnculo, canais infeccionados de dentes, queimaduras supuradas de Raio X, infecções derivadas de amputações, queimaduras infecciosas de sol, infecções no aparelho auditivo, osteomielitis, gangrena e certas infecções cutâneas. O tratamento recomendado era uma solução de dois por cento, demasiado diluída para ter efeito bactericida. O Dr. Robinson alvitrou que o efeito era, provàvelmente, estimular o crescimento das células nos tecidos, aumentando o suprimento de sangue aos vasos capilares e dessa forma promovendo uma rápida cicatrização.

Foi em 1773 que a uréia foi, pela primeira vez, isolada da urina; daí a sua designação. Além de estar presente em muitas secreções animais, a uréia existe em muitos legumes, especialmente espinafres.



Os cristais de uréia são fabricados em larga escala em Belle West, Virginia, nos Estados Unidos, e em Billingham, Inglaterra. Na foto, o produto rumo aos secadores.

O nome químico da uréia é carbamida e a uréia usada na medicina é inteiramente sintética; como o nylon, é bàsicamente derivada de ar, carvão e água.

Os cristais da uréia, ou carbamida, são hoje preparados em larga escala, em Belle, West Virginia, e em Billingham, Inglaterra. Sob tremenda pressão, os gases do carvão, da água e do ar unem-se e formam cristais brancos, isto é, carbamida, de utilidade múltipla, desde a sua aplicação em matérias plásticas até o secamento da madeira. Êstes mesmos cristais são bastante puros para satisfazerem as exigências da classe médica; atualmente os cristais da uréia desempenham importante papel na higiene oral, conforme relatório do Dr. R. M. Stephan, do "College of Dentistry", — Illinois, e são uma valiosa promessa como preventivo contra a cárie dentária. As vantagens da carbamida sôbre as larvas vivas da varejeira são indiscutíveis, afastando por completo o perigo das larvas não esterilizadas. A carbamida é barata, quìmicamente estável, solúvel em água, álcool e glicerina. Além disso, não é irritante e tem ainda o apreciável efeito de eliminar qualquer odor dos ferimentos.

Enquanto o Dr. Robinson estudava os segredos das larvas, outros médicos dedicavam-se ao assunto. Em 1915 já dois cirurgiões inglêses haviam descoberto que soluções concentradas, de uréia, davam morte aos germes; outros observaram o efeito singular da uréia na dissolução de proteínas. Mas J. H. Foulger (atualmente diretor do "Haskell Laboratory of Industrial Toxicology", da Du Pont) e L. Foshay reconheceram e confirmaram essas descobertas, utilizando a uréia para curar infeções perniciosas.

Também os Drs. Hall G. Holder e Eaton MacKay, do "Scripps Howard Memorial Hospital", la Jolla, San Diego, Califórnia, afirmam haver obtido ótimos resultados com soluções e pastas de uréia concentrada. Dizem êles que o efeito curativo é devido, principalmente, à ação dissolvente da carbamida sôbre as proteínas, isto é, a carbamida dissolve as células mortas e as bactérias, dando oportunidade às células vivas para que se desenvolvam.

Há casos interessantes, cujo registro merece especial atenção. Por exemplo, um homem de 72 anos de idade, com uma temperatura de 39,5°, apresentou-se no hospital, queixando-se de um ferimento no ombro. Um dia depois do furúnculo ter sido operado, limpo e tratado com cristais de carbamida, a temperatura desceu para 37,5°. No terceiro dia era normal.

As larvas de varejeiras são úteis ainda para certas infecções profundas que não podem ser atingidas por soluções, cristais ou pastas químicas. Mas como muitos soldados gloriosos, hoje elas são lembradas ùnicamente pelo seu passado ilustre. A larva de varejeira pertence ao passado. O presente pertence ao químico!

LUCILLE NELSON
(Duperial)

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

(Continuação)

Ficamos quietos no mesmo lugar, esperando a sua volta. Todos sentíamos, agora, o cheiro de queimado. Esperamos minutos que pareceram horas e nada de Luco voltar. A falta de ação estava se tornando intolerável. Conservava os olhos e os ouvidos alertas para apanhar o menor sinal de qualquer coisa, e meu coração pulsava agitado pela emoção, a tal ponto que mal podia respirar. Estávamos agora à caça de homens selvagens; que sensação pode ser maior do que esta? Uma caçada de anta ou mesmo de jaguar não é nada quando comparada à esta. Depois de bastante tempo, ainda não tínhamos sinal de bugres ou de Luco. O único som que ouvíamos era o zumbido momentâneo de algum mosquito.

Finalmente apareceu Luco, andando bem devagar e sem fazer barulho.

— "Vamos, Luco, fala! Que descobriu?"

— "Uma pequena clareira e um rancho com um fogo no meio dêle."

— "Algum bugre?"

— "Não sei, não vi nenhum."

— "Que devemos fazer, Luco?"

— "E' bem capaz de haver bugres no rancho, embora creia que não encontraremos nenhum. A tribo é dos Botocudos. Êles fugirão se puderem, mas em caso cantrário lutarão. O rancho é muito pequeno; não pode conter mais de seis ou sete bugres. Poderemos apanhá-los sem lutar."

— "Como?"

— "De surprêsa. Se houver alguns lá, serão fàcilmente apanhados dessa forma.

Fizemos nossos planos e saímos guiados por Luco. Porém, antes, todos nós deixamos na picada os cobertores e as provisões que levávamos, a fim de nos locomovermos com mais facilidade.

Não pude deixar de observar que os homens, que no acampamento se mostravam tão susceptíveis de receios vagos dêstes mesmo índios, contra os quais íamos agora iniciar um ataque — embora, naturalmente, não pretendêssemos fazer-lhe nenhum mal — não tinham agora nenhum mêdo, o que demonstravam por suas palavras e maneiras.

Depois de um avanço cauteloso de cinco minutos, Luco parou mais uma vez. — "Estamos muito perto; o rancho fica a menos de cinco braças naquela direção" — disse, apontando entre dois grandes pinheiros que estavam à nossa frente. — "A clareira começa aqui". Fechamos as fileiras e a um sinal dado saímos correndo todos juntos.

Lá estava o rancho, como Luco havia descrito, com fumaça saindo pelo telhado de palha em forma de cúpola. Em pouco tempo chegamos lá e o cercamos, penetrando-o pelas paredes laterais, que eram feitas de bambu e não ofereciam a menor resistência; não se via porta ou abertura.

Nossas esperanças foram frustradas — e o rancho estava completamente vazio. No chão duro via-se um machado de pedra e do teto escurecido pela fumaça pendiam algumas cabaças. Parece que êles haviam pôsto lenha no fogo mais ou menos uma hora antes da nossa chegada. Luco acertou, quando disse que os bugres estavam correndo de nós. Êles com certeza nos haviam descoberto enquanto ainda procurávamos a sua trilha, e os moradores do rancho, tendo sido avisados de nossa aproximação, fugiram precipitadamente.

Tive então a oportunidade de examinar cuidadosamente o ambiente.

A clareira era muito pequena — tinha menos de vinte jardas de diâmetro. O rancho estava situado quase no centro. Tinha a forma de cúpola, diferindo assim do dos Coroados, e era inteiramente de bambu. Seu ápice tinha apenas sete pés de altura no interior e o diâmetro em baixo não ia além de nove pés. Parece que na parede de bambu havia dois pequenos orifícios, bem perto do chão, por onde os índios entravam e saíam; a notícia da nossa aproximação, entretanto, os fêz quadruplicar o tamanho dos citados orifícios. O rancho dava a impressão de ter cêrca de dois anos de existência e, pelos braseiros acesos continuamente em seu interior, tôda a superfície interna estava coberta de uma fuligem negra, lustrosa, que dava ao bambu uma aparência metálica.

À uma extremidade da clareira havia um montão branco que, examinado mais de perto, verificou-se ser de ossos. Observei-os cuidadosamente, com o fim de descobrir qual a espécie de animais que os bugres matavam para sua alimentação, assim como, também, para saber se praticavam a antropofagia, pois, segundo o que dizem, a maioria dos índios no Brasil come carne humana. Achei ossos de muitos animais conhecidos, como veado, porco, cotia e até de anta; por fim, encontrei uma mandíbula inferior, que ainda tinha dentes, muito se assemelhando à mandíbula humana. Mostrei-a a um dos brasileiros e êle então explicou que não era a mandíbula de um homem, mas a de uma espécie de macaco chamado Bugio. Matei depois diversos dêstes macacos, que são "uivadores" e possuem uma curiosa cavidade côncava na traquéia, com o auxílio da qual produzem o uivo alto de onde lhes vem o nome.

Perto dêste montão de ossos havia uma porção de cabaças e um monte de fumo. Fiquei admirado de ver êste último, porque sabia que os índios selvagens desta parte do Brasil ignoravam o seu uso comum. Luco, entretanto, explicou que os Botocudos usavam esfregar a fôlha de fumo no corpo, como proteção contra os mosquitos, de cujos ataques até êles não estão isentos.

Um dos brasileiros descobriu um arco e um feixe de flechas, escondidos no mato, junto à

clareira. Enquanto alguns de nós estávamos procurando manejar o arco, que já estava pronto para ser usado, e examinando as horriveis flechas — sendo a maioria delas de sete pés de comprimento, providas de ponta dentada de madeira dura — Luco, que ao ver tais armas tinha reassumido a sua atitude de precaução e se afastado, voltava agora com uma pergunta inesperada: — "O doutor quer ver um bugre?"

Os que o ouviram ficaram de bôca aberta, não atinando com o que êle queria dizer.

— "O dono dêste arco está agora nos olhando" — continuou êle — "o senhor poderá vê-lo se quiser". No mesmo instante, Luco apontou para a copa de um dos altos pinheiros que se erguiam em volta da clareira.

A árvore tinha uns cem pés de altura, o tronco subia reto e sem ramos até uns dez pés do cume. Neste ponto, agachado num ramo bem junto do tronco, podia-se ver, claramente, uma massa escura; mas se era um homem, ou se tinha qualquer semelhança com indio, não se podia perceber. Os brasileiros que estavam em volta começaram a dizer: — "E' bugre mesmo". Entretanto, tratando-se de um bugre, não podia compreender como poderia ter êle subido tão alto.

Neste interim, Luco segurou o arco, pôs uma flecha no cordão, andou até a base da árvore e começou a fazer sinais para o bugre, se era de fato um bugre, descer. Não teve um único movimento de resposta aos seus sinais.

— "Aquilo não é bugre, Luco: é um ninho de abelhas" — dizia eu, porque estava acostumado a ver, frequentemente, os ninhos de uma certa espécie de abelhas, que ficam localizados nas mesmas alturas elevadas das árvores, não sendo aquilo, portanto, novidade para mim.

— Espere um pouco, doutor". Assim dizendo, Luco puxou o cordão do arco diversas vêzes, como se quisesse experimentar a sua resistência, e depois soltou uma flecha, que foi bater na massa escura entre os ramos e as folhagens acima das nossas cabeças, onde estava escondido o suposto bugre.

Qualquer coisa se movimentou. Não havia dúvida agora de que havia al' um animal que eu, a principio, supus ser um ninho de abelha. Logo que viu o efeito da flechada. Luco atirou ao chão o arco e fêz outros sinais para que a criatura descesse.

Eu agora já podia ver que ou era um homem ou um macaco, embora, pela altura da árvore, não pudesse discernir qual dos dois seria. Daí a pouco, quando êle mudou de posição, pude então ver o seu cabelo comprido cobrindo-lhe a cara e o pescoço, dando-lhe um aspecto selvagem e horripilante. Êle estava se preparando para descer e eu, de minha parte, apreciava a operação com muita curiosidade, pois não havia nada em que êle se agarrase, além da casca áspera, sendo o tronco do volumoso pinheiro, por pelo menos sessenta ou setenta pés de sua altura, grosso de mais para se trepar.

O bugre, não havia agora a menor sombra de dúvida de que era um, não demorou muito a mostrar a maneira como pretendia descer.

Em volta dos tornozelos havia um laço de cipó, deixando livre cêrca de trinta polegadas dos pés para fazer movimentos. Em baixo do braço havia, também, um laço semelhante, que passava em volta do corpo e da árvore. Com esta invenção apenas, o bugre descia ràpidamente daquelas vertiginosas alturas, parecendo mais um orangotango do que o ser humano que de fato era.

Chegou ao chão em poucos minutos. Não tentou fugir, mas nos ficou encarando com um olhar triste e sombrio.

Embora estivéssemos mais ou menos preparados para o que os nossos olhos acabavam de ver, não pude deixar de soltar uma exclamação de espanto e repugnância. Se Darwin pudesse ter apresentado um retrato perfeito do ser que tinhamos diante de nós na sua obra "A Descendência do Homem", tal retrato teria feito mais para convencer o público em geral, da semelhança existente entre o homem e o macaco, do que qualquer quantidade de argumentos escritos.

Imagine um ser de cêrca de cinco pés e quatro polegadas de altura, arqueado, nu e indiscritìvelmente sujo. Da cabeça caíam-lhe, até abaixo dos ombros, cachos de cabelos imundos e embaraçados. De cada lado da cabeça, prêso ao cabelo com cêra virgem, estavam as penas e as peles de peito de tucano. Só sôbre a testa o cabelo era curto, à moda tão em voga usada pelas crianças na Inglaterra alguns anos atrás. Os olhos eram ramelosos, sem sobrancelhas nem pestanas, como têm os sêres humanos comuns, pois êles arrancavam todos os pêlos. Mais repelente ainda era a parte inferior do rosto. Havia um enorme penduricalho do tamanho e da forma de um cone de abeto, feito de madeira dura e polida, pendendo-lhe do beiço inferior, cujo pêso o fazia dobrar para baixo até certa altura do queixo, deixando à mostra a gengiva da mandíbula inferior desdentada — desdentada no que diz respeito aos incisivos da frente. Os incisivos eram flanqueados por enormes e brancos dentes caninos. A saliva escorria-lhe da bôca assim horrendamente deformada.

O traço que lhe salvava o rosto era o nariz que, ao contrário do estilo comum dos narizes do bugre, era distintamente romano, sendo fino e ligeiramente arqueado. Todo o rosto, especialmente a testa, era cheio de rugas, como as que se observam na cara de certos macacos. Em volta do pescoço havia um colar feito de dentes muito semelhantes aos humanos, que mais tarde vimos ser de Bugio ou macaco uivador, a que já me referi antes. Em volta do pulso, cintura e tornozelos, estavam enrolados grossos cordões, feitos das fibras de uma planta chamada urtiga, que produz um ardor sôbre a pele.

Em umas partes do corpo, especialmente nas costas, a pele era mosqueada de prêto e castanho, como se tivesse sido queimada, e, ao encostar-lhe a mão, tive a impressão de estar tocando couro áspero e grosseiro, não preparado. Em outras partes, mais particularmente perto dos joelhos e das coxas, a pele fazia barbelas grossas, como as que se observam no couro dos rinocerontes. Os pés eram largos, embora não fôssem grandes, e voltados para dentro. Eram recobertos por uma pele grossa, que não deixava entrar espinhos, ou até mesmo os colmilhos da jararaca.

Era esta a aparência geral do ser que estava

diante de nós. Luco já havia dito que a tribo pertencia aos Botocudos, os mais selvagens de todos os índios sul-americanos, e agora a sua opinião estava confirmada. Estávamos, afinal, frente a frente, com o Botocudo Selvagem do Brasil!

CAPÍTULO XVI

Na trilha. ✶ Chamadas de índios. ✶ Uma noite de vigília. ✶ Histórias de Luco. ✶ Uma viagem noturna. ✶ Volta ao "rancho". ✶ O cêrco. ✶ Os Botocudos. ✶ Seu aspecto repulsivo. ✶ Suas armas e utensílios. ✶ A viagem de volta ✶ Seguidos por um jaguar. ✶ Casa de maribondos. ✶ Novamente no acampamento.

Que devíamos fazer com o nosso prisioneiro? Para que nos serviria êle? Eram as perguntas para as quais precisávamos encontrar resposta. Ainda tínhamos três horas de claridade diurna e, não obstante a longa caminhada que já havíamos feito, ainda não sentíamos o desejo de descansar.

Luco dirigiu-se ao Botocudo, não só na língua caioá como também na linguagem dos coroados, mas êle não parecia compreender nenhuma das duas, e nem um vislumbre sequer de inteligência assomou ao seu embrutecido semblante. Tentamos, por meio de sinais, fazê-lo compreender que não éramos inimigos, pois desejávamos apenas que êle nos levasse até à sua gente.

O Botocudo pareceu, por fim, compreender o que lhe pedíamos. Escolhendo uma entre as inúmeras trilhas que saíam da clareira, começou a andar num passo rápido, seguido de perto por um brasileiro alto e corpulento, chamado Pedro Batista de Araújo, que havia sido indicado para êste serviço especial. O bugre, entretanto, não parecia alimentar a idéia de fugir, sendo-lhe, sem dúvida, natural o passo rápido em que caminhava.

Eram inúmeros os vestígios dos bugres: madeira podre, que cortavam em pequenos pedaços com os seus machados de pedra, com o propósito de lhes tirar as larvas por êles tão apreciadas; raízes e hastes de árvores enegrecidas por fogo — pois os índios quando excursionam acendem fogueiras a curtos intervalos; cascas arrancadas das árvores, com pedaços de cipó nelas curiosamente amarrados; cópias em miniatura de arcos, algumas vêzes com uma e outras vêzes com muitas vergônteas representando flechas, enfiadas no chão ao lado, cuja significação era apenas conhecida pelo nosso guia. Tudo isto indicava a presença recente e frequente do bugre bravo.

O sol começava a descer e já vínhamos andando atrás do Botocudo, sem parar, por umas duas horas. Luco atrasara-se diversas vêzes, reaparecendo depois de uma ausência mais ou menos prolongada. Na última vez, vindo êle atrás de todos, mandou um recado que passou de um a um na turma, para que parássemos um pouco. A mão forte de Pedro Batista desceu sôbre o ombro nu de nosso guia, que parou instantaneamente. Luco, em poucas palavras, explicou que acreditava já havermos passado os limites, e que dizia isso baseado no fato de haver ouvido buzinas (1) dos bugres, fazendo sinais um para o outro à nossa retaguarda.

Ficamos todos quietos por um instante, atentos. Ouvimos distintamente, daí a pouco, o grito melancólico de uma pomba, na floresta bem atrás de nós e, quase imediatamente, uma nota semelhante respondendo num ponto ao lado de nossa linha de marcha.

Sem dúvida os sons eram ilusórios. Eram a imitação perfeita do grito da pomba, produzido pelos bugres selvagens que estavam trocando sinais. Olhei para o semblante de nosso guia botocudo, mas êle não denunciou nenhuma compreensão; a expressão do seu semblante continuava inalterada.

Estávamos muito desconfiados de que, apesar de sua estupidez aparente, o índio nos queria pregar uma peça. Assim pensávamos pelo fato de, na última meia-hora, ir êle nos conduzindo numa direção que se afastava cada vez mais dos sons que ouvíamos, os quais deve ter reconhecido perfeitamente como sendo oriundos do seu povo. Se assim era, êle não nos queria levar a seus amigos.

Faltava agora meia-hora para o sol esconder-se, o que nos obrigou a acampar numa das pequenas clareiras, feitas pelos bugres, que abundam nas margens da picada. Descansamos aí, deitados no chão, esperando escurecer para que pudéssemos, protegidos pela escuridão, acender um fogo, escutando, entretanto, os chamados fortuitos dos bugres que, a julgar pela convergência dos sons, pareciam estar-se reunindo num ponto a meia milha atrás de nós. Luco acreditava que êste ponto era o mesmo rancho do qual saíramos três horas antes, e que vínhamos andando, todo êsse tempo, em trilhas que nos mantinham mais ou menos no mesmo círculo, isto é, próximo ao lugar em que estava situado o rancho em forma de cúpola. Qualquer que tenha sido o objetivo do nosso guia, êle se havia excedido. Agora estávamos resolvidos, com o conhecimento adquirido, a surpreender e capturar todo o grupo de bugres.

Chegou a noite; acendemos um fogo e pusemos vigias. Um dos brasileiros tinha tido a boa lembrança de trazer consigo mate e uma cuia, o que nos auxiliou a passar a noite agradàvelmente. Não havíamos trazido nada em que pudéssemos ferver água; porém, isso não importava, porque havia bambus em quantidade ao nosso derredor, sendo que os seus gomos já haviam servido antes de chaleira.

A noite estava limpa e tranquila. Entre a folhagem escura das árvores aparecia, de vez em quando, uma estrêla brilhante, que nos olhava adormecidos e seguia o seu caminho. A satisfação de deitarmos a fio comprido no chão, no seio da floresta silenciosa, respirando o ar suave e tropical, depois de um dia trabalhoso e exci-

---

(1) A buzina é uma espécie de corneta de bambu, na qual os lábios amestrados produzem sons que se assemelham ao canto lamentoso e longínquo de uma determinada pomba. E' um dos sons mais característicos da floresta, nos princípios dos meses do verão, isto é, de agôsto a outubro.

tante, éra indescritivelmente agradável e reconfortante.

Coube-me vigiar depois da meia-noite, mas até à esta hora não pude dormir, sabendo da existência de índios selvagens tão perto de nós na floresta e talvez mesmo nos olhando.

Foi curioso o efeito repentino que o ruído de um gravêto quebrado produziu sôbre os vigias que estavam em volta da fogueira. Eu observara a mesma coisa antes, mesmo nos dias em que vivíamos com segurança na floresta. Os homens, conversando e rindo em volta do fogo do acampamento, com tôda a suposta segurança, com um pequeno ruído interrompiam instantâneamente a palestra e ficavam esperando, num silêncio de morte, a sua repetição. Se um galho se quebrar ou uma árvore cair, não vem de modo algum arrefecer a animação da palestra. A verdade bem certa é a de que se dá mais importância ao ruído menor. O quebrar de um gravêto indica sempre pisada de homem ou animal e, nestas florestas, ao contrário das regiões civilizadas, todo movimento é tido como hostil, até que seja provado o contrário.

Chegou por fim a minha vez de vigiar. Luco seria meu companheiro. Aproximamo-nos do fogo e, sentados em tocos, com os cobertores sôbre os ombros, começamos a fumar para passar o tempo e a tomar mate quente. O botocudo estava deitado nu, perto do fogo, aparentemente adormecido. Para se aquecer, tirara alguns tições do fogo e com êles fêz um pequeno braseiro junto a si, para que tanto as costas quanto o peito ficassem quentes ao mesmo tempo. Para evitar que fugisse, amarramo-lo pelo pé com um pedaço de cipó. Afora isso, estava completamente livre.

Luco explicou-me então o plano com o qual pretendia capturar o resto dos bugres, que estavam, segundo acreditava, reunindo-se no velho rancho, a menos de meia milha de distância.

Propôs que saíssemos de nosso bivaque um pouco antes da alvorada, a fim de chegarmos às vizinhanças da clareira em que os bugres estavam antes do dia clarear. Lá chegando, devíamos esperar por algum tempo, até haver luz suficiente que nos permitisse distinguir os objetos com facilidade à distância de algumas jardas, quando então repetiríamos o ataque sôbre o rancho. Capturaríamos, assim, todos os índios que se encontrassem no seu interior, enquanto a maioria estivesse adormecida.

A única dificuldade seria encontrar e seguir a trilha que levava ao rancho, pois tínhamos de atravessá-la no escuro. Isto, contudo, era uma dificuldade a que Luco não deu importância. Êle sabia a direção exata em que o rancho estava e, uma vez que a picada que lá ia ter fôsse descoberta, o resto seria fácil. Para encontrar primeiramente esta trilha, isto é, o ponto de onde ela saía da picada que usamos no dia anterior, podíamos usar archotes, porque havia pouco perigo de sermos descobertos enquanto estivéssemos longe do rancho.

Depois dêste e dos demais detalhes terem sido completamente estudados, continuamos sentados perto do fogo, bebendo mate e fumando cigarros, enquanto Luco contava episódios referentes às lutas que sua tribo, aliada aos brasileiros, tivera antigamente com os índios coroados.

Referindo-se aos Botocudos, Luco não fazia dêles um juízo muito elevado. Dizia que êles gostavam de viver em pequenas famílias, como os que pouco antes havíamos encontrado, por causa da dificuldade que tinham para arranjar alimentos quando a comunidade era grande. Vez por outra essas famílias esparsas se reuniam para enfrentar um inimigo comum, como, por exemplo, o agressivo coroado, mas êles formavam, via de regra, as tribos mais inofensivas e amantes da paz.

Quando, entretanto, meu companheiro começou a falar dos índios Coroados, foi fácil descobrir-se um tom de respeito, senão de mêdo absoluto, em sua voz. Narrou-me uma luta que êle, com alguns brasileiros e outros membros da própria tribo, tivera com os Coroados, na qual até as mulheres dêstes tomaram parte.

Os caioás e os brasileiros que estavam, a êsse tempo, em guerra com os coroados, haviam acampado em uma pequena clareira que tinham aberto na floresta, quando, antes da madrugada, o vigia deu o alarma da aproximação do inimigo, que os seus ouvidos apurados haviam percebido pelo quebrar de um gravêto ou pelo sussurro de fôlhas na mata. Logo depois de dado o alarma, ouviu-se um grito agudo na floresta, na retaguarda. A maioria do grupo, pensando que o ataque viesse daquele lado, se voltou e se preparou para oferecer resistência à agressão que viria daquela direção. Alguns dos homens mais experimentados, contudo, suspeitando de um truque — a tática natural do índio Coroado é não dar sinal de sua aproximação, até que esteja junto do inimigo — ficaram de olhos e ouvidos alertas para o lado de onde os primeiros ruídos suspeitos haviam vindo. Aproximando-se cautelosamente cada vez mais, com os seus movimentos quase abafados pelo alarido feito do lado oposto e, como êles sem dúvida pensavam, não suspeitados pelas iludidas vítimas, o Cacique Coroado e seus guerreiros se estavam de fato aproximando dêste lado, para cair sôbre a retaguarda dos seus inimigos, que supunham enganados pela gritaria feita no outro lado. Conseguindo assim chegar à beirada da clareira, deram um grito selvagem e atacaram, sendo recebidos por uma chuva de flechas e de chumbo, dos arcos e das garruchas de suas supostas vítimas, que haviam descoberto o truque por êles empregado. A primeira gritaria havia sido feita pelas mulheres, que são assim treinadas para ajudar os seus senhores e mestres na batalha. Durante tôda a luta, que durou até o dia clarear, as mulheres ficaram bem escondidas na floresta, continuando a gritar e a confundir os brasileiros com os seus alaridos e rebates falsos.

Luco tinha uma maneira especial de contar as suas histórias emocionantes e, embora raramente levantasse a voz, o seu tom impressionava profundamente. Enquanto narrava êste acontecimento, que relatou mais pormenorizadamente do que eu o faço agora, notei que eu procurava, instintivamente, ouvir o menor ruído na floresta. O botocudo não se mexera uma só vez

desde que começamos a vigília mas, apesar dessa imobilidade, fui ao lugar onde estava êle deitado e examinei os laços nos seus pés. Minhas suspeitas eram, entretanto, infundadas. O cipó não havia sido tocado e o bugre dormia um sono sôlto.

Íamos agora ser substituídos na sentinela. Quando os outros dois homens vieram tomar o nosso lugar perto do fogo, deite-me no chão, enrolei-me na minha manta, pus a cabeça sôbre o revólver e adormeci.

Parece que havia dormido um minuto, quando senti que alguém me balançava, dizendo: "Doutor, doutor, já 'imos s'imbora". Despertei, levantando-me incontinente e vi tôda a turma de pé, perto do fogo, preparada para seguir. O bugre estava, também, de pé e calado.

Iniciamos a caminhada, Luco na frente levando um archote e, sem trocarmos uma palavra, chegávamos ao ato final do drama.

Depois que eu adormecera, a floresta fôra envolvida por um denso nevoeiro e eu agora tremia devido ao vapor úmido e frio que parecia penetrar os meus ossos. Depois de caminharmos um quarto de hora, chegamos a uma picada que Luco disse levar ao rancho. Não era, portanto, seguro continuar usando o archote. Apagamo-lo e seguimos, às apalpadelas, na escuridão, cada um com a mão no ombro do que ia na frente, tendo o botocudo, nesse momento, ficado para trás aos cuidados de um homem, pois não queríamos correr o risco de vê-lo dar o alarma, possivelmente no momento crítico. Andávamos agora, por medida de precaução, muito vagarosamente, a fim de evitar que a nossa aproximação fôsse descoberta, pois as primeiras claridades da aurora já eram visíveis quando chegamos à beira da clareira. O esbôço escuro do rancho em forma de cúpola parecia grande, através do nevoeiro, visto do lugar onde silenciosamente esperávamos que clareasse um pouco mais, a umas dez jardas de distância. Certificamo-nos logo de que havia bugres no interior, porque ouvimos o seu roncar ou ressonar e sentimos o cheiro de lenha queimada. Pressentimos, logo depois, um movimento dentro do rancho e, um pouco mais tarde, um índio saiu de gatinhas e ficou de pé na clareira, olhando em torno de si. Foi o momento para o ataque.

. . . .

Doze sêres miseráveis estavam de cócoras, na mais completa apatia. Fizemos a captura sem muita dificuldade. Os ocupantes do rancho foram todos pegados de surprêsa e não ofereceram resistência. Havia dois homens, quatro mulheres e cinco crianças, além do nosso primeiro prisioneiro; doze ao todo. Era difícil acreditar-se que, olhando para êles, víssemos exemplares da espécie humana. Os homens eram simplesmente horríveis, na sua aparência repugnante. As mulheres, por não usarem no lábio o ornamento de que falei antes, tinham um aspecto menos horroroso. As crianças faziam pena, com as barrigas muito inchadas, as pernas e os braços finos como caniços. Estavam inteiramente nus, embora fôsse encontrada no rancho uma roupa grosseira, feita de tecido de coqueiro, destinada mais a ser empregada contra as unhas das feras ou as flechas dos inimigos, do que mesmo para uso comum. Todos, homens, mulheres e crianças usavam o cabelo cortado de maneira igual, isto é, caindo embaraçado e abundantemente para os lados e para trás da cabeça, porém com uma franjinha sôbre a testa. Todos tinham os cabelos enfeitados com penas de tucano, prêsas com cêra virgem. A maioria usava um colar de contas, confeccionado com pequenas sementes pretas, que haviam furado para enfiar o cordão. Entre vários objetos curiosos, como colares de dentes, talismãs e outros, encontramos duas peças, que Luco informou serem buzinas para chamar veado. Havia uma coleção de patas sêcas de veado e de porco, em número de vinte e cinco, amarradas em separado a um pedaço de cordão, cujas pontas livres se uniam por um nó, deixando uma folga de seis polegadas para cada uma das patas, formando assim uma espécie de chocalho.



Selvagem Botocudo do Brasil.

Outro objeto interessante era um que parecia um brinquedo de criança, formado apenas por uma cabaça sêca, prêsa a um cabo curto. Esta cabaça continha sementes, que nela haviam sido colocadas por meio de um pequeno orifício, fechado posteriormente com cêra virgem. Era outra espécie de chocalho, com serventia semelhante ao primeiro.

Um laço feito de imbira também foi encontrado no rancho. Anteriormente havíamos visto um laço semelhante colocado numa trilha de anta, demonstrando que os botocudos tanto obtêm o seu alimento com laços como também com flechas.

Havia quatro espécies de pontas nas flechas do feixe que encontramos. Eram tôdas feitas da

madeira conhecida como pau d'arco, que é talvez uma das mais duras e resistentes que existem na floresta. Os arcos eram fabricados com cabreuva preta, outra madeira muito forte e rija, mas quase sem elasticidade. De fato, nenhum dos arcos, embora tivessem ao todo sete pés de comprimento, podiam ser curvados mais de oito ou nove polegadas e assim mesmo com o emprêgo de grande esfôrço.

Um dos três homens que capturamos era bem diferente dos outros dois. Em primeiro lugar, tinha barba e bigode, coisas que nenhum dos outros possuíam. Sua pele era um pouco mais clara do que a dos companheiros, os seus traços fisionômicos eram mais parecidos com os dos brasileiros do que com os dos índios puros. A sua semelhança com os brasileiros era tão acentuada, a despeito da distorção horrenda do lábio e dos longos cabelos embaraçados, que todos percebemos e aventuramos até sugerir a hipótese de que êle podia ser de fato um brasileiro, raptado ainda pequeno pelos Botocudos e por êles criados. Falamos com êle em português, na esperança de que nos entendesse, mas nada; seu semblante continuou calmo como o de seus companheiros.

Admirei-me que êsses índios, pertencentes a uma tribo considerada a mais selvagem e degenerada de todos os aborígenes sul-americanos, tivessem, em tantos casos, as mesmas idéias que nós, para sua decoração pessoal. As penas vistosas nos cabelos, os colares, os braceletes de dentes ou sementes e os ornamentos para os lábios eram apenas uma forma mais rude de nossas próprias modas. O europeu moderno, altamente educado, tem muito de comum, por certos instintos artísticos, com seu irmão botocudo. Um dos pontos de semelhança mais notáveis é a necessidade aparente, que ambos têm, de fazer um orifício numa parte qualquer do corpo, onde possam pendurar alguma coisa.

Embora capturássemos os botocudos com tanta facilidade, era evidente que êles não estavam desprevenidos para a luta. Nada menos de quatro arcos já estavam esticados no rancho, prontos para ser usados, juntamente com algumas flechas colocadas ao lado dêles. Além dêsses, havia dois pesados tacapes que, em mãos adestradas, seriam armas formidáveis. Tinham cada um quatro pés de comprimento e de duas a três polegadas de diâmetro. Eram feitos de peroba e muito resistentes, levando-se em conta o seu tamanho. Os botocudos usavam os tacapes para abrir caminhos na floresta. O mato desta parte da floresta consistia em bambu ou caniços, e essa espécie de pau, bem preparado e manejado, é quase tão eficiente para abrir caminho quanto o facão do brasileiro. A expressão "caminho batido" é assim literalmente correta, quando aplicada às picadas feitas dessa maneira pelos índios.

Os dois homens que acabávamos de capturar usavam, além dos ornamentos acima mencionados, a metade da mandíbula de uma cotia pendurada ao pescoço. Todos os dentes, com a exceção de um incisivo, lhe tinham sido arrancados. Êste incisivo apresentava um gume cortante, provàvelmente feito esfregando-o numa pedra. Foi com êle que o cabo do machado de pedra, que encontramos antes, os arcos e os ornamentos dos lábios foram cortados e polidos, pois as marcas deixadas pelo dente eram perfeitamente visíveis. As pontas das flechas tinham sido também feitas pela mesma ferramenta primitiva. As varas em que estavam enfiadas tais pontas eram feitas de pedaços de bambu, de cinco a sete pés de comprimento e de cinco oitavos de polegada de diâmetro. A maneira de prender a ponta à haste de bambu era muito simples e semelhante em todos os casos. Uma extremidade do bambu era rachada em diversas linhas paralelas até o primeiro nó, que ficava sempre a cêrca de cinco polegadas da extremidade. Neste receptáculo, a extremidade inferior da ponta da flecha era inserida e apertada por meio de cêra virgem, colocada, sem dúvida, em estado líquido. Em volta do nó eram amarradas tiras estreitas de imbira de cipó, ficando as extremidades destas prêsas às fendas feitas para êste fim no bambu, abaixo do nó.

Cada flecha era ornada com duas penas de asa de jacu, amarradas grosseiramente à seta por meio de uma corda, feita de fibra da casca interna do palmito. O cordão do arco era muito grosso e trabalhado no mesmo material. Fato curioso era que todo o cordão era fabricado segundo os mesmos princípios das nossas cordoarias, havendo sempre as três fases: de fiação, de enrolamento e de tecedura.

Os artigos que acabo de enumerar e descrever formavam tôda a arte e utensílios indígenas da vida dêsses sêres infelizes.

Demos-lhes uma parte de nosso feijão com farinha, o que êles comeram àvidamente e, pela primeira vez, ouvi as suas vozes. Os sons articulados pelos homens eram desagradáveis ao ouvido. A resistência da articulação ficava quase inteiramente inutilizada, por causa da distorção voluntária do lábio e mandíbula inferiores; assim sendo, nenhuma das palavras que tivessem as letras *b*, *m* e *p*, ou sons que requeressem o emprêgo dos lábios, podiam ser pronunciadas com clareza. Talvez o fato mais desagradável no falar dos homens fôsse o escorrer contínuo da saliva que, pelo lábio inferior, descia pelo ornamento ali engastado. Sinal evidente de imbecilidade e, na realidade, a aparência geral dessas criaturas era essa.

Havíamos concluído a parte principal de nossa tarefa. O objetivo da excursão organizada estava quase alcançado. Faltava apenas convencer os cativos, por meio de tratamento dócil, que éramos amigos e não inimigos e mostrar, de uma vez por tôdas, a nossos camaradas apavorados, como eram infundados os seus temores.

Por meio de gestos conseguimos fazer os botocudos compreenderem que tinham de nos acompanhar até o rio. Não mostraram nem boa nem má-vontade, mas obedeceram passivamente. Cada mulher, sem que fôsse preciso dizermos, pegou o filho para carregar. Houve uma criança que foi entregue ao chefe barbado, e assim, com cada um de nossos novos companheiros entre cada um de nós, começamos a caminhada de volta.

Em virtude de haver passado a agitação que me assaltara antes, começara agora a perceber as pequeninas coisas que aborrecem numa marcha

na floresta. Primeiro, as longas caminhadas abaixados, que éramos obrigados a fazer devido à baixa altura das picadas, eram muito fatigantes. Depois, as contínuas pancadas dos galhos que levávamos no rosto. Espinhos que antes não havíamos notado apareciam agora para completar a nossa desdita. Só paramos muito depois do meio-dia, quando descansamos durante deliciosa meia-hora às margens de um pequeno regato que cortava a picada. Ao anoitecer, quando estávamos a duas milhas do acampamento, descobrimos que estávamos sendo seguidos por um jaguar, cujo urro, rouco e profundo, ouvíamos, de vez em quando, à nossa retaguarda. Êle vinha a uns cem passos atrás de nós, andando quando andávamos e parando quando parávamos. Os botocudos reconheceram os sinais de um inimigo e, pela primeira vez, pareciam ter mêdo. Nas zonas das florestas habitadas por botocudos, os jaguares seguem o homem, como êste agora nos seguia, um dia inteiro, esperando uma oportunidade para atacá-lo, como êste esperava uma para nos saltar em cima.

Por ser eu, na turma, quem levava mais apetrechos, era quem estava mais cansado. Quando chegamos ao pé da Serra da Areranha, atrás do acampamento, e começamos a subida íngreme, eu estava já sem fôrças. De tempos em tempos era obrigado a parar e deitar-me por um quarto de hora ou menos, umedecendo os lábios com cachaça, o que me dava fôrças para continuar. Quando, afinal, chegamos ao alto da serra e começamos a andar por um atalho que tomamos na floresta raza do alto, tivemos a infelicidade de esbarrar numa casa de maribondos e alguns homens, inclusive eu, foram atacados a ferroadas. Isto foi o clímax da minha desdita. A meia milha que faltava para chegarmos ao acampamento percorri quase louco, pela dor das ferroadas e pelo cansaço. Luco teve razão quando disse: — "O doutor não sabe o que são essas expedições!"

Anunciamos a nossa chegada vitoriosa tocando as buzinas e com uma salva de tiros de garrucha. A última coisa que vi, antes de entrar no meu confortável rancho e cair exausto na minha rêde, foi uma multidão de brasileiros em volta de nossos novos convidados, conversando e gesticulando como se tivessem perdido o juizo com a presença estranha dos botocudos selvagens.

CAPÍTULO XVII

Civilizando os Botocudos. ✶ Seus hábitos e caráter. ✶ Um jantar bugre. ✶ Um equivalente de conhaque com soda. ✶ Os índios em viagem para Colônia Teresa. ✶ Triste fim dos Botocudos. ✶ Oita e Oitânha. ✶ Enfermidade e morte de Oitânha. ✶ Nosso primeiro acidente fatal. ✶ A morte de um brasileiro por afogamento. ✶ Nosso cemitério. ✶ Novas perspectivas.

No dia 24 de agôsto, isto é, mais ou menos uma semana depois das ocorrências relatadas no capítulo anterior, Luco, que havia saído novamente com uma pequena turma, para explorar numa direção diferente, voltou com outro grupo de quatorze índios, iguais aos que já havíamos trazido antes. Havia, portanto, no acampamento, vinte e seis botocudos e êsses representavam, provàvelmente, tôda a população indígena da floresta, pelo menos em um raio de dez milhas ao nosso redor.

O pânico desaparecera, pois os nossos estranhos convidados mostravam-se os mais dóceis e humildes dos sêres humanos e, além disso, muito depressa se fizeram nossos amigos e ficaram à vontade conosco, não mostrando desejo de voltar à vida da floresta. Pusemos alguns homens para vigiá-los e em um ou dois ranchos lhes foi proibida a entrada. Com essa exceção, tiveram consentimento para andar à vontade no acampamento. Construíram, a nosso mando, dois pequenos ranchos para seu uso, numa extremidade do acampamento, onde as mulheres permaneciam a maior parte do dia.

Embora não tivéssemos a intenção de dilatar a permanência dos nossos visitantes além do tempo necessário à sua adaptação entre nós, começamos muito cedo o processo de civilização. Assim, logo após a chegada de cada grupo, eram destacados dois dos nossos empregados para lavar homens, mulheres e crianças no rio, operação que precisava ser feita sem demora.

Antes dêsse intercâmbio com os índios, o nosso grupo recebeu uma partida de baetas e chitas vistosas, no valor de 30 libras, além de bugigangas como: — contas, espelhos, facas e tesouras em abundância. As chitas entraram logo em uso poucas horas depois da chegada dos bugres. Cada um dos adultos, depois de lavado no rio, recebeu uma roupa de chita ou de baeta. Fato curioso foi que, ao receberem a roupa, ficaram a olhá-la como se não compreendessem a sua utilidade; depois de usá-la por algum tempo, tiravam-na e deixavam-na pelo chão do acampamento, voltando assim ao seu estado de nudez primitivo. No segundo dia, entretanto, conseguimos ensinar-lhes melhores maneiras e, depois disso, era raro saírem do rancho sem estarem devidamente vestidos. Enquanto permaneciam dentro de casa ficavam completamente despidos.

No terceiro dia, após a chegada do primeiro grupo de botocudos, o seu número foi aumentado com o nascimento de um pequeno bugre. Num livro como êste, destinado ao manuseio popular, não seria conveniente entrar nos pormenores da cerimônia e dos hábitos que, como já foi exemplificado neste caso, acompanham o advento ao mundo, de um filho de botocudo. Alguns dêsses costumes são, no entanto, muito curiosos e, pelo que sei, também únicos.

Já falei sôbre o cabelo comprido e embaraçado dos botocudos. Pode-se ter como certo que êles, desde que nasceram, nunca os lavaram ou pentearam. Na maioria dos casos estavam tão embaraçados e enrolados que era impossível puxar o pente, mesmo depois de muitas horas de trabalho. O cabelo era liso e, geralmente, prêto. Houve, entretanto, duas exceções, em que o cabelo, quando lavado, tornou-se castanho escuro. Por uma questão de higiene, cortamos curto os cabelos dos homens, enquanto fomos cuidando pouco a pouco dos das mulheres, até que ficaram em condições de ser penteados, traba-

lhando-se com cada uma delas quase uma hora, diàriamente, durante dias consecutivos. Com as crianças, como era de esperar, encontramos menos dificuldade em transformar os cachos selvagens em qualquer coisa que obedecesse ao pente.

Entre os vinte e sete indivíduos que formavam o total de nossos convidados botocudos, havia dois pelos quais tomei um interêsse especial, não só pela idade que tinham como também pelos projetos que formara com referência a êles. Eram duas crianças, uma menina e um menino de oito e nove anos, respectivamente. Pareciam ser irmãos e haviam sido criados pelo segundo grupo de botocudos. Em vista de futuras e possíveis dificuldades com outros índios da mesma tribo, nos seria da maior importância ter os meios de fàcilmente conversar com êles, evitando desagradáveis mal entendidos de um lado ou de outro. Era também certo que não teríamos nunca uma oportunidade melhor do que a que agora se nos deparara, para concretizar êste desejo.

A escolha oscilava entre estas duas crianças e um ou mais dos homens adultos. Não era seguro ficarmos à mercê dêsses últimos, cujas simpatias naturais pelo seu povo se interporiam sempre entre nós como um objeto de desconfiança e suspeita, não obstante a simplicidade aparente da sua natureza. Esta desconfiança, entretanto, não sentiríamos de crianças com oito ou nove anos de idade, as quais, com tôda certeza, ficariam à vontade conosco em pouco tempo e aprenderiam a nossa língua com mais facilidade, para servirem de intérprete, do que os índios mais velhos. A escolha recaiu sôbre os meninos. O processo de adaptação começou pela separação das duas crianças da sua gente, colocando-as num rancho vizinho ao nosso, sob os cuidados diretos do nosso próprio empregado.

A separação não teve a desaprovação dos pais nem dos parentes das mesmas. Penso que a degenerescência dos instintos de humanidade no botocudo adulto é tão grande, que resta muito pouca afeição paternal, além daquele instinto natural que os brutos sentem pelas suas crias, mas que, certamente, dura até quando elas atingem a idade que lhes permite cuidar de si mesmas.

Era singular a impressão que os botocudos causavam, andando de um lado para outro do acampamento, com olhar sombrio e baixo, parando de vez em quando para apanhar do chão alguns fragmentos de alimento que deixavam cair. Afora isso, não mostravam curiosidade ou admiração por qualquer das coisas, para êles estranhas, que os cercavam.

A única ocasião em que os vi animados foi quando um dêles, em suas caminhadas pelo acampamento, encontrou, casualmente, numa pilha de lenha carcomida, que viera recentemente da floresta, uma larva branca e grande, de que os índios, os macacos e os coatis tanto gostam. Ao fazer a descoberta êle deu um grito que, ouvido pelos botocudos que estavam espalhados por ali e transmitido para os ranchos mais distantes, onde uns dez ou doze dêles estavam, como de costume, deitados indolentemente, teve efeito elétrico. Vieram correndo, de uma e de outra extremidade do acampamento, para onde estava a pilha de lenha. As larvas, que tinham de uma e meia a duas polegadas de comprimento e eram muito gordas, foram arrancadas da madeira podre e comidas vivas, com exceção das pequeninas cabeças pretas, que eram deixadas de lado, por serem consideradas, creio, muito difíceis à digestão até de um botocudo.

À noite, depois desta ocorrência, os índios se reuniram para um entretenimento em seus ranchos que, a nosso ver, era uma espécie de agradecimento pelo inesperado prazer que gozaram com o banquete das larvas. O entretenimento foi, como era de esperar, de natureza botocuda, de um caráter monótono e lúgubre. Consistia em um canto de duas notas, constituído de sons vogais, cuja melodia não era quebrada por uma única consoante. Êsta representação era feita apenas pelos homens, que faziam um círculo em tôrno das mulheres que, agachadas no chão, batiam com os pés. Êste divertimento não muito interessante durou a metade da noite, sem interrupção.

Presenciei um dia, por acaso, um modo curioso de tratar uma enfermidade passageira, operação feita pelo marido na mulher. Sofria ela aparentemente os efeitos da superalimentação e, pelos sinais que fazia, compreendi que lhe doía o estômago. Seu marido levantou-se do chão, onde estava deitado semi-adormecido, aproximou-se da espôsa que estava abaixada, gemendo, tirou o colar de dente de bugio que tinha no pescoço e começou a passá-lo sôbre ela, como alguém que penteia um cavalo, da cabeça à altura da cintura, por trás e pela frente. Usava esta peça com tanta fôrça, sôbre a pele grossa de sua paciente, que o sangue começou a jorrar em diversos lugares. De dois em dois minutos êle parava para jogar uma cuia d'água sôbre o seu corpo, recomeçando em seguida a esquisita operação.

Tal tratamento durou um quarto de hora mas, apesar de ser a dor muito grande, a mulher se submetia ao curativo com o maior estoicismo. Uma hora depois ela já andava pelo acampamento, aparentando estar completamente boa. Sem dúvida, o efeito dêste tratamento era restaurar a circulação do sangue no corpo, a qual havia sido temporàriamente retardada pelo estômago muito cheio. Isto, provàvelmente, equivalia a uma forma barata dos méritos do conhaque e do bicarbonato, com pílulas de Cockles para o fígado. Não podemos dizer que, à proporção que íamos conhecendo mais ou menos os nossos hóspedes selvagens, mais aumentava o nôjo que a princípio sentimos. Talvez êste aspecto repelente se fizesse notar mais especialmente no caso dos adultos, que eram o elo mais forte que unia êstes índios à família humana. Seus hábitos, pelo que conseguimos apurar, eram mais parecidos com os de feras do que mesmo com os de gente.

Infelizmente para nós e, como se verá mais tarde, também para os bugres, foi mais fácil trazê-los para o acampamento do que fazê-los voltar à sua vida primitiva. Fizemos duas tentativas, mandando-os escoltados para as suas palhoças na floresta, mas tôdas as duas vêzes êles voltaram, no dia imediato. Era impossível mantê-los conosco, tão sòmente por causa da despesa em alimentá-los. (*Cont. no próximo número*)

O CORAÇÃO DE LUÍSA

Romance de HENRY GRÉVILLE

Tradução de NICOLE PASCHIER

— A vida não é o encontro de dois sêres que se sentem atraídos por forte simpatia um pelo outro, numa grande estrada, à beira de um cemitério... Recorda-se do dia em que deixou cair uma rosa branca sôbre o túmulo que fica entre os velhos pinheiros?

Ela levantou a cabeça, desta vez com os olhos brilhantes...

— Saiba que atirou aquela rosa em minha própria vida, sem o saber, senhorita! E em reconhecimento da alegria que me causou...

— O senhor... O senhor, então, conhecia a *minha* morta? — perguntou vivamente Seraphine.

Êle inclinou lentamente a cabeça.

— Oh! Ela era moça... E tão linda! Tinha um ar tão doce... Dir-se-ia que era uma santa com os seus grandes cabelos dourados...

— Então... a senhorita viu aquela morta? — perguntou Richard.

— Sim... Vi! Úrsula e eu a depositamos no caixão. Dei um dos lençóis do meu enxoval... sem nada dizer a meu pai. Um lençol novo! Êle teria ralhado comigo! Agora, porém, não se incomodaria... Como era linda! E como parecia haver sofrido! Parecia ter passado através de alguma fogueira! Seu vestido estava parcialmente queimado...

Richard, mais uma vez, inclinou a cabeça.

— Deus a abençoará — disse êle — pela obra de caridade que praticou... Pelo seu coração generoso...

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

Na velha cidadezinha de Bayeux, tranqüila e provinciana apesar dos seus ares de nobreza, que não quer abandonar, vive a Sra. Belfroy, viúva de regular fortuna, em companhia da filha, a adorável Luísa, a quem adora. Em criança, durante uma pequena excursão marítima, Luísa sofrera um grande choque. Repentinamente prêsa de incêndio, a embarcação em que viajavam estêve prestes a naufragar com todos os seus passageiros, que se salvaram por milagre, quando tudo já parecia perdido. A partir de então, com raras exceções, tôdas as noites Luísa despertava tôda a casa com os seus gritos de incêndio, fogo, etc. Porém continuava dormindo e só acalmava quando a Sra. Belfroy a cercava em seus braços, murmurando em seus ouvidos palavras carinhosas, como se faz com as crianças. O Dr. Brochaux, velho médico e amigo da família, que a vira nascer, sempre afirmara que êsse choque nervoso desapareceria quando tivesse a vida nova proporcionada pelo casamento. E agora mesmo a Sra. Belfroy teimava em arrancar da filha a decisão: aceitava ou não o jovem Jacques Rieul, empregado num banco local, para marido? E Luísa, que já tivera dez pretendentes e vira todos recusados por sua mãe, via agora esta apressada em casá-la com Rieul, menos brilhante que os anteriores, como se ela fôsse uma solteirona e não tivesse apenas dezenove anos. Luísa desposou Rieul, sendo abençoados por Monsenhor, para quem Luísa bordara uma véstia maravilhosa. No mesmo dia, no correr da festa oferecida pela viúva, Rieul revelou ser egoísta, autoritário e ciumento, conquistando, assim, a geral antipatia dos convidados e causando à sua noiva, à sua sogra e ao velho médico as primeiras apreensões. Rieul é sêco no falar, autoritário e vive torturando sua jovem espôsa com o seu ciúme doentio. Após a lua-de-mel vão residir com a Sra. Belfroy, mas não tarda a haver um sério choque de autoridade entre genro e sogra, com maior sofrimento para Luísa, principalmente depois que os "sonhos" voltam a perturbar o seu repouso. Êsse fato é mesmo motivo para ser maltratada pelo marido, que não hesita em declarar que aquilo pode ter um fundo de loucura. O Dr. Brochaux intervém e pede a Rieul que se mostre mais humano e carinhoso e êle próprio faz questão de atender à pobre Luísa, que esperava o primeiro filho. Dias passados, Rieul lembra à sogra o pagamento do dote e esta o envia ao tabelião onde Jacques sofre uma dolorosa surprêsa. O pobre homem acabara de praticar o suicídio. Estava falido! Perdiam-se, assim, os cem mil francos de dote. Porém a Sra. Belfroy resolve vender a casa e pagar o dote ao genro, indo ela morar num apartamento acanhado, enquanto Rieul decide ir tentar a vida em Paris, separando assim mãe e filha. Oito dias depois, um telegrama do médico chama Luísa e Rieul apressadamente, a Bayeux, onde a Sra. Belfroy passava muito mal. Rieul não atende ao chamado com a urgência solicitada e quando Luísa chega em sua companhia à sua cidade natal, sua mãe já estava morta. Isso pouco mais rendeu ao ambicioso Rieul e êste se queixa tanto que Luísa decide trabalhar, bordando para conseguir mais algum dinheiro para a casa, embora o médico a proíba, por enquanto, devido a estar a jovem espôsa prestes a ser mãe. No intuito de melhor proteger Luísa, o Dr. Brochaux decidira deixar-lhe todos os seus bens, porém embora conhecesse o seu mal não agiu tão depressa como a morte que o levou antes de haver assinado o testamento. Era a segunda derrota de Rieul, que via outra fortuna fugir-lhe das mãos. Agora, com três filhas e um filho, o casal vivia modestamente, Luísa costurando, auxiliada por Aliette, a filha mais velha. O ciúme de Rieul continuava, porém, inalterável, envenenando sempre a existência de Luísa. Aliette, já mocinha, sofria com a mãe e se torturava ao ouvir o pai, por qualquer coisa, afirmar que sua mãe era doida. Com isso apenas conseguia piorar o estado da infeliz, que contiuava a sofrer os sonhos terríveis, que a deixavam prostrada. Um rapaz, Richard, morador no mesmo prédio, se interessava por Aliette e num fim de tarde, quando Luísa e suas filhas arrumavam a mesa para o jantar êle se apresenta para uma visita, anunciando que vai viajar pelo estrangeiro e vinha fazer as suas despedidas. Retira-se quando Rieul chega e êste anuncia à família que todos farão uma viagem de fim de semana, para assistir às manobras navais, em Cherburgo, o que é recebido com alegria pelos filhos, mas sem grande satisfação por

— O senhor... gostava dela? — perguntou Seraphine, estremecendo.

— Sim... Gostava muito... Gostava como gostamos de nossa mãe... Pretendo desposar a filha dela... Ou, então...

O rosto de Richard ganhou uma expressão tão resoluta que as mãos de Seraphine se juntaram, como para orar.

— Por isso mesmo — continuou Richard, como se despertasse de um sonho — eu desejava dizer ainda que o dever não está, geralmente, onde julgamos ter avistado; muitos sacrifícios serão necessários antes de se conquistar a felicidade... O Sr. Laubier precisa de um genro, Sta. Seraphine. Pense nêle também. Por certo que lhe deve alguma coisa! Se pudesse imaginar o que essas duas mulheres — aquela que dorme lá, além, entre os pinheiros e a que será minha espôsa — sacrificaram ao dever, sem jamais conhecer um instante de alegria... sem dúvida que me compreenderia melhor. Um dia espero voltar aqui com minha espôsa e ela mesma lhe descreverá o que foi a vida da que morreu.

"Quanto a mim, só lhe posso dizer uma coisa: aquela a quem amo recusou desposar-me sòmente porque a sua mãe necessitava dela; e se essa criatura não estivesse ali, deitada entre os pinheiros e sob as flores que lhe são levadas, de tempos a tempos, pelas suas mãosinhas generosas, Sta. Seraphine, ainda hoje ela estaria recusando a felicidade que lhe ofereço, que tenho a certeza de lhe poder dar! Porque também eu aprendi a viver, no exílio e no sofrimento... Ela recusaria, a fim de proteger a mãe adorada contra tôdas as infelicidades que a perseguiam... Procure fazer o mesmo com o Sr. Laubier, senhorita Seraphine!

Levantou o balde de cobre, colocando-o com mil e uma precauções e o mais equilibrado possível sôbre o ombro trêmulo de Seraphine. Depois fitou-a longamente.

— Seja feliz... muito feliz, senhorita Seraphine — disse êle — Mas saiba, antes de tudo, que a felicidade pode ser encontrada mais fàcilmente no sacrifício, e que mesmo as vidas mais amargas têm seu raio de sol, quando o sacrifício as marcou!

— Boa noite, Sr. Richard — disse Seraphine com uma voz entrecortada pelos soluços — Agradeço-lhe de todo o coração.

E desapareceu num cotovelo da estrada.

Repentinamente, alguém, surgindo da sombra veio apertar, com mão calosa, a sua mão.

Luísa, que preferia viajar até Bayeux. No dia seguinte Richard surge novamente e confessa a Luísa que ama Aliette e que vai viajar para ganhar mais dinheiro. No regresso pretende desposá-la. Luísa pede-lhe que guarde segrêdo, por enquanto, pois seu marido jamais aceitaria um genro que ela própria escolhesse. Aliette, por sua vez, informada do pedido, recusa aceitá-lo, entre lágrimas, declarando que jamais abandonaria sua mãe. Luísa consola Richard afirmando que também sua filha o amava. Que esperasse até ao seu regresso, quando Aliette seria maior de idade e tudo se resolveria com ou sem a vontade do marido. Ao chegar, Rieul sabe da nova visita do rapaz e logo é assaltado pelo ciúme, acusando a espôsa de estar de namôro com o vizinho. Insultada, Luísa protesta com veemência, sem, porém, declarar a verdade, para não prejudicar Aliette. Depois de uma cena violenta, Luísa sofre nova crise e é consolada por Aliette, com quem dorme essa noite, para ter cuidados especiais. Ao amanhecer, Rieul ordena à família que faça os preparativos para a viagem a Cherburgo. Chegados, porém, à última hora, instalam-se em lugares distantes, uns dos outros, ficando Luísa e Aliette no compartimento especial das senhoras, enquanto Lúcia e Elisa, junto de Richard, no mesmo vagão, indo Alberto e Jacques para um dos últimos carros. Pouco antes do amanhecer, em plena noite, um dos carros é prêsa de incêndio. Justamente o das senhoras. Richard, um dos primeiros a notar o sinistro, salta de carro em carro, a fim de ir até à locomotiva prevenir o maquinista, que detém o comboio. Ainda Richard, no meio do enorme braseiro, salva Luísa, Aliette e Lúcia, lançando-as do vagão, pouco antes do comboio parar completamente. Depois, no meio da confusão geral, dos gritos de desespêro, os sobreviventes buscam os seus parentes e amigos. Richard, porém, tem que prosseguir imediatamente, para não perder o navio que o levará ao Prata. Antes, porém, encontrando Aliette só, volta a falar do seu amor e nessa suprema entrevista Aliette promete esperar pelo seu retôrno. Pergunta-lhe, a seguir, por sua mãe e Richard afirma que a vira sem qualquer ferimento, dirigindo-se, quase a correr, na direção oposta. Rieul, Alberto e as duas filhas também procuravam Luísa. O mecânico contou o que sabia e elogiou a conduta de Richard que, com seu gesto ousado, evitará que a catástrofe fôsse maior. Porém onde estava o herói? Ninguém mais o viu. Por isso foi êle somado entre os desaparecidos na catástrofe. Já o sol ia alto quando os trabalhadores começaram a limpar as linhas. Luísa não fôra encontrada. Já alguns passageiros, que haviam sido prêsas do pânico e fugido para o campo largo, começavam a voltar. De Luísa, entretanto, nenhum notícia. Esta, na verdade, prêsa de estranha vertigem, imaginara que a tôrre da igreja que avistara à distância era a de sua querida Bayeux e decidiu correr para ela, fugir de Rieul, da escravidão... Fugir para poder morrer e descansar para sempre... Um sacerdote a recebe, sob o pórtico e justamente, ali, a seus pés, Luísa tomba morta. Quem era a desconhecida? No lugar surgem velhas comadres que afirmam conhecê-la. E' uma estranha criatura que vivera na cidade muitos anos antes e como as iniciais de Luísa, bordadas em sua roupa, coincidem com as da outra mulher, a pobre Luísa é enterrada como sendo a ex-habitante do lugar. Porém, como não há absoluta certeza, a cruz do seu túmulo tem apenas as iniciais: "L. B.". Por sua vez, a família Rieul continua no apartamento. Jacques teima em negar a morte de Luísa, afirmando que ela simplesmente fugira. E assim, depois de Luísa, começa o calvário de Aliette que sofre com a injustiça que continua a perseguir sua mãe, mesmo depois de morta. A Sra. Mornand recebe cartas de Richard e vai mostrá-las à pobre órfã, que se alegra mas nada promete, pois sabe que suas irmãs, agora, precisam dela. Richard, que chegara à França, para atender a uma obrigação do serviço militar, percorre, em bicicleta, a região onde ocorrera o desastre e termina chegando à igrejinha onde, com o que ouve do cura e o que lê na pedra tumular, tudo descobre sôbre o fim de Luísa Rieul; tendo ainda alguns dias de folga, prolonga sua estada no lugar, onde faz amizades e conhece novos e dolorosos detalhes da morte da mãe de Aliette. Ali também conhece Seraphine, justamente a jovem que se encarregara de zelar pelo túmulo da morta desconhecida. Entre ambos surge boa camaradagem, que Richard procura manter apenas nisso, embora da parte da camponesa, pudesse ir mais além e chegar ao amor...

— Falou bem, Sr. Richard — disse Laubier, pois era êle — Eu estava ali, não para o ouvir, é claro, mas enfim... lá estava! E agradeço por minha filha, Sr. Richard, e por mim... Não passo de um velho teimoso, sem educação; mas meu coração tem boas intenções... Procurarei melhorar a sorte dessa menina. Boa noite... e obrigado!

Em rápidas e largas pernadas alcançou a filha. Com gesto cauteloso tomou-lhe o pote d'água e passou-o para o próprio ombro; lado a lado se afastaram. Na primeira curva da estrada desapareceram. Richard ficou só.

Sim; êle havia falado como era devido e isso era o que o seu coração lhe repetia em pancadas furiosas. Para acalmar essa agitação desordenada, mergulhou as mãos na água fresca.

De fato, êste ano, as chuvas tinham sido raras e a água estava bem baixa no recôncavo das fontes; logo seus dedos tocaram o fundo cheio de limo, macio, escorregadio e desagradável. Voltou a enterrar as mãos para limpá-las e encontrou um objeto redondo, duro, metálico...

— Algum aro de cortina — pensou, apanhando-o.

O ouro, porém, não se altera, por mais tempo que fique mergulhado na lama; aquilo que Richard achara não era um aro de cortina, mas uma aliança matrimonial.

À luz de um fósforo, examinou o objeto e sua vista excelente lhe permitiu distinguir o que, justamente, mais poderia interessá-lo no momento: os nomes de Jacques Rieul e de Louise Belfroy!

O que faltava para reconstituir o drama acabava de ser encontrado; a morta, enterrada sob os pinheiros, era realmente Luísa, que desejara morrer inteiramente livre, sem levar para o túmulo qualquer marca de sua escravidão. Seu cérebro perturbado sòmente procurara a luz e a liberdade e ela correra para a libertação, esquecendo até os filhos, no seu mêdo de ser recuperada pelo algoz.

— Pobre mulher!— Pobre mulher! — murmurou Richard, levantando-se. — Vou mostrar o anel ao abade Verbois. E agora, Aliette também está livre. Pode ser minha sem qualquer escrúpulo.

Aspirou o ar profundamente.

"— Agora — disse êle para si mesmo — cabe me seguir um só caminho. Trabalhar e fazer de Aliette a minha espôsa!

QUARTA PARTE

XIX

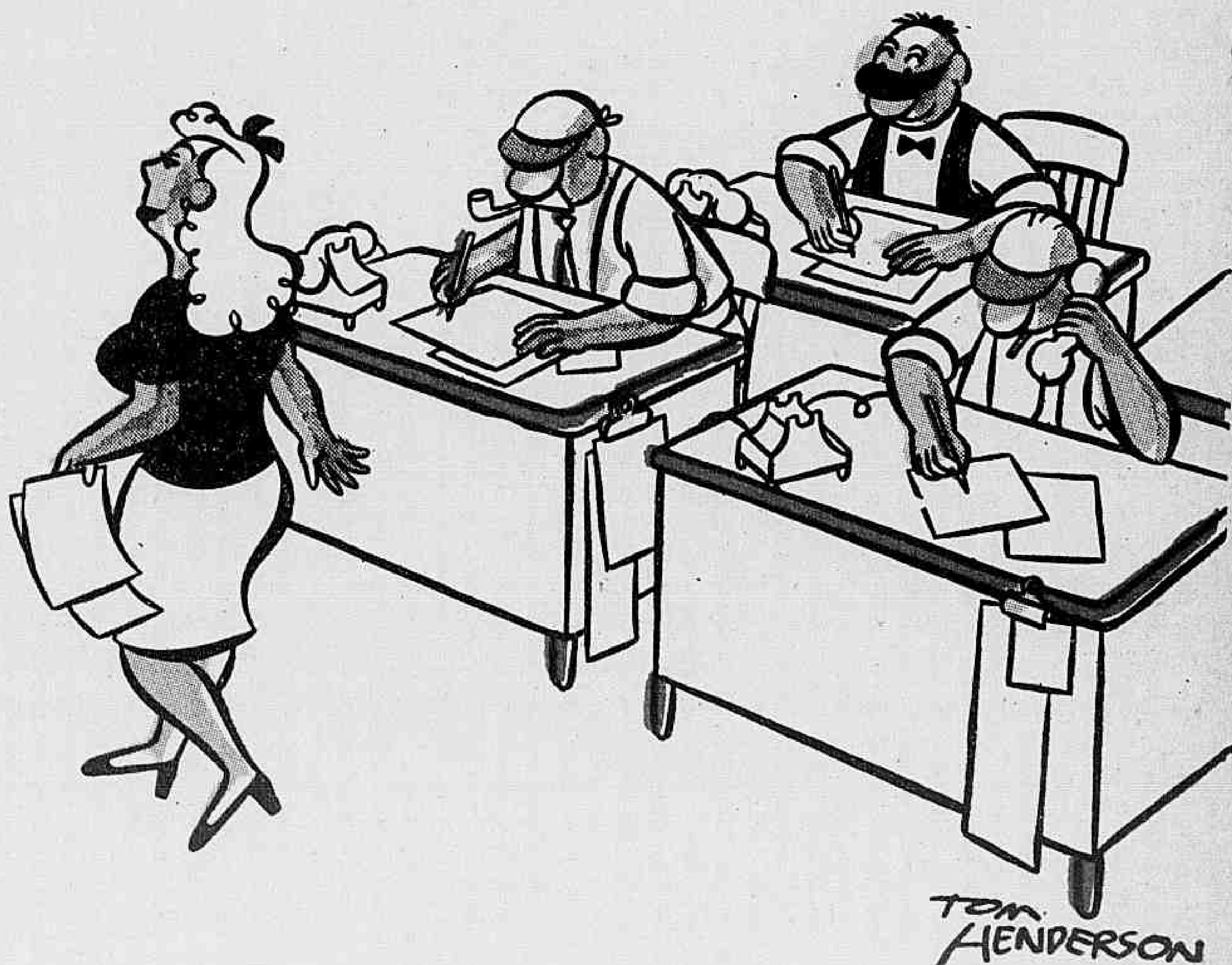
Desde a morte da Sra. Rieul, a vida da família se transformara inteiramente. Aliette, que agora era, de fato, a dona da casa, via sua autoridade reconhecida apenas por sua irmã Lúcia, agora mais afetuosa e submissa que antes, pois compreendia quão terno fôra o afeto que unira sua mãe e sua irmã.

Alberto arranjara um emprêgo e só aparecia em casa aos domingos. Elisa, a pretexto de aperfeiçoar seus estudos, tomara o hábito de seguir cursos noturnos, de forma que Rieul, não querendo ficar em casa com êsses dois rostinhos tristes de órfãs, saía invariàvelmente, depois do jantar, ficando uma ou duas horas no café.

Jamais quisera admitir que Luísa tivesse morrido; jamais consentira em iniciar uma ação contra a companhia férrea, para obter uma indenização — triste pagamento pela vida de uma bondosa mãe de família! Com o que tivera razão, de resto, embora sem o saber.

Se Aliette dizia *"Quando mamãe era viva..."* êle a interrompia com estas palavras: *"Antes de tua mãe nos deixar!"* Aliette calava. Que podia dizer? Que provas apresentar da morte de sua mãe?

A correlação secreta que Rieul fazia entre o desaparecimento de Richard e o de Luísa não podia entrar no espírito da pura Aliette; e o pai não ousava explicar-lhe. Mais ainda, ela evitava falar em Richard: sua mãe lhe dissera tantas vêzes que guardasse segrêdo do seu jovem amor!... E, mesmo agora, poderia ela deixar a casa, definitivamente, e também êsse pai que agora vivia tão só, que não tinha grandes atenções pelas filhas mas pelo qual ela



tanto se preocupava, sem que êle, ao menos, percebesse?

Lúcia continuava ao seu lado, companheira de tôdas as horas, amadurecida antes da idade, pelos acontecimentos que haviam transtornado, tão violentamente, tôda a família. Enquanto Lúcia não se casasse, Aliette tinha que lhe servir de mãe; nos últimos meses a mocinha se mostrava ora alegre, ora melancólica, sem razão aparente, como as jovens cujo coração desperta; tudo isso era motivo para preocupação e Aliette não podia estar tranqüila.

Não tinha mais tempo para ir à casa da Sra. Mornand; era Lúcia, agora, quem ia em seu lugar. Não que Cecília sentisse menos amizade por sua pobre amiga tão cruelmente atingida. Mas Aliette tinha outra coisa a fazer que procurar o repouso e um pouco de prazer musical. Ouvia subir pelas janelas abertas os *quatuors* onde o violoncelo do professor fazia cantar notas graves e dolorosas que pareciam sair do fundo do seu coração. Outros instrumentos se juntavam... Vagamente Aliette ouvia, consertando alguma roupa de seu pai, fazendo algum vestido para sua jovem irmã... Mas nada mais sabia do que se passava na adorável residência, outrora confidente das suas alegrias inocentes... E continuava, sim, a ser uma confidente; fôra lá que soubera do breve regresso de Richard... Depois disso, nada mais!

Era melhor assim; quando nada se espera, melhor é ignorar tudo.

Elisa também preocupava a sua irmã mais velha. Orgulhosa, obstinada, rude como o pai... Que aconteceria no dia em que as vontades do pai e da filha entrassem em conflito?

Uma felicidade inesperada, providencial, deu desfecho a essa situação.

O irmão da diretora, encarregada das aulas de corte, em que Elisa terminava a sua educação profissional, tendo encontrado a mocinha na residência da irmã, ficou impressionado por sua beleza, menos delicada que a de suas irmãs, mas feita, talvez, para mais fàcilmente atrair os olhares.

Possuindo, numa grande cidade da província, uma loja de novidades à qual desejava juntar uma seção de confecções e também de roupa sob medida, compreendeu que essa mocinha sem dote, mas bela, corajosa, sensata, decidida, era justamente a mulher que convinha à realização do seu projeto.

A irmã aplaudiu essa idéia e Elisa entreviu o paraíso.

Ser dona de todo um povo de empregados, conversar com as freguesas, obrigá-las a seguir a sua própria inspiração... Era a realização do seu sonho!

Poderia, finalmente, como sempre desejara, cortar a sêda e o veludo! Preferia mil vêzes reinar no interior do que viver desconhecida em Paris.

Restava a formalidade desagradável, mas necessária, de pedir a Rieul seu consentimento para êsse casamento. Elisa decidiu falar primeiro com Aliette.

— Então — disse esta — ...você vai desposar um homem que não conhece? Que não ama?...

— Oh, o amor! — exclamou Elisa — Se papai consentir, caso mesmo!

— Pois bem... Fale com êle; só assim poderá saber o que êle pensa.

Na mesma noite, sem mais esperar, Elisa expôs seu plano de conquista; era uma conquista, na verdade; e das mais inesperadas.

Rieul observou a filha, entre duas fumaças do seu cigarro.

— Você achou marido, assim... sòzinha? — perguntou êle.

— Mais ou menos — replicou ela.

— Não está mal; mas preciso ver êsse... senhor; que venha aqui... e eu irei conversar com a sua irmã.

Depois de meditar um instante, acrescentou:

— Tem mais sorte que uma outra, que vale mais... e merece mais! Enfim, veremos. Diga a êsse Sr...

— Dabencourt.

— Sr. Dabencourt que venha ver-me, amanhã, à noite! E' sábado; teremos muito tempo para conversar. Agora vou dar uma volta...

Elisa, louca de alegria, voltou para o seu quarto, a fim de poder sonhar com a sua felicidade.

Durante essa entrevista com o pai, os sons do *quatuor* tinham vibrado na residência vizinha, que parecia um grande órgão cheio de sons hormoniosos. Pouco depois, Lúcia entrou, alegre e quase correndo.

— Minha irmã, minha irmã! — exclamou ela quase sem fôlego — Imagina que o Sr. Mornand trouxe um camarote e iremos todos, depois de amanhã, ao concêrto Colona. Você também; êle pediu que dissesse isso a você, *expressamente!* E a Sra. Mornand já afirmou que não iremos se você não fôr!

— Disse isso? — perguntou Aliette surpreendida — Que amabilidade! Mas não posso, realmente.

— Oh, Aliette... Por favor! — pediu Lúcia com seu arzinho carinhoso — Primeiro eu mesma não irei, se você ficar aqui. E não há de querer me privar de um grande prazer, não é assim? Deve ser maravilhoso!

Aliette continuava pensativa: por que, de fato, privar-se de um divertimento tão belo e agradável realmente? Sempre desejara ver, sem grande esperança, pois sendo a família numerosa, as distrações caras tinham que ser abolidas.

Assim, acabou consentindo e Lúcia, remexendo nas gavetas, começou a arranjar um chapéu para Aliette. Lúcia tinha de-

dos de fada e conseguia fazer tudo lindamente e com gôsto superior. Enquanto trabalhava, febrilmente, com a agulha, no meio de flocos de tulle negra, assobiava uma velha canção, uma dessas velhas árias francesas, muito antigas mesmo, mas sempre reeditadas com ligeira alteração de ritmo.

— Como você anda amiga de músicas, últimamente! — disse Aliette, encantada com o que ouvia.

Lúcia corou.

— E' porque estou ficando velha, minha irmã; tenho envelhecido prodigiosamente... Os tempos mudaram tanto! Você, Aliette, não tem tido tempo para notar certas coisas... Sabe, ao menos, que já tem vinte e um anos? Sim, senhorita minha mãe... Vinte e um anos! Já é maior de idade desde a semana passada; é o calendário que o diz... E já começam de novo os concertos, significando que estamos chegando ao outono!

Aliette ouviu tudo e depois respirou fortemente. Mais de quinze meses tinham decorrido desde que a pobre Luísa desaparecera; e ninguém ousava falar... Os mais caridosos pretendiam que ela se deixara morrer — pobre mulher, cuja vida sempre fôra tão triste! — E as más línguas diziam que tão cedo Richard voltasse, logo se saberia alguma notícia da defunta.

Não: Aliette não queria pensar nisso. Repeliu os negros e maus pensamentos. Seu espírito seguiu noutra direção.

— Elisa vai casar, você sabia? — perguntou ela a meia voz.

— Sim... Ela já se encarregou de espalhar a notícia entre todos, desconhecidos inclusive. E' sério mesmo, desta vez?

— Parece que o candidato vem amanhã.

— Gostaria muito de ver! Tenho a certeza de que não me agradará, e a você também, querida. Mas queira Deus que seja agradável... *a ela!*

Surpreendida por tanta filosofia, Aliette voltou a observar Lúcia com curiosidade. Porém a outra não prestou a menor atenção, continuando a manobrar a agulha.

"— E que faz êle? — perguntou Lúcia, quebrando novamente o silêncio.

— E' proprietário de uma grande loja de novidades no interior.

— Hum... Como vão sofrer as pobres operárias! — murmurou Lúcia com ar penalizado —. Mme. *Aquimandoeu* não terá tempo para se aborrecer. E quanto a amar ou não o marido, é coisa que não terá importância. Eu, Aliette, jamais poderia amar um homem assim!

— Quem você amaria? — perguntou Aliette.

Lúcia baixou a cabeça para o chapéu, depois tornou a levantá-la, mas sem olhar para a irmã e disse corajosamente:

— A um músico! Essa música, em casa dos Mornand... Que coisa deliciosa! São as melhores horas de minha vida as que passo ali... quando não estou com você, minha querida Aliette! — acrescentou ela, lançando-se aos braços de sua irmã mais velha.

Aliette pensou muito e dormiu pouco, esta noite; êsse grande amor pela música devia ter por causa a existência de um... músico. Isso ela saberia, pois que a alma de Lúcia era um cristal puro e sonoro. Se Lúcia pudesse casar, mesmo modestamente, com um homem honesto e bom... Como seria feliz a sua Lúcia querida!

Elisa partiria, triunfante, para uma felicidade que tanto procurara... e Aliette continuaria em casa, para cuidar do pai; seu pai singularmente envelhecido e sempre em guerra consigo mesmo! Sofria terrívelmente, sem o querer confessar. Como Aliette poderia deixá-lo só?

Richard sofreria, sem dúvida... Mas era moço e na mocidade o consôlo chega depressa... e o esquecimento também. Esqueceria... e desposaria uma outra moça; teria filhos... e, talvez, quando ela mesma fôsse uma velha, a então Sra. Richard Destrê, que não seria Aliette, permitiria que seus filhos a chamassem de titia...?

Aliette adormeceu tarde, depois de haver chorado por longas horas.

XX

Na noite seguinte, o Sr. Daubencourt fêz sua visita; não era nem bem nem mal; era um provinciano robusto, astucioso e que tivera sorte nos negócios; não muito



— *Sr. Ladrão... Deixe-me primeiro depositar o dinheiro, sim?*

escrupuloso, provàvelmente; mas a situação de sua irmã, ao menos, estava garantida.

— Minha filha não tem dote, senhor — disse Rieul, depois de examinar o candidato.

— Pouco me importa isso — replicou galantemente o candidato — Sua beleza e suas qualidades são suficientes.

— Será feito, então, como desejam — disse Rieul; êsse papel de pai concedendo a mão de sua filha lhe parecia singular e não podia acreditar que era êle mesmo quem falava.

—Podemos casar dentro de três semanas — continuou o pretendente que, desde então, podia considerar-se noivo oficial de Elisa — Volto para casa, a fim de tudo preparar e pediria, meu caro senhor, que, por seu lado... O mais depressa seria melhor, o senhor não acha? E o senhor desculpará a minha pressa, mas...

Beijou a mão de Elisa e retirou-se majestosamente.

Rieul nada disse; com ar meditativo, encheu o seu cachimbo.

— Então, meu pai? — perguntou a noiva, um pouco mortificada por receber tão poucos cumprimentos da parte dos seus.

— Então, minha filha? — replicou Rieul — E' você quem vai casar; não sou eu! Êle não me agrada muito; mas se eu impedisse êsse casamento, sem dúvida você diria alguma tolice... Conheço bem você... Morreria de orgulho!

— A menos que êsse orgulho não a salve, meu pai! — disse Aliette, como quem implorava a proteção do céu para a irmã.

Surpreendido, Rieul fitou a filha mais velha. Raramente se preocupava com ela, senão para a censurar; mas, desta vez, fôra tocado bem num ponto secreto de sua alma orgulhosa.

— Sim... Você é boazinha! — disse êle em tom amuado.

Lágrimas rolaram dos olhos de Aliette.

— Oh, meu pai! — murmurou ela.

— Hein? Que aconteceu?

— Se o senhor consentisse...

— Mas fale de uma vez! — exclamou Rieul, impaciente.

— Consentisse que o amássemos! — disse a irmã mais velha, empurrando Lúcia, mansamente, para junto da poltrona paterna.

— Está bem... está bem! — resmungou Rieul — Não gosto de sentimentalismos...

Mas o seu olhar desmentia as suas palavras e consentiu que o beijassem.

Seu olhar, há muito indiferente, mas nos últimos dias mais tranqüilo, ficou longamente pousado sôbre aquela que era a verdadeira alma da casa — e não sem meiguice.

Na manhã seguinte, o aparecimento de um magnífico *boquet* de rosas brancas revolucionou o bairro. Desde o casamento da padeira da esquina, não se tinha visto nada mais bonito. Isso, pelo menos, foi o que a Sra. Lambert se encarregou de dizer aos quatro cantos.

Elisa triunfava; a alegria das noivas nem sempre têm a mesma essência; em umas é uma alegria pura, etérea, que faz a criatura caminhar sôbre nuvens; em outras, ocorre o inverso: caminham com os pés no chão, entre realidades brilhantes, porém passageiras; a felicidade destas consiste mais comumente no sentimento da inveja que inspiram.

Elisa não caminhava sôbre as nuvens!

— Pai — disse ela, mergulhando o rosto no *bouquet* triunfal — Vou precisar dos meus papéis...

— Que papéis? — perguntou Rieul, enrugando a fronte.

— Mas... minha certidão de nascimento e...

— Oh, Elisa! — disse Aliette falando baixo. Mas não pôde impedir que a irmã prosseguisse:

— ...e a certidão de óbito de mamãe! — concluiu Elisa com ar de desafio.

Rieul se erguera num salto e caminhava apressado pela sala acanhada.

— Sim — repetiu êle — A certidão de óbito de sua mãe... *que não está morta!*

— Ou, então, — continuou a outra, implacável e arrastada por sua vontade imperiosa — Uma certidão de desaparecimento; é como se faz em tais casos... O que interessa é que não posso continuar solteira tôda a vida!

Aliette chorava perdidamente, em silêncio, na sombra, o mais distante possível da lâmpada, tendo Lúcia estreitamente agarrada a um dos seus braços.

— De fato — repetiu amargamente o pai — Uma certidão de desaparecimento... *E' o que se faz nesses casos*... E' preciso que eu beba, para satisfazer o seu desejo, Elisa, todo o fel dessa taça!

— Não por mim apenas! — retorquiu Elisa — Minhas irmãs também vão precisar, um dia...

— Elas, ao menos, nada pedem... — disse Rieul com desdém — Você é bastante corajosa, principalmente sendo a filha mais moça.

— Por que não me emancipa, então? — perguntou a insuportável criatura.

— Temos tempo — respondeu Rieul mais tranqüilamente do que as suas filhas esperavam — Se fôr realmente necessário, chegaremos lá.

XXI

Quando as duas irmãs entraram na sala do Châtelet, sentiram a cabeça à roda.

Jamais tinham imaginado coisa semelhante.

Sentadas no interior do camarote, mergulharam o olhar no golfo cheio de cabe-

ças humanas, cercadas por vultos de mulheres e de homens bem vestidos, todos atentos; um vozerio incessante descia das galerias superiores; as portas dos camarotes se abriam, deixando entrar novos espectadores; tudo era ruído, movimento, turbilhão.

Quando os aplausos explodiram ao ser encerrada o último acorde da primeira parte, Aliette se voltou para a Sra. Mornand com o rosto transfigurado. A espôsa do professor sorriu para ela, carinhosamente, mas não foi o seu sorriso que Aliette viu: *foi o olhar de Richard, de pé, na sombra, à entrada de um corredor da orquestra!!*

O poder de um olhar numa sala de espetáculo! Muito se tem falado, sem jamais o descrever, porque modifica com o caráter de cada um. Mas ninguém ignora o mundo de pensamentos e de impressões que pode ser trocado num instante da duração de um raio.

Êle voltara, voltara para ela... Amava-a sempre!

Os olhos de Richard brilhavam como duas estrêlas... Aliette baixou a cabeça e sentiu que havia dado a própria vida, definitivamente, a Richard; êle permaneceu imóvel, sem sorrir, grave e feliz.

Confusa, envergonhada, ela se voltou para Lúcia, que nada vira; o silêncio voltou a se fazer profundo e o concêrto recomeçou.

★

Aliette fêz um brusco movimento, como se despertasse e curvou-se para as cadeiras da orquestra... Não havia dúvida... De pé, à entrada do corredor da orquestra... Sim... era realmente Richard!

Mais homem, menos moço, porém mais altivo, mais digno...

Tentou raciocinar. Richard não podia estar em Paris... Aquela música a tonteava, a enlouquecia... Desviou o olhar e ao fim de alguns segundos voltou a olhar: Richard não estava mais no lugar onde fôra visto segundos antes!

O primeiro *movimento* terminava e os retardatários se apressavam a ganhar seus lugares que não podiam alcançar enquanto a orquestra tocava.

— Lúcia — disse Aliette à sua irmã, falando num cochicho — Você não viu... *alguém*, há pouco?

— Onde?

— À entrada do corredor, à direita, junto da orquestra. Havia *alguém*...

— Há tanta gente... — respondeu pacatamente a irmã — Em todo caso não vi nem um só conhecido.

O concêrto terminava e nada mais se disseram.

Entre as duas partes do concêrto, a Sra. Mornand se levantou e fêz sinal às duas moças para que se aproximassem dela, no fundo do camarote, cuja porta fôra entreaberta para dar entrada a *alguém*.

— E' natural que eu permita a você conversar com o Sr. Richard Destrée, que voltou, depois de terminar seu tempo de serviço no exército.

— Então? Está contente? — perguntou êle a Aliette.

— Oh, sim! — murmurou ela sem o fitar — Voltou, então?

— Não foi isso o que prometi? Não me esperava?

Estendera-lhe a mão; ela entregou-lhe a sua e sentiu que essas duas mãos não se separariam jamais. No entanto, voltaram a cair ao longo do corpo; mas havia ocorrido *alguma coisa* que não se apagaria jamais da sua memória!

— Que efeito lhe causou a música? — perguntou a Sra. Mornand, curiosa por conhecer a impressão de uma mocinha de vinte e um anos, dotada de alma de artista e que ouve a música de orquestra pela primeira vez.

— Muito estranho — respondeu ela com tôda a sua natural franqueza — Pareceu-me como se estivesse contando histórias... Como se eu lesse um livro... Porém, por certo, muito mais belo!

— Respondeu muito bem! — declarou a Sra. Mornand — E' sempre interessante



O esquecer é humano.

ouvir o que pensam as pessoas em sua primeira impressão. Sabe que o homem que escreveu essa música era surdo?... Isto é: ficou surdo... o que não o impedia de continuar a compor músicas ainda mais belas do que esta que você ouviu?

— Surdo? — repetiu Aliette pensativa — Não... Isso não me surpreende. Êle ouvia com a cabeça.

— Espantoso! — disse à meia voz Richard, trocando um olhar com a Sra. Mornand.

Seu amor por Aliette, até então quase instintivo, feito de ternura e de piedade, se rejubilava por sabê-la tão inteligente e rápida no compreender. Deus fizera completa a criatura que êle amava! Inteligente, também êle, nunca teria suportado uma mulher espiritualmente inferior...

O concêrto recomeçou, pouco depois. Houve ainda, para Aliette, outro minuto delicioso: o encontro inesperado com Richard na escadaria... Foi só um instante! Um boa noite banal... e a Sra. Mornand levou suas convidadas, que desejava reter ainda para jantar.

Por mais que isso lhe agradasse, Aliette recusou. Justamente, nesse dia, seu pai havia anunciado a sua intenção de jantar em casa. Sentia-se um pouco indisposto... Elisa estava ausente... Quem cuidaria dêle?

Logo que entraram, as duas irmãs se entregaram ao trabalho quotidiano. Enquanto Lúcia arranjava a mesa e Aliette se movimentava na cozinha, Alberto entrou como um vendaval.

— Papai! — gritou êle — Temos novidades! O senhor jamais adivinharia!

— De que se trata? — perguntou Rieul, carrancudo, do fundo da sua poltrona.

— Richard está em Paris.

Aliette, que entrava na sala com o cesto de pães, quase deixou tudo cair. Ela tanto esperara guardar segrêdo até que fôssem feitos sábios preparativos!

— Quem disse isso a você? — trovejou Rieul, erguendo-se.

— Richard está em Paris, sim... Eu mesmo o vi, no *boulevard* Sebastopol, há menos de duas horas. Êle não me reconheceu, parece, mas tenho a certeza de que era êle... Como estou vendo o senhor!

— O miserável! — gritou Rieul com furor — Quando eu dizia a você mesma! — lançou êle ao rosto da filha mais velha, como uma bofetada — Quando eu dizia que êle havia fugido com ela! E agora? Não o quer ainda acreditar, hein?

— E' bem possível que o Sr. Richard esteja vivo — respondeu corajosamente Aliette — Mas jamais acreditarei que mamãe tenha fugido com êle! Jamais!

Alberto, ligeiro, conteve a mão de Rieul, que se levantava ameaçadora sôbre a cabeça da filha.

— Não, papai — disse êle — Ela não tem culpa... Deixe-a tranqüila! Quanto a Richard, a coisa é diferente!

— Oh! Êste... Hei de encontrá-lo, e então ajustaremos contas! — exclamou Rieul entre dentes — Há de pagar por tudo o que tenho sofrido...

XXII

Logo na manhã seguinte, pálida, abatida e também envergonhada, Aliette correu à casa da Sra. Mornand.

— Então? — perguntou a excelente criatura — Não foi uma linda surprêsa, a de ontem? Imaginei, com razão que, em público, a entrevista seria muito mais calma, como de fato foi. E agora? Que podemos fazer mais? E' claro, reconheço as suas obrigações com seu pai e com a casa inteira; mas não devemos exagerar, minha filha!

— Meu pai está num estado de espírito pior do que antes. E' mesmo impossível imaginar... — disse Aliette, corando de vergonha e de dor, ao recordar a cena da véspera. Jamais a ocasião foi menos favorável que agora... E, no entanto, para o casamento de Elisa...

— Elisa vai casar? — perguntou a Sra. Mornand num tom desinteressado.

— Sim... Faz um belíssimo casamento e segue para viver na província; vamos precisar de um documento provando a morte de nossa pobre mãe... E meu pai está persuadido de que ela não morreu! Que... Que ela se esconde dêle! Que o Sr. Richard... Oh, por favor! Não me force a dizer mais!

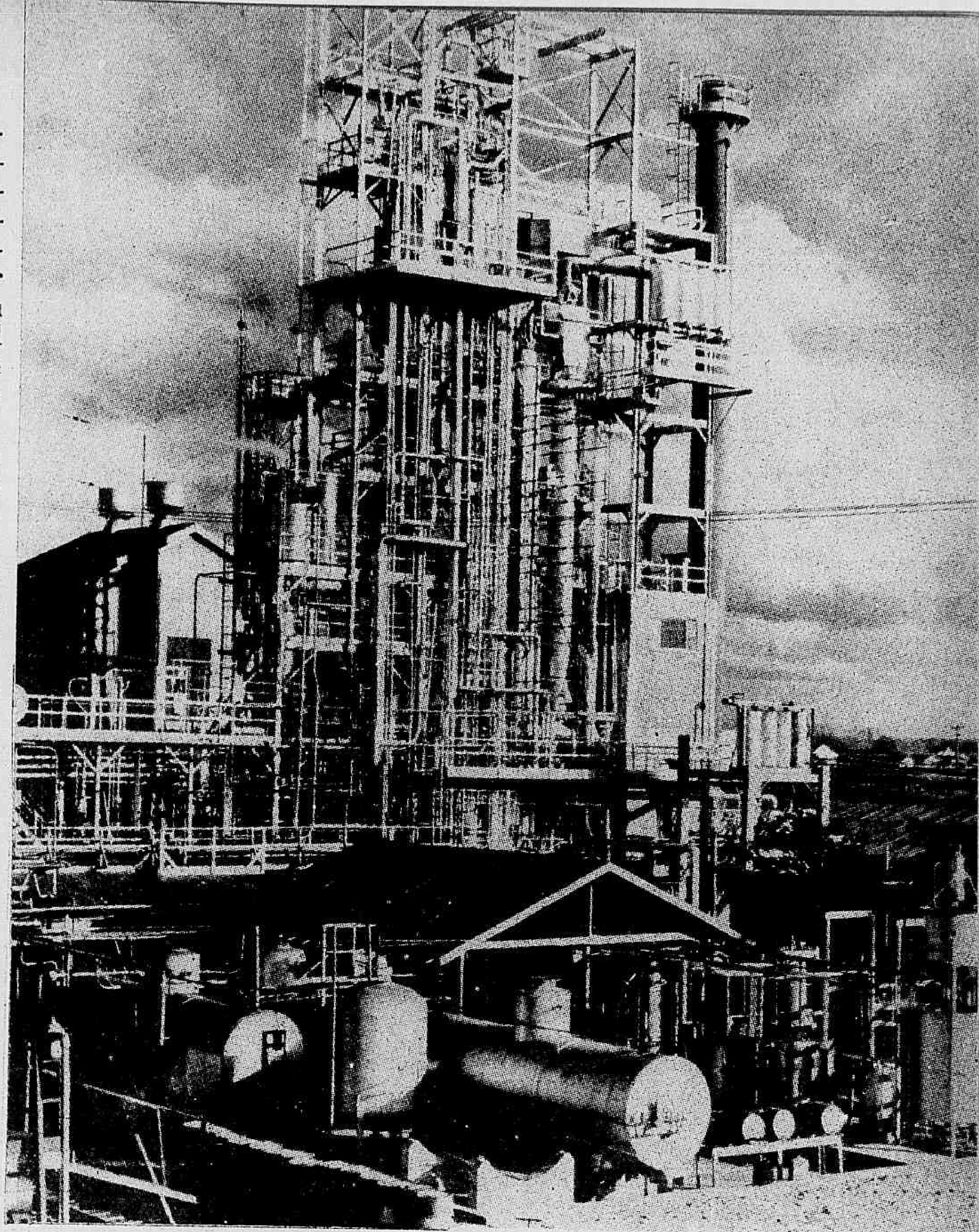
Ajoelhara-se entre as dobras da saia de sua amiga e protetora e chorava de coração aberto, como se chora quando nada mais há que esperar da vida.

—Richard, que tanto ama a você; que chegou a pedi-la à Sra. Rieul! — exclamou a Sra. Mornand tão acabrunhada como a própria Aliette — Que coisa horrorosa... e que pena a Sra. Rieul não ter falado com o marido, em vez de aconselhar você a guardar segrêdo!

— Não sei o que teria sido preferível... Quando meu pai cisma com uma coisa, não sei o que acontece com êle, mas todos os argumentos parecem servir à sua idéia... sempre contra a verdade!... Sempre contra nós! Talvez imaginasse que fôsse fingimento... que fôsse... sei lá!

A Sra. Mornand fêz um gesto de renúncia. De fato, há certas pessoas com as quais qualquer discussão é impossível, graças ao dom particular que possuem de falsear os fatos e perturbar o interlocutor.

— Richard aqui estará dentro de cinco ou seis dias — disse ela, finalmente; foi à cidade em que viveu a família de sua mãe, a fim de regularizar definitivamente alguns negócios. Possui alguns lotes de terra pelos quais lhe oferecem bom preço. Pretende vendê-los e parece-me que faz muito bem... Devo dizer-lhe que procure o Sr. Rieul? Richard é tão franco! Tão comunicativo... (*Cont. na próx. número*)



Fábrica experimental da Standard Oil Company, em Baton Rouge, Estados Unidos, onde se desenvolveu o método da síntese.

GASOLINA SINTÉTICA

A subcomissão senatorial dos Estados Unidos, que vinha investigando os recursos petrolíferos naturais, continua, como em 1947, a aconselhar a fabricação sintética da gasolina e do combustível para motores Diesel, de outras fontes diferentes do petróleo.

O processo empregado não está limitado ao gás mineral, como matéria prima, pois também é possível produzir gasolina e óleo Diesel (da mesma e alta qualidade) da hulha e do coque.

Em realidade, as grandes reservas de hulha devem ser consideradas como a maior fonte potencial norte-americana de gasolina. Apenas é possível calcular seu potencial, pôsto que são capazes de abastecer, por si só, as necessidades de gasolina, durante milhares de anos vindouros.

Em resumo, a sintetização é o que torna possível o transporte da hulha, por uma tubagem, para queimá-la nos motores dos automóveis. Isto é o resultado evidente de um processo que permite converter a hulha em energia líquida, e outro tanto acontece com o gás mineral. Transformado em energia líquida, o gás mineral pode ser empregado para fazer andar os veículos.

Na presente etapa de seu desenvolvimento, a conversão do gás mineral está mais avançada que a da hulha. Ademais, há razões comerciais que fizeram nos Estados Unidos, até agora, da sintetização da hulha uma emprêsa *a longo prazo*.

Considerada como uma operação isolada, a gasolina sintética da hulha teria que ser vendida, no varejo, nos Estados Unidos, a uns trinta centavos de dólar por galão, para ser fatível na escala comercial. Isso teria que competir com o preço atual, para todo o país, de vinte e dois centavos de dólar, para a gasolina extraída do petróleo. Entretanto, supondo-se que o processo se integrasse nas indústrias existentes de carvão de pedra e de gás, e imaginando-se que uma emprêsa de gás extraísse o seu próprio carvão das minas e adicionasse a fabricação de produtos sintéticos à sua fabricação de gás, semelhante operação provàvelmente reduziria cinco centavos de dólar no preço do galão.

A indústria adotou o processo básico da sintetização do gás mineral, não sòmente como um meio para fazer uma contribuição substancial aos recursos petrolíferos, como, também, para dar um passo no desenvolvimento da elaboração da hulha.

A sintetização do gás mineral alcançou um ponto no qual sua gasolina compete com a que se obtém habitualmente do petróleo. Nas bases das reservas norte-americanas atuais de gás mineral, e na suposição de que 25 a 30% dessas reservas estão em disponibilidade para a referida sintetização, já é possível prever uma época em que o gás mineral atenda de 10 a 15% da procura total de gasolina nos Estados Unidos.

Sem dúvida, se o total destas reser-

vas verificadas puder ser considerado com abundante potencial das fábricas para a sintetização, estas poderiam, eventualmente, produzir doze milhões de barris de gasolina e óleo Diesel sintéticos. Isto seria comparado com os dez milhões de barris de gasolina comum, que se podem esperar das reservas petrolíferas norte-americanas conhecidas.

A gasolina sintética não deve, está claro, ser confundida com os setenta e dois milhões de barris de gasolina *natural* que se extraíram na produção de gás natural em 1914. Esta gasolina natural se mistura com a gasolina convencional dos postos de gasolina, mas não é em si gasolina convencional.

A gasolina natural jorra da terra, borbulhando, como um vapor do gás mineral úmido. Uma vez que esta gasolina natural se separa do gás úmido, o gás que resta é conhecido como gás residual, que é sêco, e se vê aumentado pelos outros desprendimentos de gases que saem do solo em estado sêco.

O gás sêco é o estado corrente do gás natural que se fornece, por tubagem, às emprêsas de gás e é o conhecido pelos milhões de consumidores dêste produto.

E' êste gás sêco que constitui a matéria prima para a sintetização. Na operação comercial, esta sintetização proporcionará um aproveitamento lucrativo para o gás residual e para o gás sêco, que necessita de mercado próprio.

A sintetização do hidrocarboneto é uma modificação norte-americana do método alemão, que foi introduzido, em 1926, por Franz Fischer e Hans Tropsch, e que começou a ser utilizado comercialmente em 1933, em Oberhausen, na região do Ruhr.

Apesar da instalação enorme e completa que requeria, o método Fischer-Tropsch era essencialmente simples. Consistia de duas fases: a primeira, era a empregada por tôdas as fábricas de gás comum para a produção de gás extraído da hulha. Na segunda, o gás obtido se transformava por catálise, em gasolina e em outros produtos sintéticos.

Na primeira fase, a hulha ou o carvão artificial que se queimava — geralmente o coque — era tratado alternativamente com ar e vapor; o ar, para produzir uma chama viva e o vapor para neutralizar o fogo e fornecer o hidrogênio e o oxigênio que reacionavam com o carbono do carvão artificial meio-queimado, para produzir dois gases: o monóxido de carbono e o hidrogênio.

Em uma fábrica de gás, esta mistura seria o gás da água que, em muitos países da Europa, é usado nessa forma. Nos Estados Unidos, entretanto, geralmente se fortalece com um tratamento ulterior, com petróleo. Neste método norte-americano, é conhecido como "gás de sintetização".

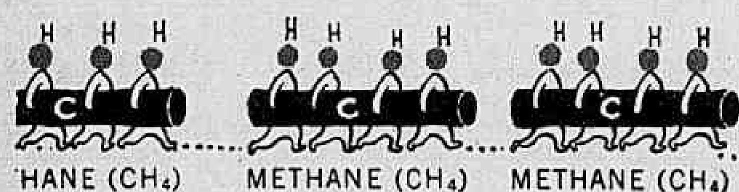
Êste gás entrava na segunda fase do método Fischer-Tropsch, a fase verdadeira de sintetização, forçando-o por meio de baterias reatoras de sintetização, que cobriam até dois acres de terras em algumas das fábricas alemãs.

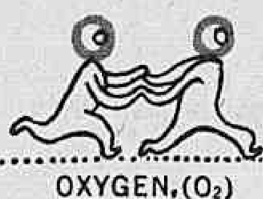
Nos reatores, as moléculas do monóxido de carbono se desintegravam e o carbono e o oxigênio libertados combinavam-se, em proporções variáveis, para formar, em princípio, uma porção considerável de hidrocarbonetos, além de água.

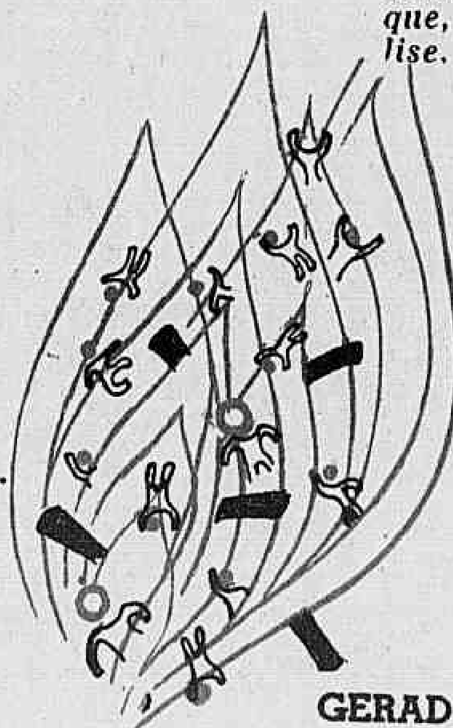
Dêste modo, o simples gás de sintetização que foi aos reatores saiu transformado em uma mistura bastante completa de gases, da qual se obteriam um excelente combustível Diesel e uma gasolina sintética de baixa graduação, conjuntamente com várias ceras sintéticas e outras matérias, valiosas por si mesmas.

O que Fischer e Tropsch estavam fazendo na Alemanha chamou a atenção dos químicos de tôda parte, especialmente os da Inglaterra, França, Japão e Estados Unidos. De acôrdo com os sistemas de engenharia norte-americanos, parte da instalação alemã parecia desnecessária e, por-

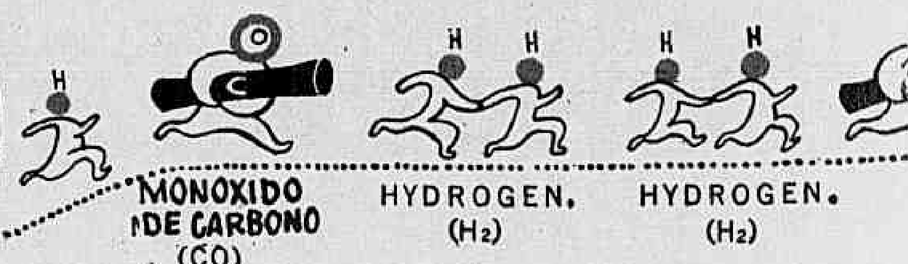
MATÉRIAS SINTÉTICAS DO GÁS MINERAL







O gás mineral e o oxigênio se desintegram na chama do gerador para formar o gás sintético que, por sua vez, se desintegra mediante catálise, para formar os produtos desejados.



GERADOR DE GÁS SINTÉTICO

tanto dispendiosa. Depois que terminou a guerra na Europa, a Missão Aliada Tecnológica do Petróleo completou um estudo intenso das fábricas Fischer-Tropsch, na Alemanha, que foram bombardeadas, e, nas 250.000 páginas que reúne a documentação técnica alemã, há atualmente em disponibilidade amplas informações sôbre o método que empregavam.

O gás sintético pode ser feito de qualquer matéria que contenha carbono e seja inflamável; essa definição é aplicável à maioria das matérias orgânicas da natureza.

Não há nenhuma razão técnica pela qual não se pode extrair gasolina sintética da madeira, da serragem, dos talhos das raízes, e até das sobras usuais da cozinha, muito embora haja muitas razões comerciais para que tal não seja feito.

Portanto, com referência à escolha da matéria-prima, o sistema pode se adaptar às condições locais, em tôda parte. Nos Estados Unidos, o gás mineral é mais simples e barato que o da hulha e é aceito, geralmente, como o material comercial mais apropriado para o processo da sintetização.

Na maioria dos terrenos petrolíferos dos Estados Unidos, o gás mineral consiste de 85%, ou mais, do gás leve, sem cheiro, e altamente inflamável que se conhece por grizu — o mais leve dos hidrocarbonetos.

Num dos métodos de sintetização se combina com o oxigênio e se queima em um gerador forrado com ladrilhos refratários. Sua chama, em combustão total, produz uma temperatura aproximada de uns 2.760 graus centígrados, que é uma das mais elevadas que se pode encontrar na prática comercial. Isto fundiria qualquer gerador que não fôsse feito de materiais especiais e produziria bióxido de carbono e água, que não dariam reação na fase da sintetização do processo, e, por conseguinte, são inúteis.

Resulta daí o combinarem-se dois volumes de grizu para um de oxigênio, em vez de dois dêste último para um do primeiro. Isso para produzir uma combustão incompleta.

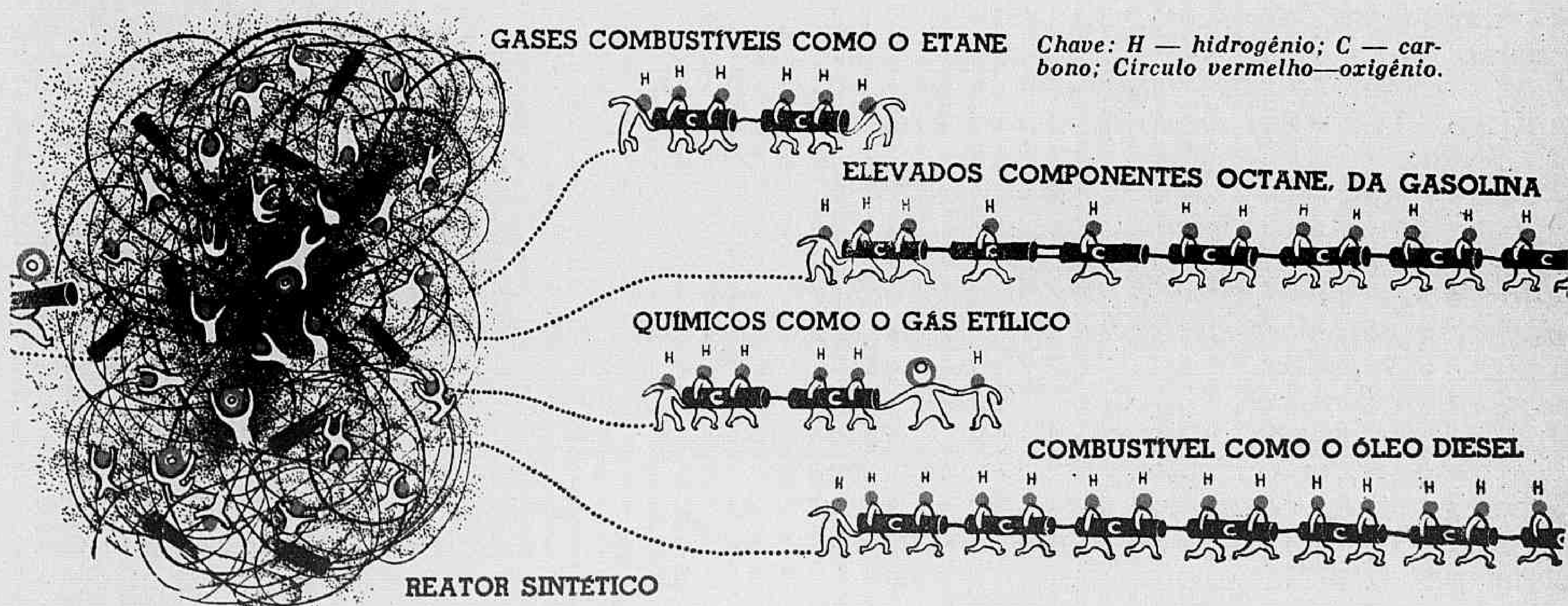
Esta reduzida alimentação de oxigênio permite ao único átomo de carbono na molécula do grizu (CH^4) combinar com o carbono e, assim, libertar os quatro átooxigênio, formando, então, o monóxido de mos de hidrogênio. A combinação resultante do monóxido de carbono e hidrogênio gás de água, como se chamaria no fabrico do gás comum, é o gás de sintetização.

Nos reatores, controlam-se cuidadosamente a temperatura e a pressão e, em realidade, o tremendo calor que se desenvolve durante a reação foi um dos mais difíceis problemas que Fischer e Tropsch tiveram que resolver na Alemanha. A solução que êles encontraram tomou a forma de muitos reatores, relativamente pe quenos, cada um com uma grande superfície congeladora de tubos de água, e com pequenas bolinhas do catalizador, colocadas entre os tubos.

Em uma fábrica Fischer-Tropsch, com capacidade para 10.000 barris de gasolina sintética, êstes reatores contribuiam, em grande parte, para a instalação custosa em que implicava o processo.

Ao introduzir seu tipo fluido de catalizador, no lugar do de bolinhas, do sistema alemão, uma companhia norte-americana dedicada às pesquisas científicas reduziu esta instalação de múltiplos reatores ao necessário, cuja superfície congeladora é menos de 10% da usada pelos químicos alemães. Sem dúvida alguma, os tubos congeladores, grandemente reduzidos, são tão eficazes quanto uma caldeira na produção do vapor para a energia mecânica.

O catalizador *fluido*, finamente pulverizado, descansa em uma densa e profunda capa, que enche o espaço ao redor dos tubos congeladores nos reatores. O gás de sintetização vai ao fundo de cada reator e a reação da sintetização começa, em se-



Chave: H — hidrogênio; C — carbono; Círculo vermelho—oxigênio.

guida, a gerar um calor violento, com o catalizador *fluido* irradiando o calor a tôdas as partes do reator.

Na sua ascenção através da massa em ebulição do catalizador, o CO simples e o H, do gás de sintetização, combinam-se em uma série de hidrocarbonetos, que variam em complexidade molecular, desde a ligeira CH^4 do grizu até a maior, mais densa e mais completa molécula do óleo Diesel.

A ciência ainda está longe de poder explicar esta transformação pois, apesar do estudo aprofundado que se fêz nesse sentido, muito do processo catalítico ainda é um mistério, mesmo para aquêles que mais sabem a respeito dêle. Um leigo só poderia dizer que se o catalizador não estivesse na sintetização, nada ocorreria.

Entre os produtos extraídos, contam-se a gasolina de alta qualidade para os motores e quantidades menores de óleo Diesel, álcoois e ácidos, além de alguns dos gases leves de hidrocarbonetos que se produzem na operação do método convencional de refinamento.

São precisos 12.000 pés cúbicos de gás mineral para cada 42 galões de produtos de petróleo sintéticos. Êste é um rendimento rico e estimulante. Embora Fischer e Tropsch obtivessem uma gasolina que alcançava sòmente 50, na escala de octanos, e tivessem que elevar sua graduação até 80 por um tratamento posterior, o sistema de sintetização com o catalizador *fluido* produz gasolina de teor superior, isto, no momento, pela escala de uma fábrica de experimentação.

Êste enorme adiantamento é algo que os alemães nunca conseguiram obter comercialmente. Esta proeza química dos Estados Unidos pode ser devida à substituição de um catalizador de ferro pelo de cobalto que usavam no método Fischer-Tropsch e, talvez, também à escala maior de temperaturas empregadas no processo que utiliza o catalizador *fluido*.

Embora a gasolina de teor superior seja o objetivo principal do processo, também se produzem álcoois sintéticos em menor quantidade; o único átomo de oxigênio no monóxido de carbono do gás de sintetização entra, em parte, em uma variedade de álcoois que variam desde o álcool metílico (CH^3OH), até o álcool amílico ($C^5H^{11}OH$).

Em verdade, o processo de sintetização oferece uma fonte barata de álcool metílico, etílico, propílico, butílico e amílico; todos êsses são bastante procurados pela indústria como dissolventes de vernizes e gomas, e também, convertidos em outros produtos químicos. Galão por galão, êstes álcoois têm muito mais valor que a gasolina, tanto mais que, como produtos de sintetização comercial, os álcoois às vêzes parecem encontrar-se desempenhando o principal papel.

Como matéria para a gasolina, o gás mineral custa menos que o petróleo cru de nossas refinarias comuns, porém esta vantagem é diminuída, em parte, pela maior inversão de capital que se requer para o processo de sintetização.

Uma parte considerável do custo da fábrica para êste método provém da produção de oxigênio para o gerador. Em 1945, quando a produção de oxigênio estava ainda prejudicada pelas condições de guerra, alcançava um preço médio de pouco mais de 38 milhões de pés cúbicos por dia em todo o país (E.U.A.). A maior fábrica de oxigênio dos Estados Unidos, naquela época, produzia 3.250.000 pés cúbicos diários.

Entretanto, uma só fábrica de sintetização de 10.000 barris diários requer 75 milhões de pés cúbicos de oxigênio, cada dia. Esta enorme quantidade de oxigênio espera-se obter liquefazendo 375 milhões de pés cúbicos de ar atmosférico, a temperaturas que variam entre as mais baixas, até 193 graus centígrados. A esta temperatura, o nitrogênio líquido se separa do oxigênio líquido pela distilação, e até uma quinta parte do volume original do ar fica como um oxigênio de 95%.

O nitrogênio e o oxigênio passam logo depois separados, aos cambiadores de calor que elevam suas temperaturas desde o frio intenso da liquefação até dentro de dez graus de temperatura do ar que entra Não havendo saída comercial para o mesmo, o nitrogênio se lança ao ar exterior e o oxigênio permanece pronto para ser combinado com o gás mineral sêco, no gerador, onde se forma o gás de sintetização em uma chama, cuja temperatura ultrapassa a 1093 graus centígrados.

Uma fábrica Fischer-Tropsch, de 10.000 barris diários, tinha 128 reatores. Uma fábrica com o catalizador *fluido*, da mesma capacidade, tem apenas quatro. Esta enorme redução no número de reatores necessários tm sido, realmente, uma das conquistas mais notáveis no desenvolvimento dêste último método.

Uma fábrica para sintetizar, dêste tamanho, leva, talvez, dois anos para ser construída. Funcionando a tôda capacidade necessita de 120 milhões de pés cúbicos de gás por dia. Necessita, também, de um abastecimento de 15 milhões de galões de água. Os requisitos rigorosos de localização junto ao grande investimento inicial, que requer, limitam inevitàvelmente o número de fábricas de sintetizar, em escala comercial.

Embora existam imensas jazidas petrolíferas que contenham areias alcatroadas e argilosas, a hulha é, incomparàvelmente, a maior fonte de energia. Tôda a hulha que se tem retirado da terra (nos Estados Unidos) até a presente data, tem provindo apenas da superfície das jazidas mais aces-

síveis. Até agora, os vastos depósitos de lignito e sub-betuminosos do Oeste dos Estados Unidos foram apenas tocados.

As resarvas de hulha podem ser medidas. Tôdas as reservas comerciais de antracita e lignito, isto é, de carvão de pedra em veios trabalháveis acima de uma profundidade de 900 metros, são calculadas em 3.18 bilhões de toneladas. Atualmente se está retirando destas imensas reservas cêrca de 600 milhões de toneladas por ano.

Têm os Estados Unidos suficiente hulha na terra para se abastecerem por milhares de anos, e mesmo que 50% desta reserva seja disponível para a fabricação sintética, contarão ainda com uma reserva potencial de gasolina de 3.7 bilhões de barris.

O cálculo mais elevado para o futuro consumo nos Estados Unidos da América do Norte, até agora feito, — que é o de 1965 — é de pouco mais de um bilhão de barris de gasolina por ano. Nesta proporção, a metade das reservas de hulha disponíveis neste país será suficiente para mantê-lo abastecido de gasolina por mais de 3.000 anos.

Com a hulha voltamos ao método da síntese. Uma das formas em que podemos emprestar êsse processo, é o carvão de pedra moído em pó antes de entrar no gerador, onde é atacado com oxigênio e vapor, simultâneamente, para produzir o gás sintetizador do monóxido de carbono e do hidrogênio. O emprêgo do carvão "fluidificado" para a gasificação é tido como possuindo muitas das vantagens que oferece o uso do catalizador *fluído* descoberto pela Standard Oil Company, para a desintegração catalítica.

A "fluidificação" da hulha é o ponto culminante no qual a produção do gás sintetizador por êste método difere da fabricação do gás de água feito por qualquer fábrica de gás. Uma vez que se tenha obtido o gás sintetizador, o resto do processo é igual ao que se emprega quando o gás mineral é a matéria prima.

Na etapa atual dêste desenvolvimento, a sintetização do carvão de pedra alcançou a média de 100 galões de gasolina e combustível Diesel sintéticos, além de outros produtos, ou seja, quase 2-4 barris de combustíveis líquidos, de uma tonelada de hulha. Em outras palavras, uma produção diária de 10.000 barris de combustível líquido requer um abastecimento diário de 4.200 toneladas de hulha e uma produção anual de bilhões de barris requeriria 420 milhões de toneladas.

★

SITUAÇÕES CÍVICAS

EM COLORADO SPRINGS, Colorado, o conselho municipal aboliu, recentemente, as leis que limitavam o comprimento dos grampos para chapéus femininos e proibiam a reprodução de mulheres fumando, nos cartazes para anunciar marcas de cigarros.

EM NEWARK, Nova Jersey, um varredor percorreu as suas ruas habituais e depois, completamente distraído, continuou varrendo mais duas milhas e meia, até o interior da vizinha cidade de Elizabeth, no mesmo Estado.

Em GUADALUPE, Califórnia, o prefeito local apresentou um relatório censitário ao conselho municipal, no qual entre outros detalhes, havia êste: População: humanos, 3.000; cães, 9.000.



EM NORTHVALE, N. J., o prefeito tentou alugar o prédio que devia servir para prisão, mas que vivia vasio por falta de presos. Não o conseguindo, ofereceu-o, sem resultado, a diversas instituições, que não o aceitaram, nem mesmo de graça. Finalmente os bombeiros voluntários foram chamados para o demolir.

EM CHATTANOOGA, Tennessy, o primeiro residente a ser multado pela municipalidade por não recolher prontamente a lata do lixo, depois da passagem do caminhão de limpeza (segundo ordenava lei recentemente votada pelo Conselho Municipal), foi... o diretor do Departamento encarregado, justamente, de fiscalizar o cumprimento dessa lei.

EM CHESTERFIELD, Massachussetts, foi anunciado que nenhum óbito ocorreu na comunidade de 375 habitantes, em dois anos, e que isso era terrível para os cofres públicos, pois que tôda a indústria local se resumia, justamente, em negócios de madeira própria para caixões mortuários.

EM BOBTOWN, a cadeia local foi fechada por falta de presos, sendo convertida em agência dos correios.

EM LOUISVILLE, Kentucky, uma mulher iniciou processo contra a municipalidade à qual pedia indenização de 5.580 dólares, alegando que se ferira ao tropeçar contra um "aviso" protetor colocado pela prefeitura para prevenir os transeuntes de que o calçamento estava em obras.

EM GLENDALE, Califórnia, as autoridades municipais visitaram, solenemente, um colossal e suntuoso edifício, construído pela própria prefeitura. Depois do "corte" da fita simbólica, o prefeito e seus secretários, seguidos por jornalistas, etc., percorreram o edifício... e descobriram que o prédio continha treze infrações gravíssimas contra as exigências municipais, duas das quais verdadeiramente imperdoáveis: fora do alinhamento e obstrução de quatro bôcas de galerias que serviam aos interêsses de quatro bairros distintos.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Aplica-te ao livro e poderás, um dia, erigir um pequeno edifício com os teus pensamentos, e, ainda que o não ofereças à Humanidade, que exige obra forte, poderás dedicá-lo aos teus, mostrando-lhes como exemplo a tua vida, ora feliz, ora nublada de tristezas, mas sempre pura, correndo sôbre a virtude".

COELHO NETO

UM POUCO DE SINTAXE

REGÊNCIA VERBAL

Na evolução sintática, é a regência verbal assunto que oferece matéria para maiores indagações e estudos. Ainda na gramática expositiva, as dificuldades são grandes, porque a classificação dos verbos não é rígida: êles admitem, não raro, variadas construções, ora se apresentando como transitivos diretos, ora como transitivos indiretos. A regência ainda se modifica, segundo a significação dos verbos. *Visar* o comando (trans. dir.) é ter o comando como alvo; *visar* ao comando (trans. ind.) é ambicioná-lo, desejá-lo. Vemos, assim, que um simples *a* altera completamente o sentido. Se dizemos — com essas críticas êle visa o comando —, a idéia é a de que as críticas são dirigidas ao comando. Mas se dizemos — com essas críticas êle visa ao comando —, já agora podemos entender que êle deseja alcançar o comando através das críticas.

Os verbos *obedecer* e *perdoar*, de uso tão comum, têm a sua história.

No português hodierno são construídas com dativo (obj. ind.), tal como os empregou Machado de Assis:

"...não tinham remédio senão obedecer-lhe."
"Vovê perdoa-*lhe*, fazem as pazes."

Digamos, pois: obedecer aos pais, obedecer aos mestres, perdoar aos inimigos (*).

Não assim, no português arcaico, em que êsses verbos eram usados com acusativo.

Dante Nunes escreveu:

"Venerá-lo e obedecê-*lo* como senhor."

E Camões:

"Levemente *o* perdoa, e foi servido."

Outro caso de regência delicada é o do verbo *chamar*, que, significando *apelidar, dar nome*, pode constituir-se com *o* ou com *lhe*, como nos seguintes exemplos:

"...entrou a chamá-*lo* Ipiranga."
Machado de Assis.

"Rubião chamou-*lhe* de bonita."
Machado de Assis.

"ouviu que *lhe* chamavam homem de bem."
Machado de Assis.

(*) Se o complemento de *perdoar* fôr nome de coisa, não haverá preposição: *perdoai os motejos.*

★

CORRESPONDÊNCIA

J.O.S.E. (Nesta) — Em números anteriores desta revista, encontrará o leitor minucioso e completo estudo das leis de acentuação gráfica.

Não se acentuam os agudos em *i* e *u*: *tupi, urubu.* E' certo que *aí, saí, baú,* levam acento agudo, mas o acento, na hipótese, visa apenas a indicação do hiato.

Banal é galicismo, sim, na acepção de vulgar, trivial.

A. A. (São Paulo) — As gramáticas em geral trazem a classificação das consonâncias. Não há divergência quanto às labiais, que são *p* e *b* (respectivamente surda e sonora), ambas explosivas.

Há diferença entre *acordar* e *acordar-se*. *Acordar* é despertar; *acordar-se* é recordar.

J. B. (São Paulo) — Penso que o leitor se refere a um sonêto de Manuel Bandeira, onde aparece, magistralmente empregado, o anacoluto eu... *eis-me*.

Ei-lo, transcrito de *A cinza das horas*:

A ARANHA

Não te afastes de mim, temendo a sanha
E o meu veneno... Escuta a minha triste história:
Aracne foi meu nome e na trama ilusória
Das rendas florescia a minha graça estranha.

Um dia desafiei Minerva. De tamanha
Ousadia hoje expio a incomparável glória...
Venci a deusa. Então, ciumenta da vitória,
Ela não ma perdoou: vingou-se e fêz-me aranha.

Eu que era branca e linda, eis-me medonha e [escura
Inspiro horror... O' tu que espias a urdidura
Da minha teia, atenta ao que o meu peito fia:

Pensa que fui mulher e tive dedos ágeis,
Sob os quais incessante e vária a fantasia
Criava a pala sutil para os teus ombros frágeis...

Outros tópicos de sua amável carta ficarão para o próximo número.

JOSE RICARDO NETO

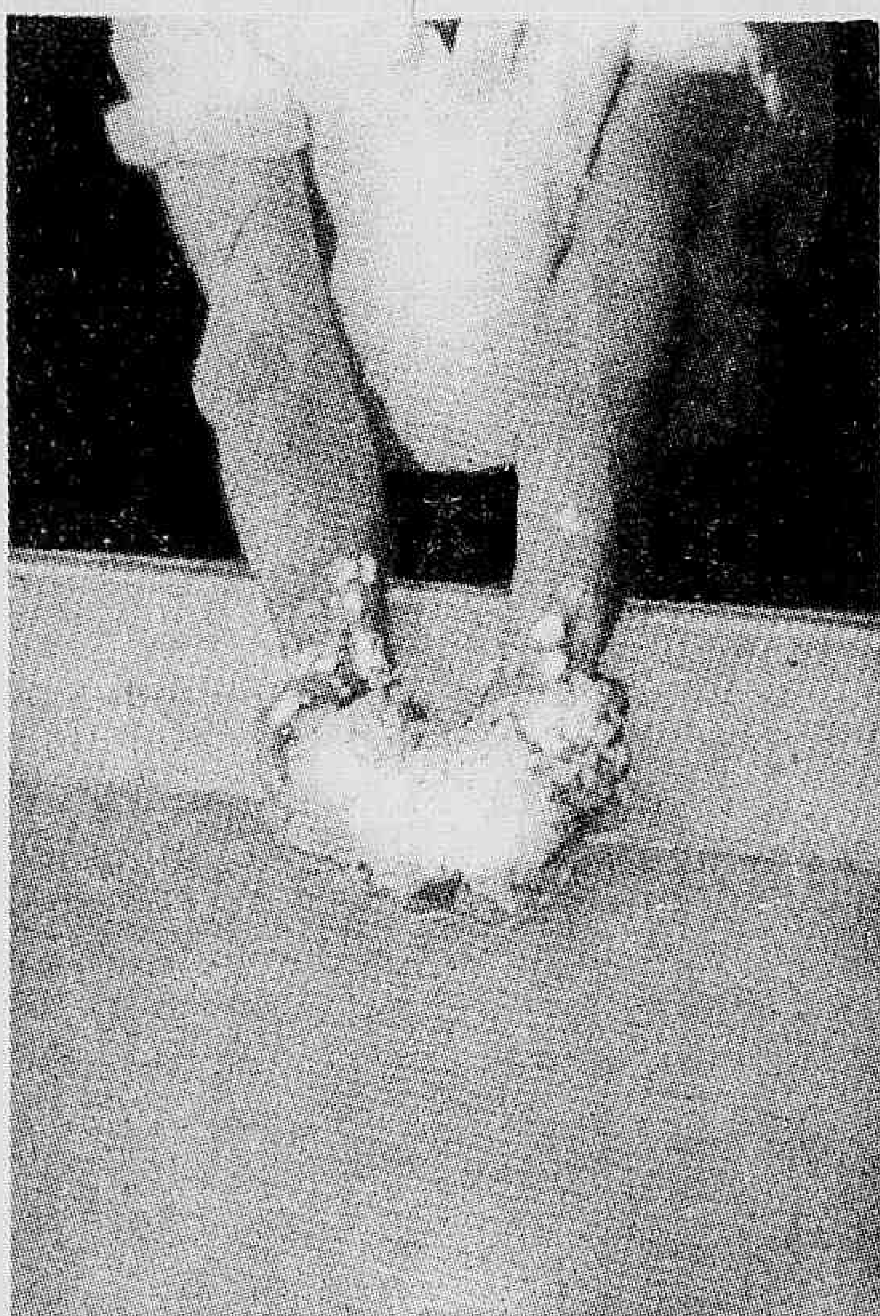
VIDA DO CAMPO

OS QUEIJOS PERUANOS

«HUALLANCA» E «PARIA»

O leite que se destina à fabricação do queijo do tipo "Huallanca", deve ser fresco, e preferìvelmente de duas ordenhações do mesmo dia. A acidez máxima deve não exceder de 20º C.

Logo depois de ordenhado o leite, deixa-se que coalhe para evitar um aumento da acidez. O leite deve ser coalhado a uma temperatura de 27 a 31º C. durante 1½ a 2 horas, procurando-se manter a mesma temperatura durante todo o tempo. No caso de o leite se encontrar a uma elevada temperatura, é conveniente arrefecê-lo ràpidamente à temperatura que indicamos acima. No caso contrário tem de ser aquecido para atingir essa temperatura. Em ambos os casos essas operações devem ser efetuadas em baldes de ferro estanhado ou de alumínio. Para que conserve a mesma temperatura durante o tempo que coalha, deve tapar-se a vasilha e abrigar-se a tôda a volta com uma pele de carneiro.



Para maior segurança é conveniente usar coalho em pastilhas. Meia pastilha é bastante para coalhar 100 litros de leite a uma temperatura de 31º C. em 1½ a 2 horas. Se a temperatura ou a acidez fôr mais baixa, acrescenta-se um pouco mais de coalho, e se, pelo contrário, a temperatura ou acidez forem mais elevadas, usa-se menor quantidade de coalho. A temperatura e acidez elevadas e muito coalho produzem um queijo duro, pouco manteigoso. A firmeza suficiente da coalhada para seguir o trabalho conhece-se na forma seguinte: mergulhando o dedo indicador na coalhada, e levantando-o em sentido horizontal a coalhada deve quebrar-se sôbre o dedo em linha reta. No caso de se romper de modo irregular, isso é sinal de que ainda não está pronta.

Se a coalhada se encontra suficientemente firme, procede-se ao fracionamento, da forma seguinte: com uma faca de metal ou de madeira corta-se a coalhada em pedaços de 3 centímetros de lado. Deixa-se descansar até que a superfície fique coberta de soro verde, o que leva mais ou menos 15 minutos. Depois, com uma paleta, lira ou agitador, mexe-se lentamente durante 20 a 30 minutos, até que a coalhada forme grãos do tamanho de um feijão grande; conseguido isto, deixa-se repousar durante uns 10 minutos. Se depois dêste descanso os grãos não se unem, então a massa encontra-se em condições de ser coada, depois de mais outro repouso de entre 10 e 15 minutos.

Para coar a coalhada, estende-se primeiramente uma malha fina ou um pedaço de baêta sôbre o sôro e com uma vasilha pequena separa-se uma parte do soro que sobressai da coalhada; em seguida deita-se tudo junto na toalha e pendura-se a massa durante uma ou duas horas para que o sôro escorra bem, tendo-se o cuidado de quebrar o bôlo de meia em meia hora para facilitar a saída do sôro.

Estando sêca a coalhada, pode amassar-se e salgar-se, empregando-se para cada quilo de coalhada 20 gramas de sal bem moído. Dá-se-lhe mais outra amassadura e deita-se no molde, o qual deve ser forrado com um tecido de malha muito aberta, procedendo-se, então, à prensagem. Durante a primeira meia hora a prensa deve ter 20 quilos por quilo de massa. Meia hora depois dá-se volta ao queijo, mudando o trapo molhado por outro sêco, submetendo-o novamente à prensagem, e, desta vez, aplicando 30 quilos de pêso por quilo de massa. Depois de 10 horas de prensagem contínua, volta-se a repetir a última operação, e 24 horas depois remove-se o queijo da prensa.

Com o fim de evitar a quebra dos queijos durante todo o tempo que precisam de amadurecer, cobrem-se durante as primeiras 12 horas com sal úmido, dando-lhes volta de seis em seis horas.

O queijo deve ser depositado sôbre mesas de pinho e num quarto escuro que tenha uma umidade atmosférica de cêrca de 70 a 80%, devendo-se evitar as correntes de ar. Para conservar uma casca elástica e limpa, lava-se bem o queijo, pelo menos duas vêzes por semana. Os queijos nunca devem descansar em cima de tábuas de madeira úmidas; tampouco se deve molhar a superfície do lado que assentam. Tendo êstes cuidados com o quei-

jo, o processo de amadurecimento terminará ao cabo de 5 ou 6 semanas; depois disso pode-se guardar o produto durante vários meses sem perigo de decomposição.

QUEIJO "PARIA"

Êste tipo de queijo encontra-se muito generalizado nos departamentos do Sul. O verdadeiro tipo "paria" é feito de leite de ovelha, exclusivamente. No Sul é costume misturar o leite de ovelha com o de vaca, devido a que o primeiro é bastante escasso. A maioria dos produtores dêste tipo de queijo fabricam-no mesmo de leite de vaca, inteiramente, usando dos mesmos processos que no caso da elaboração do leite de ovelha. Os resultados obtidos mediante êste sistema não são geralmente muito satisfatórios.

A — QUEIJO "PARIA" DE LEITE DE VACA E DE OVELHA

Antes de entrar no assunto, convém dar algumas explicações relativamente à prova da acidez do leite que se destina à fabricação do queijo. O fabricante deve acostumar-se a fazer esta prova antes de começar o trabalho, porque dêste modo conhece a quantidade de coalho a empregar e a temperatura a que deve aquecer o leite para conseguir coalhada. O leite que tenha uma acidez de até 8° C., segundo Peter, reúne as condições normais para a fabricação dêste tipo de queijo. À medida que aumenta o grau de acidez, aquece-se menos o leite e dimiui-se a quantidade de coalho. A quantidade de coalho diminui-se suficientemente para que a coagulação se prolongue uns cinco minutos, aproximadamente, por grau de excesso de acidez do leite.

As instruções seguintes são válidas para as condições normais do leite que se destina à fabricação do queijo "Paria".

Coagulação — Logo depois de ordenhado o leite, filtra-se através de um tecido aveludado, passando-o pelo lado felpudo. Em seguida procede-se o aquecimento até que tenha alcançado uma temperatura de 36 a 37° C. Nesta altura pode acrescentar-se um pouco de corante para o queijo do tipo "Dinamarquês", uma solução de 1 a 600 por cento.

Tendo-se misturado bem o corante, pode proceder-se à coalhadura. Para maior segurança nesta operação, emprega-se o coalho em pó ou em forma líquida, na proporção indicada no pacote. A quantidade de coalho é calculada — para conseguir uma coagulação — em 25 a 30 minutos. Uma vez coalhado o leite, deve deixar-se reforçar durante uns 5 a 10 minutos. Passado êsse tempo, começa-se a dividir a coalhada por meio de uma lira ou fôlha cortante, em blocos de quatro centímetros de lado. Depois de um curto descanso, pode dar-se início ao fracionamento. Em 20 a 25 minutos divide-se convenientemente a coalhada em pedaços do tamanho de um feijão.

Quando a coalhada se encontra neste estado — tendo decorrido o tempo indicado — deixa-se repousar durante alguns minutos. Em seguida procede-se à coação, o que se deve realizar em 5 minutos, agitando continuamente com o gaitador, enquanto a temperatura sobe até 50 ou 52° C. Então retira-se do fogo a caldeira e deixa-se repousar a coalhada entre 5 e 10 minutos, de modo que os grãos se acumulem no fundo da caldeira, formando uma única massa.

Decorrido êsse tempo, e usando das malhas próprias para êsse fim, o queijeiro recolhe tôda a massa que se encontra no fundo da caldeira, comprimindo-a debaixo do sôro. Depois retira-se a massa do recipiente e perfura-se em várias partes com uma pequena vara para facilitar a saída do sôro.

Encontrando-se o queijo mais ou menos livre de sôro, o operário amassa a pasta, como se se tratasse de pasta de farinha, de modo a fechar as perfurações.

Prensagem — Por molde, calculam-se entre dez e quinze quilos de coalhada. Para prensar utilizam-se com maior facilidade os moldes e malhas suíços, coisas que são de muita importância para a formação de uma casca bonita e resistente.

A prensagem do queijo é efetuada durante 24 horas, a uma temperatura de 17° a 20° C. Durante as primeiras 12 horas, os queijos devem ser voltados de duas em duas horas, e de cada vez as malhas molhadas são substituídas por outras sêcas.

Salgadura — Ao cabo de 24 horas de prensagem começa-se a salgação. Colocam-se os queijos dentro de uma solução de tre 17 e 19% de sal. Nesta solução os salmoura (água salgada) que contenha enqueijos devem ficar durante umas 24 horas. Tratando-se de queijos com uma espessura superior a 10 cms., deve deixar-se em salmoura até umas 36 horas. A grossura máxima que êste tipo de queijo deve ter é de 12 cms. O diâmetro pode ser o que o queijeiro determinar.

Amadurecimento — Durante os primeiros 15 dias do amadurecimento, os queijos devem ficar num lugar frio, mas sem corrente de ar, e com uma umidade atmosférica de cêrca de 80%. O sal absorvido durante o banho de salmoura não é suficiente: é preciso aplicar mais sal, na forma seguinte: voltam-se os queijos duas ou três vêzes por semana, esfregando uma das superfícies e as costas com um pano úmido; em seguida, polvilha-se sal com um saleiro. Duas ou três horas depois de aplicado, o sal terá derretido completamente; nesta altura volta-se a esfregar as mesmas partes com o pano

úmido. A cara do queijo que descansa sôbre a tábua não deve ser umedecida, visto isso encerrar o perigo da decomposição.

Ao cabo de 15 dias transportam-se os queijos a outro lugar que tenha uma temperatura uniforme de 15º a 16º C.; aí são submetidos aos mesmos cuidados.

Chegado o terceiro mês de amadurecimento, os queijos devem ser esfregados duas vêzes por semana, e só com água ligeiramente salgada. Êste tipo de queijo necessita de um mínimo de três meses para que termine nêle o processo de fermentação. Para que atinja o estado ótimo, deve ficar pelo menos mais um mês.

B — QUEIJO "PARIA" FEITO APENAS DE LEITE DE VACA

Segue o processo anterior, mas difere nos pontos seguintes:

Coagulação — A coagulação é efetuada a uma temperatura de 34 a 35 C. O corante emprega-se numa solução de 1 por 400, até 500, segundo a estação do ano. Nos meses secos será preferível a proporção de 1 por 400. Para a coagulação do coalho necessita-se entre 30 a 35 minutos. E' preciso calcular o tempo que cada parcela exija.

Fracionamento — Esta operação é feita em 25 ou 30 minutos, e os grãos devem ficar do tamanho de um grão de bico.

Cozedura — A cozedura da coalhada é realizada em 15 minutos, a uma temperatura de 50º C.

Salmoura — Emprega-se uma quantidade máxima de 18% de sal na solução, podendo-se encurtar o tempo até algumas horas.

Câmara de amadurecimento — A partir dos primeiros 15 dias, a temperatura deve manter-se entre 15 a 17º C. nesta câmara, e a umidade atmosférica deve ser de 80 a 90 por cento.

Prensagem — A prensagem de ambos os tipos de queijo é efetuada com uma pressão de 15 quilos por quilo de material em elaboração.

★

MÉTODOS PARA A DEFUMAÇÃO DO PEIXE

A defumação é um dos processos mais econômicos para conservar o peixe, e quando levada a cabo devidamente, obtém-se um produto de elevada qualidade, bom aspecto e ótimo sabor.

E' difícil dar instruções para defumar tôda espécie de peixe, em diversas circunstâncias climatológicas. Daremos aqui apenas os métodos gerais usados comumente em várias espécies de peixes comuns. Para defumar com êxito, o peixe, deve experimentar-se um pouco, variando o método, a quantidade de sal e a duração do processo, segundo a variedade do peixe e o estado do tempo.

Há dois métodos gerais para defumar o peixe: a defumação a quente e a defumação a frio.

No primeiro método, o peixe é colocado a uns 90 ou 120 cms. acima do lume, e é curado a uma temperatura de 65 a 93 graus C. O peixe é assado total ou parcialmente por êste processo e, por conseguinte, não importa o cuidado com que se tenha preparado ou o tempo durante o qual se tenha defumado; só se conserva em bom estado por períodos de alguns dias até duas semanas. Se se deseja que o peixe dure temporadas mais longas, deve usar-se o processo de defumação a frio. Neste processo o peixe é curado a fogo lento e a uma temperatura de 32 graus C., ou menos. A eficácia dêste processo depende da ação dessecadora do fogo, a qual deve-se realizar a uma temperatura que não asse a carne. Pode dar-se ao peixe uma curta defumação fria, se sua conservação é destinada a apenas poucos dias, ou se deve curar por vários dias se se deseja conservá-lo durante um tempo mais longo.

Pode fàcilmente fazer-se um defumadouro para curar pequenas quantidades de peixe, seguindo-se as instruções que aqui damos. Obtenha-se um caixote de uns 180 x 90 x 90 cms. Deve remover-se o lado que vai descansar sôbre o solo. A uns 30 cms. da extremidade destapada, deve pôr-se um fundo falso, com orifícios brocados a 5 cms. de intervalos. Esta extremidade do caixote é colocada sôbre uma cova de 60 cms. de largura por 45 cms. de profundidade.

Como prolongação desta cova faz-se uma vala de 30 cms. de largura por 30 cms. de profundidade e de 3 m. de comprimento O fogão, formado por um buraco de 90 cms. de largura x 90 cms. de comprimento, x 45 cms. de profundidade, é cavado ao extremo da vala e cobre-se com chapas de ferro galvanizado, pelo que se forma a chaminé que leva o fumo do fogão ao defumadouro. Se se deseja construir um defumadouro permanente, podem utilizar-se canos ou tubos de desaguamento ou canalizações de barro para comunicar o fogão com o defumadouro. Nas paredes interiores do caixote pregam-se tàbuazinhas, colocando-se a primeira a 30 ou 35 cms. da extremidade superior. Sôbre estas tàbuazinhas se apoiarão as bandejas ou espetos que se-

guram o peixe a defumar. Na extremidade superior do defumadouro ou cêrca dêle, brocam-se uns poucos orifícios para fins de ventilação.

Se o peixe a defumar é da família da cavala, deve proceder-se da forma seguinte:

O peixe deve ser escalado ao longo do lombo até próximo do espinhaço e quase até à cauda de modo que se possa colocar estendido em uma só peça, deixando inteira a parte da barriga. Devem remover-se inteiramente os intestinos, pele escura e sangue, tendo o cuidado de remover o sangue coagulado e os rins situados debaixo do espinhaço. Pode também remover-se a cabeça, e quando assim se faz, devem deixar-se as placas ósseas que ficam por debaixo das guelras, pois estas são precisas para sustentar o pêso quando o peixe é suspenso dos espetos ou varetas. Se são cortadas as guelras o peixe pode abrir-se e cair dos paus que o sustetam.

Depois de aberto e limpo o peixe, põe-se em salmoura feita de ½ litro de sal e 16 litros de água. Deixa-se em salmoura durante 30 minutos para dissolver o sangue que se haja espalhado pela carne. Decorrido êsse tempo, deve retirar-se, enxaguar-se e remover-se todo vestígio de sangue ou restos. Deixa-se escorrer durante uns minutos e então deita-se o peixe, um por um, num caixote de pouco fundo, com sal fino, esfregando-o um pouco com sal que tenha aderido, e se coloca com cuidado em camadas uniformes, numa caixa ou balde de madeira.

O peixe deve ficar em sal entre uma e três horas, dependendo do estado do tempo, tamanho do peixe, grossura e período de tempo pelo qual se deseja conservar. O período exato do tempo deve ser determinado pela pessoa que o vai defumar. Quando o peixe é removido do sal deve enxaguar-se em salmoura e limpar-se de todo vestígio de sal ou matéria estranha. O peixe deve pôr-se a secar ao sol direto, colocado em bastidores de gradeado metálico ralo mas bem acessível ao vento, de modo que o peixe possa secar de ambos os lados. Se o peixe é colocado em tábuas, um de seus lados permanece úmido. Antes de defumar o peixe, êste deve secar durante três horas, até que se tenha formado na superfície uma delgada película. Se o peixe fôr pôsto no defumadouro logo depois de removido do sal, isto é quando se encontra bem úmido, necessitará de defumar por mais tempo, não adquirirá uma boa côr, nem secará bem ou criará uma capa protetora.

O peixe pode pôr-se a defumar sôbre bandejas de tecido de arame, ou pode pendurar-se em varetas de madeira ou de ferro. Os peixes não se devem tocar uns aos outros. pois nesse caso não ficariam expostos à ação dessecadora e penetradora do fumo. Quando pendurados em varetas, podem curar-se em maior número, de uma só vez; ficarão mais bem defumados e adquirirão uma côr mais clara. As bandejas de tecido de arame apresentam, naturalmente, menos inconvenientes. O peixe pendura-se nas varetas, de modo que duas destas o sustentem a cada lado por debaixo da placa óssea, dura, do pescoço. Entre 12 e 14 peixes podem ser pendurados em duas varetas com 90 cms. de comprimento.

O fogo deve acender-se uma ou duas horas antes de se pôr o peixe a defumar. Deve êle ser de brasa de pouca chama. Como combustível pode usar-se pràticamente qualquer madeira dura ou outra madeira que não seja pinho. O pinho ou outra madeira resinosa dá ao peixe um sabor amargo.

Entre as madeiras que se podem usar com êxito há o roble baixo, azinheiro perene, nogueira americana, mangueira, milho de palmito ou fibra de casca de côco. Ao defumar uma determinada espécie de peixe, podem obter-se variedades de sabores segundo o gênero de madeira que se escolha para fazer o fogo. Além das madeiras já mencionadas, a madeira de laranjeira dá um sabor extremamente agradável. Também se pode usar madeira de cipreste. O fogo não deve despedir muito fumo durante as primeiras 8 ou 12 horas. Decorrido êsse tempo, deve tratar-se de que forme uma espêssa nuvem de fumo para o resto da operação. O fogo deve ser de pouca chama, mas contínuo. Geralmente, bastam dois pedaços de madeira de 60 cms. de comprimento e da espessura do braço de um homem. O fogão deve conservar-se tapado com uma chapa de metal, de modo a fazer subir a maior quantidade de fumo possível ao defumadouro e para evitar que o fogo arda com rapidez. Não se deve permitir que o fogo se inflame. O ar não deve sentir-se quente se se introduz a mão no defumadouro. O peixe deve defumar durante 24 horas, se é que se deseja conservá-lo durante um par de semanas, e por 4 ou 5 dias se se deseja guardar por mais tempo. Não se deve permitir que o lume se extinga durante a noite, nem se deve fazer muito fogo à última hora da noite, para conseguir que dure até a manhã.

Depois de se remover o peixe do defumadouro, deve deixar-se que seque ao ar durante uma ou duas horas. Então embrulha-se, um por um, em fôlhas de papel encerado, borrifando cada peixe com um pouco de sal fino de mesa, depois do que se conserva em caixas de lata, ou de madeira. Estas caixas devem então guardar-se em lugar fresco e sêco. No caso de aparecerem sinais de bolor, os peixes devem ser repassados com uma esponja molhada em vinagre, e devem ser novamente defumados por espaço de 3 a 6 horas.

ÚLTIMAS NOVIDADES!!!

COMPRE NO RIO EM NOSSOS BALCÕES: Av. RIO BRANCO, 25 e Rua MÉXICO, 128 - Sobreloja - e EM SÃO PAULO: Rua Cons. CRISPINIANO, 403 - NO INTERIOR: PEÇA PELO REEMBÔLSO (PARA O RIO).

- Rádio para Principiantes — 146 — 15,00
- Táticas de Xadrez — Regras, Aberturas, Ganhos, Defesas — Nº 123 — 15,00
- Teoria e Prática do Existencialismo — 172 — 15,00
- Filosofia da Vida e do Prazer — 167 - 15,00
- Método de Datilografia sem Mestre, Prático, Rápido — Nº 96 — 15,00
- Aprenda a Dirigir Sozinho — 141 — 15,00
- Manual do Motorista — Mecânica - Tráfego — Nº 36 — 15,00
- Enguiços do Automóvel — 138 - 15,00
- Os Encantos da Mulher Núa — Nº 148 - 15,00
- Espumas Flutuantes — Castro Alves — Nº 46 - 10,00
- Poesias — Hinos do Equador — Castro Alves — Nº 60 — 10,00
- Como Interpretar os Sonhos — Nº 12 — 10,00
- Poesias de Gonçalves Dias — 84 - 10,00
- Canções do Exílio e outras poesias de Casimiro de Abreu — 176 - 10,00
- As Primaveras — Poesias de Casimiro de Abreu — 175 - 10,00
- Aprenda a Fazer Versos — 171 — 15,00
- Sucessos Musicais em Sambas e Valsas — 177 - 15,00
- Conquiste Amizades aumentando a sua Simpatia Social — Vença na sociedade e nos negócios — 161 - 15,00
- Trovas e Modinhas Populares — 154 — 15,00
- Ana Karenina, A Dama das Camélias, Madame Bovary, Filhos e Amantes, Naná, Thais — Cenas de Amor dos melhores romances — 81 — 10,00
- O Retrato de Dorian Gray — 181 - 15,00
- Naná — Emile Zola — 180 - 15,00
- Henri de Kock — Grandes Cortesãs — 178 - 15,00
- Quo Vadis? — 179 - 15,00
- Estimulantes Sexuais — Eficientes e Nocivos — Nº 67 — 15,00
- Problemas Sexuais dos Solteiros — Nº 66 — 15,00
- Dicionário Moderno de Sexo e Amor — Científico-Curioso, Diferente — Nº 7-15,00
- Vigor Sexual — Aumente, Conserve — Nº 6 — 20,00
- Guia Íntimo da Sexualidade — O Ato Sexual, Detalhes — Nº 5 — 15,00
- Costumes Sexuais Estranhos — Nº 4 — 15,00
- A Felicidade Sexual no Casamento — Nº 3 — 15,00
- Técnica e Prática Sexual — Havil — Nº 2 — 20,00
- Manual da Vida Sexual — 174 - 20,00
- Conselhos aos Pais sôbre a Educação Sexual dos Filhos — Dr. Arthur Rankel — 166 - 20,00
- Enfermidades Sexuais — 160 - 20,00
- Vença a Timidez Sexual — 145 — 20,00
- Hábitos Sexuais do Homem — O Inquérito Kinsey sôbre o Sexo — Nº 127 — 20,00
- Psicosexualidade — Nº 126 — 20,00
- Anormalidades Sexuais — Nº 95 — 20,00
- Métodos Científicos e Modernos para Limitar os Filhos — 87 - 20,00
- A Conquista Amorosa pela aplicação da psicologia sexual — Nº 92 — 15,00
- A Arte e a Técnica do Beijo — Nº 93 — 15,00
- Que é você? Mais homem ou mais mulher? — 164 — 15,00
- Declarações de Amor — 165 - 15,00
- A Carne — Julio Ribeiro — Nº 140 — 25,00
- Elimine o seu Complexo de Inferioridade — Nº 139 — 20,00
- O que toda a mulher deve saber para conquistar os homens — Nº 136 — 20,00
- O que todos os homens devem saber para conquistar as mulheres — Nº 124 — 20,00

EDITÔRA GERTUM CARNEIRO S.A.
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 10 - B Rio de Janeiro

Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL, os livros cujos números indico abaixo:
... ...
... ...

NOME. . . . .

RUA. . . . .

LOCALIDADE . . . .

ESTADO . . . . (NÃO TEMOS CATÁLOGOS). Nos pedidos abaixo de CR$-100,00, há aumento de 10%.

Só envie pedidos de Reembôlso Postal para o Rio de Janeiro. (Não mande dinheiro, nem selos, nada adiantado).

Maravilhoso Presente

aos fans de

CINEMA

RADIO

MUSICA

TEATRO

Retratos dos artistas

Páginas inteiras

Muitas côres

Biografias completas

Notas e informações

EDIÇÃO de 1952.

A venda em todo o Brasil

Preço Cr$ 25,00



Cia. Editora Americana - Rua Maranguape, 15 - Rio.

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM AGÔSTO DE 1952

1 — SEXTA-FEIRA: — Por 293 votos contra 253, a Câmara dos Comuns ratifica os acordos contratuais com a República Federal da Alemanha. — Antes, uma moção trabalhista, qualificando de "inoportuna" a ratificação, foi rejeitada por 294 votos contra 260. — Os aviões ligeiros de bombardeio aliados voltam a atacar as posições comunistas nas estratégicas colinas da frente ocidental coreana. — A Subsecretaria de Informações da Argentina anuncia que, por vontade do Presidente Perón, os restos mortais da Sra. Eva Perón permanecerão em câmara ardente no Ministério do Trabalho e Previsão até ao próximo dia 9. Nesse dia, serão trasladados para a sede do Congresso e no dia seguinte, depositados na sede central da Confederação Geral do Trabalho, até que se erija o monumento. — O General Naguib dá à publicidade o texto do "ultimatum" que entregou ao ex-Rei Farouk I no sábado passado, "ultimatum" êsse que induziu o rei a abdicar imediatamente e a deixar o país. — Prêsas em Havana 15 pessoas acusadas de conspirar contra o govêrno do Presidente Fulgêncio Batista. — Novas conversações de suspensão do fogo na fronteira entre a China e Macau, onde tropas portuguêsas e chinesas travaram encontros, duas vêzes, na semana passada. — No Palácio Itamarati, realiza-se a sessão preparatória do I Festival Internacional de Cinema, tendo falado os Srs. Ministros das Relações Exteriores e da Educação. — Prosseguem os trabalhos da VIII Assembléia da Comissão Interamericana de Mulheres.

2 — SÁBADO: — O Presidente Truman assina o texto dos acordos contratuais com o govêrno da Alemanha Ocidental. — Nenhum progresso importante na reunião dos oficiais de estado-maior que tratam da possibilidade do armistício na Coréia. Todavia, "parece que foi já conseguido acôrdo sôbre sete dos nove parágrafos litigiosos do projeto de compromisso". — Nos círculos do Vaticano, declara-se não haver conhecimento de qualquer telegrama dirigido ao Papa por membros de um sindicato operário argentino — como se noticiou de Buenos Aires — pedindo a abertura de um processo de beatificação da Senhora Eva Perón. Friza-se, aliás, a êsse respeito, que essas coisas não podem ser tratadas diretamente com o Papa. Cabe ao bispo local, sempre, verificar se algum fiel praticou atos ou teve virtudes em grau excepcional que permitam a distinção; e nesses casos a primeira coisa que se verifica é um inquérito diocesano. Sòmente depois de muito tempo é que, por iniciativa do bispo, a causa poderá vir a ser introduzida na Congregação dos Ritos. — O Parlamento britânico entra em férias até o dia 14 de Outubro. — O Senado iraniano concede, por votação esmagadora, um voto de confiança ao Primeiro Ministro Mohamed Mossadegh. — Constituído o Conselho de Regência Provisório no Egito e Hussein Raanat, subsecretário de Estado do Interior, é nomeado censor-geral, por proclamação militar. — Empatando com o Corintians pelo escore de 2x2, o Fluminense sagra-se campeão da "Taça Rio".

3 — DOMINGO: — Os negociadores do armistício da ONU pedem aos comunistas para pres-

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete m a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Laboratórios Vindobona do Brasil Ltda.

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-5

E.S.T. — R-5

tarem contas "sem demora" de 45 soldados aliados que se acredita tenham sido feitos prisioneiros, embora não constem das listas. — Insignificante o progresso alcançado pelos oficiais de estado-maior na preparação do acôrdo de armistício, mas nova reunião foi marcada. — O General Mohamed Naguib, o homem forte do Egito e chefe do movimento militar que na semana passada destronou o Rei Farouk, diz que os líderes de todos os partidos políticos serão recebidos por êle com satisfação. "Não modifiquei minha opinião e não favoreço qualquer partido em particular" — declara o general, falando aos jornalistas. O General diz que expedirá em pouco um comunicado em que reiterará a intenção do Exército de abster-se da política. O comunicado esclarecerá que os principais objetivos do movimento militar foram os de se assegurar reformas adequadas e o verdadeiro emprêgo da Constituição, "nos melhores interêsses do país". — Noticia-se que será realizado o pleito para Presidente e Vice-Presidente da República da Coréia do Sul. — Chega a Honolulu o Sr. Dean Acheson para negociar a adesão da Austrália e da Nova Zelândia ao Pacto do Pacífico.

4 — SEGUNDA-FEIRA: — Em Houseuler é iniciada a Conferência entre os Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia, destinada a assentar as bases para um acôrdo de segurança mútua do Pacífico. — O Sr. Acheson, que chefia a delegação norte-americana, declara que o objetivo do Pacto é evitar a gùerra. — Concedidos ao Primeiro Ministro Mossadegh poderes de ditador. — Membros da família real persa embarcam para os Estados Unidos. — Demite-se, coletivamente, o ministério peruano. — O Presidente Perón declara que assumirá a direção da Fundação Eva Perón. — O Congresso argentino pede ao Executivo que seja dado o nome de Eva Perón à cidade de La Plata. — As negociações de cessar fogo reiniciam-se na fronteira de Macau com a China, onde duelos de metralhadora e morteiro irromperam duas vêzes.

5 — TÊRÇA-FEIRA: — O novo govêrno do Egito decreta o sequestro de todos os bens do ex-Rei Farouk, ao mesmo tempo que anuncia uma política de Porta Aberta para com as nações do ocidente, suspendendo tôdas as restrições impostas aos residentes estrangeiros e suspendendo a venda proibitiva sôbre as revistas e jornais procedentes do exterior. — As relações egipcio-britânicas se fizeram mais cordiais depois da quinta reunião realizada entre o "premier" Aly Maher e o embaixador inglês Sir Ralph Stevenson. Stevenson informa que foram discutidos os problemas da atualidade, inclusive o da defesa do Oriente-Médio, questão vital que interessa aos dois países. — Cêrca de 50.000 eleitores não são admitidos às urnas, por não estarem inscritos para votar no pleito que decidirá se o Dr. Syngman Rhee continuará como presidente da Coréia do Sul. Ao encerrar-se a votação, os adeptos de Rhee mostram-se confiantes na vitória na primeira eleição realizada para a escolha do presidente pelo voto popular, em vez de pela escolha parlamentar — modificação defendida pelo Presidente Rhee na recente crise constitucional. — Enquanto esperam a grande batalha política para a conquista da Casa Branca, os dois rivais — o Republicano Eisenhower e o Democrata Stevenson — preparam a excursão através dos Estados Unidos que começará no princípio do mês de Setembro. — O General Eisenhower conferencia em Danvers, no Colorado, com seus principais auxiliares; e o Sr. Adlai Stevenson prepara seus planos de campanha em Springfields, no Illinois, o Estado de que é o Governador. — A Suécia dirige dois protestos à Rússia contra a recusa soviética em não permitir que a Côrte Internacional de Praga arbitre sôbre as perdas de aviões suecos abatidos pelos russos no Báltico. — Quatro aeroplanos a jacto comunistas são derrubados e outros 6 avariados quando a aviação inimiga estende suas operações até quase ao paralelo 38, com uma ofensiva em desespêro de causa, para conter o avanço da guerra aérea aliada. — Os aviões a jacto norte-americanos conseguem conter o avanço comunista, em uma batalha levada a efeito desde a fronteira do Rio Yalu até Yaju, a dois quilômetros do paralelo 38. — Prosseguem os trabalhos da VIII Assembléia da Comissão Interamericana de Mulheres. — Chega o submarino norte-americano "Trigger".

6 — QUARTA-FEIRA: — A chamada Conferência Anzus, em Honolulu, não conseguirá produzir qualquer frente do Pacífico contra o Comunismo comparável à Aliança do Atlântico Norte. Pelo contrário, os círculos autorizados acreditam ser certo que os Estados Unidos estão reduzindo os seus objetivos no Pacífico, à luz de alguns erros cometidos na região do Atlântico. Inegàvelmente, a Aliança do Atlântico está abalada de alguma forma porque é demasiado generalizada. — "Os aviões a jacto das Nações Unidas destróem seis "MIG" comunistas e dànificam um sétimo, no transcurso de quatro combates travados acima da Coréia do Norte" — anuncia um comunicado oficial. — A França dá à publicidade, pela primeira vez, importantes detalhes de seu programa de reformas para a Tunísia, como passo diplomático destinado a conseguir que o bei de Tunis aceite, o quanto antes, o plano quinquenal mediante o qual se concede maior grau de autonomia à Tunisia. O programa, que dará igualmente maior responsabilidade no govêrno aos tunisinos, representação mais ampla e maior número de cargos no govêrno, já havia sido exposto em linhas gerais em Paris. — A maioria dos operários em greve de protesto contra a introdução do serviço militar de dois anos volta ao trabalho, mas muitos dêles apenas para aguardar o início da greve geral programada para sábado. Não há notícias de novos incidentes militares, como demonstrações de protesto de soldados, do gênero das que tiveram lugar na semana passada em pelo menos uma dúzia de quartéis belgas. — As apurações em cêrca de metade dos 153 distritos eleitorais da Coréia Meridional dão ao presidente Syngman Rhee uma liderança de mais de 1.5 milhão de votos sôbre o seu rival mais próximo, Cho Bong Ahm. — Aprovado o veto do Sr. Presidente da República ao projeto de lei que reduzia de dois

Uma legítima consagração...

O apurado bom gôsto e o agudo senso de seleção, peculiares aos que se distinguem pela elegância, deram aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.

cigarros hollywood

uma tradição de bom gosto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.154

para um ano o interstício dos Juízes Substitutos. — Falecem os Srs. Ministro Francisco Thompson Flores e Desembargador Manoel da Costa Ribeiro. — Prosseguem os trabalhos da VIII Assembléia da Comissão Interamericana de Mulheres. — Deixa o pôrto desta Capital a Esquadra, para manobras ao largo da costa.

7 — QUINTA-FEIRA: — Termina a reunião levada a efeito em Honolulu. Aprovadas recomendações acêrca da efetivação de medidas de assistência mútua. Os comentaristas britânicos mostraram-se de acôrdo em que as conversações de Honolulu sôbre a defesa do Pacífico evidenciaram que não se pode pôr em prática um amplo pacto, por ora, para aquela região. — Sob a presidência do Sr. Winston Churchill, reune-se o Gabinete britânico para estudar a questão do Irã. — A Câmara dos Deputados iraniana aprova um projeto de lei que absolve e liberta imediatamente Khalin Tarnasedi, que assassinara o General Razmara. — O Irã resolve retirar sua candidatura ao Conselho de Segurança da ONU, em benefício do Líbano. — Observadores gregos informam que os búlgaros abandonaram a disputa da Ilha de Gama, enquanto fôrças gregas concentradas à margem do rio Euros dirigiam o fogo para a referida ilha. — Informações chegadas à ONU dão conta de que ambas as facções em luta se aprestavam para entrar em ação. — Abatidos pelos coreanos do sul numerosos aviões comunistas. — Concluída a preparação de um projeto para o estabelecimento da Junta de Defesa do Oriente Médio, que seria integrada por sete potências e teria como sede a ilha de Chipre, no Mediterrâneo. A Junta estaria composta dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e Turquia, assim como de três Domínios britânicos: Austrália, Nova Zelândia e África do Sul. O Egito e os países árabes não fariam parte por enquanto da Junta de Defesa. — Um porta-voz do Rei Farouk informa que o ex-soberano permanecerá na Itália. — A greve de 24 horas dos trabalhadores ferroviários, dirigida pelos comunistas, reduz acentuadamente o serviço ferroviário em tôda a Itália, porém, os vermelhos não conseguem seu propósito de paralisar por completo todos os trens. — O novo embaixador da Rússia na Grã-Bretanha entrega suas credenciais. — Reunião entre o Ministro Cafiero, o Embaixador do Brasil e outros funcionários brasileiros e argentinos, a fim de estudar as negociações que se realizam entre o Brasil e a Argentina visando o intercâmbio comercial entre os dois países.

8 — SEXTA-FEIRA: — Os Ministros do Exterior dos Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia concluem suas negociações sôbre a defesa do Pacífico, e marcaram uma reunião em Pearl Harbour, dentro de 60 dias. — "Nada significarão as conversações de paz, até que a União Soviética esteja plenamente convencida de que não pode vencer as nações livres", declara o Sr. Synghman Rhee, que acaba de ser reeleito Presidente da República da Coréia, por esmagadora maioria. — O secretariado das Nações Unidas informa que o Iraque pediu que a "questão marroquina" seja inscrita na ordem do dia da próxima assembléia

geral anual da ONU. — Em nota dirigida à Grã-Bretanha, a Pérsia propôs o reinício das negociações com a "Anglo Iranian Oil Company", num novo esfôrço para se encontrar uma solução que satisfaça ambas as partes. — E' dada ordem de Londres para serem reforçadas as medidas de segurança nas paragens das ilhas Montebelle, ao largo da costa oeste da Austrália, onde devem se desenrolar as experiências atômicas. A navegação e o sobrevôo das ilhas serão estritamente regulamentadas. De um modo geral, pensa-se que essas experiências, que deviam se escalonar em oito explosões, de Setembro a Novembro, poderão ser levadas a efeito dentro de algumas semanas. — Em sessão solene, no Palácio Itamarati, encerra os seus trabalhos a VIII Assembléia da Comissão Interamericana de Mulheres.

9 — SÁBADO : — Os restos mortais da Sra. Eva Perón são colocados em capela ardente, no edifício do Congresso Nacional, para mais um dia de homenagens póstumas do povo argentino. Um cortejo fúnebre de vários quarteirões de comprimento acompanhou o féretro desde o Ministério do Trabalho, onde se calcula que mais de dois milhões de pessoas desfilaram perante o corpo, nos 13 últimos dias. O cortejo chega ao edifício do Congresso às 10 horas, depois de u'a marcha de 40 minutos pelo centro de Buenos Aires. — Um comunicado da 5ª "Air Force" anuncia que aparelhos "Sabre" aliados, que protegiam caças bombardeiros, travaram uma batalha sôbre Sinanju, no nordeste da Coréia, com 4 "Mig", que faziam parte de uma formação de 14 aparelhos sino-norte-coreanos. Durante êsse "raid" são destruídos 24 depósitos de abastecimento pelos aviões aliados. — Nenhum distúrbio marca a greve geral contra o serviço militar obrigatório de dois anos, na Bélgica. Aliás, a greve começa debaixo de chuva, e o mau tempo dura o dia inteiro. A paralisação é quase geral nas minas de carvão, e na metalurgia, nas bacias de Mons, Charleroi e Liege. Em oposição, tanto na capital como nas cidades mais importantes, o movimento é muito parcial, funcionando normalmente os serviços de gás e de água, luz, eletricidade, os bondes, ônibus, transportes coletivos em geral e o comércio varejista. — Sir Daniel Davies, médico do falecido Rei Jorge VI, encontra-se a caminho da Itália, a fim de examinar o Duque de Windsor, que adoeceu durante uma viagem de iate pelo Mediterrâneo. — O Sr. Presidente da República assina decreto designando os membros da Comissão de Consolidação das Disposições vigentes sôbre a Herança Militar. — Inaugurada em Guaratiba, pelo Prefeito João Carlos Vital, a V Exposição Agropecuária do Distrito Federal.

10 — DOMINGO: — O General Ridgway faz declarações a respeito dos planos de defesa do ocidente. — O Supremo Comandante aliado dá a entender que o Exército Ocidental será dotado de armas atômicas e outras superarmas. — Ridgway exorta a França e a Inglaterra a cumprirem os compromissos militares para 1952. — Notícia-se que nenhum progresso se verificou no novo encontro entre as delegações de armistício. — Cento e cinquenta aviões aliados bombardeam violentamente objetivos militares comunistas na Coréia do Norte. — Chegam ao pôrto desta Capital os contra-torpedeiros "Uruguai" e "Artigas", da Marinha de Guerra Uruguaia.

11 — SEGUNDA-FEIRA: — O Rei Talai, da Jordânia, abdica em favor de seu filho Hussein. — O novo soberano dos jordanos, que se encontra na Suíça, partirá para Amman na segunda-feira próxima. — Inauguram-se, solenemente, em Deauville, as placas dando a uma de suas ruas o nome de Santos Dumont. — Entre os oradores, que enaltecem a figura do "Pai da Aviação", destaca-se o Embaixador do Brasil na França, Sr. Celso de Ouro Prêto. — O Primeiro Ministro Yoshida encontra-se em dificuldades para solucionar o caso dos marinheiros britânicos condenados a 30 anos de prisão por terem assassinado um motorista, pois, enquanto a Inglaterra faz pressão em prol da libertação dos marujos, a imprensa local declara que a sua liberdade representará o suicídio político do Partido Liberal Japonês. — O Primeiro Ministro do Irã sagra-se novamente vitorioso, quando o Senado também aprova a concessão de plenos poderes ao Sr. Mossadegh. — Dirigentes norte-americanos declaram acreditar que a concessão de plenos poderes a Mossadegh representa a única probabilidade de salvação do Irã dos extremismos da direita e da esquerda. — Sob a presidência do Sr. Horácio Láfer, instala-se a I Conferência de Secretários da Fazenda. — Eleito presidente da Ordem dos Advogados do Brasil o Sr. Senador Atílio Vivacqua.

12 — TERÇA-FEIRA: — As três potências ocidentais declaram concordar na realização de uma conferência de desarmamento com a Rússia e a China, se êsses países anuírem, antecipadamente, em limitar as suas fôrças armadas em um milhão e quinhentos mil homens. — O Secretário de Estado norte-americano presta esclarecimentos em tôrno do programa de rearmamento dos países da NATO. — O Sr. Acheson acusa, em suas declarações, as nações satélites da Rússia de não cumprirem as obrigações decorrentes dos Tratados Internacionais. — Entregue ao Chanceler Adenauer o questionário da Organização do Pacto do Atlântico, que estuda a fixação de contribuição de cada país filiado à NATO. — A Grã-Bretanha enviou aos Estados Unidos, França, Turquia e outros países interessados, uma nota propondo a convocação de uma conferência para estudar a defesa do Oriente Médio. — O Primeiro Ministro Mossadegh resolve levantar a lei marcial, ato que, segundo se revelou, poderá ocasionar o irrompimento de nova onda de desordens. — Anuncia-se que o Parlamento da Jordânia decidiu destronizar o Rei Talai, por estar o antigo soberano sofrendo das faculdades mentais. — O Sr. Kenneth Iverson, Presidente do Instituto de Assuntos Interamericanos, faz esclarecimentos em tôrno dos gastos dos Estados Unidos na ajuda técnica ao Vale do Amazonas. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando o Professor Joaquim Inácio de Almeida Amazonas, Reitor da Universidade de Recife.

13 — QUARTA-FEIRA: — Trabalhadores amotinados avariam a ultramoderna fábrica de algodão Kafr el Dwar, próxima a Alexandria, sustentando violentos choques com a polícia e tropas do Exército, dos quais resultaram 5 mortos e 33 feridos. O General Mohammed Naguib, o "homem-forte" do Egito, envia apressadamente fôrças do Exército para o local dos acontecimentos, tendo a fábrica sido recuperada às 3 horas da madrugada, após os distúrbios e incêndios que duraram tôda a noite. Sabe-se agora que a maquinaria da fábrica não foi avariada, como se anunciara anteriormente, calculando-se os danos ao equivalente de 56 mil dólares. O primeiro ministro Aly Maher declarou que no local da fábrica será estabelecido um tribunal militar para julgar os responsáveis pelas desordens e "ditar sentenças imediatas". As últimas informações revelam que na referida área ainda se estavam registrando choques esporádicos. — Reunem-se em Paris os Ministros das Rélações Exteriores da França e da Alemanha para tratar da questão do Sarre. — A Primeira Divisão de Infantaria norte-americana repele repetidos contra-ataques comunistas nas proximidades de Monte Banker. — O govêrno belga decide reduzir para 21 meses, temporàriamente, o período de 2 anos de conscrição militar. Essa decisão é tomada durante uma reunião de 6 horas do gabinete. — O Sr. Presidente da República assina decreto designando uma Embaixada especial para representar o Brasil na posse do Presidente da República do Equador. — Chegou o navio-escola italiano "Américo Vespucci".

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

14 — QUINTA-FEIRA: — Noticia-se que houve treze mortos e numerosos feridos nos distúrbios verificados na zona industrial de Alexandria, onde ocorreram choques entre operários e a polícia. — Perante uma Côrte Marcial, iniciou-se o julgamento dos implicados no conflito. — O chefe supremo da "Fraternidade Muçulmana", Hassan el Hodeiby, faz declarações acêrca do ponto-de-vista de sua organização sôbre as relações com os inglêses. — O Encarregado de Negócios da Inglaterra em Teerã conferencia com o Primeiro Ministro Mossadegh sôbre a possibilidade de serem reiniciadas as conversações anglo-iranianas em tôrno do petróleo. — Falece o Ministro das Comunicações de Israel, Sr. David Pinkas. — Pedido o adiamento da Conferência dos Chanceleres dos países da América Central para dar lugar à realização da Conferência do Crédito Agrícola, também entre os países daquela região. — Apresenta credenciais o novo embaixador norte-americano na Argentina, Sr. Albert Nuffer. — O General Eisenhower recusa-se a aceitar o oferecimento de Truman no sentido de lhe serem fornecidas informações confidenciais sôbre a situação internacional. — O Congresso da C.I.O. pede a seus seis milhões de filiados que apóiem a candidatura Eisenhower. — O Sr. Stevenson ataca, em seu primeiro discurso de propaganda, os republicanos. — Realiza-se em Londres o casamento do Secretário do "Foreign Office", Sr. Anthony Eden, com Miss Clarissa Spencer Churchill, sobrinha do Primeiro Ministro. Os noivos seguem em viagem de "lua-de-mel" para Lisboa. — O Sr. Presidente da República assina decreto designando o Sr. Ministro Horácio Láfer para representar o Brasil no Conselho de Governadores do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento.

15 — SEXTA-FEIRA: — No Egito, o Tribunal Militar põe fim ao sumário de culpa contra Mustafa Khamis, um dos operários submetidos a processo pelos sangrentos distúrbios de Kafr El Dwar, depois que Khamis declarou que a única razão que havia tido para participar dos fatos foi "a intenção de aplaudir o General Mohamed Naguib como libertador da pátria". O Procurador Geral, Abdel Monem Murad, declara ao Tribunal que Khamis deveria ser condenado à morte pelo assassinato premeditado de dois soldados durante aquêles distúrbios. — Os fuzileiros americanos repelem novo ataque dos comunistas chineses para desalojá-los do "Bunker Hill", colina a leste de Pan Mun Jom. Êsse ataque é o mais violento dos cinco desfechados pelos comunistas. Todavia, os fuzileiros ficam firmes em suas posições. — Anthony Eden, Ministro do Exterior britânico, e sua espôsa, Clarissa Spencer Churchill, sobrinha do Primeiro Ministro Churchill, chegam de avião a Portugal, onde passarão sua lua-de-mel. — Noticia-se que o govêrno britânico deverá adotar importantes decisões com relação às negociações com o Egito, estimulando um novo plano de defesa da Zona do Canal de Suez. — A Rússia rejeita as últimas propostas

das potências ocidentais sôbre a Áustria, contidas na nota que foi entregue em Moscou.

16 — SÁBADO: — Chega ao Quai d'Orsay a resposta soviética sôbre o tratado de Estado com a Áustria. Essa resposta constitui rejeição completa das propostas ocidentais no sentido de se estabelecer um debate sôbre o tratado abreviado em oito pontos enviado ao govêrno soviético em Março dêste ano. — O temário provisório para a sétima sessão regular da Assembléia Geral das Nações Unidas, que se inicia a 14 de Outubro, parece prometer um debate decisivo sôbre o conflito coreano e o problema da Coréia terá prioridade sôbre 75 temas internacionais e regionais se um armistício vier à ser concertado. — Anuncia-se que o candidato à presidência pelo Partido Republicano, General Dwight Eisenhower, iniciará sua campanha eleitoral com um discurso que pronunciará em Filadélfia, a 4 de Setembro vindouro. E' o comício auspiciado pela Federação Nacional da Juventude Republicana e pelas organizações republicanas no Estado de Pensilvânia e da própria cidade de Filadélfia. Logo após Ike falará em Indianópolis e nas corridas automobilísticas de Kasson. — Chega a esta Capital o Sr. Paul Reynaud, antigo presidente do Conselho de Ministros da França. — Toma posse no cargo de Diretor do Serviço de Trânsito o Sr. Edgard Estrêla. — Instalado, no Departamento de Correios e Telégrafos, o serviço de teletipo para as agências telegráficas.

17 — DOMINGO : — A conferência sino-russa, sôbre a qual se concentra a atenção geral, preocupa grandemente os círculos políticos e diplomáticos de Washington. Ao que se diz, Chou-En-Lui, o Primeiro Ministro e Ministro das Relações Exteriores do govêrno comunista da China, procurará, antes de tudo, em Moscou, obter da U.R.S.S. importante auxílio econômico, a fim de acelerar a realização de vastos planos de modernização da indústria chinesa, o que não pôde fazer até agora devido às despesas causadas pela guerra da Coréia. Pensa-se também que os chineses procurem combinar com os russos uma "campanha de paz" coincidindo com os preparativos das eleições americanas e japonêsas. — Chega a esta Capital o Sr. Hugh Gibson, Diretor do Comité Provisório Intergovernamental para os Movimentos Migratórios da Europa e antigo Embaixador dos Estados Unidos no Brasil.

18 — SEGUNDA-FEIRA : — O Partido Trabalhista reafirma, num manifesto, sua intenção, se voltar ao poder, de nacionalizar de novo as indústrias que o govêrno conservador desnacionalizou e eventualmente desnacionalizará. — Condenado à morte, na fôrca, Mustafá Khamis, principal acusado no processo de Kafr El Dwar e que tôdas as testemunhas declaram ter sido o dirigente dos sangrentos acontecimentos de dias atrás. — Em solenidade realizada no Itamarati, são agraciados com a Ordem do Cruzeiro do Sul, respectivamente, nos graus de oficial e comendador, os Srs. Pierre Allain, presidente e diretor-geral da Societé de Sucrerie Brésiliénne, com sede em Paris, Isidor Isaac Rabi, da Universidade de Columbia e Prêmio Nobel de Física.

19 — TERÇA-FEIRA: — Fôrças militares com petrechos de guerra fazem ato de presença no principal centro comercial de Teerã, depois de haver a polícia dispersado uma manifestação que realizaram elementos do "Tudes", partido comunista, que gritavam "abaixo o Xá". Teerã apresenta-se sem qualquer tipo de iluminação e o trânsito está sendo desviado do centro comercial. Os fascistas destroem a oficina do diário comunista "Besoae", e ateam fogo à chamada Casa da Paz. — O Ministro das Relações Exteriores da França, Robert Schuman, declara que recebeu a resposta da Alemanha à sua última nota sôbre a questão do Sarre, porém a França continua se opondo firmemente a ceder território algum para formar um Sarre internacional. Ao sair da agitada sessão da Comissão de Assuntos Exteriores da Assembléia Nacional, também revela que a França "não intervirá" com a sua oposição a que a disputa da Tunísia seja incluída na Ordem do Dia da O.N.U. — Mustafá Khamis, sentenciado à morte, acusado de chefiar as desordens da semana passada em Kafr El Dwar, chega ao Q. G. do Exército, conduzido por uma escolta militar. Ao que se acredita, a "confissão" que êle fará ao General Naguib, a seu pedido, envolverá "importantes personalidades". Oficiais de investigação interrogam o Dr. Hafez Afifi, ex-chefe do gabinete real do Rei Farouk, seu filho Amin Hafez Afifi, atualmente prêso, e Naaman El Ashmwy, superintendente de polícia do distrito de Kafr El Dwar. — O Major-General William Harrison, chefe da delegação aliada de armistício, declara "achar que os comunistas desejam o armistício, mas que o que interessa é saber o quanto estão dispostos a pagar por êle". Em entrevista concedida à imprensa, em Munsan, disse acreditar que o armistício é possível, "mas não tenho a menor idéia sôbre quando". — De acôrdo com despachos publicados pelo "Financial Times", há indicações de que o Brasil está considerando reiniciar o intercâmbio comercial com a Inglaterra.

20 — QUARTA-FEIRA : — O govêrno iraniano, a fim de evitar o alastramento das desordens, resolve decretar a lei marcial em Teerã. — Os comunistas realizam passeatas contra o Primeiro Ministro Mossadegh e o Xá da Pérsia. — Realiza-se manifestações anti-americanas, o que provocou um protesto da Embaixada dos Estados Unidos. — Marcada para o dia 5 do próximo mês de Outubro a realização do Congresso do Partido Comunista da Rússia, para tratar da reforma dos Estatutos e da elaboração do novo Plano Quinquenal. — Noticia-se em Londres que chegam à BBC numerosos protestos, dos países latino-americanos, contra a redução dos programas internacionais da emissora oficial britânica. — Pio XII, dirigindo-se ao Congresso Católico de Berlim, exorta os alemães a combater o materialismo, como principal fonte que é dos males que afligem a humanidade. — O "Southwest Research Institute" apresenta um relatório planificando a mecanização e expansão da indústria do babaçu no Brasil. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Diretor do Museu Imperial de Petrópolis o Sr. Paulo Cordovil

Maurity. — Encerram-se os trabalhos do Seminário de Microscopia, Estrutura e Função. — Regressa do Nordeste a Esquadra Brasileira, terminando assim as manobras navais que foram levadas a efeito no litoral do país. — Iniciada a maratona do Fogo Simbólico da Pátria.

21 — QUINTA-FEIRA: — Notícia-se que o Sr. Anthony Eden irá brevemente a Belgrado a fim de conferenciar com o Marechal Tito sôbre a questão de Trieste e a possível participação da Iugoslávia na defesa da Europa. — Anunciado que, em Roma, realizaram-se conversações entre membros do govêrno italiano e os embaixadores dos Estados Unidos, França e Inglaterra em tôrno do problema triestino. — Está sendo aguardada, em Teerã, a resposta britânica à nota iraniana sôbre a questão petrolífera. O ambiente continua muito tenso na capital persa, onde a polícia se encontra preparada para abrir fogo a fim de assegurar a manutenção da ordem. — Divulgados comentários em tôrno das relações entre os Estados Unidos e o Brasil, em face da campanha da sucessão presidencial norte-americana. — Truman faz declarações sôbre a disputa eleitoral. — As autoridades de Macau rejeitam as exigências da China, atribuindo aos portuguêses a responsabilidade pelos incidentes verificados naquela colônia. — Objetivos militares situados na capital norte-coreana são novamente bombardeados. — O rádio de Pequim divulga que o aumento da pressão militar aliada não forçará os comunistas a aceitar os têrmos de armistício propostos pelas Nações Unidas. — O navio norte-americano "Western Farmer" é fortemente abalroado no Canal da Mancha por um petroleiro norueguês. Depois de ter sido salva tôda a tripulação, o navio é rebocado para o pôrto de Calais.

22 — SEXTA-FEIRA: — Revela-se em Londres que o Egito está caminhando para uma ditadura, em vista das atitudes ùltimamente assumidas pelo General Naguib, chefe militar do govêrno. — Organizado pelo comando aliado de Berlim um serviço aéreo para transportar os fugitivos da parte oriental da Alemanha para a zona ocidental. — O Parlamento da Grécia concede um voto de confiança ao govêrno, por 127 votos contra 118. Os oito deputados da extrema-esquerda e um outro que representa o Partido Agrário abstiveram-se de votar, enquanto que quatro deputados membros dos partidos representados no Gabinete de coalisão votaram contra o govêrno. — Maurice Thorez Júnior, filho do chefe do Partido Comunista Francês, Maurice Thorez, é acusado de conspirar contra a segurança do país, tendo sido enviado para a prisão de La Santé, em Paris. — O Ministro das Relações Exteriores ofereceu, no Palácio Itamarati, um almôço ao Deputado francês Sr. Edouard Bonnejous.

23 — SÁBADO: — Círculos diplomáticos norte-americanos anunciam que até 11 de Outubro o mundo contará com sensíveis modificações na política interna e externa da Rússia, com a realização nessa época do XIX Congresso do Partido Comunista. — Os comunistas dão provas de que se estão preparando para passar pelo menos outro inverno em Pan Mun Jom, pois andam construindo uma casa que substitua a barraca de campanha em que se vêm realizando até agora as negociações sôbre o armistício na Coréia. As negociações foram suspensas em Kaesong há um ano, ao dizerem os vermelhos que os aliados haviam bombardeado aquela localidade, reiniciando-

SERÃO EDITADAS AS OBRAS COMPLETAS DE ALVARUS DE OLIVEIRA

Alvarus de Oliveira conquistou posição definida e brilhante na literatura nacional. Não decepcionou os que lhe vaticinaram um futuro promissor, baseados no romance de estréia.

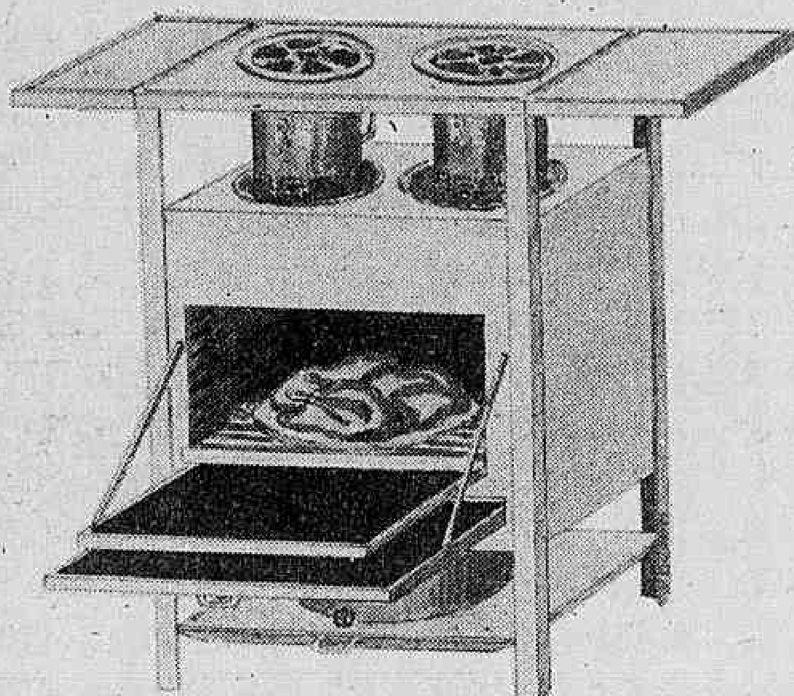
Os anos foram passando. As produções do escritor ganharam mais em experiência, exibiram maior profundidade e humanidade. Entretanto, convém lembrar que Alvarus de Oliveira jamais foi homem de gabinete, fazendo literatura para matar o tempo e encher a vida com os prazeres que a ociosidade pode oferecer. Nada disso. Os encargos numa grande firma comercial, somados às atividades intelectuais diàriamente exercidas no rádio e na imprensa, acrescidos ainda da sua colaboração decidida no campo social da cidade, fazem da sua vida um milagre de vitalidade física e mental. Dentro do torvelinho das suas ocupações normais, sòmente poderia roubar algumas horas ao repouso noturno para escrever aquilo que realmente lhe parecia indispensável.

Não obstante essa angústia de tempo, seus romances tiveram sempre a melhor acolhida por parte do público e da crítica. Escrevia para ser entendido, fugindo do estilo nebuloso de certos autores que pretendem ainda pairar acima dos problemas e das inclinações do povo. Suas personagens são vivas, reais, muito nossas conhecidas, recebendo do autor um tratamento que se traduz em nervos, sangue, alma.

Iniciando a publicação das obras completas do festejado escritor fluminense, os Editores Irmãos Pongetti crêem prestar um serviço à literatura nacional. Principalmente depois que obtiveram de Alvarus de Oliveira uma cuidadosa revisão dos textos, sacrificados em edições sucessivas e indispensável ao caráter definitivo que a coleção deve manter. Só o tempo pode sugerir modificações que conduzem, quando sensatas, a um elevado sentido de perfeição.

"Grito do Sexo" (Senhorinha Icaraí) abre a série de obras completas de Alvarus de Oliveira. Os demais volumes conservarão a mesma finalidade editorial: exigir do autor o melhor de si próprio em favor do conceito definitivo de sua obra.

FOGÕES E FOGAREIROS
o gás de óleo cru ou querosene
REI



A venda nas boas casas do ramo
INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5

Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

se em Pan Mun Jom poucas semanas depois, numa tenda de campanha levantada pelos comunistas, tenda essa que se acha em muito mau estado atualmente. Por isso, os comunistas estão construindo uma casa de madeira, com janelas de vidro e varandas de ambos os lados. — Tremor de terra abala Los Angeles. Não há notícias imediatas dos danos causados nesta área, embora o fenômeno tenha sido sentido em vasta região. Centenas de residentes deixam suas casas sobressaltados. — Segundo informações de Macau, teria sido feito acôrdo em vista dos incidentes de fronteira, entre a guarnição portuguêsa de Macau e os guarda-fronteiras comunistas chineses, verificados a 26 de Julho último. O acôrdo, segundo consta, foi assinado na fronteira entre Chunshan e Macau, a uns 20 metros, em território chinês. Segundo as mesmas informações, foi um homem de negócios, Sr. P. J. Lôbo, quem assinou em nome das autoridades lusitanas, porque Portugal não reconhece oficialmente o govêrno comunista chinês. Do lado contrário, foi o Sr. Lee, Diretor da 5ª Seção do Serviço Secreto da Defesa Fronteiriça, quem assinou. As autoridades portuguêsas, ao que parece, aceitaram as condições apresentadas pelos chineses. Os detalhes dessas condições serão publicados em Macau. — Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto designando uma comissão para organizar e executar o programa dos festejos comemorativos da passagem do tricinquentenário do nascimento do Duque de Caxias.

24 — DOMINGO: — A Rússia envia às potências ocidentais uma nova nota sôbre a Alemanha. — Em Londres noticia-se que as exportações para o Brasil deverão sofrer uma redução em consequência da decisão do Departamento de Garantias Oficiais de Crédito em não apoiar os novos contratos de exportação. — Noticia-se que o Irã concluiu acôrdo para o fornecimento de petróleo aos Estados Unidos e a Itália. — Um membro do govêrno persa chegou à Alemanha para contratar técnicos almães destinados a suas refinarias de petróleo. — O Sr. Presidente da República comparece às solenidades comemorativas do "Dia do Soldado" e ao almôço oferecido pela Associação Brasileira de Imprensa.

25 — SEGUNDA-FEIRA: — Moscou condena a resposta aliada na qual é sugerida a realização de uma conferência quatripartite, sòmente para tratar das eleições livres em tôda a Alemanha. Na sua nova proposta, os russos sugerem a realização de uma conferência entre as quatro grandes potências no sentido de se estudar a preparação do Tratado de Paz com a Alemanha, formação de um govêrno único e organização de eleições livres em todo o território alemão. — Iniciado um expurgo no Exército iraniano com a reforma de treze generais. — Um avião inglês, com 57 pessoas a bordo, cai em águas sicilianas, perecendo no acidente sete pessoas, entre passageiros e tripulantes. — Anuncia-se que guerrilheiros nacionalistas atacaram uma localidade ocupada pelos comunistas, ao sul de Xangai, trazendo 135 prisioneiros. — A fim de assistir ao entêrro do Sr. Governador Agamenon Magalhães, partiram para Recife os Srs. Ministros da Educação e da Agricultura e o Sr. Governador Amaral Peixoto.

26 — TÊRÇA-FEIRA: — Noticia-se em Buenos Aires uma reunião para tratar da elaboração do novo acôrdo comercial entre o Brasil e a Argentina. — Divulgado que se encontra em negociações a entrega da exploração da indústria petrolífera no Irã a uma emprêsa norte-americana. — O Ministro Horácio Láfer telegrafa à delegacia do Brasil em Nova York que o govêrno brasileiro não pretende desvalorizar o cruzeiro. — Noticia-se que ocorreram novos distúrbios no campo de prisioneiros comunistas de Koje, com mortos e feridos entre os rebelados. — Anunciado que o General Mark Clark reorganizou os comandos aliados, a fim de melhor coordenar os esforços de guerra na Coréia. — O Presidente Paz Estensoro faz declarações referindo-se a problemas com que se defronta o seu govêrno, inclusive com a nacionalização das minas. — Noticiou-se que um avião inglês a jacto, de bombardeio, fêz a travessia dupla do Atlântico em um só dia. — Realiza-se a cerimônia de posse do Sr. Senador Atilio Vivacqua na presidência do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil. — Prosseguem os trabalhos da XII Conferência da União Internacional contra a Tuberculose. — Proce-

dente da Europa, regressa a esta Capital a Sra. Darcy Vargas, espôsa do Sr. Presidente da República.

27 — QUARTA-FEIRA: — A Côrte Internacional de Justiça toma uma decisão acêrca da pendência franco-norte-americana sôbre o Marroco, reconhecendo os direitos da França. — Ao mesmo tempo, a Côrte decide que os Estados Unidos podem importar livremente os seus produtos daquele Protetorado. — Noticia-se que a falta de harmonia entre o Exército e o Govêrno do Egito é um dos motivos mais fortes que obstruem a solução da disputa dêsse país com a Inglaterra. Ao mesmo tempo anuncia-se que a reaproximação de Londres com o Cairo encontra-se ameaçada com a possibilidade de retornar ao poder o Partido Wafdista. — O Sr. Foster Dulles critica acerbamente a política externa do Govêrno Truman, preconizando maior atenção dos Estados Unidos para os povos da Ásia, África e América do Sul.

—O Sr. Mário Câmara, chefe da delegacia do Tesouro brasileiro em Nova York, concita os homens de negócios norte-americanos a facilitar os importadores brasileiros a contornar a presente escassez de dólares. — Noticiado que a Inglaterra comunicou ao Irã que se encontra disposta a reabrir as negociações sôbre a questão petrolífera. — Importante conferência realiza-se em Teerã, com a participação de representantes do govêrno persa e dos enviados dos EE.UU. e da Inglaterra. — Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto designando a delegação que representará o Brasil na II Convenção da União Pan-Americana de Associações de Engenheiros. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando interinamente o Sr. Alberto de Andrade Queiroz, Ministro da Fazenda. — Encerra seus trabalhos a XII Conferência da União Internacional Contra a Tuberculose.

28 — QUINTA-FEIRA: — A remodelação ministerial, anunciada como iminente na noite passada, sòmente se verificará depois das festas do "Bairam", isto é, a 3 de Setembro próximo. Segundo os círculos bem informados, Ali Maher terá seis novos ministros e talvez sete. Quatro membros do atual gabinete pediriam exoneração. No entanto, o govêrno pedir-lhes-ia para continuarem a prestar sua colaboração técnica. Entre os prováveis ministros figuram notadamente Mohamed e Mustaphá Marei, que se destacaram por terem sido os primeiros a denunciar, no Parlamento e perante a opinião pública, os escândalos financeiros do antigo regime. Foi em particular o Sr. Mustaphá Marei quem chamou a atenção sôbre o caso do fornecimento de armas durante a guerra na Palestina. — O Govêrno da Venezuela está preparando uma reclamação a ser enviada ao nosso país sôbre uma área de terra de 44.000 km que, segundo um tratado de limites, pertence àquele país. — As conferências entre os dirigentes comunistas chineses e soviéticos, em Moscou, poderiam resultar na solução para o impasse nas conversações de armistício na Coréia, se a Coréia do Norte fizesse ouvir sua voz sôbre o arrastar dos sabres dos seus "grandes irmãos". A Coréia do Norte, devastada sob inumeráveis toneladas de bombas aliadas encontra-se no papel de "primo pobre", ao lado da China Vermelha, que generosamente se apresenta "voluntàriamente" para defendê-la contra os "agressores", desde que isso implique no sacrifício de todos os homens e de todos os soldados norte-coreanos. — Os govêrnos do Irã e da Inglaterra estão em entendimentos para a solução da questão petrolífera surgida entre êsses dois países. O Primeiro Ministro Mossadegh conferenciou com o Encarregado de Negócios Britânico a respeito da venda de 2 milhões de toneladas de petróleo existentes nos reservatórios de Abadan. — O govêrno do Japão convocou eleições nacionais para 1º de Outubro, as primeiras a serem realizadas desde que terminou a ocupação e o Japão ressurgiu como nação independente. Os dirigentes políticos depurados pelas autoridades de ocupação poderão aspirar a ocupar cadeiras no Parlamento, e já o ex-Ministro das Relações Exteriores e criminoso de guerra Mamoru Shigemitsu, que preside atualmente o Partido Progressista, anunciou que pretende apresentar-se como candidato a deputado. — O Sr. Ministro das Relações Exteriores oferece no Pa-



Um GUIA GRATIS
para SUCESSOS CULINÁRIOS!
• É o novo livro de Receitas "OS MAGOS DA CULINÁRIA" onde encontrará 65 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.
O NOVO PACOTE É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO
E MAIS BARATO!


AMIDO DE MILHO
MAIZENA
DURYEA
MARCAS REGISTRADAS

A "MAIZENA DURYEA" LTDA. 50
Caixa Postal, 8006 – São Paulo E 52
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"OS MAGOS DA CULINÁRIA"
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

Material gráfico

VENDE-SE

GUILHOTINA AMERICANA "NATIONAL CUTTER", formato: 1,12 de bôca; 1,63 de profundidade. — Fita métrica de precisão, instalação elétrica em caixa blindada prêsa à máquina, botões de comando à mão do operador e motor GENERAL ELETRIC de 3HP.



Propostas e informações com o senhor WENCESLAU — Cia. Editôra Americana, rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro. — Telefone: 22-86-47.

lácio Itamarati uma recepção aos membros da XII Conferência da União Internacional Contra a Tuberculose. — Incia seus trabalhos o II Congresso da União Internacional do Colégio Americano de Medicina do Tórax.

29 — SEXTA-FEIRA: — O Sr. Jacob Malik, representante da União Soviética na O.N.U., rejeita, perante a Comissão de Desarmamento, o projeto ocidental preconizando a reunião das cinco grandes potências, a fim de obter uma distribuição das fôrças armadas e dos armamentos necessários à sua defesa. O projeto previa igualmente conferências regionais com o mesmo objetivo, entre as nações que possuem fôrças militares importantes. — Na Bolivia o reitor da Universidade de Santo André, Sr. Cláudio Sanjines Medina, prêso após a descoberta de um "complot" contra o govêrno, é sôlto, ao mesmo tempo que várias personalidades, inclusive o decano da Faculdade de Ciências Sociais. Vários outros atentados acabam, por outro lado, de ser revelados pelo govêrno. Uma bomba de dinamite explodiu na residência do coordenador político e administrativo, no Palácio do Govêrno, enquanto o Sr. Juan Lechin, Ministro das Minas e do Petróleo, foi alvo de um tiro de fuzil, na estrada que leva a Obrajes. O Ministro escapou ileso dêste atentado. — Aviões, representando todos os países que participam da luta na Coréia, efetuam bombardeio em massa da capital norte-coreana de Pyongyang, depois de haver advertido a população civil que projetava-se êsse ataque. — Elementos do partido Tudeh, de um lado, e elementos nacionais, de outro lado, começaram os preparativos para os comícios em Teerã. Grupos ostentando cartazes percorrem as grandes artérias de Teerã, dirigindo-se aos locais da reunião. Declara a polícia que, caso necessário, poderá dominar a situação. — No Palácio Itamarati, realiza-se o almôço oficial ao Sr. Paul Reynaud pelo Sr. Ministro das Relações Exteriores, que lhe fêz entrega das insígnias da Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

30 — SABADO: — Funcionários do Departamento norte-americano declaram "lamentar profundamente" que o Primeiro Ministro iraniano, Mohamed Mossadegh, tivesse rejeitado as propostas conjuntas do Presidente Truman e do Primeiro Ministro britânico, Winston Churchill, para resolver a disputa petroleira anglo-persa. — O Brasil apresenta uma proposta ao secretário geral da ONU, Sr. Trygve Lie, no sentido de que a Assembléia Geral dirija um apêlo aos "Quatro Grandes", para que cumpram suas promessas relativas à Áustria. A proposta, feita em carta, pede que o assunto seja incluído no temário da Assembléia, que deverá instalar-se a 14 de Outubro. — O Sr. Adlai Stevenson, candidato democrata, faz eco, com os estribilhos pronunciados pelo candidato republicano, que solicita trocas na atual administração de Washington. Da mesma forma, Stevenson revela que não se opõe a estas trocas, e cria mesmo que eram necessárias. Acrescentou, todavia, que as trocas que se registraram no campo democrático americano, nesses últimos dez anos, foram as melhores que poderiam se esperar. — O Sr. Antoine Pinay, Presidente do Conselho da França, pronuncia um discurso político no qual, depois de ter resumido a ação passada do govêrno que preside e condenado às soluções de facilidade, às vêzes abertamente personalizadas, apresenta uma nova defesa do sistema liberal, com a condição, disse êle, de que se marche para diante e afirme sua resolução de defendê-lo pelas medidas mais rigorosas.

31 — DOMINGO: — A polícia boliviana anuncia a descoberta de uma conspiração contra o govêrno de Paz Estensoro. — Diversos políticos desterrados partem para o Brasil. — Noticia-se que o Brasil pagou, em Agôsto último ao Fundo Monetário Internacional, a quantia de 25.500.000 dólares. — Informa-se que a produção mundial de café exportável sofreu, no exercício 1951-52, uma redução de nove por cento. — O Papa Pio XII resolve designar o Rio de Janeiro para a sede do próximo Congresso Eucarístico Internacional, a realizar-se em 1955. — Diversas homenagens são prestadas no México ao Ministro Horácio Láfer. — Noticia-se que a aviação aliada, em "raid" de enormes proporções, atacou devastadoramente objetivos militares dos comunistas. — Os aviões chegam a bombardear a indústria de guerra inimiga instalada nas proximidades da fronteira siberiana.

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLI U — ANO XXXVI — Nº 1 — JUNHO — 1952
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9ª edição — Japyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

QUARTO TORNEIO DE 1952
OUTUBRO — DEZEMBRO

LOGOGRIFO — 1
PATRIOTISMO

A todos os brasileiros dentro e fora da Nação:

Meu Brasil! — Gigante lindo e [glorioso,
Impávido e bélico, sábio e gentil,
Poético e santo, soberbo e viril,
Do mundo assombro é teu vulto [majestoso.
Tornar-te-á mais forte e varonil
O bem, o favor do Todo Po- [deroso.
Agredir-te, não ousam, és gran- [dioso, — 7-4-7-1-9-5
E maior serás *ainda*, meu Brasil, — 13-12-10-11-12-5
P'ra *tornar defeso* teu solo aben- [çoado, — 1-2-11-8-6-5
Num *entusiástico* gesto de amor, — 10-11-12-3-8-12
Te ofertando a vida, país bem- [amado
Levantar-se-ão as almas brasi- [leiras,
O inimigo vil, jamais há-de [transpor
Tuas belas e inexpugnáveis *trin-* [*cheiras*.

Heron Silpes (Canavieiras)

CHARADAS NOVÍSSIMAS

2 — Duas-duas — A *alta de preços* me ofereceu um bom *ensejo* para *sublocar* esta casa.
Gil Virio (Andradina)

Ao Roazo:

3 — Uma-três — Adquirem *suavidade* ao tato, quando estendidos em local *muito chegado ao vento*, os tecidos de *sêda furta-côr*.
Jayreis (Salvador)

4 — Uma-uma — *Como* o nosso amor um dia *ou* outro se acabará, dá-me *alguma* coisa como lembrança.
K.T.Q.Z. (S. Paulo)

5 — Duas-três — *Foge* o *trocista* ao ser descoberto o seu *lôgro*.
Malba Tantan, PS-CES (Santos)

6 — Duas-três — *Salta* qualquer obstáculo o *turbulento gatuno que rouba escalando janelas*.
Marcimento (S. Paulo)

7 — Duas-uma — Com *tirania* criarás *embaraço* na emprêsa de certo *individuo velhaco*.
P. Del Debbio (S. Paulo)

8 — Duas-duas — *Arremessei* um *pau pesado, mais grosso em uma das extremidades*, na turma de vadios que fazia *assuada* na minha porta.
Sefton (Rio)

9 — Duas-três — *Vibra* um golpe com a *pala de sapato* no *burro!*
Tony (Campo Florido, M.G.)

10 — Duas-duas — *Gosto de* ver como *irrompe* o par principal no meio do terreiro neste *bailado campestre*.
Zytho (Rio)

11 — Duas-duas — A *cadeia* está *cheia* de inculpados; isto é *excesso de autoridade*.
Acobar (Maceió)

12 — Uma-uma — *"Não"* pode ser *pontual* aquêle *que falta aos seus compromissos*.
Agalves (B. Simões, Irará, Ba.)

13 — Duas-uma — *Causa mágoa*, a *tristeza* dêste homem *sem sorte*.
Adolfo Tuchman (Rio)

14 — Uma-duas — O *mau padeiro* é hoje no Brasil tido como *um* indivíduo *ruim*.
Cysneirense

15 — Uma-duas — A *inútil* vida da *mulher* torna-a *imprestável*.
Dr. Zinho (Taubaté)


LAXANTE SUAVE!

Eficaz alcalinizante! Ideal antiácido e estomacal



Para adultos ou crianças. ENO satisfaz.

A VENDA EM TRES TAMANHOS

"SAL DE FRUCTA"

ENO

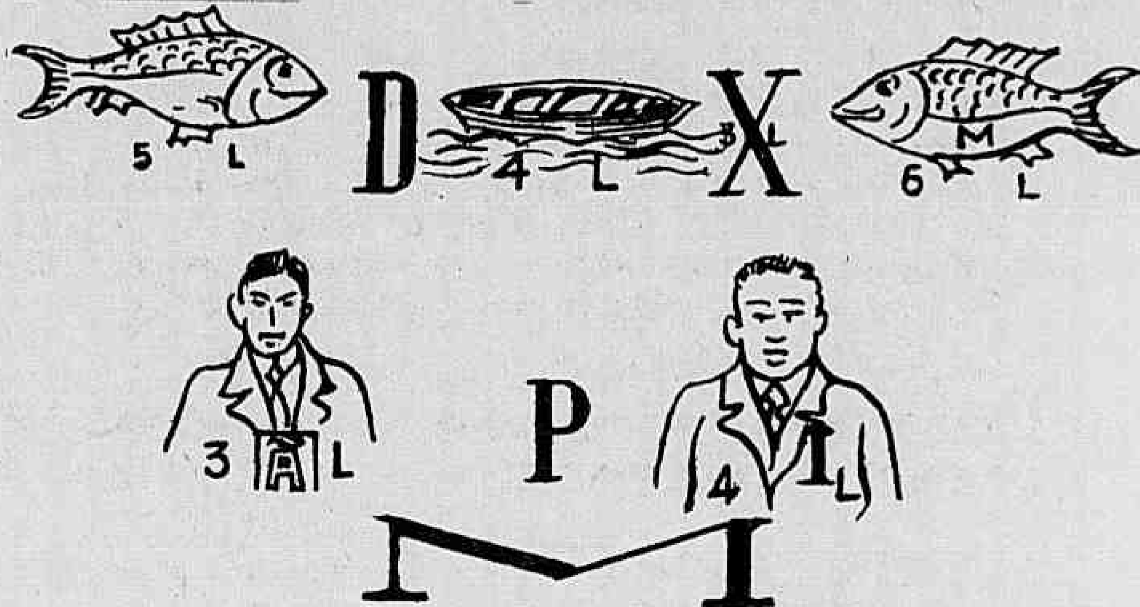
ENIGMA FIGURADO — 52



Roama (Guapiaçu)

ENIGMA FIGURADO — 53

Ao Dr. Lavrud, com as nossas felicitações pelo seu 32º aniversário de direção de Quebra-Cabeças:



Eva Dio e Iza Abel (Rio)

ENIGMAS

— 16 —

Para Ed Vep e Acobar:
Um crítico charadista
Não quís dar nesta revista
Parecer sôbre um calouro.
Outro menos cabotino
Por sinal que mais grã-fino
Fê-lo sem qualquer *desdouro*.
Onde?

Gomes Júnior (Maceió)

— 17 —

A morte tece dores, tece dores,
Sem te lenir, ao menos, com a [advertência
De sua presença vil e detestada.
Há ruídos estranhos, há rumores,
Há rumores de incrível preva- [lência,
E *que abafam o som* de sua [chegada.

R. Kurban (T.B. - S. Paulo)

— 18 —

Esta bela rapariga
Tem três fiéis namorados.
Mas, a êles pouco liga,
Deixando-os envergonhados.

Velo-Vela (Rio)

Essa moça é singular
E a maldade leva a cabo.
Cada um, no seu pensar,
Não passa de *pobre-diabo*.

Gil Virio (Andradina)

— 19 —

Se fazendo de repente,
Mudar para feminino,
A lã grossa passaria
A ser *pano* muito fino.

Heliotrópio (Pôrto Alegre)

CHARADAS SINCOPADAS

20 — Três (duas) — Com *sinceridade*, não conheço nenhuma *constelação do Norte*.

Nomisio Nuno (F. de Sant'Ana)

21 — Três (duas) — O *tolo* ainda crê em *feiticeira*.

Sertaneja (Rio)

22 — Três (duas) — Com um *golpe de espada* dominou *os cortesãos*.

(Mexendo com o El-Principe)
23 — Três (duas)
Êste trabalho *mal feito*
Retribui, caro confrade,
Teu "Querquera", que à jeito
Foi-se pra eternidade.

Agradeço o forte abraço
De pronto, a mim enviado;
Unindo inda mais o laço
Que nos traz acorrentado.

Bisilva (Manaus)

24 — Três (duas) — E' uma ação *abominável* o homem demonstrar *entusiasmo* por um crime.

Cydar (Belém, Pará)

25 — Três (duas) — Não há nenhuma *relação* entre uma *fábula* e uma novela.

Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

Ao Luferra:
26 — Três (duas):
Chegou-me teu *mensageiro*.
Um bilhete bem ligeiro
Me trouxe notícias tuas.
Que triste *declaração!*
Viveres pedindo o pão
Pelos recantos das ruas.

Euclides Vilar (C. Grande)

27 — Três (duas) — Êle ficou todo *entusiasmado* vendo o artigo *mordaz* publicado.

Fiote (Cuiabá)

28 — Três (duas) — De *fibra rija* foi feita esta *bôlsa*.

Gumercindo Leite (J. Pessoa)

29 — Três (duas) — A *semente do linho* foi obtida após uma grande *luta*.

Gil Virio (Andradina)

Alívio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

Ao Farani:

30 — Três (duas):
Não passa de um *imbecil*,
E' cem por cento banal,
O camareiro servil
Do *palácio episcopal*.

Jayreis (Bahia)

31 — Três (duas) — Para rapazes sem *inspiração* charadista, *aconselho Eu sei Tudo*.

K.T.Q.Z. (S. Paulo)

32 — Três (duas) — Quantas vêzes o *orgulho* nos obriga a fazer um *mau negócio!*

Malba Tantan, PS-CES (Santos)

33 — Três (duas) — Entre uma *pessoa agigantada* e um brotinho, eu *caminho unido* ao brotinho...

Marcimento (S. Paulo)

34 — Três (duas) — Para se *pôr a descoberto e criticar o defeito de alguém*, é preciso *calcular* antes as consequências.

Nomisio Nuno (F. de Sant'Ana)

★

ANTIGAS

— 35 —

Vereador ou deputado,
Logo depois que *é votado* — 2
Esquece o pobre eleitor,
Quando não, mais insolente,
Considera-nos u'a gente — 1
Atrevida, sim senhor!

Jovaniro, CEC (Rio)

— 36 —

Para um primeiro *"lugar"* — 1
Nesta justa luminar,
A confraria não dorme;
Queima os cílios, na árdua lide,
E *urde* enigmas, em revide, — 2
Na *disputa* mais infame.

Mascobei (Bahia)

— 37 —

Forte aguaceiro *inunda* a rua — 2
Em tôda *casa* há confusão. — 1
Ninguém consegue *passar bem*
Com chuva assim em profusão.

Violeta, GCN (Recife)

★

CHARADAS CASAIS

38 — Duas — Nem tudo que se faz com empenho *produz* bom *resultado*.

Matsuk, CEC (Rio)

39 — Quatro — O *pobre-diabo* implora a caridade pública, expondo aos transeuntes a sua *chaga*.

Pompeu Júnior (Botucatu)

40 — Três — Do *tabaco de má-qualidade* sai sempre cigarro *ruim*.

R.A.C.H.A. (Rio)

41 — Duas — O *fruto que se apanha na noite de S. João* é *temporão*.

Roazo(Maranhão)

42 — Duas — Nunca vi *negra* de rosto tão *manchado*.

Sertanejo II (Lavras)

43 — Três — Quem anda *acautelado* não se assusta com *assombração*.

Seamva (Santos)

44 — Três — Quem *frauda ao jôgo* é *trapaceiro*.

Aló Tropina, HC (Rio)

45 — Três — Tôda pessoa *esfomeada* tem aspecto de cão *magricela*.

Conde de la Fére (Salvador)

46 — Duas — Pancada nas *costas* tira *preguiça*.

Carsioli (Angico de Mairi, Ba.)

47 — Quatro — Intoleráveis vizinhos! O marido beberrão e *presumido*; a mulher *assanhada* e mexeriqueira.

Conselheiro (S. José de Mipibu)

48 — Três — Quem *enche muito* a barriga, fica *farto* e aborrecido.

Dr. Barreto Cardoso (Maceió)

49 — Três — Quem é cordato *dispensa* pouca atenção à pessoa *sem-vergonha*.

Dr. Jofran (Fortaleza, Ceará)

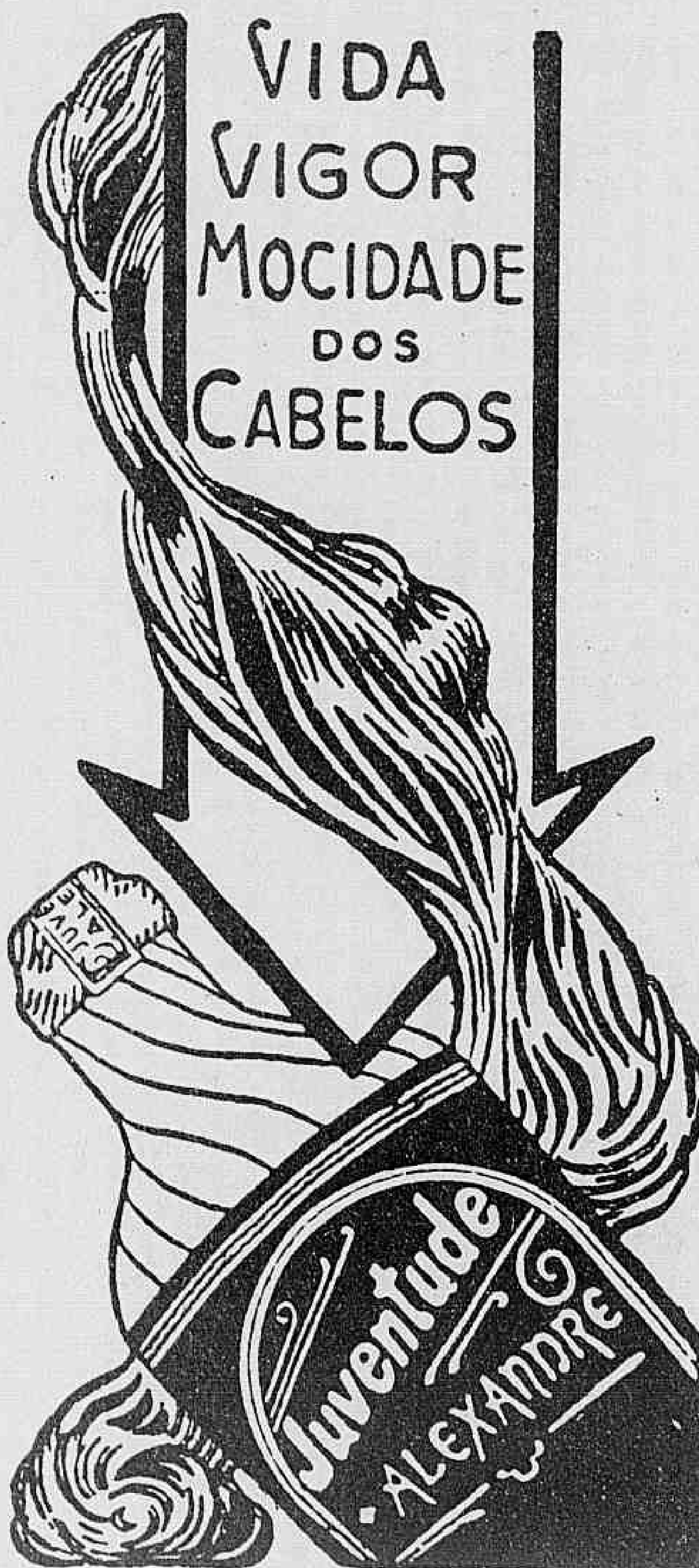
50 — Duas — Pela *maneira* de traçar, conhecemos o *caráter* de uma pessoa.

Matsuk, CEC (Rio)

51 — Três — *Demora-se em tomar uma decisão* o *indivíduo avaro*.

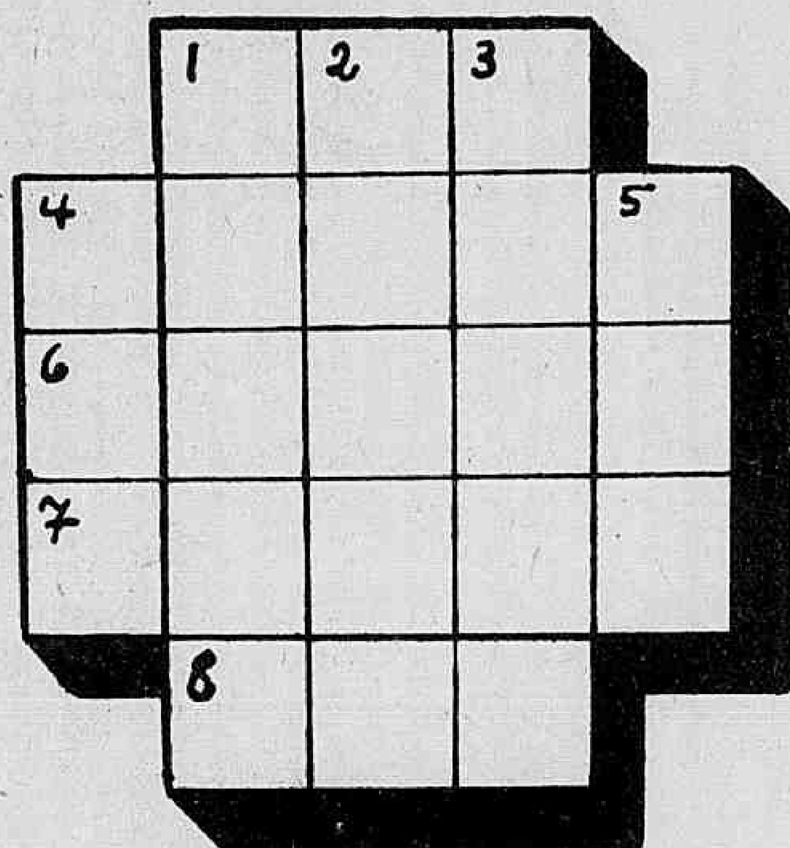
Nostradamus (Santos)



JUVENTUDE
ALEXANDRE


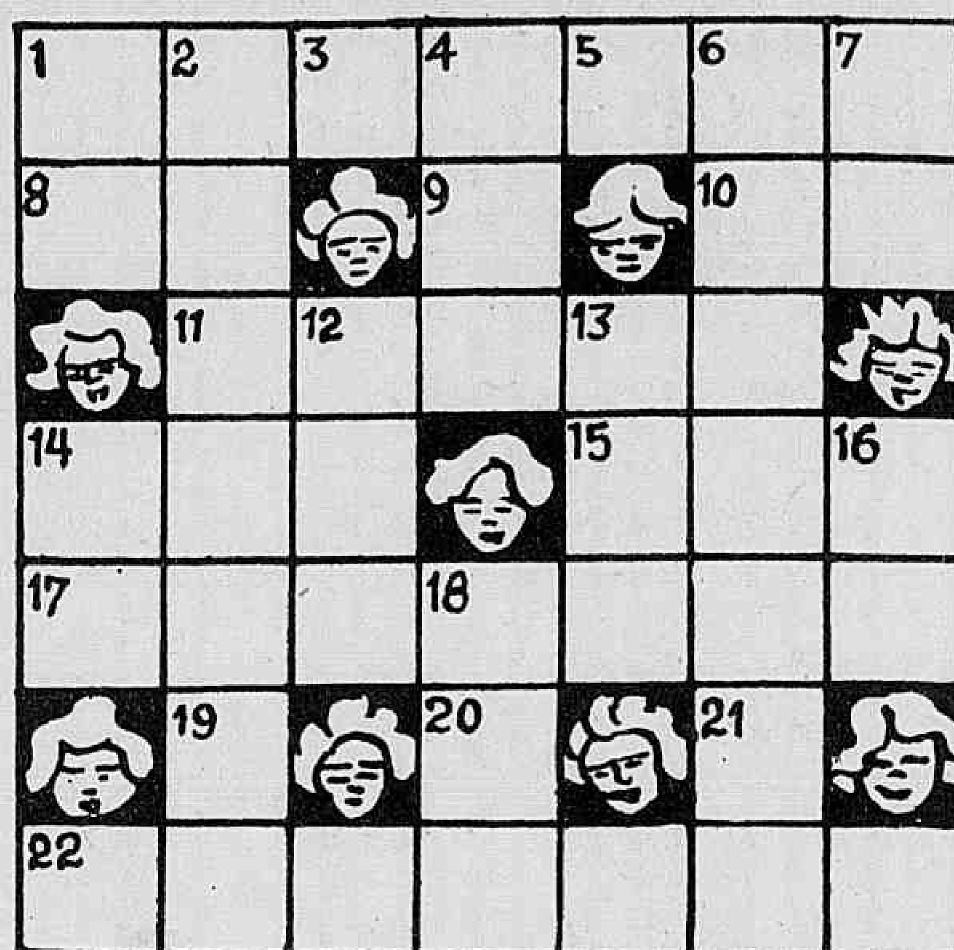
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 1



P. Del Debbio (S. Paulo)

PROBLEMA Nº 2



Iza Abel (Rio)

Horizontais: 1 — Medida grega de comprimento; 4 — Curar; 6 — Gênero de plantas leguminosas, que compreende as hervas e algumas plantas exóticas; 7 — Pertencente aos rins; 8 — Vila da França, no departamento do Loire-et-Cher.

Verticais: 1 — Moço de acompanhar; 2 — Fútil, vazio; 3 — Descobrir; 4 — Palavra persa que significa cabeça e entra na formação de nomes geográficos; 5 — Dança escocesa.

Horizontais: 1 — Gargalhada; 8 — Pronome antigo; 9 — Valia onze entre os romanos e setenta entre os gregos; 10 — Alcançar; 11 — Cuido de; 14 — Devoto; 15 — Altar dos sacrifícios; 17 — Prejuízos; 19 — Mas; 20 — Anel; 21 — Mê; 22 — Moinho movido por água (pl)

Verticais: 1 — Pronome antigo = se; 2 — Arrogância; 3 — Adv. aí; 4 — Reboque; 5 — Primeira; 6 — Quadro iluminado superiormente por luz móvel e que produz ilusão de ótica; 7 — Modo de andar; 12 — Gaste; 13 — Língua do grupo sino-tibetano; 14 — Barriga; 16 carta de jogar; 18 — Língua africana; 23 — Quinta das sete letras dominicais; 24 — O si natural, na escala alemã; 25 — Simb. do enxôfre.

*

1.º TORNEIO DE 1952

SOLUÇÕES

1 — Onisciente; 2 — Atomatar; 3 — Grazinada; 4 — Gascão; 5 — Curial; 6 — Advento; 7 — Natal; 8 — Aposentadoria; 9 — Tinote; 10 — Matéria; 11 — Caraolho; 12 — Sobremaneira; 13 — Grelador; 14 — Fundiária; 15 — Sigilo; 16 — Recato; 17 — Molesto; 18 — Prestante; 19 — Diserto; 20 — Natento; 21 — Previso; 22 — Catita; 23 — Lidima; 24 — Ternura; 25 — Chilique; 26 — Sacaca; 27 — Patau; 28 — Palavra; 29 — Malacia; 30 — Maúla; 31 — Ligeiro; 32 — Festa; 33 — Foca; 34 — Zorato; 35 — Borracho; 36 — Desvia; 37 — Treso; 38 — Pasto; 39 — Espinha; 40 — Fabrico; 41 — Labrego; 42 — Mêdo; 43 — Desmerecido; 44 — Seca; 45 — Sela; 46 — Profundo; 47 — Regalo; 48 — Rodeiro; 49 — Movido; 50 — Prêto ou branco, um homem é um homem; 51 — Dê mas não diga; 52 — Mexedura; 53 — Alçapão; 54 — Entornado; 55 — Torena; 56 — Roleta; 57 — Matungo; 58 — Lisura; 59 — Graúdos; 60 — Invido; 61 — Boato; 62 — Moente; 63 — Caiva; 64 — Fúfia; 65 — Bodeco; 66 — Fervo; 67 — Primorosa; 68 — Afobação; 69 — Búzio; 70 — Varapau; 71 — Emprestadar; 72 — Opalanda; 73 — Crista; 74 — Fulminar; 75 — Marcado; 76 — Panacarica; 77 — Grulhada; 78 — Lastimadura; 79 — Manhoso; 80 — Tribofar; 81 — Espalhafatoso; 82 — Pocema; 83 — Pelanco; 84 — Espandongado; 85 — Pregado; 86 — Anca; 87 — Marro; 88 — Pilha; 89 — Precinta; 90 — Tormenta; 91 — Diserto; 92 — Largo; 93 — Trabalha; 94 — Meado; 95 — Intimativa; 96 — Bromo; 97 — Pantufa; 98 — Guincha; 99 — Partida; 100 — Penetro; 101 — Dionisiaco; 102 — Dinheiro de cobre não pesa; 103 — Dor é a da minha mãe; 104 — Burela; 105 — Dopo; 106 — Matacão; 107 — Fardo; 108 — Perito; 109 — Floresta; 110

FUME

MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Noã contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN




De manhã à noite, Fixbril mantém seu cabelo impecàvelmente penteado, sedoso e brilhante. A queda prematura do cabelo e a caspa são evitadas com o uso Fixbril. Lembre-se Fixbril não é gorduroso. Comece a usá-lo ainda hoje!

De Witt · Rio · Londres · Nova York · Buenos Aires

Vitória; 111 — Cochicholo; 112 — Mecópode; 113 — Marosca; 114 — Maldade; 115 — Comovida; 116 — Fumoso; 117 — Crástino; 118 — Galopeação; 119 — Chuchado; 120 — Coima; 121 — Trato; 122 — Creche; 123 — Trezena; 124 — Pontapé; 125 — Trava-contas; 126 — Casório; 127 — Obascuridade; 128 — Suspira; 129 — Custódia; 130 — Tenta; 131 — Devaneias; 132 — Consolado; 133 — Devota; 134 — Olha; 135 Sécia; 136 — Derriço; 137 — Cabeço; 138 — Desempenada; 139 — Cruzado; 140 — Recato; 141 — Ferido; 142 — Forame; 143 — Corroída; 144 — Madraço; 145 — Penela; 146 — Tiquara; 147 — Cepudo; 148 — Pucela; 149 — Moente; 150 — Levado; 151 — Loucura; 152 — Estimo; 153 — Nem sempre quem assa o peru é quem o come; 154 — Peixe barato, nem no Crato.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1 — *Horizontais*: Fan; Polar; Atito, Rocal, Sal. — *Verticais*: Fetos; Alica; Natal; Par; Rol.

PROBLEMA Nº 2 — *Horizontais*: A; Aga; Mas; Ob; So; Melar; Lar; Eta; Icicai; Amorosa; Cab; Sal, Fere; Aloa. — *Verticais*: Aga; Embelezo; Assaraco; Om; Or; Latir; Imbe; Assa; Aar; Aal; Ce; Lo.

PROBLEMA Nº 3 — *Horizontais*: Atimo; Rodar; Oc; Ta; Ma; Ud; Ativo; Salir. — *Verticais*: Aromas; Tocata; Id; Matuvi; Orador; Il.

PROBLEMA Nº 4 — *Horizontais*: Atavas; Tolima; Alacil; Vícios; Amioso; Salsos. — *Verticais*: Atavas; Tolima; Alacil; Vícios; Amioso; Salsos.

PROBLEMAS Nº 5 — *Horizontais*: Barata; O; Ol; R; Mar; Ar; Ba; Aro; A; Ab; B; Sarara. — *Verticais*: Bombas; A; Ar; Ror; Ar; Al; Aba; Ar; Arroba.

PROBLEMA Nº 6 — *Horizontais*: Rom; Amuo; Is; Ri; Ocar; Ara. — *Verticais*: Io; Rasca; Om; Ar; Murra; Oi.

TRINTA E DOIS ANOS

Mais um ano e aqui nos achamos trabalhando pelo progresso do charadismo.

Trinta e dois anos! — uma existência. O que temos feito durante tanto tempo, aí está nas páginas da nossa revista.

*

FALECIMENTO

O nosso confrade Gumercindo Leite, da Paraíba, manda-nos a triste notícia do falecimento de *Joliver* (Joel de Oliveira) nosso velho colaborador, de Natal.

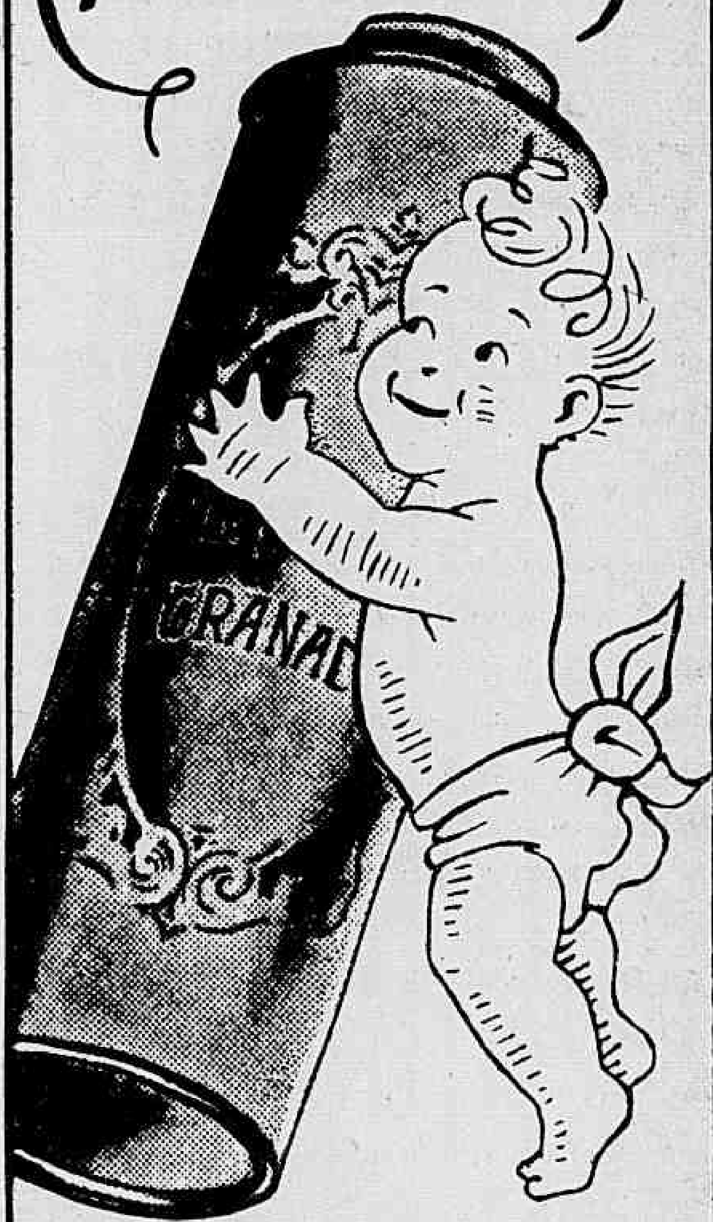
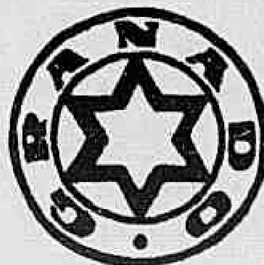
*

HELIOTRÓPIO

Estêve nesta capital a Sra. Da. Julieta Urbano de Sant'Ana, de Pôrto Alegre. Com o pseudônimo acima, colabora há muitos anos nesta seção.

Da. Julieta, festejada poetisa, é professôra de piano, acordeon e outros instrumentos. Penhorados pela distinção da visita.



POLVILHO ANTISSÉPTICO

acaba com as Brotoejas


JOÃO FREY

BODAS DE OURO

Festejando as suas Bodas de Ouro, a nossa querida e inteligente confrade *Plá* (Da. Placedina Pinto) e seu espôso, Sr. Luís Pinto, ofereceram, na sua aprazível chácara de Jacarepaguá, no dia 14 de Setembro, uma festa, onde não faltaram bom tratamento e muita alegria. Durante o dia realizou-se um torneio charadístico, sendo *Zytho* o vencedor.

Em seguida houve danças, canto e jogos de salão.

Ao "champagne" falou *Ralvo Ilvas*, felicitando o casal aniversariante em nome do Círculo Enigmístico Carioca; *Lutércio* agradeceu em nome dos homenageados.

Estiveram presentes, além de seus filhos, noras e netos, diversas famílias e os seguintes confrades: *Lidaci* e senhora; *Tutacamon*, senhora e filha; *Zytho* e senhora; *Py*, *Jotoledo* e filha; *Ajilu; Yonix; Cecé; Sam; Dom Papá* e senhora; *Alô Tropina; Ralvo Ilvas;* Leonel Silveira; *Lutércio, Nilva* e *Dr. Lavrud*.

ALMANAQUE DO MENSAGEIRO DA FÉ — 1953

Mais um ano novo com o Almanaque Mensageiro da Fé, a publicação baiana que conta com 39 anos, cujos ensinamentos têm o seu manancial nos evangelhos. Além de 110 páginas de literatura católica, traz mais 18 ocupadas pela seção charadística "Esporte de Inteligência", que, como sempre, ótima.

INVEJADA

AOS 50 ANOS!...

Bela, elegante, airosa, com sua personalidade marcante. Colo, mãos formosas, pele fresca e juvenil. Sem rugas, manchas, espinhas, sardas, ou outras quaisquer imperfeições da pele. Qual o sgrêdo? O uso constante do bálsamo maravilhoso



Distr.: ARAUJO FREITAS - Rio

VOCABULÁRIO DE ICTIOLOGIA E PESCA

De autoria do Tenente Alberto Vasconcelos, o conhecido charadista *Alvasco*, recebemos como oferta de *Fusinho* um exemplar dêste interessante trabalho, dedicado "aos estudiosos da ictiologia e da pesca; é um livro claro, fixando, em número avultado, a sinonimia da nossa ictiofauna, simplificando a babilônia das classificações científicas".

E' um excelente auxiliar para os charadistas.

Parabéns ao *Alvasco* e agradecimentos ao *Fusinho*.

POEMAS PACÍFICOS

Livrinho de versos de autoria do nosso colaborador *Mascobei* (M. Ribeiro Costa), de Barra do Mendes, Bahia, cuja leitura muito nos satisfaz, pela justeza da rima e singeleza dos têrmos.

DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS E LOCUÇÕES DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

Agenor Costa, seu autor, residente à rua Marechal Floriano, n. 96, sobrado, veio à nossa redação oferecer um exemplar do *suplemento* dêste dicionário, que acaba de aparecer, para ser oferecido como lembrança ao vencedor do torneio do *Almanaque Eu Sei Tudo* — 1952.

Êste suplemento é um acréscimo de mais quatro dicionários, inclusive a 9ª edição do Pequeno Brasileiro, e custa 130 cruzeiros brochado e 160 encadernado. Ao Agenor Costa nossos agradecimentos.

ERRATA

Por engano tem saído no título desta seção como adotada a 5ª edição do Pequeno Brasileiro, quando a que está em uso é a nona.

Na charada 90, de Agôsto, há um *juvenil*, quando deve ser *jovial*.

CORRESPONDÊNCIA

Pati (Capital) — Inscrito com muito prazer.

Cydar (Belém — Pará) — Escrevemos para a avenida José Bonifácio, 1015, e a carta voltou com a nota de que mudou-se e não deixou novo enderêço. Logo...

Gumercindo Leite (Alagoa Grande, Paraíba) — Atendemos o seu pedido e escrevemos pelo correio.

Hermano G. Cunha (Rio) — Recebemos as soluções.

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda a correspondência destinada a esta seção deve ser endereçada ao seu diretor,

DR. LAVRUD



Juntas rijas e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem forças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnifica ação tonificante

Pilulas

DE WITT

para os Rins e a Bexiga

Em vidros de 40 e 100 pilulas

O grande é mais econômico

CARTOMANCIA

TANIA REGINA (18 anos) — Belo Horizonte — Bastante agradável a combinação de cartas em seu mapa. Vejo que um breve casamento alegrará esta casa. Uma pessoa de sua estima será perseguida injustamente. Há perigo de ser vítima de inflamáveis. Noto que terá existência longa e venturas no porvir.

BRÔTO SIMPÁTICO (solteira) — Urupês, S. Paulo — Uma de suas amigas lhe causará pequeno desgôsto. Noto um jovem bem intencionado, lhe dizendo palavras sinceras. Será convidada para uma festa onde obterá êxito social. Procure usar como talismã uma pedra verde. Há venturas no futuro.

VERINHA (solteira) — Distrito Federal — Noto o plano de uma pequena viagem, empolgando-a totalmente. Seus dias mais venturosos serão os pares. Uma de suas amigas será caluniada. Haverá irregularidades numa questão de herança. Breve seu nome será citado como bom exemplo. Noto um casamento feliz.

INDIANA (solteira) — Minas — Em horas de recreação ouvirá notícias tristes. Sua vida financeira passará por sensível melhora. Encontro a seu lado, um homem com boas intenções. Sua pedra usual deve ser de côr azul. Vejo seu nome sendo envolvido em pequena intriga. Terá vida longa.

FLOR AZUL (solteira) — Minas — Um objeto, que há muito estava dado como perdido, será recuperado. Noto uma criança morena sendo vítima de acidente. Um homem sofrerá prejuízo que refletirá na consulente. Pela porta da rua chegarão notícias auspiciosas. No futuro realizará seus projetos.

LÚCIA IVONE (solteira) — Rio de Janeiro — Breve haverá pequena transformação em seu modo de agir, em relação a um jovem. Noto pequena desavença causada por um animal doméstico. A caminhos vagarosos vem uma carta com boas notícias. Durante pequena viagem conhecerá alguém que a auxiliará.

CAIPIRINHA (solteira) — Espírito Santo — Noto que uma mulher de má índole procurará arruinar um projeto rendoso. Um homem de farda dará apoio num caso de amor. Vejo mudança em sua vida social, logo após um ato religioso. No futuro, embora com obstáculos, conseguirá realizar os seus sonhos.

DONA DE CASA (casada) — Urupês, S. Paulo — Breve recuperará um objeto há muito desaparecido. Uma pessoa de sua família se ausentará por motivos de negócios. Um homem da lei lhe dará conselhos úteis. Vejo pequena enfermidade prendendo-a ao leito. Ainda verá alguns de seus sonhos realizados.

INTERESSEIRA — Icaraí, Niterói — Em primeiro plano noto agradável mudança em sua vida. Pequena desavença entre duas pessoas suas amigas. Por meio de uma carta ficará a par de relevantes assuntos. Será prêsa de ligeira enfermidade. Sua pedra talismã deve ser uma esmeralda.

GISELA (casada, 27 anos) — R. de Janeiro — Noto, a seu lado, uma pessoa tentando arruinar um projeto seu. Uma criança clara sofrerá pequeno acidente. Em horas de refeições, seu nome será caluniado. Vejo a realização de um negócio rendoso. Terá vida longa e calma.

MEMA (solteira, 21 anos) — Fortaleza, Ceará — Agradável a combinação das cartas em seu mapa. Vejo a aproximação de uma mensagem com notícias alvissareiras. Uma mulher de bom coração, lhe prestará valioso auxílio. Noto um homem de farda, sendo mal interpretado durante uma reunião.

CARMINHA (solteira) — Leme, D. F. — As cartas em seu mapa revelam que breve verá realizado um grande desejo. Durante um passeio, encontrará um pequeno objeto de valor. Os dias pares lhe serão mais propícios. A seu lado encontro alguém que lhe prestará auxílio. Vida longa e venturosa.

JULICA (solteira) — Distrito Federal — Em ocasião oportuna receberá uma pequena quantia. Por intermédio de um homem de leis travará amizade vantajosa. Noto a chegada de uma carta com notícias pouco animadoras. Sofrerá pequeno acidente. Futuro feliz.

MORGADINHA ICARAÍ (solteira) — Niterói — Em primeiro lugar aconselho muita cautela com os tóxicos. Em horas de refeições sofrerá um desgôsto motivado por uma carta. Noto a breve chegada de um ente querido. Seus dias propícios serão os pares. Noto vida longa e feliz.

AMOR DO PORTUGUÊS — Petrópolis — Durante uma pequena reunião festiva ficará a par de importantes assuntos. Uma mulher que lhe tem inveja está procurando difamá-la. Uma pessoa de sua família será auxiliada por um homem de farda. Porvir venturoso.

SIROCO (solteiro) — Belo Horizonte — Leia com atenção as instruções e renove sua consulta, pois a falta do mapa devidamente preenchido inutiliza a consulta. Aqui ficamos às suas ordens. Até breve.

HEMORRÓIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

HEMO-VIRTUS

VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO.

HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL



USAR DURANTE TRÊS MESES.



BIGODE

de SENHORAS e VERRUGAS

ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES

GUILHERME KLOTZ

FUNDADO 1926

AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO

PEÇA PROSPECTOS

COMO COMPRAR UMA ESPÔSA

(Continuação da página 9)

da janela. E então, de longe, conversaremos... sensatamente, sim?

— Sim... Já me disse isso, antes — replicou Eudora. Caminhou vagarosamente para a janela e ali parou, voltando-se e olhando para Stephen com expressão cautelosa mas da qual não fugira inteiramente o interêsse natural feminino.

— Você... não me considera fisicamente repulsivo, não é mesmo, Eudora?

— Repulsivo? Por que diz isso? — perguntou, por sua vez, Eudora.

— Considera?

— Ora essa! Claro que não! Absolutamente! — Fêz uma pausa para olhar com mais atenção, deitando um pouco a cabecinha para um lado, para o examinar em ângulo diferente, prolongando exageradamente êsse exame, depois acrescentou:

"— Gosto dos homens que são simpáticos por alguma razão diferente, compreende? Quero dizer... Não gosto dos chamados "bonitos"!

— Obrigado. Sinto-me feliz por saber que não lhe sou inteiramente desagradável... porque desejo pedir você em casamento, Eudora.

— Oh, meu Deus!

— Porém, antes, desejo oferecer-lhe um presente. Hum... Isso... é muito natural, não é mesmo? Quando um homem ama a uma mulher... naturalmente deseja dar à eleita alguma coisa, um presente, não é assim?

— Assim... uma caixinha de bombons?

—Não é bem isso... Desejo dar a você uma quantia em dinheiro, digamos... 60 mil dólares.

— Ses-sen-ta mil?

— De *verdade*; não *falsos!* — disse êle, apressadamente, querendo ser engraçado.

A expressão de assombro que se estampara no rosto de Eudora, transformou-se em outra, bem diversa, de verdadeiro alarma. Caminhou alguns passos na direção do leito...

— Ouça, Sr. Hollister.

— Diga, simplesmente, Stephen...

— Pois bem — Stephen. Mas, vejamos, tem certeza de que está bem de saúde?

— Sinto-me até muito bem.

— Neste caso por que está falando em dar uma fortuna?

— Uma fortuna não... — retificou êle — Apenas o necessário para comprar uns alfinetes...

Ela respondeu com uma risada. Um riso histérico, prolongado.

— Realmente; bem sei como os alfinetes estão caros, mas...

— Não estou brincando, Eudora!

— Mas por quê? Pergunto: por quê isso?

— Já disse: porque a amo!

— A sua aparência é realmente normal... Mas desconfio de que não esteja bom da cabeça.

— Ao contrário — disse êle — Até parece que o amor me tornou mais lúcido. E para mostrar a você que penso com tôda a clareza, sei que para os primeiros trinta mil do meu presente, não terei que pagar imposto ao govêrno, o que vai me aliviar bastante o imposto de renda... — sorriu para ela, piscando um ôlho em sinal de inteligência — Assim pode saber como estou lúcido e como sei fazer bons negócios...

— Realmente — disse ela — Estou vendo, realmente, como é *bom negociante*... E saiba que não aprecio isso! Que pretende de mim, oferecendo-me todo êsse dinheiro? Exibindo a sua riqueza, acenando-me com o seu caderno de cheques!

— Não estou exibindo nada!

— Procurando comprar-me... Comprar-me!

— Eudora! Você não me compreendeu!

Ela se aproximou mais do leito. Os olhos verdes lançavam chamas.

— Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Sr... Sr. *Negociante!* Talvez eu seja louca, mas se não gostar de um rapaz, não me casarei com êle por sessenta mil dólares... ou um milhão de dólares... ou uma montanha de dólares! Mas, ao contrário, se o amar, casarei por um saco de pipocas ou uma caixinha de caramelos! Ouviu bem, Sr. Hollister? —

Êle disse, com ar compungido:

— Ainda há pouco você dizia *Stephen!* Você gostava de mim; disse que me achava simpático. Penso que, talvez, com o tempo, você viesse a me amar. Mas agora estraguei tudo! Fui tolo... Nunca fui hábil com as mulheres! Suponho que isso foi porque jamais amei, antes de encontrar você...

O furor de Eudora desapareceu; a cólera morreu em seus belos olhos.

—Muito bem — disse ela — Talvez eu tenha julgado você erradamente... Mas, por Deus, por que fêz isso?

Êle respondeu, com a mesma voz arrastada e morna:

— Pensei que, se você também tivesse dinheiro, estaria livre para me amar — conforme o seu coração decidisse... *sim* ou *não!* Sem haver êsse fator dinheiro, dinheiro meu, entende? — Sem o dinheiro para atrapalhar!

— Compreendo... Tem mêdo de encontrar alguém — eu, por exemplo — que case com você pelo dinheiro?

Sendo isso, realmente, o que mais temia em sua vida, Stephen apenas pôde curvar a cabeça, com ar acabrunhado.

— Tôda a minha vida fiquei temendo essa coisa: *por mim mesmo* ou *por minha fortuna?*... (Sorriu para ela como se desejasse pedir desculpas) Sei que me enganei com você, Eudora... E sei que, por isso, jamais poderá gostar de mim. Não seria possível! Mas, de qualquer maneira, desejo dar a você êsses sessenta mil dólares; apenas para que me desculpe...

Ela nada respondeu, de imediato. Repentina brisa entrou pela janela, brincando com os seus cabelos. Levantou a cabeça para jogá-los para trás e depois falou, com a sua voz calma e lenta.

— Talvez tenhamos sido tolos e cegos sôbre êsse assunto — disse ela — O melhor que temos a fazer é recomeçar do *princípio*... Você dizia que desejava casar comigo...?

— Sim, Eudora. E' o que mais desejo neste mundo!

— Pois bem... Quem sou eu para fazer um teimoso como você mudar de idéia? — Sim... Casarei com você, Stephen...

— Eudora!

— ...com uma condição: eu mesma encherei o meu cheque!

— Encher o *seu?...*

— Você não fazia questão de me oferecer um cheque? Pois bem: você datará, indicará que o mesmo será pagável a mim e depois assinará. A seguir eu mesma escreverei a quantia que você me dará de presente!

— Escreverá a importância? Isto é... Sem dizer por que deseja fazer assim?

— Isso mesmo! Você me ofereceu sessenta mil dólares. E' êsse o preço que imaginou para uma espôsa... Não foi isso?

— Oh, por favor, Eudora! Não insista com essa história...

— Mas não... E' que também eu tenho uma idéia sôbre o preço que vale uma espôsa...

—Mas, Eudora...

— Que é isso, Stephen? Não confia em mim?

— Ora essa! Confio, é claro, mas...

— Então faça como estou dizendo. Destaque um cheque do caderninho e preencha todos os dizeres, menos a quantia. Essa parte, que é a mais importante, eu mesma escreverei!

Êle ficou alguns segundos a fitá-la. Era linda, adorável e implacável também. Estava nas mãos dela — e sabia disso! Então, repentinamente, com gesto decisivo e mão firme, abriu o caderno, destacou a fôlha, datou, escreveu "Eudora Jones" na linha apropriada e assinou o seu próprio nome com todos os floreados finais.

— Aqui tem! — e entregou-lhe cheque, caderno e pena.

— Ótimo. — disse ela, recebendo tudo — Só peço a Deus que você não tenha uma recaída com o choque que vai sofrer.

Pousou, por sua vez, o cheque sôbre a mesinha, voltando-se a fim de que êle não pudesse ver o que estava escrevendo. Estêve ocupada com a caneta alguns instante. Depois levantou o pedaço de papel oblongo, soprou sôbre o mesmo, para secar a tinta e, com gesto simples, passou o cheque para as mãos de Stephen, que o recebeu, olhou, tornou a olhar, depois exclamou:

— Eudora! Oh, Eudora!

Ela se curvou um pouquinho mais sôbre êle:

— Você pensa que é o único a quem êsse *milagre* pode acontecer? — perguntou com um sorriso feliz.

O cheque caiu das mãos de Stephen. Ao mesmo tempo êle se ergueu ligeiramente para segurar-lhe o rostinho e puxá-lo mansamente para baixo. Então, beijou-a uma, duas, três vêzes, dizendo a cada intervalo: *Minha querida... Minha querida... Minha querida...*"

E assim chegamos a um ponto em que os velhos autores gostam de baixar um véu sôbre a cena.

★

Quanto ao cheque, um golpe de vento o levou do leito para o chão, onde ficòu como um pedaço de papel imprestável. Porque nesta época de inflação galopante, não cremos que alguma pessoa encontrando o cheque fôsse ao banco para receber a ordem de *Hum Dólar*, preço mais que razoável para comprar uma linda caixinha de bombons.

★

TIRANDO A "MÉDIA"...

O casamento de um multi-milionário ocorre, em média, aos 29 anos; seu segundo casamento, aos 51; o terceiro aos 59. Em média deixa dois ou três filhos, apenas — em sua maioria *filhas*.

Em média, um homem de 45 anos escolhe uma mulher dezesseis anos mais moça para ser sua espôsa.

Um indivíduo que come spaghetti, num jantar, ingere, em média, trinta e quatro metros dêsse fio de massa.

Em média, o soldado norte-americano, durante a Primeira Guerra Mundial, pesava 73 quilos. Já na segunda Grande Guerra, o pêso normal do soldado de Tio Sam era de 77 quilos.



Em média, uma criança de doze anos conhece e emprega sete mil palavras, enquanto uma criança de quatorze anos conhece e usa no seu vocabulário ou escrita, cêrca de nove mil.

O coração do homem adulto pesa, em média, dois quilos e novecentas gramas.

Segundo as estatísticas revelam, um indivíduo paga o seu seguro de vida, em média, durante sete anos apenas.

Em média, 6.100 pares de luvas são encontrados nos trens do sub-way de Nova York, anualmente.

A foca dos mares antárticos vive, em média, setenta anos.

N.º 425 DO EU SEI TUDO Nº 5 — 1952
ANO XXXVI OUTUBRO

SUMÁRIO:

Como comprar uma espôsa (Conto) 7
Escândalo na Côrte (Conto) 10
Cuidado com "êles" (Um grito de alerta contra os *novíssimos* truques dos vigaristas) 14
Pode haver desdobramento da personalidade? ... 15
O que pensam de nós os filhos? 20
Você é "boa vida"? 24
A Ciência se preocupa com os Solteiros 28
Tratamento das águas para caldeiras 33
A "boa resposta" do mês 34
Marte é realmente habitado! 36
Os arquivos revelam... Segredos da Rainha de Sabá 40
A "nuvem" misteriosa (Anedota da última guerra) 42
A Pupila Rubra (Romance — Continuação) 43
A tenebrosa visita (Conto policial) 53
Não minta! (Conto) 56
Os grandes erros judiciários (V) O longo calvário de uma espôsa de bandido 60
Pequenos, sim, mas terríveis! 63
Larvas heróicas 64
O coração de Luísa (Romance — Continuação) .. 75
Gasolina sintética 83
Situações cívicas 87
Nos domínios da Gramática 88
Vida do Campo: Os queijos peruanos (Huallanca e Paria) 89
Métodos para a defumação do peixe 91
Olhando o Mundo há sessenta dias (Memento EU SEI TUDO — Fatos ocorridos em agôsto de 52) 95
Quebra-cabeças, charadas, etc. 105
Cartomancia 111
Tirando a média 113

★

A CAPA — Há indivíduos que, depois de trabalhar esforçadamente, cada seis dias da semana, recusam ficar em casa, lendo os jornais, ouvindo o rádio ou simplesmente estirados num bom sofá, olhando a vida e dando uma trèguazinha ao corpo. Não podem suportar a idéia de ficar quietos! Sempre inventam uma excursão, uma pescaria, uma caçada ou — simplesmente — vão passar a manhã no "clube" ou na praia, jogando tênis ou "medicine-ball". "E' preciso mover os músculos!" — dizem êles, esquecidos do que tiveram que caminhar, a semana tôda; das escadas que galgaram; de quantas vêzes se voltaram ou se curvaram para atender a um telefone ou abrir uma gaveta... E, se, no domingo, Deus manda chuva (para obrigar essas criaturas verdadeiramente trepidantes a ficar em casa) elas se lamentam, como a garôta da nossa capa... que bem precisaria ler o que se encontra à página 24, sob o título "Você é boa vida"?

CORRESPONDÊNCIA



Eugênio Hellwig — São Gabriel (Fronteira) Rio G. do Sul — A publicação da obra "Explorando o Brasil Meridional" (traduzida especialmente para esta revista) teve início com o número de junho de 1951).

Rudolph Schaeffer — Uberlândia — Minas Gerais — Queira, por obséquio ler a resposta ao Sr. Eugênio Hellwig.

Valdette Lopes — Niterói, Estado do Rio — Vamos estudar a sua proposta. Preferíamos que nos enviasse, pelo correio, enderêço completo, pois sem dúvida, isso apressaria a questão.

Vitor Gollancz — Distrito Federal — Bom material fotográfico. O texto, porém, insuficiente. Vamos estudar. Agradecemos o seu interêsse.

Aurélio Augusto de Menezes — Recife — Pernambuco — Ficamos aguardando a remessa, que consideramos interessante, dependendo naturalmente de exame. Excepcionalmente, sim. Rogamos o obséquio de, com o material, enviar enderêço completo. Gratos.

Maria Adelaide Pimentel — Distrito Federal — Por enquanto, creia, não é possível. O nosso espaço ainda é muito curto para essa realização. Vamos esperar dias melhores. Gratos pela atenção.

★

O preço desta revista, em todo o Brasil, é CINCO CRUZEIROS (Cr$ 5,00). Os agentes recebem a revista com um grande desconto para vender pelo preço acima indicado, com lucro.